COLEÇÃO COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DE GUSTAVO BARROSO

OS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO

3ª reedição

TEXTO COMPLETO E APOSTILADO POR

GUSTAVO BARROSO

"Vou me tornar teu inimigo, porque te conto a verdade? " Gálatas 4:16

Os Protocolos dos Sábios de Sião

CAPÍTULO I

***Resumo*: O direito reside na força. A liberdade é uma idéia. O liberalismo. O ouro. A fé. A autonomia. O despotismo do capital. O inimigo interno. A multidão. A anarquia. A política e a moral. O direito do mais forte. O poder judaico-maçônico é invencível. O fim justifica os meios. A multidão é cega. O alfabeto político. As discórdias dos partidos. A forma de governo que melhor conduz ao nosso fim é a aristocracia. As bebidas alcoólicas. O classicismo. A devassidão. O princípio e as regras do governo Judaico e franco-maçon. O terror. Liberdade. Igualdade. Fraternidade. O princípio do governo dinástico. A destruição dos privilégios da aristocracia dos cristãos. Cálculo psicológico. Abstração da liberdade. Removabilidade dos representantes do povo**

- ABANDONANDO toda e qualquer fraseologia, estudemos cada idéia em si mesma e esclareçamos a situação com comparações e deduções. Formularei, portanto, nosso sistema do nosso ponto de vista e do ponto de vista dos cristãos.
- É preciso ter em vista que os homens de maus instintos são mais numerosos que os de bons instintos. Por isso se obtém melhores resultados governando os homens pela violência e o terror do que com discussões acadêmicas. Cada homem aspira ao poder, cada qual, se pudesse, se tornaria ditador; ao mesmo tempo, poucos são os que não estão prontos a sacrificar o bem geral para conseguir o próprio bem.

  Quem conteve as feras chamadas homens? Quem os guiou até agora? No princípio da ordem social, submeteram-se à força bruta e cega, e mais tarde, à lei, que é essa força mascarada. Concluo, pois, de acordo com a lei da natureza, que o direito reside na força (1).

  A liberdade política é uma idéia e não uma realidade. É preciso

saber aplicar essa idéia, quando for necessário atrair as massas populares ao seu partido com a isca duma idéia, se esse partido formou o desígnio de esmagar o partido que se acha no poder (nota: ex.: Rev. Francesa). Esse problema torna-se fácil, se o adversário recebeu esse poder da idéia de liberdade, do que se chama liberalismo, e sacrifica um pouco de sua força a essa idéia. E eis onde aparecerá o triunfo de nossa teoria: as rédeas frouxas do poder serão logo tomadas, em virtude da lei da natureza, por outras mãos porque a força cega do povo não pode ficar um só dia sem guia, e o novo poder não faz mais do que tomar o lugar do antigo, enfraquecido pelo liberalismo.

Nos dias que correm, o poder do ouro substituiu o poder dos governos liberais. Houve tempo em que a fé governou. A liberdade é irrealizável, porque ninguém sabe usar dela dentro de justa medida. Basta deixar algum tempo o povo governar-se a si mesmo para que logo essa autonomia se transforme em licença (anarquia). Então, surgem dissensões que em breve se transformam em batalhas sociais, nas quais os Estados se consomem e em que sua grandeza se reduz a cinzas.

Se o Estado se esgota nas suas próprias convulsões ou se suas comoções intestinas o põem a mercê dos inimigos externos, pode ser considerado irremediavelmente perdido; caiu em nosso poder. O despotismo do capital, intacto entre nossas mãos, aparece-lhe como uma tábua de salvação, à qual, queira ou não queira, tem de se agarrar para não ir ao fundo.

Aquele cuja alma liberal quiser considerar esses raciocínios como imorais, perguntarei: se todo Estado tem dois inimigos, e se lhe é permitido, sem a menor pecha de imoralidade, empregar contra o inimigo externo todos os meios de luta, como, por exemplo, não lhe dar a conhecer seus planos de ataque ou defesa, surpreendê-lo à noite ou com forças superiores, porque essas mesmas medidas, usadas contra um inimigo pior, que arruinaria a ordem social e a propriedade, seriam ilícitas e imorais?

Um espírito equilibrado poderá esperar guiar com êxito as multidões por meio de exortações sensatas e pela persuasão,

quando o campo está aberto à contradição, mesmo desarrazoada, mas que parece sedutora ao povo, que tudo compreende superficialmente? Os homens, quer sejam ou não da plebe, guiam-se exclusivamente por suas paixões mesquinhas, suas superstições, seus costumes, suas tradições e teorias sentimentais: são escravos da divisão dos partidos que se opõem a qualquer harmonia razoável. Toda decisão da multidão depende duma maioria ocasional ou, pelo menos, superficial; na sua ignorância dos segredos políticos, a multidão toma resoluções absurdas; e uma espécie de anarquia arruína o governo. A política nada tem de comum com a moral. O governo que se deixa guiar pela moral não é político, e, portanto, seu poder é frágil. **Aquele que quer reinar deve recorrer à astúcia e à hipocrisia.** As grandes qualidades populares - **franqueza e honestidade** - **são vícios** na política, porque derrubam mais os reis dos tronos do que o mais poderoso inimigo. Essas qualidades devem ser os **atributos dos reinos cristãos** e não nos devemos deixar absolutamente guiar por elas.

Nosso fim é possuir a força. A palavra "direito" é uma idéia abstrata que nada justifica. Essa palavra significa simplesmente isto: "Dai-me o que eu quero, a fim de que eu possa provar que sou mais forte do que vós". Onde começa o direito, onde acaba?

Num Estado em que o poder está mal organizado, em que as leis e o governo se tornam impessoais por causa dos **inúmeros direitos que o liberalismo criou**, veio um novo direito, o de me lançar, de acordo com a lei do mais forte, contra todas as regras e ordens estabelecidas, derrubando-as; o **de por a mão nas leis**, remodelando as instituições e tornando-me **senhor daqueles que abandonaram os direitos** que lhes dava a sua força, **renunciando a eles voluntariamente, liberalmente...(liberalidade = fraqueza).**

Em virtude da atual fragilidade de todos os poderes, nosso poder será mais duradouro do que qualquer outro, porque será invencível até o momento em que estiver tão enraizado que nenhuma astúcia o poderá destruir...
Do mal passageiro que ora somos obrigados a fazer **nascerá o bem dum governo inabalável,** (o governo mundial do anticristo) que restabelecerá a marcha regular do mecanismo das existências nacionais perturbadas pelo liberalismo. **O**

resultado justifica os meios. Prestamos atenção aos nossos projetos, menos quanto ao bom e ao moral do que quanto ao útil e ao necessário.

Temos diante de nós um plano, no qual está exposta estrategicamente a linha de que não nos podemos afastar sem correr o risco de ver destruído o trabalho de muitos séculos.

Para achar os meios que levam a esse fim, é preciso ter em conta a covardia, a instabilidade, a inconstância da multidão, sua incapacidade em compreender e discernir as condições de sua própria vida e de sua prosperidade. É necessário compreender que a força da **multidão é cega**, insensata, sem raciocínio, indo para a **direita ou para a esquerda** (2). Um cego não pode guiar outro cego sem levá-lo ao precipício; do mesmo modo, os membros da multidão, saídos do povo, - embora dotados de espírito genial, por nada entenderem de política não podem pretender guiá-la sem perder a nação.

Somente um indivíduo preparado **desde a meninice** para a autocracia (monarquia) é capaz de conhecer a linguagem e a realidade políticas. Um povo entregue a si próprio, isto é, aos ambiciosos do seu meio, arruína-se na discórdia dos partidos, excitados pela sede do poder, e nas desordens resultantes dessa discórdia. É possível às massas populares raciocinar tranqüilamente, sem rivalidades intestinas, dirigir os negócios de um país que não podem ser confundidos com os interesses pessoais? Poderão defender-se dos inimigos externos? É impossível. Um plano, dividido por tantas cabeças quantas há na multidão, perde sua unidade, tornando-se ininteligível e irrealizável.

Somente um autocrata pode elaborar planos vastos e claros, pondo cada cousa em seu lugar no mecanismo da estrutura governamental. Concluamos, pois, que um governo útil ao país e capaz de atingir o fim a que se propõe, deve ser entregue às mãos dum só indivíduo responsável. Sem o despotismo absoluto, a civilização não pode existir; ela não é obra das massas, mas de seu guia, seja qual for (3). A multidão é um bárbaro que mostra sua barbárie em todas as ocasiões. Logo que a multidão se apodera da liberdade, transforma-a em anarquia, que é o mais alto grau de barbárie.

Vede esses animais embriagados com aguardente, imbecilizados pelo álcool, a quem o direito de beber sem limites foi dado ao mesmo tempo em que a liberdade. Não podemos permitir que os nossos se degradem a esse ponto... **Os povos cristãos estão sendo embrutecidos pelas bebidas alcoólicas**; sua juventude está embrutecida pelos estudos clássicos (?) e pela **devassidão precoce a que a impelem nossos agentes**, professores, criados, governantes de casas ricas, caixeiros, mulheres públicas nos lugares onde os cristãos se divertem. (4). No número das últimas, incluo também as mulheres de boa vontade a devassidão e o luxo das perdidas.

Nossa palavra de ordem é: Força e Hipocrisia. Somente a força pode triunfar na política, sobretudo se estiver escondida nos talentos necessários aos homens de Estado. A violência deve ser um princípio; a astúcia e a hipocrisia, uma regra para os governos que não queiram entregar sua coroa aos agentes de uma nova força. Esse mal é o único meio de chegar ao fim, o bem. Por isso não nos devemos deter diante da **corrupção, da velhacaria e da traição**, todas as vezes que possam **servir às nossas finalidades**. Em política, é preciso saber tomar a propriedade de outrem sem hesitar, se por esse meio temos de alcançar o poder. Nessa **conquista pacífica**, (invasão pacífica) nosso Estado tem o direito de substituir os horrores da guerra **pelas condenações à morte** (atentados, assassinatos), menos visíveis e mais proveitosas para **conservar o terror** (5) que obriga os povos a obedecerem cegamente. Uma severidade justa, mas inflexível, é o maior fator da força dum Estado; não é somente nossa vantagem, porém nosso dever, para obter a vitória, seguir esse programa de violência e hipocrisia. Semelhante doutrina, baseada no cálculo, é tão eficaz quanto os meios que emprega. Não só por esses meios, mas também por essa doutrina de severidade, nós triunfaremos e escravizaremos todos os governos ao nosso supremo governo (6). Bastará que se saiba que somos inflexíveis para que cesse toda insubordinação.

Fomos nós os primeiros que, **já na Antigüidade** (7), lançamos ao povo as palavras **"Liberdade, Igualdade, Fraternidade"** (8), palavras repetidas tantas vezes pelos papagaios inconscientes que, atraídos de toda a parte por essa isca, dela somente tem usado **para destruir a prosperidade do mundo**, a verdadeira liberdade individual, outrora tão bem garantida dos constrangimentos da multidão (durante a

monarquia). Homens que se julgavam inteligentes não souberam desvendar o sentido oculto dessas palavras, não viram que se contradizem, não repararam **que não há igualdade na natureza,** (eles confessam que democracia é utopia) (9), que nela não pode haver liberdade, que a própria natureza estabeleceu a desigualdade dos espíritos, dos caracteres e das inteligências, tão fortemente submetidos às suas leis; esses homens não sentiram que a multidão é uma força cega; que os ambiciosos que elege são tão cegos em política quanto ela; **que o iniciado, por mais tolo que seja, pode governar**, enquanto que a multidão dos não-iniciados, embora cheia de gênio, nada entende da política. Todas essas considerações não abrolharam no espírito dos cristãos; entretanto, é nisso que repousa o princípio dinástico dos governos; o pai transmite ao filho os segredos da política, desconhecidos fora dos membros da família reinante, a fim de que ninguém os possa trair. Mais tarde, **o sentido da transmissão hereditária dos verdadeiros princípios da política se perdeu. O êxito de nossa obra (sionista) aumentou.**

Todavia, no mundo, as palavras Liberdade, Igualdade, Fraternidade puseram em nossas fileiras, por intermédio de nossos agentes cegos, legiões inteiras de homens que arvoraram com entusiasmo nossos estandartes. Contudo, **tais palavras eram os vermes que roíam a prosperidade dos não-judeus**, destruindo por toda a parte a paz, a tranqüilidade, a solidariedade, minando todos os alicerces de seus Estados. Vereis pelo que se segue como isso serviu ao nosso triunfo; isso nos deu, entre outras cousas, a possibilidade de obter o triunfo mais importante, isto é, **a abolição dos privilégios**, **a própria essência da aristocracia dos cristãos, o único meio de defesa que tinham contra nós os povos e as nações.** (10). Sobre as ruínas da aristocracia natural e hereditária, elevamos **nossa aristocracia da inteligência e das finanças**. Tomamos por critério dessa nova aristocracia a riqueza, que depende de nós, e a ciência, que é dirigida por nossos sábios.

Nosso triunfo foi ainda facilitado pelo fato de, nas nossas relações com os homens de quem precisamos, sabermos tocar as cordas mais sensíveis da alma humana: o cálculo, a avidez, a insaciabilidade dos bens materiais, todas essas fraquezas humanas, cada qual capaz de abafar o espírito de iniciativa,

pondo a vontade dos homens à disposição de quem compra sua atividade. Idéia abstrata da liberdade deu a possibilidade de persuadir ás multidões que um **governo não passa de gerente do proprietário do país, que é o povo**, (democracia utópica) podendo-se mudá-lo como se muda de camisa.

A removabilidade dos representantes do povo coloca-os à nossa disposição; eles dependem de nossa escolha.

Notas e comentários

(1) é o conceito judaico do direito naturalista de Espinoza. A conferir com a famosa declaração, em discurso, de Stalin: "Nós, os comunistas, não reconhecemos nenhuma lei moral que de qualquer modo prejudique a liberdade de ação do *plano central* da revolução".

Esta declaração dos "Protocolos", de que o direito reside na força, está de acordo com o Talmud, que, segundo as palavras do Prof. Cohen, em abril de 1833, citadas às páginas 62 e 63 do "Lichststrahlen am den Talmud", ("raios de luz do Talmud"), e Dinter, "deve ser considerado, ainda hoje, como a única fonte da moral judaica" e como "a fonte judaica das leis judaicas". O escritor judeu Kadmi Cohen, com efeito, no seu livro "Nômades", págs. 52-53, diz que “o direito talmúdico nega o fato e exalta a vontade". Cita o próprio texto talmúdico que completa o conceito de residir o direito na força: *Ein davar havened Bifnei haraçon*, o que quer dizer: *Nada pode resistir à vontade*. Em contraposição, o direito romano-cristão se baseia em três preceitos morais: *Honeste vivere*, viver honestamente; *neminem laedere*, não lesar a ninguém; e *suum cuique tribuere*, dar o seu ao seu dono. A diferença é substancial e evidente.

(2)Cf. René Guénon, "La crise du monde moderne", edição Bossard, Paris, 1927, pág. 185 : "A massa, sem dúvida, foi sempre conduzida deste ou daquele modo, podendo-se concluir, porque ela não passa dum elemento passivo, que é uma matéria no sentido aristotélico".

(3)Cf. E. Eberlin, escritor judeu, no "Les Juifs d'Aujourd'hui", edição Rider, Paris, 1927, pág. 41: "A alta burguesia judaica

pretende impor seus pontos de vista, aonde possa, à massa popular". (Eles mesmo admitindo...)

(4) O tráfico das brancas e dos entorpecentes (já na época!!!), a prostituição em larga escala, devidamente industrializada (já na época), é obra reconhecidamente judaica. Há uma sociedade internacional denominada "Zwig Migdal", que explora esse rendoso negócio e contra a qual têm sido impotentes as polícias dos Estados Modernos, corrompidos ou judaizados e liberais. Ver a documentação reveladora em Julio Alsogaray, "La prostitutión en Argentine", ed Denoel et Steele, Paris.

(5) O papa Bento XV compreendeu isso admiravelmente e preveniu a cristandade em sua epístola Motu Proprio: "Eis que amadurece a idéia e que a todos os piores fatores de desordem ardentemente se devotam e da qual esperam a realização, o advento duma *República Universal (do Anticristo)*, baseada nos princípios da igualdade absoluta dos homens e na comunhão dos bens, da qual seja banida qualquer distinção de nacionalidades e que não reconheça nem a autoridade do pai sobre os filhos, nem a do poder público sobre os cidadãos, nem a de Deus sobre a sociedade humana. Postas em prática, tais teorias devem desencadear *um regime de inaudito terror*"....

(6) A República Universal, sem autoridade, isto é, com a violência no lugar da autoridade, a que aludiu Bento XV.

(7)Cf. Kadmi-Cohen,"Nômades", pág. 72: "Assim, nos corações semitas, para falar como Ibn Kaldun, floresciam como realidades vivas a Liberdade e a Igualdade, esses dois princípios gêmeos que, depois não passaram de letras maiúsculas inscritas nos preâmbulos das constituições e na fachada dos edifícios públicos".

(8) Cf. Bernard Lazare, "L'Antisemitisme", vol II, págs 175-176: "...os judeus acreditaram, não somente que a justiça, a liberdade e a igualdade podiam ser soberanas do mundo, mas se julgaram com a missão especial de trabalhar para esse reino. Todos os desejos, todas as esperanças que estas três idéias faziam nascer acabaram por se cristalizar em torno duma idéia central: a dos tempos messiânicos."

(9) Ver René Guénon, "Orient et Ocident", pág. 64: "O preconceito quimérico da *igualdade* vai de encontro aos fatos mais bem estabelecidos na ordem intelectual como na ordem

física: é a negação de toda a hierarquia natural e o rebaixamento de todo o reconhecimento ao entendimento limitado do vulgo".

(10) Um autor judeu reconhece isso, Jack London, quando escreve à página 206 do "Le Peuple de L'Abime": "Os grandes senhores feudais de antanho, gigantes louros da história, marchavam à frente nas batalhas. Sacrificavam sua pessoa, lutando duramente para ganhar suas esporas de ouro, fendendo os inimigos ao meio. Havia mais nobreza em manejar a espada de gume de aço do que em enriquecer, como hoje, comodamente sem risco, à custa do embrutecimento humano e da exploração feroz dos parias da vida".

CAPÍTULO II

Resumo. - **As guerras econômicas são a base da supremacia judaica**. A administração visível e os "Conselheiros Secretos". O êxito das doutrinas destruidoras. A assimilação na política. O papel da imprensa. O preço do ouro e o valor das vítimas judaicas

- PRECISAMOS que as guerras não dêem, tanto quanto possível, vantagens territoriais(1). **Transportada, assim, a guerra para o terreno econômico**, as nações verão a força de nossa supremacia (2), e tal situação porá ambas as partes à disposição de nossos agentes internacionais, que **têm milhares de olhos** e que nenhuma fronteira pode deter. Então, **nossos direitos internacionais apagarão os direitos nacionais,** no sentido próprio da expressão, governando os povos, (globalização) do mesmo modo que o direito civil dos Estados regula as relações entre seus súditos.

Os administradores, escolhidos por nós no povo, em razão de suas aptidões servis, não serão indivíduos preparados para a administração do país. Assim, facilmente se tornarão peões de nosso jogo, nas mãos de nossos sábios e geniais conselheiros, de nossos especialistas, educados desde a infância para administrar os negócios do mundo inteiro (3). Sabeis que nossos especialistas reuniram as informações necessárias para administrar segundo nossos planos, tirando-as das **experiências da história** e do estudo de todos os acontecimentos notáveis.

Os cristãos(4) não se guiam **pela prática de observações imparciais tiradas da história, mas pela rotina teórica**,(como é importante a disciplina histórica, considerada até “subversiva” pelos corruptos) incapaz de atingir qualquer resultado real. Por isso, não devemos contar com eles; que se divirtam ainda durante algum tempo, **vivendo de esperanças ou de novas diversões**, ou ainda da saudade dos divertimentos que tiveram. Deixemo-los acreditar na importância das leis científicas que lhes inculcamos - **meras teorias**. É com esse fim que constantemente aumentamos por intermédio **de nossa imprensa** sua confiança cega nessas leis. A classe intelectual dos cristãos ficará cheia de orgulho com esses conhecimentos, e sem os examinar logicamente, porá em ação todos os dados dessa ciência reunidos pelos nossos agentes para guiar seu espírito pelo rumo que precisamos.

Não julgueis nossas afirmações sem base; reparai no êxito **que soubemos criar para o Darwinismo, o Marxismo, o Nietzchismo.** (todos utópicos!) Pelo menos para nós, a influência deletéria dessas tendências deve ser evidente (5). Temos necessidade de contar com as idéias, os caracteres, as tendências modernas dos povos para não cometermos erros na política e na administração dos negócios. Nosso sistema, cujas partes podem ser expostas diferentemente segundo os povos que encontremos em nosso caminho, somente pode dar resultado se sua aplicação for baseada nos resultados do passado confrontados com o presente.

Os Estados modernos possuem uma grande força criadora: a imprensa. O papel da imprensa consiste em indicar as reclamações que se dizem indispensáveis, dando a conhecer as reclamações do povo, criando descontentes e sendo seu órgão.

A imprensa encarna a liberdade da palavra. **Mas os Estados não souberam utilizar essa força e ela caiu em nossas mãos(6**). Por ela, obtivemos influência, **ficando ocultos;** graças a ela, ajuntamos o ouro em nossas mãos, a despeito das torrentes de sangue e de lágrimas que nos custou conseguí-lo... Resgatamos isso, sacrificando muitos dos nossos. ***Cada uma de nossas vítimas, diante de Deus, vale milhares de cristãos*.**

Notas e comentários

(1) Discurso do maçon Corneau, grau 33, presidente do Conselho da Ordem do Grande Oriente na França, na sessão de

28 de junho de 1917, do Congresso Maçônico em Paris: "A guerra se transformou em formidável luta das **democracias organizadas contra as potências militares e despóticas".** No mesmo discurso, afirmou que a guerra não passava de *simples etapa da Revolução Social*. A confissão de que a guerra é desencadeada pelas *forças ocultas* mediante um plano de ação desconhecido se encontra no mesmo Congresso Maçônico, no discurso do maçon Lebey, Secretário da Ordem: "De Waterloo a Sedan, de Sedan ao Marne, de Lafayette a Washington e de Washington ao Presidente Wilson e ao Marechal Joffre, *uma lógica obscura parece levar o mundo a um fim ignorado*. " (note de quem parte tais declarações). V. Valéry-Radot , "Les temps de la colère" , e Leon de Poncins, "La dictadure des puissances occultes", edição Beauchesne, Paris , 1934, págs 196-197.

(2) Essa supremacia está confirmada pelo judeu Bernard Lazare, no seu livro "L'Antisemitisme", vol. II, pág. 253, com estas palavras: "Constituídos num corpo solidário, os judeus abrem facilmente caminho na sociedade atual, relaxada e desunida. Se os milhões de cristãos que os rodeiam praticassem o apoio mútuo em lugar da luta egoísta, a influência do judeu seria logo esmagada; mas não o praticam e o judeu deve, senão dominar, como dizem os anti-semitas, ter o máximo das vantagens sociais e exercer essa espécie de supremacia contra a qual o anti-semitismo protesta, sem a poder abolir, porque ela depende não só da classe burguesa judaica, mas da classe burguesa cristã."

(3)H.de Balzac, "Les illusions perdues", tomo III: "Há duas histórias, a oficial, mentirosa, e a secreta, em que estão as verdadeiras causas dos acontecimentos". É por essa razão que René Guénon diz o seguinte à pág 25 de "Orient et Occident": "A verdadeira história pode ser perigosa para certos interesses políticos".

(4) Empregamos a palavra cristão e cristãos todas as vezes que encontramos no texto dos protocolos os termos judaicos "goy" e " goiym" (plural).

Segundo o erudito Saint-Yves d'Alveydre, no "L'Archéometre", assim os hebreus designam "O povo inorgânico privado de organização direta em proveito dum Estado político que lhe

imponham *letrados parasitários*". Esse significado quadra admiravelmente bem com o pensamento dos "Protocolos".

(5) René Guénon observou e estudou admiravelmente esta questão da ciência que nos é imposta de acordo com os "Protocolos". Consultar "Orient et Occident", pág.20 :"Negando ou ignorando todo conhecimento puro ou supra-racional, a ciência abriu caminho que devia levar lógicamente, dum lado, ao positivismo e ao agnosticismo, que produzem a mais estreita limitação da inteligência e seu objeto: do outro, a todas as teorias sentimentalistas e voluntariosas que se esforçam em criar no infra-racional o que a razão não lhes pode dar." Idem, pág.65: "A meia ciência assim adquirida, (*pela vulgarização*), é mais nefasta do que a ignorância pura e simples, pois mais vale nada saber do que estar com o espírito abarrotado de idéias falsas..."

(6) O domínio do judaísmo na imprensa, nas agências de informação, de publicidade e distribuição de livros e jornais é notória.

CAPÍTULO III

Resumo - A serpente simbólica e sua significação. Instabilidade do equilíbrio constitucional. O terror nos palácios. Poder e a ambição. As máquinas de falar dos parlamentos, os panfletos. Os abusos do poder. A escravidão econômica. "A verdade do povo". Os açambarcadores e a aristocracia. O exército dos franco-maçons judeus. A degenerescência dos cristãos. A fome e o direito do capital. A vinda e a coroação do "Senhor Universal".

O objeto fundamental do programa das futuras escolas populares dos franco-maçons. O segredo da ciência da ordem social. Crise econômica geral. Segurança dos "nossos". O despotismo dos franco-maçons é o reinado da razão. Perda dum guia. **A franco-maçonaria e a "grande" revolução francesa**. **O rei déspota é do sangue de Sião** (O Anticristo será judeu). Causas da invulnerabilidade da franco-maçonaria. A Liberdade.

POSSO hoje vos anunciar que estamos perto do fim. Ainda um pouco de caminho e o círculo da **Serpente Simbólica**, (símbolo do sionismo internacional) que representa nosso povo, será encerrado. Quando esse círculo se encerrar, todos os Estados estarão dentro dele, fortemente

emoldurados. O equilíbrio constitucional será em breve destruído, porque o temos falseado, a fim de que não cesse de inclinar-se para um lado e outro até gastar-se completamente (1). Os cristãos julgavam ter construído bem solidamente esse equilíbrio e esperavam que os pratos da balança continuassem no mesmo nível. Mas, infelizmente para os cristãos, as pessoas reinantes são rodeadas por seus prepostos, que fazem tolices e se deixam levar pelo seu poder sem controle e sem responsabilidade. Devem esse poder ao terror que reina nos palácios. As pessoas reinantes, **não tendo mais contacto com seu povo, nada podem concertar com ele**, fortalecendo-se contra os indivíduos que aspiram ao poder. A força clarividente das pessoas reinantes e a força cega do povo, divididas por nós, perderam sua importância; separadas, são tão cegas como um cego sem o seu bordão (2)

Para impelir os ambiciosos a abusar do poder, opusemos umas às outras todas as forças, desenvolvendo todas as suas tendências liberais para a independência... Encorajamos para esse fim todas as tendências, armamos todos os partidos e fizemos do poder o alvo de todas as ambições. Transformamos os Estados em arenas onde reinam os distúrbios... Dentro de pouco tempo, as desordens e bancarrotas surgirão por toda a parte (3). Os falastrões inesgotáveis transformaram as sessões dos parlamentos e as reuniões administrativas em prélios oratórios. Jornalistas audaciosos e panfletários cínicos atacam diariamente o pessoal administrativo**. Os abusos do poder, finalmente, prepararão a queda de todas as instituições, e tudo será destruído pela multidão enlouquecida.(**eleitores do Lula, por exemplo).

Os povos estão mais escravizados ao trabalho pesado **do que no tempo da servidão e da escravidão**. É possível livrar-se de um modo ou de outro da escravidão e da servidão. É possível compactuar com ambas. **Mas é impossível livrar-se da miséria**. Os direitos que inscrevemos nas constituições são **fictícios para as massas**; não são reais. Todos esses pretensos **"direitos do povo" somente podem existir no espírito e são para sempre irrealizáveis.** Que vale para o proletário curvado sobre seu trabalho, esmagado pela sua triste sorte, o direito dado aos falastrões de falar, ou o direito concedido aos jornalistas de escrever toda espécie de absurdos misturados com cousas sérias, desde que o proletariado não tira das constituições outras vantagens senão as miseráveis migalhas que lhe lançamos de nossa mesa (bolsa família) em troca dum sufrágio favorável às nossas prescrições, aos nossos prepostos e aos nossos agentes? Para o pobre diabo, os direitos republicanos são uma ironia amarga: a necessidade dum trabalho quase cotidiano não lhe permite gozá-los; em compensação,

tiram-lhe as garantias dum ganho constante e certo, pondo-o na dependência das greves, dos patrões e dos camaradas. **Sob a nossa direção, o povo destruiu a aristocracia**, **que era sua protetora e sua ama de leite natural,** porque seu interesse era inseparável do interesse do povo. Agora que a aristocracia foi destruída, ele caiu sob o jugo dos açambarcadores, dos velhacos enriquecidos, que o oprimem de modo impiedoso.

Nós apareceremos ao operário como os libertadores desse jugo, quando lhe propusermos entrar nas fileiras do exército de socialistas (4) , **anarquistas e comunistas** que sempre sustentamos sob o pretexto de solidariedade entre os membros de nossa franco-maçonaria social. A aristocracia, que gozava de pleno direito do trabalho dos operários, tinha interesse em que os trabalhadores estivessem **fartos, fossem sadios e fortes. Nosso interesse, ao contrário, é que os cristãos degenerem. Nosso poder reside na fome crônica, na fraqueza do operário, porque tudo isso o escraviza à nossa vontade,** de modo que ele fique sem poder, força e energia de se opor a ela. A fome dá ao capital mais direitos sobre o operário do que a aristocracia recebia do poder real e legal.
Pela miséria e o ódio invejoso que dela resulta, manobramos as multidões e nos servimos de suas mãos para esmagar os que se oponham aos nossos desígnios.

Quando chegar a hora de ser coroado **nosso soberano universal (O Anticristo)**, essas mesmas mãos varrerão todos os obstáculos que se lhe anteponham.

Os cristãos perderam o hábito de pensar fora de nossos **conselhos científicos.** Por isso, não enxergam a necessidade urgente de fazer o que nós faremos, quando chegar o nosso reinado, isto é, ensinar nas escolas primárias a primeira de todas as ciências**,** a única verdadeira das ciências da ordem social, da vida humana, da existência social, que exige a divisão do trabalho, e por conseguinte, a divisão dos homens em classes e condições 5).

É preciso que cada um saiba que não pode existir igualdade em virtude das diversas atividades a que cada qual é destinado; que todos não podem ser igualmente responsáveis perante a lei; que, por exemplo, a responsabilidade não é a mesma naquele que, pelos seus atos, compromete toda uma classe, e naquele que somente atinge a sua honra. A verdadeira ciência da ordem social, em cujo segredo não admitimos os cristãos,

mostraria a todos que o lugar e o trabalho de cada um devem ser diferentes, para que não haja uma fonte de tormentos em conseqüência da falta de correspondência entre a educação e o trabalho. Estudando essa ciência, os povos obedecerão de boa vontade aos poderes e à ordem social estabelecida por eles no Estado. Ao contrário, no estado atual da ciência, tal qual a fizemos, o povo, acreditando cegamente na palavra impressa, em conseqüência dos erros insinuados à sua ignorância, é inimigo de todas as condições que julga acima dele, porque não compreende a importância de cada condição.

Essa inimizade aumentará ainda em virtude da crise econômica que acabará por parar as operações da Bolsa e a marcha da indústria. Quando criarmos, graças aos meios ocultos de que dispomos por causa do ouro, que se acha totalmente em nossas mãos, **uma crise econômica geral**, lançaremos à rua multidões de operários, simultaneamente, em todos os países da Europa. (6)

Essas multidões por-se-ão com voluptuosidade a derramar o sangue daqueles que invejam desde a infância na simplicidade de sua ignorância e cujos bens poderão então saquear (7)

Elas não tocarão nos nossos, porque conheceremos de antemão o momento do ataque e tomaremos medidas acauteladoras. (8)

Afirmamos que o progresso submeteria todos os cristãos ao reinado da razão. Será esse o nosso despotismo, que saberá acalmar todas as agitações com justas severidades, **extirpando o liberalismo de todas as instituições.**

Quando o povo viu que lhe faziam tantas concessões e complacências em nome da liberdade, julgou que era amo e senhor, e se lançou sobre o poder; porém, naturalmente, **foi de encontro, como um cego, a muitos obstáculos; pôs-se a procurar um guia, não teve a idéia de voltar ao antigo** e depôs todos os poderes aos nossos pés**. Lembrai-vos da revolução francesa**, a que demos o nome de "grande"; os segredos de sua preparação nos são bem conhecidos**, porque ela foi totalmente a obra de nossas mãos (9).**

Desde então, **levamos o povo de decepção em decepção**, a fim de que

renuncie mesmo a nós, em proveito do rei-déspota do sangue de Sião, que preparamos para o mundo (10).(O Anticristo).

- Atualmente somos invulneráveis como força internacional, porque quando nos atacam em um Estado, somos defendidos nos outros. A infinita covardia dos povos cristãos, que rastejam diante da força, que são impiedosos para a fraqueza e para os erros, porém indulgentes para os crimes, que não querem suportar as contradições da liberdade, que são pacientes até o martírio diante da violência dum despotismo ousado, tudo isso favorece nossa independência. Sofrem e suportam dos primeiros ministros de hoje abusos pelo menor dos quais teriam decapitado vinte reis.
Como explicar tal fenômeno e tal incoerência das massas populares em face dos acontecimentos que parecem da mesma natureza ? Esse fenômeno se explica pelo fato de fazerem esses ditadores - primeiros ministros - dizerem baixinho ao povo que, se causam mal aos Estados, isto é com o fito de realizar a felicidade dos povos, sua fraternidade internacional, a solidariedade, os direitos iguais para todos. Naturalmente, não se lhe diz que essa unidade será feita sob nossa autoridade.
- **E eis como o povo condena os justos e absolve os culpados**, persuadindo-se cada vez mais que pode fazer o que lhe der na veneta. Nessas condições, o povo destrói toda estabilidade e cria desordens a cada passo. A palavra "liberdade" põe as sociedades humanas em luta contra toda força, contra todo poder, mesmo o de Deus e o da natureza. Eis porque, no nosso domínio, excluiremos essa palavra do vocabulário humano por ser o princípio da brutalidade que transmuda as multidões em animais ferozes. É verdade que essas feras adormecem logo que se embriagam com sangue, sendo, então, fácil encadeá-las. Mas se não lhes der sangue, não adormecem e lutam (11).

Notas e comentários

(1) Esse equilíbrio é a famosa “Harmonia dos poderes”, tão ao agrado dos constitucionalistas modernos. O poder, que é um só, foi dividido em três, e às vezes, em quatro: judiciário, legislativo, executivo e moderador. Na luta pela imposição da ordem, ou dos interesses, fatal e naturalmente um deles se hipertrofia e se sobreleva aos outros. Daí a situação falsa que se cria nos Estados, não correspondendo a realidade

governamental nunca ao que teoricamente a constituição preceitua.

(2) Eberlin, escritor judeu, "Les Juifs", pág.191 : "Os judeus estão em toda a parte. Não passam de 1% da população terrestre, e todavia, são os iniciados e os primeiros adeptos de qualquer obra política, econômica e social".

(3) É preciso não esquecer - declara o imparcialíssimo G. Batault em "Le problème Juif", págs. 55-56, "que a história da civilização há dois mil anos é dominada por uma luta sem tréguas, com diversas alternativas e reveses**, entre o espírito judaico e o espírito greco-romano".**

(4) E. de Leveleye, "Le socialisme contemporain", Paris, 1902, pág. 49, nota**: "Os israelitas foram quase por toda a parte os iniciadores ou os propagadores do socialismo".** A mesma opinião se encontra em Michels, "Les partis politiques", Paris, 1914, pág. 180: **"O movimento socialista contemporâneo**, apesar de seu rótulo, de suas pretensões científicas e de sua fraseologia tomada de empréstimo aos costumes e ao gosto do tempo, **deve ser considerado, do ponto de vista ideológico, como uma espécie de movimento messiânico, *porque está todo imbuído de concepções judaicas,*** *todo penetrado de espírito israelita* e nele os judeus exercem tão grande papel que se pode dizer preponderante."

(5) Porque os movimentos nacionalistas e corporativistas ensinam isso, os judeus e seus sócios de empreitada, judaizantes, judaizados e altos maçons os odeiam de morte

(6) A realização dessa profecia documenta a veracidade dos "Protocolos". Com efeito, segundo os cálculos fidedignos de F. Fried em "La fin du capitalisme", havia, no mundo em 1931, vinte e dois milhões de desempregados!!!(**lembrando a população mundial da época, nos países industrializados**) O resultado foram as chamadas "marchas da fome" por toda a parte...

(7) Confira-se o que se passou na Itália, antes de Mussolini; na Alemanha, antes de Hitler; na Inglaterra, na França, na Áustria, na Espanha, nos Estados Unidos. Compare-se com as várias

marchas da fome em diversos países. Será possível negar a evidência do plano revelado dezenas de anos antes? (** o mesmo vale para os dias atuais. Confira a realização exata do plano nos dias atuais, um século depois. Como poderiam 2 obscuros agentes da polícia secreta Czarista prever com precisão absoluta um século? Como os judeus podem negar o livro se eles cumprem exatamente todas as ações descritas nele??? E sempre mantendo a mesma direção??Como negar um FLAGRANTE?**)

(8) **Confira-se com as medidas acauteladoras dos bens dos Rothschild durante os incêndios e saques da Comuna de Paris, em 1871**, segundo Salluste, "Les Origines Secrètes du Bolchevisme".

(9) A pág. 102 da notável obra "Les temps de la colère", Valéry-Radot chama as revoluções liberais da Europa, sem exceção, **"revoluções judaicas".** Tem toda a razão. Senão vejamos: Na "Iudische Rundschau", revista judaica, nº4, de 1920, o líder judeu Dr. Caim Weissmann afirma categoricamente: "Nossa força construtiva se transformará em *força destrutiva* e poremos o mundo inteiro em estado de fermentação" É preciso dizer mais alguma coisa?

Não há mais clara confirmação dos "Protocolos" pela pena de um próprio judeu!O judeu Marcus Elias Ravage, num artigo do nº de janeiro de 1928 do "Century Magazine" assegura**: "Tomai as três principais revoluções dos tempos modernos, a revolução francesa, a norte-americana e a russa. Serão outra coisa senão o triunfo da idéia judaica de justiça social, política e econômica?"**

Outra vez uma declaração sem comentários. Recorramos ao judeu Bernard Lazare, no seu livro "L'Antisémitisme", vol. I, pág. 247: "A Assembléia constituinte obedeceu ao espírito que a guiava desde suas origens, quando a 27 de setembro de 1791, declarou que os judeus gozariam em França dos direitos de cidadãos..." No vol. II, pág.7-8, "Esse decreto estava preparado de longa data, preparado pelo trabalho da comissão nomeada, pelos escritos de Lessing e Dohm, pelos de Mirabeau e Gregoire. Era o resultado lógico dos esboços tentados desde alguns anos pelos *judeus* e os filósofos. Mendelsohn, (*o judeu Ben Moisés*), na Alemanha, fora seu

promotor, e mais adiante, defensor. E foi em Berlim, nos salões de Henriqueta de Lemos (*judia de origem portuguesa*), que Mirabeau se inspirou no convívio de Dohm". No mesmo volume, pág. 9: "A judiaria se reunia em Berlim com a mocidade revolucionária alemã nos salões de H. de Lemos e de Raquel de Varnhagen (*outra judia*)".

À pág. 48, Bernard Lazare completa suas magníficas revelações: "Antes de tudo, a Revolução Francesa foi uma revolução econômica. Se pode ser considerada o termo duma luta de classes, deve-se também ver nela o resultado duma luta entre duas formas de capital, o capital imobiliário e o capítal-móvel, o capital real e o capital industrial e agiota. Com a supremacia da nobreza desapareceu a supremacia do capital rural, e a supremacia da burguesia permitiu a supremacia do capital industrial e agiota. **A emancipação do judeu está ligada à história da preponderância desse capital industrial.** O caráter internacional e judaico da Revolução Francesa não escapou, há mais de um século, à observação do cavalheiro de Malet, na sua obra "Recherches historiques et politiques qui prouvent l'existence d'une secte révolutionnaire, son antique origine, son organisation, ses moyens, ainsi que son but; et devoilent entierèment l'unique cause de la Révolution Française", Paris, edição Gide Fils, 1817. Eis o que ele diz: "Existe uma nação especial que *nasceu e cresceu nas trevas*, no meio de todas as nações civilizadas, com o fim de submetê-las todas ao seu domínio". (escrito em 1817!)

O imparcialíssimo Batault escreve à página 148 de seu livro já citado: **"Depois, veio a Revolução Francesa, que trouxe aos judeus sua emancipação na França** e a preparou ao estrangeiro." Daí as revoluções judaicas de Valéry-Radot, confirmadas em Graetz, em "Histoire des Juifs", vide págs. 418-421: "A revolução de 1848 trouxe novas melhoras à situacão dos judeus, tendo seu reflexo em Viena e Berlim, provocando a completa emancipação dos judeus da Áustria e Alemanha; alguns mesmo foram eleitos deputados. Essa revolução teve consequências favoráveis para eles até na Rússia e nos Estados do Papa."

(10) "La litterature des pauvres dans la Bible", do escritor judeu Isidoro Loeb, Paris, 1882, pág. 218: "Com ou sem o Rei-

Messias, os judeus serão como o *centro da humanidade*, em torno do qual se reunirão os gentios, depois de sua conversão a Deus. A unidade da humanidade se fará pela unidade religiosa" (100% de acordo com os protocolos.)

(11) Para isso, os judeus atiçadores de revoluções não tem poupado o sangue dos cristãos. Vide as estatísticas das vítimas do terror na França, da Tcheka (**futura KGB**) na Rússia, de Bela-Kun na Hungria, das Astúrias, etc... Lede esta declaração do judeu bolchevista Lunatcharsky: "Nós amamos o ódio! devemos pregar o ódio. Só por ele poderemos conquistar o mundo."

CAPÍTULO IV

Resumo.- As diversas fases duma república. A franco-maçonaria externa. A liberdade e a fé. A concorrência internacional do comércio e da indústria. O papel da especulação. O culto do ouro.

- TODA república passa por diversas fases.(1) A primeira compreende os primeiros dias de loucura dum cego que se atira para a direita e para a esquerda. A segunda é a da demagogia, de onde nasce a anarquia; depois vem inevitavelmente o despotismo, não um despotismo legal e franco, **mas um despotismo invisível e ignorado, todavia sensível ; despotismo exercido por uma organização secreta,** que age com tanto menos escrúpulo quanto se acoberta por meio de diversos agentes, cuja substituição não só a não a prejudica, como a dispensa de gastar seus recursos, recompensando longos serviços.

Quem poderá derrubar uma força invisível? Nossa força é assim. A franco-maçonaria externa serve unicamente para cobrir nossos desígnios; o plano de ação dessa força, o lugar que assiste, são inteiramente ignorados do público.

A própria liberdade poderia ser inofensiva e existir no Estado, sem prejudicar a liberdade dos povos, se repousasse nos princípios da crença em Deus, na fraternidade humana, fora da idéia de igualdade contrariada pelas próprias leis da criação , que estabelecem a subordinação.Com tal fé, o povo se deixaria governar pela tutela das paróquias e marcharia humilde e tranqüilo sob a direção de seu pastor espiritual, submetido à

distribuição divina dos bens deste mundo. **Eis porque é preciso que destruamos a fé, que arranquemos do espírito dos cristãos o próprio princípio da Divindade e do Espírito, a fim de substituí-lo pelos cálculos e pelas necessidades materiais (2).**

Para que os espíritos dos cristãos não tenham tempo de raciocinar e observar, é necessário distraí-los pela indústria e pelo comércio. Desse modo, todas as nações procurarão suas vantagens e, lutando cada uma pelos seus interesses, não notarão o inimigo comum. Mas para que a liberdade possa, assim, desagregar e destruir completamente a sociedade dos cristãos, é preciso fazer da especulação(3) a base da indústria. Desta forma, nenhuma das riquezas que a indústria tirar da terra ficará nas mãos dos industriais, **mas serão sorvidas pela especulação, isto é, cairão nas nossas burras.**

A luta ardente pela supremacia, os choques da vida econômica criarão e já criaram sociedades desencantadas, frias e sem coração.**Essas sociedades terão uma profunda repugnância pela política superior e pela religião. Seu único guia será o cálculo, isto é, o ouro, pelo qual terão verdadeiro culto (4)**, por causa dos bens materiais que pode proporcionar. Então, as classes baixas dos cristãos nos seguirão em nossa luta contra a classe inteligente dos cristãos no poder, nossos concorrentes, não para fazer o bem, nem mesmo para adquirir a riqueza, mas simplesmente por ódio dos privilegiados.

Notas e comentários

(1) Kadmi-Cohen, "Nômades", págs. 152,153: "De modo geral, por toda a parte, os judeus são republicanos. A república, que tende ao nivelamento, foi sempre uma de suas mais caras aspirações." - "Seu ódio de toda autoridade dinástica ou pessoal, seu sincero amor das instituições republicanas, sua repulsa por toda injustiça acham sua explicação no unitarismo, ideal de sua raça." Ótimo! República para os outros se esfacelarem; autocracia para o seu domínio...

(2)Por isso, declara E. Fleg. na "Antologie Juive", pág. 261: "O judaísmo orienta-se unicamente para o futuro terrestre." Por isso, numa conferência sob o patrocínio da loja La Parfaite Union, de Mulhouse (França) a 26 de maio de 1927, dizia o maçon senador Bréhier: "Durante dois séculos, nossa mais perigosa inimiga foi a Igreja". Por isso o judaísmo e a Igreja, segundo Kadmi-Cohen, em "Nômades", pág. 181: "São dois contrários, duas antinomias, dois blocos que se defrontam". Por isso o "Rituel du 33ème. degré du Grand Orient de France" declara: "Aniquilar o catolicismo contra o qual todos os meios são bons".

(3) Diz o judeu Kadmi-Cohen, "Nômades", págs. 88-89 "Tudo no semita é *especulação*, de idéias ou de negócios, e, sob este último aspecto, que hino vigoroso não canta ele à glorificação do interesse terrestre!"

Batault diz em "Le problème juif", pág.39: "Na finança, tudo se concentrou em algumas mãos invisíveis, tudo se trama no silêncio e na noite. Cúmplices e solidários, os autores são secretos e discretos. O instrumento são as operações anônimas da bolsa; compra e venda, venda e compra. Sob ações invisíveis, os pratos da balança do Destino oscilam.Contra a autoridade tirânica, contra o domínio do Econômico, é possível achar armas - o coração dos homens e a alma dos povos, mas deixam-nas enferrujar na bainha..."

(4) O culto do ouro pelo judeu começa na Bíblia, com a adoração do Bezerro fundido por Aarão. Desde a mais alta antiguidade, o judeu cultiva e manobra o ouro. Por que razão os judeus intentaram um processo ao pretor Flaccus? (**Época do Império Romano**) Respondia Cícero, seu advogado, no "Pro Flacco": "Vendo que o ouro era, *por conta dos judeus*, exportado todos os anos da Itália *e de todas as províncias* para Jerusalém, Flaccus proibiu por um édito a saída do ouro da Ásia".

Bernard Lazare, "L'Antisémitisme", vol I, pág. 174: "A medida que se avança, vê-se com efeito, crescer nos judeus a preocupação da riqueza e toda sua atividade prática se concentrar em um comércio especial, refiro-me ao comércio do ouro.". Pág,.187 : "O ouro deu aos judeus um poder que todas

as leis políticas e religiosas lhes recusavam... Detentores do ouro, tornaram-se Senhores de seus Senhores..." Jack London, em "Le peuple de l'Abime": "O ouro é o passaporte do judeu".

CAPÍTULO V

Resumo.- Criação de forte concentração do governo. Os modos da franco-maçonaria se apoderar do poder. Por quê os Estados não conseguem entender-se. "Pre-eleição" dos judeus. O ouro é o motor de todos os mecanismos dos Estados. Os monopólios no comércio e na indústria. A importância da crítica. As instituições "como são vistas". Cansaço causado pelos discursos. Como tomar conta da opinião pública? A importância da iniciativa privada. O governo supremo.

QUE FORMA de administração se pode dar a sociedades em que se por toda parte penetrou a corrupção, em que somente se atinge a riqueza por meio de surpresas hábeis que são meias-velhacas; sociedades em que reina a licença de costumes, em que a moralidade somente se agüenta por causa dos castigos e leis austeras, não por princípios voluntariamente aceitos; em que os sentimentos de Pátria e Religião são abafados por crenças cosmopolitas? Que forma de governo dar a essas sociedades se não a despótica, que descreverei mais adiante? Regularemos mecanicamente todos os atos da vida pública de nossos súditos por novas leis. Essas leis irão retomando uma a uma todas as complacências e todas as liberdades demasiadas concedidas pelos cristãos e nosso reinado se assinalará por um despotismo tão majestoso que estará em condições, em qualquer tempo e lugar, de fazer calar os cristãos que nos queiram fazer oposição e que estejam descontentes.

Dir-nos-ão que o despotismo a que me refiro não está de acordo com os progressos modernos. Provarei o contrário.

Quando o povo considerava as pessoas reinantes como pura emanação da Vontade Divina, se submetia sem murmurar ao absolutismo dos reis, porém desde o dia em que lhe sugerimos a idéia de seus próprios direitos, considerou essas pessoas como simples mortais. A Unção Divina caiu da cabeça dos reis,

pois que lhe arrancamos a crença em Deus; a autoridade passou para a rua, isto é, para um logradouro público, e nós nos apoderamos dela.

Demais, a arte de governar as massas e os indivíduos por meio de uma teoria e duma fraseologia habilmente combinadas pelas regras da vida social e por outros meios engenhosos, dos quais os cristãos nada percebem, faz também parte de nosso gênio administrativo, educado na análise, na observação, em tais sutilezas de concepção que não encontram rivais, pois que não há ninguém como nós para conceber planos de ação política e de solidariedade. Somente os Jesuítas nos poderiam igualar nesse ponto, porém nós conseguimos desacreditá-los aos olhos da plebe ignorante, porque eles constituíam uma organização visível, enquanto que nós operávamos ocultamente por meio de nossa organização secreta. Aliás, que importa ao mundo o amo que vai ter? Seja o chefe do catolicismo ou nosso déspota do sangue de Sião (um judeu)? Mas para nós, que somos o povo eleito, a questão já não é indiferente.

Uma coligação universal dos (povos europeus) cristãos poderia dominar-nos por algum tempo, porém estamos garantidos contra esse perigo pelas profundas sementes de discórdia que já se não podem mais arrancar de seu coração. Opusemos uns aos outros os cálculos individuais e nacionais dos cristãos, seus ódios religiosos e étnicos, que há vinte séculos cultivamos. É por isso que nenhum governo encontrará auxílio em parte alguma; cada qual acreditará um acordo contra nós desfavorável a seus próprios interesses. Somos muito fortes e é preciso contar conosco. As potências não podem concluir o mais insignificante acordo sem que nele tomemos parte. Per me reges regnant - "por mim reinam os reis". Nossos profetas nos disseram que fomos eleitos por Deus mesmo para governar a terra. Deus nos deu o gênio, a fim de podermos levar a cabo esse problema. Embora surja um gênio no campo oposto, poderá lutar contra nós, mas o recém-vindo não valerá o velho habitante; a luta entre nós será sem piedade e tal como nunca o mundo presenciou. Além disso, os homens de gênio chegariam tarde.

Todas as engrenagens do mecanismo governamental dependem dum motor que está em nossas mãos: esse motor é o ouro. A

ciência da economia política, inventada por nossos sábios, mostra-nos desde muito tempo o prestígio real do ouro.

O capital, para ter liberdade de ação, deve obter o monopólio da indústria e do comércio; é o que já vai realizando a nossa mão invisível em todas as partes do mundo (1). Essa liberdade dará força política aos industriais e o povo lhe será submetido. Importa mais, em nossos dias, **desarmar os povos** do que levá-los à guerra; importa mais servir as paixões incandescidas para nosso proveito do que acalmá-las; importa mais se apoderar das idéias de outrem e comentá-las do que bani-las.

O problema capital do nosso governo é enfraquecer o espírito público pela crítica; fazer-lhe perder o hábito de pensar, porque a reflexão cria a oposição; distrair as forças do espírito, em vãs escaramuças de eloqüência.

Em todos os tempos, os povos, mesmo os mais simples indivíduos, tomaram as palavras como realidades, porque se satisfazem com a aparência das coisas e raramente se dão ao trabalho de observar se as promessas relativas à vida social foram cumpridas. Por isso, nossas instituições terão uma bela fachada, que demonstrará eloqüentemente seus benefícios no que concerne ao progresso.

Nós nos apropriaremos da fisionomia de todos os partidos, de todas as tendências e ensinaremos nossos oradores a falarem tanto que toda a gente se cansará de ouvi-los.

Para tomar conta da opinião pública, é preciso torná-la perplexa, exprimindo de diversos lados e tanto tempo tantas opiniões contraditórias que os cristãos acabarão perdidos no seu labirinto e convencidos de que, em política, o melhor é não ter opinião. São questões que a sociedade não deve conhecer. Só deve conhecê-las quem a dirige. Eis o primeiro segredo. (2) O segundo, necessário para governar com êxito, consiste em multiplicar de tal modo os defeitos do povo, os hábitos, as paixões, as regras de viver em comum que ninguém possa deslindar esse caos e que os homens acabem por não se

entenderem mais aos outros. Essa tática terá ainda como efeito lançar a discórdia em todos os partidos, desunindo todas as forças coletivas que ainda não queiram submeter-se a nós; ela desanimará qualquer iniciativa, mesmo genial, e será mais poderosa do que os milhões de homens nos quais semeamos divergências. Precisamos dirigir a educação das sociedades cristãs de modo tal que suas mãos se abatam numa impotência desesperada diante de cada questão que exija iniciativa.

O esforço que se exerce sob o regime da liberdade ilimitada é impotente, porque vai de encontro aos esforços livres de outros. Daí nascem dolorosos conflitos morais, decepções e insucessos. Fatigaremos tanto os cristãos com essa liberdade que os obrigaremos a nos oferecerem um poder internacional, cuja disposição será tal que poderá, sem as quebrar, englobar as forças de todos os Estados do mundo e formar o Governo Supremo.

Em lugar dos governos atuais, poremos um espantalho que se denominará Administração do Governo Supremo. Suas mãos se estenderão para todos os lados como pinças e sua organização será tão colossal que todos os povos terão de se lhe submeterem (3).

_______________Notas e comentários_______________

(1) G. Batault "Le probleme juif", págs. 40-41: "É conveniente notar que foi um banqueiro judeu-inglês, o célebre economista David Ricardo, filho de um judeu holandês, emigrado em Londres, em fins do século XVIII, o inventor e o teorista duma concepção puramente econômica do mundo, que, hoje, o domina quase todo. O mercantilismo político contemporâneo, os negócios acima de tudo, os negócios considerados fim supremo dos esforços humanos, provém diretamente de Ricardo. Demais, o fundador do socialismo científico, o judeu-alemão Karl Marx, se colocou no próprio terreno de Ricardo, para combatê-lo, aproveitando grande número de suas concepções, de seus argumentos, de suas teorias e conclusões. O laço misterioso, a afinidade secreta que unem, apesar de tudo, os mercantilistas e os negocistas puritanos aos bolchevistas provém, em grande parte, de terem em comum, embora tirando conclusões diferentes, a mesma concepção e a mesma visão do mundo, as quais são produtos essencialmente semitas, saídos dos cérebros dos judeus Ricardo e

Marx. A concepção místico-judaica da humanidade é comum ao liberalismo puritano e ao socialismo dito científico, do qual brotou o bolchevismo."
(2)
Por isso os judeus agem no mundo em dois pólos opostos, que completam, porém, sua obra de desagregação da sociedades cristãs. O judeu Eberlin o reconhece na pág. 51 de seu livro já citado: "O cosmopolitismo do agiota torna-se o internacionalismo proletário e revolucionário". Diz Bernard Lazare que a "alma do judeu é dupla; dum lado é o fundador do capitalismo industrial, financeiro, agiota e especulador, colaborando para a centralização dos capitais destinada a destruir a propriedade, a proletarizar os povos e a criar a socialização; do outro, combate o capitalismo em nome do socialismo, isto é, da socialização total." Pelos dois lados, os judeus atingem o mesmo fim. Assim, segundo a opinião do mesmo Bernard Lazare, a Rothschild correspondem Marx e Lasalle. O judeu Kadmi-Cohen é explícito quanto ao mesmo assunto, escrevendo que Trotski e Rothschild "marcam as oscilações do pêndulo judaico". (**Veja porque os comunistas tiveram a revolução de 1917 financiada por banqueiros ocidentais...**) O plano está claramente delineado nos "Protocolos". Só os cegos e os ignorantes ainda não o perceberam...
(3)

Há também quem não o queira perceber...
Essa obra de despistamento é realizada, sobretudo pela imprensa. Basta reparar como certos jornais em consórcio ou associados manobram ou manipulam a opinião pública em sentidos diversos, quando sua direção geral é única.

Segundo o "Jewish Guardian" ("Sentinela Judaica") de 8 de outubro de 1920, o chefe sionista Dr. Caim Weissmann, declarou no discurso com que saudou num banquete o rabino Herz: "A nós, seu Povo Eleito, Deus deu o poder de nos espalharmos sem dano; o que para outros parece ser a nossa fraqueza é, em verdade, nossa força, e, assim, atingimos ao Domínio Universal. Só nos resta edificar sobre essa base". Não é possível ser mais claro!

Em sua obra, na pág. 99, Isidoro Loeb diz: "Os judeus tem tido esta alta ambição de ver os gentios se agruparem em torno deles, e se unirem sob o nome do verdadeiro Deus". A idéia vem do fundo dos séculos, acompanhando a trajetória da raça. O filósofo judeu-alexandrino Philon escreveu no "In Flaccum": "O castigo dos sofistas virá no dia em que o

Império Judeu, império da salvação, for estabelecido no mundo." Recorramos ainda ao erudito israelita do "L'Antisémitisme", Bernard Lazare, no tomo I, págs. 50-51: "Sem a lei, sem Israel, o mundo não existiria, Deus o faria voltar ao nada; e o mundo somente conhecerá a felicidade quando submetido ao império universal dessa lei, isto é, ao império dos judeus". Como conseqüência disso, assegura B. Lazare: "Essa fé em sua predestinação, em sua eleição, desenvolveu nos judeus um orgulho imenso. Passaram a considerar os não-judeus com desprezo e mesmo com ódio" (Tomo I, pág.52) (** Basta ver o que está escrito no Talmud. Veja o que falam sobre os não-judeus**)

(4)

O imparcial Batault, referenda essas afirmações judaicas: "Os judeus perduram, assim, através da miragem da idade do ouro, da era nova, dos tempos messiânicos, em que o mundo viverá em alegria e paz, submetido a Iavé, escravizado pela lei, sob a direção sacerdotal, eleito pela Eternidade, amadurecido pela experiência, à espera dessa hora única." ("Le probleme juif", pág. 104). "O sonho internacionalista do judeu é a unificação do mundo pela lei judaica, sob a direção e domínio do povo sacerdotal" (pág. 155)

(5)

É de estarrecer a coincidência constante entre o espírito do judaísmo, confessado pelos próprios judeus, e o texto dos "Protocolos". Como duvidar de sua autenticidade diante dessa confrontação e da realização do que nele se profetiza?

CAPÍTULO VI

Resumo Os monopólios; as fortunas dos cristãos dependem desses monopólios. A aristocracia privada de riqueza territorial. O comércio, a indústria e a especulação. O luxo. A alta do salário e o encarecimento dos gêneros de primeira necessidade. A anarquia e a embriaguez. O sentido secreto da propaganda das teorias econômicas.

- CRIAREMOS em breve enormes monopólios, colossais reservatórios de riquezas, dos quais as próprias fortunas dos cristãos dependerão de tal modo que serão por eles devoradas, como o crédito dos Estados no dia seguinte a uma catástrofe política... (1)

  Os senhores economistas aqui presentes devem considerar a importância dessa combinação!....

- Precisamos desenvolver por todos os meios possíveis a importância de nosso Governo Supremo representando-o como protetor e remunerador de todos os que se lhe submetam voluntariamente.
- A aristocracia dos cristãos desapareceu como força política e não temos mais que contar com ela; porém como proprietária de bens territoriais, poderá prejudicar-nos na medida da independência de seus recursos. É preciso, portanto, arrancar-lhe as suas terras. O melhor meio para isso é aumentar os impostos sobre seus bens de raiz, a fim de endividar a terra. Essas medidas manterão a propriedade territorial num estado de absoluta sujeição. (2)
- Como os aristocratas cristãos não sabem, de pais a filhos, se contentar com pouco, serão rapidamente arruinados.
- Ao mesmo tempo, devemos proteger fortemente o comércio e a indústria, sobretudo a especulação, cujo papel é servir de contrapeso à indústria; sem a especulação, a indústria multiplicaria os capitais privados e melhoraria a agricultura, libertando a terra das dívidas criadas pelos bancos rurais. É necessário que a indústria tire à terra o fruto do trabalho, como o do capital , que nos dê, pela especulação, o dinheiro de todo o mundo: lançados, assim, às fileiras dos proletários, todos os cristãos se inclinarão diante de nós para terem ao menos o direito de viver. (3)
- Para arruinar a indústria dos cristãos, desenvolveremos a especulação e o gosto do luxo, desse luxo que tudo devora. Faremos subir os salários, que, entretanto, não trarão proveito aos operários, porque faremos, ao mesmo tempo, o encarecimento dos gêneros de primeira necessidade, devido, como apregoaremos, à decadência da agricultura e da pecuária (4); demais, habilmente e profundamente subverteremos as fontes de produção, habituando os operários à anarquia e as bebidas alcoólicas (5), recorrendo a todas as medidas possíveis para afastar da Terra os cristãos inteligentes. Para impedir que essa situação seja vista prematuramente sob seu verdadeiro aspecto, mascararemos nossos verdadeiros desígnios com o pretenso desejo de servir às classes trabalhadoras e de propagar os grandes princípios econômicos que atualmente ensinamos.

_______________Notas e comentários_______________

(1) O que se passou no mundo moderno, depois do aparecimento dos "Protocolos" autentica o plano judaico. Como poderiam adivinhar? Os monopólios, os trustes, os cartéis, os açambarcamentos multiplicaram-se por toda a parte e os jogos financeiros devoraram os créditos de todos os Estados. Basta ler o formidável e documentadíssimo livro "La fin du capitalisme", de Fernand Fried, com prefácio do judeu Daniel Halévy, Edição Bernard Grasset, Paris, 1932, para verificar como as idéias-dinheiro criaram o capital e quais seus resultados: distribuição desigual de rendas e oligarquias financeiras, a tragédia das massas, o socialismo, o marxismo, a crise, a paralisia e o endividamento dos Estados, tudo o que decorre dos "Protocolos"...
(2) Esta parte do plano tem sido visibilíssima. Basta observar como por toda a parte, sem o menor estudo sério das realidades e condições locais, se grita contra o latifúndio, e, ao menor surto revolucionário, se trata de distribuir as terras. Examine-se o aumento constante dos impostos sobre os bens de raiz em qualquer nação do mundo e se ficará assombrado da maneira como o judaísmo-maçônico sugere aos legisladores e governantes todas as medidas que deseja por em prática. Fernand Fried, tratando da crise moderna (**de 1929**), diz, por ignorar a questão judaica (?), que nela, crise, "não há erro, mas fatalidade". Com efeito, o plano oculto é tão diabólico que se transformou para os povos cristãos num novo destino.

(3) Tudo o que aí está: separação dos interesses da indústria e do comércio dos interesses da terra, estiolamento e garroteamento da agricultura, especulação, luxo desbragado, tudo isso temos visto e estamos vendo.

(4) É o círculo vicioso de que fala F. Fried, op. cit. pág.122 : "Vemos, na economia mundial, que se defrontam, não só a oferta e a procura paralisadas, sem esperança de se tornarem a equilibrar; mas também, dum lado, os camponeses empobrecidos, incapazes de adquirir objetos manufaturados, máquinas e utensílios; do outro, as massas operárias tão empobrecidas que não podem mais satisfazer suas necessidades indiretas de matérias primas. Tanto menos o camponês *compra* trabalho quanto mais a produção da indústria diminui, aumentando o número de fábricas fechadas e de desempregados, e os operários compram em menor

quantidade de pão ao camponês. E o ciclo recomeça... O sistema está num beco sem saída. Os depósitos, as salas das fábricas sem vida, os exércitos de desempregados crescerão ainda, incharão e chegaremos a morte pelo congelamento da economia mundial..."

Já os créditos estão na maioria congelados, o que é significativo (**entre 1929 e 1936**)

O texto dos "Protocolos" data de 30 anos (**hoje de 100 anos, e continua sendo seguido a risca**); é o traçado maldoso do plano. O texto de Fried data de 5 anos: é a verificação inocente dos resultados do plano.

(5) Nos países de grandes massas camponesas, sobretudo, os judeus se entregam ao comércio das bebidas alcoólicas, propagando com rara habilidade o vício da embriaguês. (** Veja quem são os donos da gigantesca Seagram...**) Segundo o judeu Bernard Lazare, em "L'Antisémitisme", vol II, pág. 23, na Romênia, como aliás, na Rússia, "eles arrematavam o monopólio da venda das bebidas alcoólicas..." Idem, pág. 24: "pela lei de 1856, foi-lhes retirado o direito de vender bebidas alcoólicas". Em 1887, Calixto de Wolski escrevia em "La Russie Juive", pág. 55, que os judeus tinham obtido, na Rússia, "o direito de venda de aguardente nos botequins das pequenas cidades e dos campos, onde, para eles, a arte de embrutecer os camponeses pela embriaguês, o abuso e a propaganda das bebidas alcoólicas se tornou a mais produtiva das especulações."

(**conforme os protocolos: degenerar os povos cristãos ao mesmo tempo que se eleva explorando pelos vícios deles e acumulando riquezas através dessa indústria lucrativa do vício...**)

Na Europa Oriental, havia mesmo uma designação própria para os judeus que se ocupavam da venda de bebidas alcoólicas: eram os *felatakim*. Assim, desta vez, os "Protocolos" comprovam uma ação a que os judeus já se vinham entregando e continuam a entregar-se.

CAPÍTULO VII

Resumo.- Porque é preciso **aumentar os armamentos**. Fermentações, discórdias e ódios no mundo inteiro. Coação da oposição dos cristãos pelas guerras e pela guerra geral. O segredo é o penhor do êxito na política. A imprensa e a opinião pública. Os canhões americanos, japoneses e chineses.

O AUMENTO dos armamentos e do pessoal da polícia é um complemento imprescindível do plano que estamos expondo. É preciso que não haja mais, em todos os Estados, além de nós, senão massas de proletários, alguns milionários que nos sejam dedicados, policiais e soldados (1).

Em toda a Europa, bem como nos outros continentes, devemos suscitar agitações, discórdias e ódios. O proveito é duplo. Dum lado, manteremos, assim, em respeito todos os países, que saberão que poderemos, à nossa vontade, provocar a desordem ou restabelecer a ordem: todos esses países se habituarão, pois, a nos considerar como um fardo necessário. Do outro, nossas intrigas embrulharão todos os fios que estenderemos nos gabinetes governamentais por meio da política, dos contratos econômicos e dos compromissos financeiros. Para atingir nosso fim, precisaremos dar prova de grande astúcia no decurso dos entendimentos e negociações; mas no que se chama "a linguagem oficial", seguiremos uma tática oposta, parecendo honestos e conciliadores. De tal modo, os povos e os governos cristãos, que acostumamos a olhar somente a face do que lhe apresentamos, mais uma vez nos tomarão com benfeitores e salvadores da humanidade. A qualquer oposição, deveremos estar em condições de fazer declarar guerra pelos vizinhos da nação que ousar criar-nos embaraços (2); e, se esses próprios vizinhos se lembrarem de se aliar contra nós, devemos repeli-los por meio duma guerra geral.

O mais seguro caminho do êxito em política é o segredo de todas as empresas (e intenções); a palavra do diplomata não deve concordar com seus atos.

Devemos obrigar os governos cristãos a obrar de acordo com este plano, que amplamente concebemos e que já está

chegando à sua meta. A opinião pública ajudar-nos-á, essa opinião pública que o "grande poder", a imprensa, secretamente já pôs em nossas mãos. Com efeito, com poucas exceções, que não tem importância, a imprensa está toda em nossa dependência. Em uma palavra, para resumir nosso sistema de coação dos governos cristãos da Europa, faremos ver a um nossa força por meio de atentados, isto é, pelo terror; a todos, se todos se revoltarem contra nós, responderemos com os canhões americanos, chineses e japoneses (3).

_______________Notas e Comentários_______________

- (1) Parece não ser preciso comentar a "corrida armamentista" da qual diariamente falam os jornais, nem lembrar que as grandes fábricas de armas e munições, os grandes estaleiros de construções navais e o monopólio do níquel estão nas mãos de judeus... Por que não há meio dos governos decretarem que só o Estado pode fazer engenhos de guerra? Bastaria isto para diminuir os armamentos e as possibilidades de guerra. É bom, porém, notar o aumento visível de forças policiais (especiais) no mundo inteiro: Brigadas de Guardas Móveis na França, Brigadas de Choque na Áustria e na Espanha, Polícias Especiais no Brasil, etc...
- (2) Nos casos Ítalo-Etíope e da Renânia, é aparente, claro, o trabalho do judaísmo nesse sentido. Maçons e judeus chegaram a pregar na França a "guerra preventiva contra a Alemanha".
- (3) O plano judeu é, depois de armar os não-europeus, insuflar-lhes idéias socialistas ou imperialistas e lançá-los contra a Europa. Em "La crise du monde moderne", págs. 203-204, René Guénon pressentiu o problema: "Hoje existem orientais que mais ou menos estão completamente ocidentalizados (*ou melhor, judaizados*), que abandonaram sua tradição para adotar todas as aberrações do mundo moderno e esses elementos desviados, graças ao ensino das universidades européias e americanas, se tornam nas suas pátrias causas de perturbação ou agitação."
  Veja o comunismo anarquizando a China, o Turquestão, e a Pérsia, já tomando conta da Mongólia e pretendendo espraiar-se pela Ásia.

CAPÍTULO VIII

Resumo. - Uso equívoco do direito teórico. Os colaboradores do regime franco-maçon. Escolas particulares e de educação superior inteiramente particular. Economistas e milionários. A quem se devem confiar os postos de responsabilidade no governo.

DEVEMOS apropriar-nos de todos os instrumentos de que nossos adversários possam empregar contra nós.

Devemos buscar nas sutilezas e delicadezas da língua jurídica uma justificação para o caso em que tenhamos de pronunciar sentenças que possam parecer muito ousadas e injustas, porque é mister exprimir essas sentenças em termos que tenham a aparência de serem máximas morais muito elevadas, conservando seu caráter legal (1). Nosso regime deve rodear-se de todas as forças da civilização, no meio das quais deverá obrar. Rodear-se-á de publicistas, jurisconsultos experientes, administradores, diplomatas, enfim, homens preparados por uma educação superior especial em escolas especiais. Esses homens conhecerão todos os segredos da existência social, todas as linguagens formadas de letras ou de termos políticos, todos os bastidores da natureza humana, todas as cordas sensíveis que deverão saber tocar. Essas cordas são o feitio do espírito dos cristãos, suas tendências, seus defeitos, seus vícios e suas qualidades, suas particularidades de classe ou condição. Fica bem entendido que esses colaboradores de gênio do nosso governo não serão tomados entre os cristãos, habituados a fazer seu trabalho administrativo sem cuidar de sua utilidade. Os administradores cristãos assinam papéis sem ler; servem por interesse ou por ambição.

Rodearemos nosso governo por uma multidão de economistas. Eis porque as ciências econômicas são as mais importantes a serem ensinadas aos judeus. Rodear-nos-emos duma plêiade de banqueiros, industriais, capitalistas, e, sobretudo milionários, porque, em suma, tudo será decidido pelas cifras. Durante certo tempo, até o momento em que não houver mais perigo em confiar os postos de responsabilidade de nossos Estados a nossos irmãos judeus, confia-los-emos a indivíduos cujo passado e cujo caráter sejam tais que haja um abismo entre eles e o povo, a homens tais que, em caso de desobediência as nossas ordens, não lhe reste outra coisa a

esperar senão a condenação ou o exílio, a fim de que defendam nossos interesses até o derradeiro alento (2).

______________Notas e Comentários______________

(1) O culto do jurista, sobretudo do hermeneuta, na sociedade moderna, é resultado da propaganda judaica. Destina-se à criação desses juristas ocos e pretensiosos que servem, às vezes inconscientemente, a Israel e as sociedades secretas para irem subindo na vida. Os judeus têm de usar o direito teórico contra os cristãos, porque entre eles o nosso direito não tem curso e valia. Os judeus possuem um código de leis secreto que se denomina "Schulam Aruch", isto é, "A mesa servida", tirado do Talmud no século XVI pelo rabino José Auaro. A primeira edição foi feita em Veneza, em 1565. A segunda, revista, comentada e corrigida, pelo rabino Moses Isserles, se imprimiu em Cracóvia, em 1573. Os judeus ocultam e negam a existência desse código. Johann Andreas Eisenmenger, no século XVIII, Henrique George Loewe e João di Pauli, no século XIX, fizeram traduções que logo desapareceram de circulação. O Dr. Briman, que, sob o pseudônimo de Justus, publicou no "Der Iudenspiegel" ("O espelho judaico") alguns trechos do "Schulan Aruch", sofreu terríveis perseguições, que terminaram em retumbante processo.
Esse código não reconhece direito algum aos cristãos, nem de propriedade, nem de família; nega-lhes a faculdade de dar testemunho e permite que o judeu o roube e espolie. No "Stocken ha mischpath", 2,1, declara que o Beth-Dine pode condenar à morte, quando julgar isso oportuno, "mesmo se o crime não merecer a pena de morte".

(2) Cf. Icher, "Der Iudenspiegel in dichte der Harhbeit"; Henri Ellenberger, "Manuel d'Histoire", Tomo XVI; V. Dangen, "La loi sécrète juive"; Fara, "Le Schoulan Arouch", in "La libre parole", nº11, novembro de 1934.

(Nota para os dias atuais: note como o judeu distorce os conceitos a seu favor: classificam como propaganda de ódio toda crítica a seu respeito; usam e abusam de rótulos como "anti-semita", "racista" e "nazista" a qualquer um que se oponha a eles, de maneira covarde e difamatória. Porém agem dessa mesma maneira, ou também não é ódio o que eles promovem quando fazem propaganda anti-européia,

especialmente anti-alemã? Toda difamação de um povo, para sempre, também não é ódio? Todos os filmes que fazem contra os alemães não é ódio também? Quando elementos como Daniel Goldhagen expressam "pérolas" como "o mau gene alemão", isso não é propaganda de ódio, calúnia e difamação??? julgue você mesmo...)

(2) Eis porque aqueles que não conhecem os bastidores dos governos não podem compreender que só se escolham para os altos cargos indivíduos sem moral e sem dignidade. Os outros não servem a Israel. São afastados.

CAPÍTULO IX

Resumo.- Aplicação dos princípios maçônicos para refazer a educação dos povos. A palavra de ordem franco-maçônica. Importância do anti-judaísmo. As ditadura da franco-maçonaria. O terror. Aqueles que servem à franco-maçonaria. A força "inteligente" e a força cega dos reinos cristãos. Comunhão do poder com o povo. A arbitrariedade liberal. **Usurpação da instrução e da educação**. Interpretação das leis. Os metropolitanos.

NA APLICAÇÃO de nossos princípios, prestai atenção ao caráter do povo no meio do qual vos encontrardes e obrardes; uma aplicação geral e uniforme desses princípios, antes de refazermos a educação geral do povo, não logrará êxito. Mas aplicando-os prudentemente, vereis que se não passarão dez anos para se transformar o caráter mais obstinado e para que contemos mais um povo em nossa dependência.

Quando nosso reinado chegar, substituiremos nossa palavra de ordem - Liberdade, Igualdade e Fraternidade - não por outra palavra de ordem, porém pelas mesmas palavras transformadas em idéias; diremos: "direito à liberdade", "dever de igualdade" e "ideal de fraternidade...” Agarremos o touro pelos chifres... De fato, já destruímos todos os governos, exceto o nosso, embora haja ainda muitos governos de direito (1). Nos dias que correm, se alguns Estados levantam protestos contra nós, fazem-no pro-fórmula, e por nossa ordem, porque seu anti-judaísmo nos é necessário para governar nossos irmãos menores. Não vos explicarei isso mais claramente, porque esse assunto já foi tratado em nossos entendimentos.

Na realidade, não há mais obstáculos à nossa frente. Nosso Governo Supremo está em condições extra-legais que é conveniente denominar com um termo forte e enérgico: ditadura. Posso afirmar conscientemente que somos atualmente legisladores; pronunciamos as sentenças da justiça, condenamos à morte e perdoamos; estamos como chefes de nossas tropas montados no cavalo do general comandante. Governaremos com mão firme, porque nos apoderamos dos restos dum partido outrora forte e hoje submetido por nós. Temos nas mãos ambições desmedidas, muita avidez ardente, vinganças sem piedade. ódios e rancores (2).

De nós emana o terror que tudo invade (3). Temos a nosso serviço homens de todas as opiniões, de todas as doutrinas; restauradores de monarquias, demagogos, socialistas e comunistas (4) e toda a sorte de utopistas; atrelamos o mundo inteiro ao nosso carro: cada qual mina de seu lado os derradeiros restos do poder, esforçando-se por derrubar tudo o que ainda se mantém de pé. Todos os Estados sofrem com essas perturbações, pedem calma e estão dispostos a tudo sacrificar pela paz; mas nós não lhes daremos a paz, enquanto não reconhecerem nosso Governo Supremo, abertamente e humildemente.
O povo se pôs a gritar que é necessário resolver a questão social por meio dum acordo internacional. A divisão do povo em partidos pôs todos esses partidos à nossa disposição, porque para sustentar sua luta de emulação é preciso dinheiro e nós é que temos todo o dinheiro.

Poderíamos recear a aliança da força inteligente das pessoas reinantes com a força cega do povo, mas tomamos todas as medidas possíveis contra essa eventualidade: entre essas duas forças, erguemos a parede do medo recíproco. Deste modo, a força cega do povo é nosso apoio e seremos os únicos a guiá-la; saberemos dirigi-la com segurança para os nossos fins.
A fim de que a mão do cego não possa repelir a nossa direção, devemos estar de tempos em tempos em comunicação direta com ele, senão pessoalmente, pelo menos por meio de nossos mais fiéis irmãos. Quando formos um poder reconhecido, conversaremos nós mesmos com o povo nas praças públicas e o instruiremos sobre as questões políticas, no sentido que

julgamos necessário.

Como verificar o que lhe for ensinado nas escolas de aldeia? O que disser o enviado do governo ou a própria pessoa reinante não poderá deixar de ser logo conhecido em todo o Estado, porque será depressa espalhado pela voz do povo. Para não destruir prematuramente instituições dos cristãos, temos tocado nelas com habilidade, tomando em nossas mãos as molas de seu mecanismo. Essas molas estavam dispostas numa ordem severa, mas justa ; substituímo-la pela arbitrariedade desordenada. Tocamos na jurisdição, as eleições, na imprensa, na liberdade individual, e, sobretudo, na instrução e na educação, que são as pedras angulares da existência livre.

Mistificamos, embrutecemos e corrompemos a mocidade cristã por meio duma educação fundada em princípios e teorias que sabemos falsos e que são inspirados por nós. (5)

Por cima das leis existentes, sem mudá-las de modo essencial, porém somente as desfigurando por interpretações contraditórias, obtivemos resultados prodigiosos. Esses resultados manifestaram-se ao princípio em comentários que mascararam as leis e, em seguida, completamente as esconderam dos olhos dos governos incapazes de se orientarem numa legislação embrulhada. (6)
Daí a teoria do tribunal da consciência. Dizeis que se rebelarão de armas em punho contra nós, se, antes de tempo, ou tarde, se aperceberem da manobra, mas nesse caso, nos países ocidentais, lançaremos mão duma manobra tão terrível que as almas mais corajosas tremerão: os metropolitanos já estarão construídos em todas as capitais e fá-los-emos ir pelos ares com todas as organizações e documentos de todos os Estados (7).

__________Notas e Comentários__________

(1) Diz E. Eberlin em seu livro "Les Juifs", pág. 201: "Quanto mais uma revolução é radical, mais liberdade e igualdade resultam para os judeus. Toda nova corrente de progresso consolida a posição dos judeus."
B. Lazare, "L'Antisémitisme", vol II, pág. 17: "... a assimilação legal acabou na França, em 1830, quando Lafitte fez inscrever o culto judeu no orçamento. Era o *dasabamento definitivo do Estado Cristão*, embora o Estado Leigo ainda não estivesse completamente constituído. Em 1839, o derradeiro vestígio das

antigas separações entre judeus e cristãos desapareceu com a abolição do juramento *More Judaico.* A assimilação moral não foi assim tão completa." Idem, pág. 54: "Os israelitas deveram sua emancipação a um movimento filosófico c*oincidindo* (*é muita concidência!*) com um movimento econômico e não a abolição das prevenções seculares que existiam contra eles". Idem, pág 21-22: "Somente em 1848 os israelitas austríacos se tornaram cidadãos . Na mesma época, sua emancipação se fez na Alemanha, na Grécia, na Suécia, na Dinamarca. De novo, os judeus deveram sua independência ao espírito revolucionário, que, mais uma vez, vinha da França. Ewerbeck, em "Qu'est ce que la Bible?", Paris, 1850, págs. 628-660, traduz estes trechos de Karl Marx num artigo sobre Bruno Bauer: "O judeu trabalha em pról da idéia emancipadora universal... A emancipação judaica, na sua extrema significação, é a emancipação da humanidade dos laços que o judaísmo lhe impôs..."
(2) Cf. Polzer Hodlizt, "Kaiser Karl", Viena, 1929, págs. 302, 385, palavras atribuídas a Anatole France : "A democracia não tem coração nem entranhas. A serviço das forças do Ouro é sem piedade e desumana!"
Está conforme...

CAPÍTULO X

Resumo.- A força das coisas na política. A "genialidade" da baixeza. O que promete o golpe de Estado franco-maçônico.O sufrágio universal. A estima de si mesmo. Os chefes dos franco-maçons. O guia genial da franco-maçonaria. As instituições e suas funções. O veneno do liberalismo. A constituição é a escola das discórdias de partidos. A era republicana.Os presidentes são criaturas da franco-maçonaria. Responsabilidade dos presidentes. O "Panamá". O papel da Câmara dos Deputados e do Presidente. A franco-maçonaria é uma força legislativa. A nova constituição republicana. Passagem para a "autocracia" franco-maçônica. Momento da proclamação do "rei universal". Inoculação de doenças e outros malefícios da franco-maçonaria.

COMEÇO AGORA repetindo o que já disse e peço-vos que vos lembreis que os governos e os povos somente vêem a aparência das cousas. E como poderiam deslindar seu sentido íntimo, se seus representantes pensam, acima de tudo, em se divertirem? Importa muito para nossa política conhecer esse pormenor; ser-

nos-á de grande auxílio, quando passarmos à discussão da divisão do poder, da liberdade de palavra, de imprensa, de consciência, do direito de associação, da igualdade em face da lei, da inviolabilidade da propriedade, da habitação, do imposto, da força retroativa das leis. Todas essas questões são de tal natureza que nunca se deve tocar nelas direta e claramente diante do povo. No caso em que for necessário abordá-las, é preciso não as enumerar, porém declarar em bloco que os princípios do direito moderno serão reconhecidos por nós. A importância dessa reticência consiste no seguinte: um princípio não especificado deixa-nos a liberdade de excluir isto ou aquilo, sem que dêem pela cousa, enquanto que, enumerando, temos que aceitar o que for enumerado sem reserva.

O povo tem um amor especial e uma grande estima pelos gênios políticos e responde a todos os atos de violência com as palavras:"É um canalha, bem canalha, mas que habilidade!...Foi uma esperteza, mas bem feita, e como é insolente!" Contamos atrair todas as nações para a construção dum novo edifício fundamental, cujo plano traçamos (1). Eis porque precisamos, antes de tudo, fazer provisão de audácia e presença de espírito, qualidades que, na pessoa de nossos atores destruirão todos os obstáculos que se anteponham em nosso caminho. Quando tivermos dado o nosso golpe de Estado, diremos aos povos: "Tudo ia horrivelmente mal, todos sofreram mais do que aquilo que se pode suportar. Destruímos as causas de vossos tormentos, as nacionalidades, as fronteiras, as diversidades de moedas. Sem dúvida, tendes a liberdade de nos jurar obediência, mas podeis fazê-lo com justiça antes de experimentardes o que vos damos?"...Então eles nos exaltarão e carregarão em triunfo com um entusiasmo unânime de esperanças. **O sufrágio universal que criamos para ser o instrumento de nossa elevação**(2) e ao qual habituamos as mais ínfimas unidades de todos os membros da humanidade pelas reuniões de grupos e pelos conchavos, desempenhará pela última vez seu papel para exprimir o unânime desejo de a humanidade em nos conhecer de mais perto antes de nos julgar.

Para isso, precisamos levar toda a gente ao sufrágio universal, sem distinção de classe e de censo eleitoral, a fim de estabelecer o despotismo da maioria que não se pode obter das

classes censitárias inteligentes. Tendo, assim, habituado toda a gente a idéia de seu próprio valor, destruiremos a importância da família cristã e seu valor educativo(3), deixaremos que se produzam individualidades que a multidão, guiada por nós, não permitirá que se faça notar, nem mesmo que fale; estará acostumada a ouvir somente a nós, que lhe pagamos sua obediência e atenção. Desta sorte, faremos do povo uma força tão cega que, em toda a parte, só se poderá mover guiada pelos nossos agentes, postos em lugar de seus chefes naturais. Submeter-se-á a esse regime, porque saberá que desses novos chefes dependerão seus ganhos, os dons gratuitos e toda a espécie de bens.

Um plano de governo deve sair pronto duma única cabeça, porque seria incoerente, se diversos espíritos tomassem a si a tarefa de estabelecê-lo. Por isso, devemos conhecer um plano de ação, mas não discuti-lo, a fim de não quebrar seu caráter genial, a ligação entre suas várias partes, a força prática e a significação secreta de cada um de seus pontos. Se o sufrágio universal o discutir e modificar, guardará o vestígio de todas as falsas concepções dos espíritos que não terão penetrado a profundeza e a ligação dos desígnios. É necessário que nossos planos sejam fortes e bem concebidos. Por essa razão, não devemos lançar o trabalho genial de nosso chefe aos pés da multidão, nem mesmo desvendá-lo a um agrupamento restrito.

Esses planos não derrubarão no momento as instituições modernas. Mudarão somente a sua economia, e, por conseguinte, todo o seu desenvolvimento, que, assim, se orientarão de acordo com nossos projetos.
As mesmas cousas mais ou menos existem em todos os países com nomes diferentes: a Representação, os Ministérios, o Senado, o Conselho de Estado, o Corpo Legislativo e o Corpo Executivo. Não preciso explicar-vos o mecanismo das relações entre essas instituições, porque o conheceis bastante; notai somente que cada qual dessas instituições corresponde a alguma função importante do Estado e peço-vos notar ainda que é a função e não a instituição em si que considero importante; portanto, não são as instituições que são importantes, porém suas funções. As instituições dividiram entre si todas as funções do governo: funções administrativas, legislativa, executiva. Por isso elas trabalham no organismo do

Estado como os órgãos no corpo humano. Se prejudicarmos uma parte da máquina do Estado, o Estado ficará doente, como o corpo humano, e morrerá (4).

Quando introduzimos no organismo do Estado o veneno do liberalismo, toda a sua constituição política foi mudada: os Estados caíram doentes com uma doença mortal: a decomposição do sangue; não resta mais do que esperar o fim de sua agonia.

Do liberalismo nasceram os governos constitucionais, que substituíram, para os cristãos, a autocracia salutar, e a constituição, como bem o sabeis, não é mais do que uma escola de discórdias, de desinteligência, de discussões, de dissentimentos, de agitações estéreis dos partidos; em uma palavra, é a escola de tudo o que faz com que um Estado perca sua individualidade e sua personalidade. A tribuna, assim como a imprensa, condenou os governos à inação e a fraqueza; tornou-os pouco necessários, inúteis; é isso que explica que sejam derrubados. A era republicana se tornou, então, possível, quando substituímos o governante por uma caricatura de governo, por um presidente tomado na multidão, no meio de nossas criaturas, de nossos escravos. Aí está o fundo da mina que cavamos sob o povo dos cristãos, ou melhor, sob os povos cristãos.

Em um futuro próximo, criaremos a responsabilidade dos presidentes.
Então, faremos passar sem grande esforço cousas, cuja responsabilidade caberá a nossa criatura. Que nos importa que as fileiras daqueles que aspiram ao poder se tornem mais raras, que produzam, por falta de presidentes capazes, embaraços que desorganizarem completamente o país?(5)
Para chegar a esse resultado, maquinaremos a eleição de presidentes que tenham em seu passado uma tara oculta, algum "panamá". O receio de revelações, o desejo próprio a cada homem que chega ao poder de conservar seus privilégios, vantagens e honras ligadas à sua condição, farão com que sejam fiéis executores de nossas ordens. A câmara dos deputados cobrirá, defenderá, elegerá presidentes, porém nós lhe retiraremos o direito de propor leis, de modificá-las; esse

direito será atribuído ao presidente responsável, que se tornará mero joguete em nossas mãos.

O poder do governo se tornará, sem dúvida, o alvo de todos os ataques. Nós lhe daremos para sua defesa o direito de apelo à decisão do povo, sem ser pelo intermédio de seus representantes, isto é, recorrendo ao nosso servidor cego, a maioria. Daremos, além disso, ao presidente o direito de declarar guerra. Fundamentaremos este último direito, dizendo que o presidente, como chefe das forças armadas do país, deve ter ao seu dispor, para defender a nova constituição republicana, todas elas, pois será o representante responsável dessa constituição.

Nessas condições, o chefe do santuário estará em nossas mãos e ninguém, exceto nós, dirigirá mais a força legislativa. Demais, retiraremos à câmara, introduzindo na nova constituição republicana o direito de interpelação sob o pretexto de salvaguardar o segredo político. Restringiremos pela nova constituição o número dos representantes ao mínimo, o que terá por efeito diminuir tanto as paixões políticas quanto a paixão pela política. Se contra toda expectativa, elas despertarem mesmo nesse pequeno número de representantes, reduzi-lo-emos a nada, apelando para a maioria do povo...

Do presidente dependerá a nomeação dos presidentes e vice-presidentes da Câmara e do Senado. Em lugar das sessões parlamentares constantes, limitaremos a reunião dos Parlamentos a alguns meses. Além disso, o presidente, como chefe do poder executivo, terá o direito de convocar ou dissolver o parlamento, e no caso de dissolução, de adiar a nova convocação. Mas, para que as conseqüências de todos esses atos, na realidade ilegais, não recaiam sobre a responsabilidade do presidente, estabelecida por nós, o que prejudicaria nossos planos, sugerimos aos ministros e aos outros funcionários que rodeiem o presidente a idéia de passar por cima de suas disposições com as medidas que eles próprios tomem; deste modo, ficarão responsáveis em seu lugar... Aconselhamos confiar esse papel, sobretudo ao Senado, ao Conselho de Estado, ao Conselho de Ministros, de preferência a um indivíduo só. (6)

O presidente interpretará, dócil ao nosso desejo, as leis existentes, que possam ser interpretadas diferentemente; anula-las-á, quando lhe apontarmos essa necessidade; **terá o direito de propor leis provisórias** (MP) e até nova reforma da constituição, com o pretexto do supremo bem do Estado. Essas medidas nos darão o meio de destruir pouco a pouco, passo a passo, tudo o que, a princípio, quando de nossa tomada do poder, formos forçados a introduzir nas constituições dos Estados(7); passaremos daí, imperceptivelmente, à supressão de toda a constituição, quando chegar a hora de reunir todos os governos sob a nossa autocracia.

O reconhecimento de nossa autocracia pode ocorrer antes da supressão da constituição, se os povos fatigados pelas desordens e pela frivolidade de seus governantes exclamarem: "Expulsai-os e dai-nos um rei universal para que nos possa reunir e destruir as causas de nossas discórdias: as fronteiras das nações e religiões, os cálculos dos Estados; um rei que nos dê a paz e o repouso que não podemos (e pudemos) obter com nossos governantes e representantes!" Vós mesmo sabeis muito bem que, para tornar possíveis tais desejos, é preciso perturbar constantemente, em todos os países, as relações entre o povo e o governo, a fim de cansar todos pela desunião, pela inimizade, pelo ódio, mesmo pelo martírio, pela fome, pela inoculação de doenças(8), pela miséria, a fim de que os cristãos não vejam outra salvação senão recorrer à nossa plena e definitiva sabedoria (9)

Se dermos aos povos tempo para respirar, talvez jamais se apresente a ocasião favorável.

CAPÍTULO XI

Resumo.- O programa da nova constituição.

Alguns pormenores sobre o golpe

de Estado proposto. Os cristãos são carneiros.

A franco-maçonaria secreta e suas lojas de "fachada"

O CONSELHO de Estado será preposto a sublinhar o poder do governo; sob a aparência dum corpo legislativo, será, na realidade, uma comissão de redação das leis e decretos do governante.

Eis aqui o programa da nova constituição que elaboramos. Criaremos a lei, o direito e o tribunal: 1) sob a forma de propostas ao corpo legislativo; 2) por decretos do presidente sob a forma de ordens gerais, por atos do Senado e decisões do Conselho de Estado, sob a forma de ordens ministeriais; 3) no caso em que seja oportuno, sob a forma de golpe de Estado. Agora que, aproximadamente, estabelecemos esse modus agendi, ocupemo-nos das medidas que nos servirão para rematar a transformação do Estado no sentido que já expusemos. Refiro-me à liberdade de imprensa, ao direito de associação, à liberdade de consciência, ao princípio eletivo e a muitas outras coisas que deverão desaparecer do repertório ou serem radicalmente mudadas, quando for proclamada a nova constituição. Somente nesse momento ser-nos-á possível publicar ao mesmo tempo todas as nossas ordens. Em seguida, toda mudança sensível será perigosa e eis porque: se essa mudança se operar num sentido de rigorosa severidade, pode desencadear o desespero provocado pelo receio de novas modificações do mesmo teor; se pelo contrário, se operar no sentido de complacências ulteriores, dir-se-á que reconhecemos nossos erros e isto empanará a auréola de infalibilidade do novo poder ou dirão que tivemos medo e fomos obrigados a concessões que ninguém nos agradecerá, porque as julgarão devidas... Num e noutro caso, ficaria prejudicado o prestígio da nova constituição. Queremos que, no próprio dia de sua proclamação, quando os povos estiverem mergulhados no terror e na perplexidade, queremos que nesse momento, reconheçam que somos tão fortes, tão invulneráveis, tão poderosos que não fazemos o menor caso deles; que, não somente não daremos atenção às suas opiniões e aos seus desejos, mas estaremos prontos e preparados, com indiscutível autoridade, para reprimir qualquer expressão, qualquer manifestação desses desejos e opiniões; que nos apoderamos de uma só vez de tudo o que precisávamos e que, em caso algum, partilharemos com eles nosso poder(1)... Então, fecharão os olhos e esperarão os acontecimentos.

Os cristãos são um rebanho de carneiros e nós somos os lobos! E bem sabeis o que acontece aos carneiros quando os lobos penetram no redil! Fecharão ainda os olhos sobre tudo o mais, porque nós lhes prometeremos restituir todas as liberdades confiscadas, quando se aquietarem os inimigos da paz e os partidos forem reduzidos à impotência.

É inútil dizer que esperarão muito tempo esse recuo ao passado... Para que teríamos inventado e inspirado aos cristãos toda essa política, sem lhes dar os meios de penetrá-la, para que, senão para alcançar secretamente por não poder, como raça dispersa, alcançar diretamente? (2) Isso serviu de base à nossa organização da franco-maçonaria secreta(3), que ninguém conhece e cujos desígnios não são sequer suspeitados pelos tolos cristãos, atraídos por nós ao exército visível das lojas, a fim de desviar os olhares de seus próprios irmãos. Deus nos deu, a nós, seu povo eleito, a dispersão(4) e, nessa fraqueza de nossa raça se encontra a força que nos trouxe hoje ao limiar do domínio universal. Resta-nos pouca coisa a edificar sobre esses alicerces

_______________Notas e comentários_______________

(1) Foi o que praticaram na Rússia: apoderaram-se de tudo e fizeram o que quiseram sem dar satisfações a ninguém. Segundo documenta Pemjean, no "La Maffia Judeo-Maçonnique", págs. 227-231, a revolução bolchevista foi comanditada pelo judeu-norte-americano Jacob Schriff, chefe da firma bancária Kuhn, Loeb & Co., de Nova York, associado aos banqueiros judeus Felix Warburg e Otto Kahn. Foi esse mesmo grupo de negocistas que levou a presidência da República seu *testa de ferro* Hoover, com o fito de estabelecer a moratória do Plano Young, com o que, através da Alemanha humilhada, o judaísmo encheu o papo. Cf. Valéry-Radot, "Les temps de la colère", pág. 51. Os judeus Mortimer Schriff, irmão do banqueiro Jacob, Jeronimo H Hanauer, Guggenheim, Max Braitung e Warburg Stockolm, da gazeta novayorquina "Foward" ("Avante"), tomaram parte na organização e financiamento da revolução bolchevista russa por intermédio do judeu Bronstein que tomou o nome de Trostky. Tudo isso foi revelado em abril de 1917 pelo judeu Paulo Warbug, despeitado por ter sido posto fora do Federal Reserve Board. Ele fora amigo íntimo dos grandes propagandistas do judaísmo: o rabino Magnés e Jacob Millikow. Gozara da intimidade de Jacob Schriff. Tudo isso está comprovado por um documento autêntico dos Estados Maiores Francês e Russo, de 1916, publicado por Léon de Poncins em "Les forces secrètes de la Révolution", págs. 168-170.

(2) Essa política vem de muito longe, desde que os próprios cristãos, obedecendo a sugestões, intrigas e idéias maquiavélicas, quebraram a unidade do seu pensamento e de sua fé. "Foi o *espírito judaico* que triunfou com o protestantismo", afirma o judeu Bernard Lazare, "L'Antisémitisme", vol I, pág. 225. "O espírito judaico que penetrou a reforma trabalhou pelos judeus", diz o imparcialíssimo Georges Batault, "Le problème juif", pág. 188, nota. "O puritanismo é o judaísmo", diz Werner Sombart, "Die Juden und das Wirtschaftsleben", cap. XI, pág. 252, Cf. VII, 255.

(3) A loja maçônica dos B'nai-Brith, só de judeus, por exemplo.

(4) Nessa dispersão, o judeu, para se conservar puro e unido, criou o *ghetto*, que os ignorantes atribuem as perseguições dos cristãos. O imparcialíssimo Batault, op.cit. , pág.99, afirma: "se os judeus foram encerrados em *bairros especiais*, é porque foram os primeiros a desejar isso, o que seus costumes e convicções exigiam". O judeu B. Lazare, op. cit. , pág 206, confirma: " Os ghettos que, muitas vezes, os judeus aceitavam, e *mesmo procuravam*, no seu desejo de se separarem do mundo, de viverem à parte, sem se misturar com as nações, a fim de guardarem a integridade de suas crenças e de sua raça. Tanto assim que, em muitos países, os éditos que ordenavam aos judeus de se confinarem em bairros especiais somente consagravam um estado de coisas já existente."

Basta ver no Rio de Janeiro como os judeus se adensam do Campo de Sant'Ana ao Mangue, em São Paulo, da Luz ao Bom Retiro, transformando aqueles trechos das cidades em *bairros especiais* judaicos.

A esses bairros especiais nossos antepassados portugueses chamavam *judiaria, mouraria e bandél*; os alemães de *iudengassen*; os italianos *giudecca*. A palavra *ghetto* provém do hebraico *ghet*, que quer dizer divórcio, separação.

CAPÍTULO XII

Resumo.- Interpretação maçônica da palavra "liberdade".

Futuro da imprensa no reino dos franco-maçons.

O controle da imprensa.As agências de correspondentes.

Que é o progresso para os franco-maçons?A solidariedade dos

franco-maçons na imprensa moderna. Excitação das exigências "sociais"

provinciais. Infalibilidade do novo regime.

DEFINIREMOS da seguinte maneira a palavra "liberdade", que pode ser interpretada de vários modos:

A liberdade é o direito de fazer o que a lei permite(1). Tal interpretação da palavra liberdade nos tempos que vão vir fará com que toda liberdade esteja nas nossas mãos, porque as leis destruirão ou criarão o que nos for agradável, segundo o programa que já expusemos.

Com a imprensa, agiremos do seguinte modo. Que papel desempenha agora a imprensa? Serve para acender as paixões ou conservar o egoísmo dos partidos. Ela é vã, injusta e mentirosa e a maioria das pessoas não compreende absolutamente para que serve(2). Nós lhe poremos sela e fortes rédeas, fazendo o mesmo com todas as obras impressas, porque de que serviria nos desembaraçarmos da imprensa, se servíssemos de alvo à brochura e ao livro? Transformaremos a publicidade, que hoje nos custa caro, porque nos permite censurar os jornais, em uma fonte de renda para nosso Estado. Criaremos um imposto especial sobre a imprensa. Exigiremos uma caução, quando se fundarem os jornais ou oficinas de impressão. Assim, nosso governo ficará garantido contra qualquer ataque da imprensa. Oportunamente, aplicaremos multas sem piedade. Selos, cauções e multas darão enorme renda ao Estado.

É verdade que os jornais de partido poderiam ficar acima dos prejuízos em dinheiro; mas os suprimiremos logo ao segundo ataque. Ninguém tocará impunemente a auréola de nossa infalibilidade governamental. Pretextaremos, para suprimir um jornal, que ele agita os espíritos sem motivo e sem razão. Peço-vos notar que, entre os jornais que nos atacarem, haverá órgãos criados por nós, os quais atacarão somente os pontos, cuja modificação nós desejarmos(3).

Nada será comunicado à sociedade sem nosso controle. Esse resultado já foi alcançado em nossos dias, porque todas as notícias são recebidas por diversas agências, que as centralizam de toda a parte do mundo(4). Essas agências estarão, então, inteiramente em nossas mãos e só publicarão o que consentirmos.

Se no momento atual, já soubemos apoderar-nos dos espíritos das sociedades cristãs de tal modo que todos olham os acontecimentos mundiais através dos vidros de cor dos óculos que lhes pusemos nos olhos, se já, em nenhum Estado, não há mais fechaduras que nos impeçam o acesso de que os cristãos tolamente denominam segredos de Estado, o que será quando formos os donos reconhecidos do universo sob o domínio de nosso rei universal...?

Quem quer que deseje ser editor, bibliotecário ou impressor, será obrigado a obter um diploma, o qual, no caso de seu possuidor se tornar culpado dum malefício qualquer, será imediatamente confiscado.Com tais medidas, o instrumento do pensamento se tornará um meio de educação nas mãos de nosso governo, o qual não permitirá mais as massas populares divagarem sobre os benefícios do progresso (5). Quem é que, entre nós, não sabe que esses benefícios ilusórios levam diretamente a sonhos absurdos? Desses sonhos se originaram as relações anárquicas dos homens entre si e com o poder, porque o progresso, ou melhor, a idéia do progresso foi que deu a idéia de todas as emancipações, sem fixar os seus limites...(6). Todos aqueles que chamamos liberais são anarquistas, senão de fato, pelo menos de pensamento. Cada qual deles busca as ilusões da liberdade e cai na anarquia, protestando pelo simples prazer de protestar...

Voltemos à imprensa. Nós a gravaremos, como tudo quanto se imprima, com impostos em selo a tanto por folha ou página, e com garantias; os volumes de menos de 30 páginas serão tributados com o dobro. Registra-los-emos na categoria das brochuras, primeiro para reduzir o número de revistas, que são o pior dos venenos, segundo porque essa medida obrigará os escritores a produzirem obras muito longas, que serão pouco lidas, sobretudo por causa de seu custo. Pelo contrário, o que nós editarmos para muitos espíritos, na tendência que tivermos estabelecido, será barato e lido por toda a gente. O imposto matará o vão desejo de escrever e o temor da punição porá os literatos na nossa dependência.

Se houver quem deseje escrever contra nós, não haverá ninguém quem imprima. Antes de aceitar uma obra para imprimir, o editor ou impressor consultará as autoridades a fim de obter a necessária autorização. Deste modo, conheceremos de antemão as emboscadas que nos armem e as destruiremos, dando explicações com antecedência sobre o assunto tratado.

A literatura e o jornalismo são as duas forças educativas mais importantes; por isso, nosso governo será proprietário da maioria dos jornais. Assim, a influência perniciosa da imprensa particular será neutralizada e adquiriremos enorme influência sobre os espíritos. Se autorizarmos dez jornais, fundaremos logo trinta, e assim por diante.

O público nem desconfiará disso. Todos os jornais editados por nós terão, aparentemente, tendências e opiniões as mais opostas, o que despertará a

confiança neles, e atrairá a eles nossos adversários confiantes, que cairão na armadilha e se tornarão inofensivos. (7)

Os órgãos de caráter oficial virão em primeiro plano. Velarão sempre pelos nossos interesses e por isso sua influência será quase nula. No segundo plano, virão os oficiosos, cujo papel será atrair os indiferentes e amorfos. No terceiro plano, poremos a pretensa oposição. Um órgão pelo menos deve ser sempre o antípoda de nossas idéias(8).

Nossos adversários tomarão esse falso opositor como seu aliado e nos mostrarão seu jogo. Nossos jornais serão de todas as tendências: uns aristocráticos; outros, republicanos, revolucionários, ou mesmo anarquistas, enquanto existir a constituição, bem entendido.

Terão, como o deus hindú Vichnú, cem mãos, cada uma das quais acelerará a mudança da sociedade(9); essas mãos conduzirão a opinião no sentido conveniente aos nossos fins, porque um homem muito agitado perde a faculdade de raciocinar e facilmente se abandona à sugestão. Os imbecis que pensarem que repetem a opinião de seu partido repetirão a nossa opinião ou a que nos convier. Imaginarão que seguem o órgão de seu partido e seguirão, na realidade, a bandeira que arvorarmos por ele.

Para dirigir nesse rumo nosso exército de jornalistas, deveremos organizar essa obra com cuidado muito especial. Sob o nome de escritório central de imprensa, organizaremos reuniões literárias, nas quais nossos agentes dirão, sem que ninguém desconfie, a palavra de ordem e os sinais. Discutindo e contradizendo nossa iniciativa de modo superficial, sem penetrar no âmago das questões, nossos órgãos entreterão vaga polêmica com os jornais oficiais, a fim de nos dar os meios de nos pronunciarmos mais claramente do que o poderíamos fazer nas nossas primeiras declarações oficiais.

Esses ataques desempenharão ainda o papel de fazer com que nossos súditos se julguem garantidos de falar livremente; isso dará, demais, a nossos agentes motivo para dizerem e afirmarem que os órgãos que se declaram contra nós nada mais fazem do que falar a toa, pois que não podem achar verdadeiras razões para refutar seriamente nossas medidas.

Tais processos, despercebidos da opinião pública, porém seguros, certamente atrairão para nós a atenção e a confiança pública. Graças a

eles, excitaremos e acalmaremos, conforme for preciso, os espíritos, nas questões políticas, persuadindo-os ou desanimando-os, imprimindo ora a verdade, ora a mentira, confirmando os fatos, ou contestando, segundo a impressão que fizerem no público, apalpando sempre prudentemente o terreno antes de dar um passo...Venceremos infalivelmente nossos adversários, porque eles não terão à sua disposição órgãos em que se possam pronunciar até o fim, devido as medidas a que já aludimos. Não teremos necessidade de refutá-los profundamente...

Refutaremos energicamente em nossos órgãos oficiosos os balões de ensaio lançados por nós na terceira categoria de nossa imprensa, em caso de necessidade.

Já agora, nas formas do jornalismo francês, pelo menos existe uma solidariedade franco-maçônica. Todos os órgãos da imprensa estão ligados entre si pelo segredo profissional; semelhantes aos antigos augurem, nenhum de seus membros revelará o segredo de suas informações, se não receber ordem para isso. Nenhum jornalista ousará trair esse segredo, porque nenhum deles será admitido na órbita da literatura, se não tiver uma mancha em seu passado; essa mancha seria imediatamente revelada. Enquanto tais manchas forem conhecidas somente por alguns, a auréola do jornalista atrairá a opinião da maioria do país e ele será seguido com entusiasmo. (10).

Nossos cálculos se estendem, sobretudo para a província. É necessário que nela excitemos esperanças e aspirações opostas às da capital que faremos passar como espontâneas. é claro que a fonte será sempre a mesma: elas partirão de nós. Enquanto não desfrutarmos o poder de modo completo, teremos a necessidade de envolver as capitais pelas opiniões dos povos da província, isto é, pelas opiniões da maioria manobrada por nossos agentes. É necessário que as capitais, no momento psicológico, não discutam o fato consumado, por isso é que já foi aceito pela opinião provincial.

Quando entrarmos no novo regime que preparará nosso reinado, não poderemos tolerar a revelação da desonestidade pública pela imprensa; será necessário que se creia que o novo regime satisfez tão bem toda a gente que os próprios crimes desapareceram... Os casos de manifestação da criminalidade não deverão ser conhecidos de suas vítimas e de suas testemunhas acidentais (11).

_______________Notas e comentários_______________

(2) Para mostrar como o judeu manobra a imprensa, corrompe-a e por meio dela estabelece a confusão, basta o seguinte exemplo: no dia 14 de abril de 1936, o "Diário da Noite", do Rio de Janeiro estampou um editorial, "Os judeus no Brasil", elogiando a ação dos israelitas através de nossa história e condenando qualquer campanha *racista*; no dia 16 do mesmo mês e ano, o "Diário de São Paulo", publicou um artigo de redação "Campanha Injustificável", abundando em idênticas considerações afirmando que os judeus são uma força do progresso nacional e chamando de "abastardamento espiritual" qualquer campanha contra eles; anteriormente, num artigo contra o judeu Oscar Flues, o jornalista Oswaldo Chateaubriand, escrevia as seguintes palavras: "*...agradecerá de havermos feito com esse porco o serviço que a Alemanha racista põe em prática em relação a tipos dessa ordem, quando sanea a nação das podridões inevitáveis*"*...* Ora, o "Diário da Noite" e o "Diário de São Paulo" pertencem ao mesmo consórcio jornalístico denominado "Diários Associados", de propriedade do sr. Assis Chateaubriand, e o sr. Oswaldo Chateaubriand é irmão do sr. Assis e diretor do "Diário de São Paulo"... Decifre-se o enigma!

(3) Em outro ponto deste capítulo dos "protocolos", este pensamento é ainda mais explícito, como veremos.

(4) "La Libre Parole", de Paris, tem denunciado documentadamente que as agências internacionais como a Havas, a United Press, etc... Estão na mão dos judeus.

(5) Esse *desideratum* já foi conseguido na Rússia, onde só o Estado é editor de livros, revistas, folhetos e jornais.

(6) É o chamado espírito revolucionário. O judeu encarna-o. Cf. Gougenot des Mosseaux, "Le juif, le judaisme et la judaisation des peuples chrétiens", pág. 25, : "O judeu é o preparador, o maquinador, o engenheiro-chefe das revoluções". B. Lazare, "L'Antisémitisme", vol II, pág. 182: "A acusação dos anti-semitas parece fundada: o judeu tem o espírito revolucionário; consciente ou não, é um agente de revolução”.Ed. Laveleye, op. cit., pág.13, introdução: "Foi da Judéia que saiu o fermento da revolução que agita o mundo".

Kadmi-Cohen, "Nômades", pág.6 : "É (*o conceito semita*) quem as provoca (*convulsões e revoluções*), as dirige, as alimenta, e as detém... Dia virá em que o modo de pensar instituído pelo conceito semita triunfará..." Idem, pág. 58: " O entusiasmo passional negativo dos judeus os mantém durante dois mil anos em estado de franca rebelião contra o mundo inteiro." Idem,

pág. 61: "Nem o árabe, nem o hebreu possuem uma palavra para exprimir a idéia de disciplina. A ausência da palavra no vocabulário prova a ausência da noção no espírito."

Eberlin, "Les juifs", pág. 143: "os judeus não puderam manter seu Estado entre os Estados da Antiguidade e, fatalmente, se tornaram os fermentos revolucionários do universo".

G. Batault, "Le problème juif", pág. 129: "o judaísmo é, efetivamente, a encarnação do Espírito de Revolta, o fermento de destruição e dissolução das sociedades e das nações" idem, pág. 200: " Dum ponto de vista elevado, pode-se, com justiça, falar da judaização das sociedades contemporâneas e da cultura moderna. Estamos dominados por princípios ético-econômicos saídos do judaísmo, e o espírito de revolta que agita o mundo o inclinará ainda a se enterrar mais nesse sentido. "

Cf. ainda Baruch Hagani, escritor judeu e sionista, "Le sionisme politique", Paris, 1917, págs. 27-28.

Gregos e Troianos, todos estão de acordo quanto ao espírito revolucionário judaico. Os "Protocolos" também, pois, são a quintessência do pensamento judaico, como vamos provando.

(7) Ver a nota 2, *com atenção*.

(8) Tomai, pois, muita cautela com certos jornais que se fingem anti-judaicos. Cuidado com o anti-judaísmo do Sr. Geraldo Rocha, antigo servidor de Israel!

(9) V. o que diz Ford no "O Judeu Internacional" : "por trás de espetaculares aparências, se oculta um Proteu"... Tudo isso e o que se segue sobre a imprensa merece ser meditado e comparado com a realidade. Então se verificarão coincidências e fatos que se não tinham percebido. Continuando a observar, verifica-se que tudo obedece a um sistema de articulação secreto...

(10) Cautela com os antigos sócios ou assalariados de judeus, que, dizendo-se outrora ignorantes e pecadores e agora esclarecidos e arrependidos, fazem campanha superficial e de efeito contra Israel... Quem andou de grilheta sempre arrasta a perna... Lembrai-vos dos inúmeros

braços do Vichnú dos "Protocolos" e das inúmeras formas do Proteu de Henry Ford.

L. Durand chama ao judaísmo o Polvo Gigante... Cuidado com os jornais como "A Nota", cujo dono já foi braço direito dos judeus!...

(11) O contrário justamente do que a imprensa faz hoje, desmoralizando com o escândalo e a sociedade e os homens públicos.

CAPÍTULO XIII

Resumo. - A necessidade do pão quotidiano.

As questões políticas. As questões industriais. As diversões.

As casas do povo. A verdade é uma só. Os grandes problemas.

A NECESSIDADE do pão quotidiano impõe silêncio aos cristãos, e fez deles nossos humildes servidores. Os agentes tomados entre eles para a nossa imprensa discutirão por nossa ordem o que nos convier fazer imprimir diretamente em documentos oficiais, e nós mesmos, durante esse tempo, aproveitando o rumor provocado por essas discussões, tomaremos as medidas que nos parecerem úteis e as apresentaremos ao público como fato consumado. Ninguém terá a audácia de reclamar a anulação do que tiver sido decidido, tanto mais quanto será apresentado como um progresso. A imprensa, aliás, chamará logo a atenção para novas questões. Temos, como sabeis, homens acostumados a procurar sempre novidades. Alguns imbecis, acreditando-se instrumentos de sorte, se lançarão sobre essas novas questões, sem compreender que nada entendem do que querem discutir(1). As questões da política não são acessíveis a ninguém, exceto àqueles que as criaram, há muitos séculos, e que as dirigem.

Por tudo isso, vereis que, procurando a opinião da multidão, não fazemos mais do que facilitar a realização de nossos desígnios, e podeis notar que parecemos buscar a aprovação de nossos atos, mas de nossas palavras pronunciadas nesta ou naquela ocasião. Proclamamos constantemente que, em todas as nossas medidas, tomamos por guia a esperança unida à certeza de ser útil ao bem de todos.

Para afastar os homens muito inquietos das questões políticas, poremos

antes das pretensas questões novas questões industriais. Que gastem sua fúria nesse assunto. As massas consentirão em ficarem inativas, a repousar de sua pretensa atividade política, (a que nós mesmos as habituamos, a fim de lutar por seu intermédio contra os governos dos cristãos), com a condição de ter novas ocupações; nós lhe inculcaremos mais ou menos a mesma direção política. A fim de que nada consigam pela reflexão, nós as desviaremos pelos jogos, pelas diversões, pelas paixões, pelas casas do povo...Em breve, proporemos pela imprensa concursos de arte, de esporte, de toda a espécie: esses interesses alongarão definitivamente os espíritos das questões em que teríamos de lutar com eles (2). Desabituando-se os homens cada vez mais de pensar por si, acabarão por falar unanimemente de nossas idéias, porque seremos os únicos que proporemos novos rumos ao pensamento... por intermédio de pessoas que se não suspeite sejam solidárias conosco (3).

O papel dos utopistas liberais estará definitivamente encerrado, quando nosso regime for reconhecido. Até lá, nos prestarão grande serviço. Por isso, impeliremos os espíritos a inventar toda a espécie de teorias fantásticas, modernas e pretensamente progressistas; porque teremos virado a cabeça a esses cristãos imbecis, com pleno êxito, por meio dessa palavra progresso, não havendo uma só mentalidade entre eles que veja que, sob, essa palavra, se esconde um erro em todos os casos em que não se tratar de invenções materiais, porque a verdade é uma só e não poderia progredir. O progresso, como idéia falsa, serve para obscurecer a verdade, a fim de que ninguém a conheça, salvo nós, os eleitos de Deus e sua guarda.

Quando vier o nosso reinado, nossos oradores raciocinarão sobre os grandes problemas que emocionaram a humanidade, para lavá-la afinal ao nosso regime salutar. Quem duvidará, então, que todos esses problemas foram inventados por nós de acordo com um plano político que ninguém adivinhou durante séculos?

_______________Notas e comentários_______________

(1) "Fujam das novidades", já aconselhava há muitos séculos um grande papa, S. Diniz, ao patriarca de Alexandria.

(2) Vede, como o panorama dos concursos de beleza, das competições esportivas, dos reides, dos recordes de velocidade, de tudo quanto nesse setor apregoa retumbantemente a imprensa, afasta a maioria do povo dos

assuntos sérios, da meditação sobre seus próprios interesses que são os interesses da pátria.

(3) O Sr. Geraldo Rocha, que hoje combate os judeus, foi quem introduziu no Brasil os concursos de Rainha de Beleza, pela "A Noite", de parceria com o judeu de Waleffe...

Vede como os concursos, hoje, em plena voga, concursos de toda a espécie, foram anunciados com décadas de antecedência. É notável! E ainda há coragem para negar a autenticidade dos "Protocolos"!

(3) Algumas mesmo fingem atacar o judaísmo.

CAPÍTULO XIV

Resumo.- A religião do futuro. A servidão futura.

Impossibilidade de conhecer os mistérios da religião do porvir.

A pornografia e o futuro da palavra impressa.

QUANDO vier nosso reino, não reconheceremos a existência de nenhuma outra religião(1) a não ser a de nosso Deus Único, com a qual nosso destino está ligado, porque somos o Povo Eleito, pelo qual esse mesmo destino está unido aos destinos do mundo. Por isso, devemos destruir todas as crenças. Se isso faz nascer os ateus contemporâneos, esse grau transitório não prejudicará nossa finalidade, mas servirá de exemplo às gerações que ouvirão nossas prédicas sobre a religião de Moisés, cujo sistema estóico e bem concebido terá produzido a conquista de todos os povos. Faremos ver nisso sua verdade mística, em que, diremos, repousa toda a sua força educativa. Então publicaremos em todas as ocasiões artigos em que compararemos nosso regime salutar com os do passado. As vantagens do repouso obtido após séculos de agitação porão em relevo o caráter benéfico de nosso domínio. Os erros das administrações dos cristãos serão descritos por nós com as cores mais vivas. Excitaremos tal repugnância por eles que os povos preferirão a tranqüilidade da servidão aos direitos da famosa liberdade que tanto tempo os atormentou, que lhes tirou os meios de vida, que os fez serem explorados por uma tropilha de aventureiros, os quais nem sabiam o que estavam fazendo...As inúteis mudanças de governo a que impelimos os cristãos, quando minávamos seus edifícios governamentais, terão de tal jeito fatigado os povos que preferirão tudo

suportar de nós ao risco de novas agitações. Sublinharemos muito particularmente os erros históricos dos governos cristãos, que por falta dum bem verdadeiro, atenazaram durante séculos a humanidade, na busca de ilusórios bens sociais, sem dar fé que seus projetos somente faziam agravar, ao invés de melhor, as relações gerais da vida humana. Nossos filósofos discutirão todos os defeitos das crenças cristãs, mas ninguém poderá discutir jamais nossa religião, de seu verdadeiro ponto de vista, por que ninguém a conhecerá a fundo, salvos os nossos, os quais nunca ousarão trair seus segredos...

Nos países que se denominam avançados, criamos uma literatura louca, suja, abominável. Estimulá-la-emos ainda algum tempo após nossa chegada ao poder, a fim de bem fazer ressaltar o contraste de nossos discursos e programas com essas torpezas...

Nossos Sábios, educados para dirigir os cristãos, comporão discursos, projetos, memórias, artigos, que nos darão influência sobre os espíritos e nos permitirão dirigi-los para as idéias e conhecimentos que quisermos impor-lhes.

_______________Notas e comentários_______________

(1)É o que já se dá na Rússia. Num discurso célebre de Stálin, genro do judeu Kaganovitch, dono do antigo Império do Czar, o atual Czar Vermelho, disse: "Em 1º de maio de 1937, não deverá haver nenhuma igreja mais em toda Rússia. A idéia de Deus deverá ser desprezada como um resto da Idade-Média, como um instrumento que serviu de opressão ao proletariado."

(2)

(2) Está veladamente assinalado aqui, sob os véus enganadores da religião de Moisés, o *mamonismo*, o culto do Anticristo, que começa na Rússia com as romarias ao túmulo de Lenine, junto ao qual, segundo documentos citados por Salluste, em "Les origenes sécrètes du bolchevisme", já se fizeram até sacrifícios sangrentos (** veja a respeito em Jewish Ritual Murder**). Valéry-Radot em "Les temps de la colère", descobre na religião que o judaísmo quer impor ao mundo "certa sedução tenebrosa, mais poderosa e mais oculta..."

(3)

A *surata* 20 do capítulo LXIII do Corão declara, referindo-se aos judeus: "Satan apoderou-se deles. Eles formam o partido de Satan". Não são o único povo deicida?... Dá o que pensar!...

CAPÍTULO XV

Resumo: Golpe de Estado mundial em um dia. As condenações à morte. A futura sorte dos franco-maçons cristãos. O caráter místico do poder. Multiplicação das lojas maçônicas. A administração central dos Sábios. A questão Azef. A franco-maçonaria é o guia de todas as sociedades secretas. A importância do êxito público. O coletivismo. As vítimas. As condenações à morte de franco-maçons. Queda do prestigio das leis e da autoridade. A pre-eleição. Brevidade e clareza das leis do reino futuro. Obediência à autoridade. Medidas contra o abuso de poder. Crueldade das punições. Limite de idade para os juízes. O liberalismo dos juízes e do poder. O dinheiro mundial. O absolutismo da franco-maçonaria. Direito de cassação. O "aspecto" patriarcal do futuro "governo". O direito do mais forte como direito único. O rei de Israel é o patriarca do mundo (O Anticristo).

Quando, afinal, começarmos a reinar com o auxílio de golpes de estado preparados em toda parte para o mesmo dia, depois da confissão da nulidade de todos os governos existentes (ainda passará muito tempo antes disso, talvez um século), providenciaremos para que não haja conspiratas contra nós. Para esse efeito, condenaremos à morte todos os que receberem nosso advento de armas em punho. Toda nova criação de qualquer sociedade secreta será punida com a morte. Aquelas que ora existem, que conhecemos, que nos serviram e que ainda nos servem, serão abolidas e somente permitidas nos continentes afastados da Europa. Assim, trataremos os franco-maçons cristãos que saibam demasiado; os que pouparmos por qualquer razão viverão no perpétuo temor do exílio para essas regiões(1).

Publicaremos uma lei, segundo a qual os antigos membros das sociedades secretas deverão deixar a Europa, centro de nosso governo.(2)As decisões de nosso governo serão definitivas e sem apelo. Nas sociedades cristãs em que semeamos tão profundas raízes de dissensão, e protestantismo (no sentido de protesto), só se pode restabelecer a ordem por meio de medidas cruéis, que demonstrem a inflexibilidade do poder: é inútil prestar atenção às vitimas que caiam em holocausto ao bem futuro. O dever de todo governo que reconhece que existe não é somente gozar seus privilégios, mas exercer seus deveres e alcançar o bem, embora à custa dos maiores sacrifícios. Para um governo ser inabalável, é preciso reforçar a auréola de sua força, o que só se obtém mediante a majestosa inflexibilidade do poder,

que deve possuir os sinais duma inviolabilidade mística, da escolha feita por Deus. Assim era até seus últimos tempos a autocracia russa- nosso único inimigo sério no mundo inteiro, com o papado.(3). Lembrai-vos o exemplo da Itália, ensopada de sangue, não ousando tocar em um cabelo de Sila, que derramara esse sangue: Sila estava divinizado pelo seu poder aos olhos do povo, martirizado por ele, e sua volta audaciosa à Itália o tornava inviolável... O povo não toca naquele que o hipnotiza pela sua coragem e fortaleza de alma(4).

Mas, esperando nosso advento, criaremos e multiplicaremos, pelo contrário, as lojas maçônicas em todos os países do mundo, atraindo para elas todos os que são ou possam ser agentes proeminentes. Essas lojas formarão nosso principal aparelho de informações e o meio mais influente de nossa atividade. Centralizaremos todas essas lojas em uma administração que somente nós conheceremos, composta pelos nossas Sábios. As lojas terão seu representante, atrás do qual estará escondida a administração de que falamos, e será esse representante quem dará a palavra de ordem e o programa. Formaremos nessas lojas o núcleo de todos os elementos revolucionários e liberais. Elas serão compostas por homens de todas as camadas sociais. Os mais secretos projetos políticos ser-nos-ão concedidos e cairão sob a nossa direção no próprio momento em que apareçam. No número dos membros dessas lojas se incluirão quase todos os agentes da polícia nacional e internacional, como na questão Azef, porque seu serviço é insubstituível, para nós, visto como a polícia, pode não só tomar medidas contra os recalcitrantes, como cobrir nossos atos, criar pretextos de descontentamentos, etc... Aqueles que entram para as sociedades secretas são ordinariamente ambiciosos, aventureiros, e em geral, homens na maioria levianos, com os quais não teremos grande dificuldade em nos entendermos para realizar nossos projetos. (5).

Se se verificarem desordens, isto significará que tivemos necessidade de perturbações, para destruir uma solidariedade demasiado grande. Se houver um conspirata no seu seio, o chefe da mesma somente poderá ser um de nossos mais fiéis servidores. É natural que sejamos nós e ninguém mais quem conduza os negócios da franco-maçonaria, porque nós sabemos aonde vamos, conhecemos a finalidade de toda a ação, enquanto que os cristãos nada sabem, nem mesmo o resultado imediato; geralmente se contentam com um êxito momentâneo de amor próprio na execução de seu plano, sem mesmo dar fé que esse plano não provém de sua iniciativa, mas que lhes foi por nós sugerido.

Os cristãos entram nas lojas por curiosidade ou com a esperança de comer uma fatia do bolo público com nosso auxílio, alguns até para ter a possibilidade de exprimir diante duma assistência seus sonhos irrealizáveis e sem base: têm a sede da emoção, do êxito e dos aplausos, que nós dispensamos sempre sem avareza. Nós lhes damos esse êxito para aproveitar o contentamento próprio que dele resulta e graças ao qual os homens aceitam nossas sugestões sem se dar conta disso, plenamente persuadidos que exprimem em sua infalibilidade suas idéias e que são incapazes de se apropriarem das dos outros...Não podeis imaginar como se podem levar os cristãos mais inteligentes a uma ingenuidade inconsciente, com a condição de torná-los contentes com eles mesmos, e , ao mesmo tempo, como é fácil desencorajá-los com o menos revés, embora somente fazendo cessar os aplausos, o que os obriga a uma obediência servil, a fim de obter novo triunfo...(6).

Tanto os nossos desdenham esses triunfos, contanto que realizem nossos projetos, quanto os cristãos estão prestes a sacrificar seus projetos, contanto que consigam o êxito. Essa psicologia facilita consideravelmente a tarefa de dirigi-los. Esses tigres na aparência têm almas de carneiro e suas cabeças são inteiramente vazias. Demos-lhes, como isca, o sonho da absorção da individualidade humana na unidade simbólica do coletivismo. Ainda não desconfiaram nem desconfiarão tão cedo que essa isca é uma evidente violação da mais importante das leis da natureza, que fez, desde o primeiro dia da Criação, cada ser diferente dos outros, precisamente porque afirma sua individualidade (7).

O fato de os termos podido conduzir a essa loucura e cegueira prova com a maior clareza como seu espírito é pouco desenvolvido em relação ao nosso? Essa circunstância é a maior garantia de nosso êxito. Como nossos antigos sábios foram clarividentes, dizendo que, para atingir um fim, não se devem olhar os meios e contar o número de vítimas sacrificadas! Não temos contado as vítimas dos brutos cristãos e, embora tenhamos sacrificado muitos dos nossos, demos na terra ao nosso povo um poder com que ele nunca ousara sonhar. As vítimas relativamente pouco numerosas dos nossos o têm preservado de sua perda.

A morte é o fim inevitável de todos. Vale mais acelerar o fim daqueles que põem obstáculo à nossa obra do que o nosso, pois que criamos essa obra. Daremos a morte aos franco-maçons de maneira que ninguém, salvo seus irmãos, possa desconfiar, nem mesmo as próprias vítimas de nossas condenações; morrerão todos, quando se tornar necessário, como se fosse

de doença natural...(8) Sabendo disso, a própria confraria não ousará protestar. Essas medidas extirparão do seio da franco-maçonaria todo germe de protesto. Pregando aos cristãos o liberalismo, mantemos nosso povo e nossos agentes numa obediência completa.

Graças à nossa influência, a execução das leis dos cristãos está reduzida ao mínimo. O prestígio das leis foi minado pelas interpretações liberais que nelas introduzimos. Nas causas e questões de política e princípio, os tribunais decidem, como lhes prescrevemos, vendo as cousas pela face que lhes apresentamos. Servimos-nos para isso do intermédio de pessoas com as quais ninguém pensa que tenhamos nada de comum, da opinião dos jornais e de outros meios ainda. Os próprios senadores e a administração superior aceitam cegamente nossos conselhos. O espírito puramente animal dos cristãos não é capaz de análise e de observação, ainda menos de prever aonde podem levar certos modos de apresentar uma questão.(9). É nessa diferença de aptidão, para pensar, entre nós e os cristãos que se pode ver claramente o sinal de nossa eleição e a marca de nossa humanidade. O espírito dos cristãos é instintivo, animal. Eles vêem, mas não prevêem e não inventam, salvo as cousas materiais. Vê-se por aí com a maior clareza que a própria natureza nos destinou para dirigir e governar o mundo.

Quando chegar o tempo de governarmos abertamente e de mostrarmos os benefícios de nosso governo, refaremos todas as legislações: nossas leis serão breves, claras, inabaláveis, sem comentários, tanto que todos as poderão conhecer bem. O traço predominante dessas leis será a obediência às autoridades levada a um grau grandioso. Então, todos os abusos desaparecerão em virtude da autoridade superior do representante de todos até o último perante a autoridade superior do representante do poder. Os abusos o poder dos funcionários inferiores serão punidos tão severamente que cada um deles perderá a vontade de tentar a experiência. Seguiremos com um olhar inflexível cada ato da administração de que dependa a marcha da máquina governamental, porque a licença na administração produz a licença universal: todo caso de ilegalidade ou abuso será punido de maneira exemplar. O roubo, a cumplicidade solidária entre funcionários administrativos desaparecerão após os primeiros exemplos dum castigo rigoroso(10). A auréola de nosso poder exige punições eficazes, isto é, cruéis, a menor infração das leis, porque qualquer infração atinge o prestígio superior da autoridade. O condenado severamente punido será como um soldado que tombou no campo de batalha administrativo pela Autoridade, os Princípios e a Lei, que não admitem que o interesse particular domine a função pública, mesmo por parte daqueles que dirigem

o carro da sociedade. Nossos juízes saberão que, querendo gabar-se da tola misericórdia, violam a lei da justiça, instituída para edificar os homens, castigando os crimes, e não para que juízes mostrem a sua generosidade.É permitido dar provas dessas qualidades na vida privada, mas não na vida pública, que é como que a base de educação da vida humana.

Nosso pessoal judiciário não poderá servir depois de cinqüenta e cinco anos, em primeiro lugar, porque os velhos são mais arraigados às suas opiniões preconcebidas e menos aptos a obedecer às novas ordenações, em segundo porque isso nos permitirá mais facilmente renovar esse mesmo pessoal, o qual , assim, nos ficará mais submetido: quem quiser conservar seu posto terá de obedecer cegamente, a fim de merecer esse favor. Em geral, nossos juízes serão escolhidos por nós somente entre os que saibam bem que seu papel é punir e aplicar as leis, não fazer liberalismo em detrimento do Estado, como atualmente os cristãos praticam. As mudanças servirão ainda para destruir a solidariedade coletiva da classe, ligando todos aos interesses do governo, do qual dependerá sua sorte. A nova geração de juízes será educada de tal modo que considerará inadmissíveis abusos que possam atingir a ordem estabelecida nas relações de nossos súditos entre si. Nos dias que correm, os juízes cristãos, não tendo uma idéia justa de sua tarefa, são indulgentes para todos os crimes, porque os atuais governantes, nomeando os juízes para seus ofícios, não tomam o cuidado de lhes inspirar o sentimento do dever e a consciência da obra que deles se exige. Do mesmo modo como um animal manda seus filhotes em busca de uma persa, os cristãos dão aos seus súditos lugares de boa renda, sem cuidar de lhes explicar a finalidade desse emprego. Por isso, seus governos se destroem por suas próprias forças, pelos atos de sua própria administração.

Tiremos, pois, dos resultados desses atos mais uma lição para o nosso regime. Expulsaremos o liberalismo de todos os postos importantes de nossa administração, dos quais dependerá a educação dos subordinados em vista de nossa ordem social. Somente serão admitidos a esses postos aqueles que forem por nós educados para o governo administrativo. Podem observar-nos que a compulsória dos velhos funcionários custará caro ao tesouro. Responderemos de entrada que se procurará para eles um emprego particular que substitua o público; depois, que, estando todo o dinheiro do mundo concentrado em nossas mãos, nosso governo não pode recear despesas excessivas.

Nosso absolutismo será em tudo coerente. Por isto, nossa vontade será respeitada e obedecida sem contestação todas as vezes que dermos ordens.

Ela não se preocupará nenhum murmúrio, com nenhum descontentamento, castigando de maneira exemplar toda e qualquer revolta.

Aboliremos o direito de cassação, do qual seremos os únicos a dispor como governantes, porque não devemos deixar nascer no povo a idéia de ser possível uma decisão injusta pronunciada pelos juízes nomeados por nós. S uma coisa semelhante acontecer, nós mesmos cassaremos a sentença, porém punindo tão exemplarmente o juiz por não ter compreendido seu dever e seu papel que isso jamais se repetirá. Repito mais uma vez que conheceremos cada passo de nossa administração, vigiando bem para que o povo fique contente conosco, porque ele tem o direito de exigir dum bom governo bons funcionários.

Nosso governo assumirá o aspecto duma tutela patriarcal, manifestando-se de modo paternal. Nosso povo e nossos súditos verão nele um pai que cuida de todas as necessidades, de todos os atos, de todas as relações recíprocas dos súditos entre si, assim como de suas relações com o governo. Então, perpetrar-se-ão de tal modo desse espírito que lhes será impossível passar sem essa tutela e essa direção, se quiserem viver em paz, tranqüilos; reconhecerão a autocracia de nosso governo com uma veneração vizinha da adoração, sobretudo quando se convencerem que nossos funcionários não substituem nosso poder pelo seu e somente executam ordens cegamente. Ficarão satisfeitos conosco por termo regulado sua vida como fazem os pais prudentes que querem criar os filhos no sentimento do dever e da obediência. Porque os povos, em relação aos segredos de nossa política, são crianças, são eternamente menores, assim como seus governos... Como vêdes, fundo o nosso despotismo sobre o direito e o dever: o direito de exigir o cumprimento do dever é o primeiro dever dum governo que seja o pai de seus governados.Ele tem o direito do mais forte e deve usá-lo para dirigir a humanidade para a ordem estabelecida pela natureza, isto é, para a obediência. Tudo obedece no mundo, senão aos homens, pelo menos às circunstâncias ou à sua própria natureza e, em todo caso, ao mais forte. Sejamos, portanto, o mais forte para o bem(11).

Deveremos saber, sem hesitar, sacrificar alguns indivíduos isolados, violadores da ordem estabelecida, porque há uma grande força educativa no castigo exemplar do mal.

Se o rei de Israel puser sobre a sua cabeça sagrada a coroa que a Europa lhe oferecerá, tornar-se-á o patriarca do mundo. As vítimas necessárias,

feitas por ele, em obediência à utilidade, jamais atingirão o número das vítimas oferecidas durante séculos à loucura das grandezas pela rivalidade dos governos cristãos.

Nosso rei estará em constante comunhão com o povo; dirigir-lhe-á discursos de tribuna, que logo a fama espalhará pelo mundo inteiro.

_______________Notas e comentários_______________

(1) Os cristãos deviam seguir estas regras de conduta para se defenderem.Mas se o tentarem, a imprensa judaizada clamará contra as crueldades e a tirania.

(2) É o que esperam os maçons cúmplices e servos dos judeus. Cf. Henry Robert Petit, "Le drame maçonnique", Paris, 1936.

(3) Por isso, tudo foi feito para derrubar o Czar e tudo será feito para derrubar o Papa... Mas as Portas do Inferno não prevalecerão contra a Igreja de Cristo, está escrito!...

(4) Lenine foi um desses hipnotizadores. Leia-se em Henry Robert Petit, op. cit., o capítulo sobre o hipnotismo maçônico. É de estarrecer!
(5) Grande número de maçons faz parte da Maçonaria ingenuamente, julgando tratar-se de uma associação de estudos ocultos ou de caridade. São verdadeiros títeres nas mãos dos iniciados, como estes o são na mão dos judeus ocultos no fundo indevassável do segredo. Basta, para convencer-se disso, ler: "Der Tempel der Freimaurer" ("O templo dos maçons"), do dr. K. Lerich : Eckert, "La Franco-Maçonnerie dans sa veritable signification", trad. Gyr, Liège, 1854 ; P. Deschamps, "Les sociétés sécrètes", Paris, 1883 ; Crétineau Joly, "L'Eglise avant la Revolution"; Clavel, "Histoire pittoresque de la Franco-Maçonnerie", Paris, 1843 ; Kauffmann & Cherpin, "Histoire philosophique de la Franc-Maçonnerie", Lion, 1856; Schnab, "Os judeus e a maçonaria", Sumário dos arquivos israelitas para o ano de 5650 (1889-1890). Saint-André, "Franc-maçons et juifs", Paris, 1880; Copin-Albancelli, "La Franc-Maçonnerie, instrument de la juiverie"; Ab. Chabaudy, "Les juifs nos maitres", Paris, 1883; Schwartz. "Bostunitsch - Indischer Imperialismus" e as obras de Léon de Poncins. Cf. "Varieté Israelite", 1865 : " O espírito da maçonaria é o espírito do judaísmo nas suas crenças mais fundamentais". Isaac White, "The israelite", 1886: "A maçonaria é uma instituição judaica". Findel, maçon e judeu, "Die Iuden als Freimaurer" ("O judeu na maçonaria") : "O judaísmo se apresenta como o poder dominante a quem a maçonaria deve submeter-se". Bernard Lazare, "L'Antisémitisme", vol II, pág. 196: "houve judeus no próprio berço

da franco-maçonaria, judeus cabalistas, como prova a conservação de certos ritos. Provavelmente, durante os anos que precederam a revolução francesa os judeus entraram em grande número nos conselhos dessa sociedade e eles próprios fundaram sociedades secretas."" Como queríamos demostrar.

(6) Que os maçons leiam isso, os maçons ainda não de todo corrompidos, que meditem na condenação da maçonaria, com excomunhão maior, por dez Papas, a qual não seria imposta pela Santa Sé levianamente, e abjurem a seita que deles faz, contra suas pátrias, instrumentos cegos do judaísmo sem pátria!

A maçonaria é condenada pelo Evangelho em dois lugares: São João, III, 20 e 21 : "Quem pratica o mal odeia a luz, com medo de que suas obras sejam observadas. Mas aquele que segue a verdade vem à luz, de modo que suas obras sejam manifestadas, porque elas são feitas em Deus" ; Idem, XVIII, 20: "Falei publicamente ao mundo; sempre ensinei na sinagoga e no templo perante todos os judeus e nada disse em segredo."O padre d'Abelly, no seu "Traité des Herésies", de 1641, à pág. 48, diz que "a obrigação do segredo" sempre foi a marca distintiva dos heréticos. Clemente XII condenou a maçonaria pela encíclica "In Eminenti" de 28 de abril de 1738; Bento XIV, pela "Providas", de 18 de maio de 1751; Pio VII, pela "Eclesiam", de 13 setembro de 1821. Leão XII, pela Constituição Apostólica "Quo Graviora", de 13 de março de 1829; Pio VIII, pela encíclica "Traditti", de 14 de maio de 1829; Pio IX, pela Alocução Consistorial de 25 de setembro de 1865; Leão XIII, pela encíclica "Humanum Genus", de 20 de abril de 1884; Pio X, quando cardeal Sarto, dirigindo-se à mocidade italiana em 1896. "A seita infame" a serviço do judaísmo está anatematizada pela Igreja e a nenhum católico é lícito penetrar pelos umbrais das lojas excomungadas.

(7) Seria conveniente verificar no artigo de A. de Senger "L'Architeture en Péril", publicado pela "La Libre Parole", no folheto "L'Esprit Noveau", em 1934, como o comunismo judaico arrasa tudo e tudo nivela. A casa que abrigava a família passa a ser "a máquina de morar".Todas as tradições de arte são banidas, menos a dos negros e a dos sovietes, isto é, as bárbaras...

(8) A *Agua Toffana* com que a maçonaria matava outrora ficou célebre. Lendo-se "Les morts mystérieuses", de Albert Monniot fica-se edificado. A documentação desse autor é irrespondível. A maior parte dos homens públicos que morrem subitamente foi tirada do caminho por aqueles a quem estava atrapalhando...

(9) É possível negar esta evidência, cada vez maior?

(10) Têm-se visto os exemplos desse castigo na Rússia bolchevizada e em mãos dos judeus.

(11) As forças morais são tão importantes que mesmo os que as negam e só admitem a força, como o autor ou autores dos "Protocolos", as invocam, fingindo que se baseiam no bem geral, a fim de justificar seus planos monstruosos!... A palavra de Roma já nos preveniu contra o engodo, como vimos anteriormente.

CAPÍTULO XVI

Resumo.- As universidades tornadas inofensivas.

O classicismo substituído. A educação e a profissão. Propaganda da autoridade

do "Governo" nas escolas. Abolição do ensino livre. As novas teorias.

A independência do pensamento. O ensino pela imagem.

A FIM de destruir todas as forças coletivas, exceto as nossas, suprimiremos as universidades, primeira etapa do coletivismo, e fundaremos outras com um novo espírito. Seus reitores e professores serão preparados secretamente para a sua tarefa por meio de programas de ação secretos e minuciosos, dos quais se não poderão afastar uma linha. Serão nomeados com uma prudência muito especial e serão inteiramente dependentes do governo (1).

Excluímos do ensino o direito cívico, assim como tudo o que concerne às questões políticas. Essas matérias serão ensinadas a algumas dezenas de pessoas, escolhidas por suas faculdades eminentes. As universidades não devem deixar sair de seus muros fedelhos que formem projetos de constituição, como se compusessem comedias ou tragédias, e que se ocupem de questões políticas que seus próprios pais nunca entenderam. O mau conhecimento que a maioria dos homens tem das questões políticas faz deles utopistas e maus cidadãos; podeis verificar o que a educação geral fez dos cristãos. Foi preciso que introduzissemos em sua educação todos os princípios que tão brilhantemente enfraqueceram sua ordem social. Mas quando estivermos no poder, afastaremos da educação todas as matérias de ensino que possam causar perturbação e faremos da mocidade crianças

obedientes às autoridades, amando quem os governa, como um apoio e uma esperança de tranqüilidade e de paz.

Substituiremos o classicismo, assim como todo o estudo da história antiga, que apresenta mais maus exemplos do que bons, pelo estudo do programa do futuro. Riscaremos da memória dos homens todos os fatos dos séculos passados que não forem agradáveis, somente conservando dentre eles os que pintem os erros dos governos cristãos(2). A vida prática, a ordem social natural, as relações dos homens entre si, a obrigação de evitar os maus exemplos egoístas, que espalham a semente do mal e outras questões semelhantes de caráter pedagógico ficarão no primeiro plano do programa de ensino, diferente para cada profissão e que não generalizará o ensino sob pretexto algum. Esse modo de encarar a questão tem uma importância especial.
Cada classe social deve ser educada conforme o destino e a tarefa que lhes são próprias(3). Os gênios acidentais sempre souberam e sempre saberão infiltrar-se nas outras classes; porém deixar penetrar em classes estranhas genrte sem valor, permitindo-lhe tomar os lugares que pertencem a essas classes pelo nascimento e pela profissão, por causa desses casos excepcionais, é rematada loucura. Sabeis bem como tudo isto acabou para os cristãos, que consentiram em tão berrante monstruosidade.
Para que o governo tenha o lugar que lhe compete nos corações e nos espíritos de seus súditos, é necessário, enquanto durar, ensinar na todo o povo, as escolas e na praça pública, qual a sua importância, quais os seus deveres e como sua atividade produz o bem do povo.
Aboliremos todo ensino livre(4).Os estudantes terão o direito de se reunirem a seus pais, como em clubes, nos estabelecimentos escolares: durante essas reuniões, nos dias de festa, os professores farão conferências, na aparência livres, sobre as relações dos homens entre si, sobre as leis da imitação, sobre as desgraças provocadas pela concorrência ilimitada, enfim sobre a filosofia das novas teorias, ainda ignoradas pelo mundo. Faremos dessas teorias um dogma e dele nos serviremos para conduzir os homens à nossa fé. Quando eu tiver terminado a exposição de nosso programa de ação no presente e no futuro, dir-vos-ei quais as bases dessas teorias.

Em uma palavra, sabendo pela experiência de muitos séculos que os homens vivem e se dirigem pelas idéias, que essas idéias somente são inculcadas aos homens pela educação, ministrada com êxito igual em todas as idades por processos diferentes, bem entendido, absorveremos e adotaremos, em nosso proveito, os derradeiros clarões da independência de pensamento, que de há muito já dirigimos para as matérias e idéias de que

carecemos. O sistema de repressão do pensamento já está em vigor no método denominado ensino pela imagem, que deve transformar os cristãos em animais dóceis, que não pensam e esperam a representação das cousas e imagens, a fim de compreendê-las...(5). Na França, um de nossos melhores agentes, Burgeois, já proclamou o novo programa de educação pela imagem.(6).

_______________Notas e comentários_______________

(1) Vimos no Brasil, como exemplo, a Universidade do Distrito Federal, fundada para fins dissolventes e judaicos. Seus mentores e professores foram preparados judaicamente no estrangeiro, a fim de imporem à mocidade carioca a orientação que lhes traçaram seus mestres. O fenômeno se tem repetido por toda a parte. Em S. Paulo, o judeu Roberto Simonsen, magnata dos grandes negócios de café, inaugura e orienta a Escola Livre de Sociologia e Política, onde vai instilando o sutil e perfumado veneno de suas teorias. V. "Diário de S. Paulo", 15 de abril de 1936.

(2) A história com esse sentido mentiroso, falso e caluniador já vem sendo de longa data feita pelo judeu, que quer apagar a memória da experiência e dos feitos dos povos cristãos. Seu ideal é transformá-los em gado, e gado não tem história... "Substituiremos o classicismo", dizem os "Protocolos". Por que? Responde claramente o judeu Pierre Paraf, em "Israel", 1931, pág. 162: "O classicismo marca evidente regresso à tradição católica".

(3) Criação de compartimentos estanques e limitação da inteligência pela particularização.

(4) O contrário do que pregam hoje. Ainda acima se citou uma escola livre do judeu Simonsen...É o cúmulo!...

(5) Todo o sistema de educação é hoje conduzido no sentido prescrito nos "Protocolos". Os olhos, os ouvidos e as mãos aprendem maquinalmente, anulando-se pouco a pouco o trabalho do cérebro. O judeu Benjamin Cremieux ataca e critica isso no seu livro "Inquiétude et reconstruction". Há judeus com alguma consciência.

(6) Nas traduções alemã (pág. 121), americana (pág. 56), polonesa e russa de 1920, aparece o nome de Bourgeois. Na Inglesa (pág. 63), está Bouscy. A verdadeira leitura, segundo os comentários do Monsenhor Jouin, é mesmo Bourgeois. "Os Protocolos", na verdade, referem-se a Léon Bourgeois, Presidente do Senado Francês e da Liga das nações, Ministro da Instrução

Pública no Gabinete Brisson, em 1898, grande propugnador de iniciativas pedagógicas e do ensino leigo.

Sua ação pública combina com as finalidades dos "Protocolos".

CAPÍTULO XVII

Resumo. - O foro. A influência dos padres cristãos. A liberdade de consciência.

O rei dos judeus, patriarca e papa. Meios de luta contra a Igreja atual.

Problemas da imprensa contemporânea. Organização da polícia.

A polícia voluntária. A espionagem pelo modelo da sociedade judaica. Os abusos do poder.

O FORO cria homens frios, cruéis, cabeçudos, sem princípios, que em todos os momentos, se colocam num terreno impessoal, puramente legal. Estão habituados a tudo empregar no interesse da defesa de seus clientes e não para o bem da sociedade. Geralmente, não recusam causa alguma, procurando obter absolvições a todo o preço, recorrendo às sutilezas da jurisprudência: assim, desmoralizam os tribunais. Permitindo essa profissão dentro de limites estritos, faremos de seus membros, para evitar aquele mal, funcionários executivos. Os advogados serão privados, assim como os juízes, do direito de comunicar com os demandistas; receberão as causas no tribunal, analisá-las-ão conforme os pareceres e os documentos dos autos, defenderão os clientes depois de seu interrogatório pelo tribunal, uma vez esclarecidos os fatos, e receberão honorários independentemente da qualidade do processo. Deste modo, teremos uma defesa honesta e imparcial, guiada não pelo interesse, mas pela convicção. Isto suprimirá, entre outras cousas, a atual corrupção dos assessores, que não consentirão mais em dar ganho de causa somente a quem paga.
Já tomamos as providências para desacreditar a classe dos padres cristãos, desorganizando, assim, sua missão, que, atualmente, poderia atrapalhar-nos bastante. Sua influência sobre os povos mingua dia a dia. Por toda a aprte foi proclamada a liberdade de consciência. Por conseguinte, somente um número de anos nos separa ainda da completa ruína da religião cristã; acabaremos mais facilmente ainda com as outras religiões, porém ainda é muito cedo para falar disso. Poremos o clericalismo e os clericais num âmbito tão estreito que sua influência será nula em comparação à que outrora tiveram.

Quando chegar o momento de destruir definitivamente a corte papal, o dedo de uma mão invisível apontá-la-á aos povos. Mas, quando os povos se lançarem sobre ela, nós apareceremos como seus defensores, a fim de não permitir o derramamento de sangue. Com essa manobra, penetraremos no seio da praça e dela só sairemos quando a tivermos completamente arruinado (1).

O rei dos judeus será o verdadeiro papa do universo, o patriarca da Igreja Internacional. Mas, enquanto não tivermos educado a mocidade nas novas crenças de transição, depois na nossa,não tocaremos abertamente nas Igrejas existentes, sim lutaremos contra elas pela crítica, excitando as dissensões. Em geral, nossa imprensa contemporânea desvendará os negócios do Estado, as religiões, a incapacidade dos cristãos e tudo isso em os termos mais desaforados, a fim de desmoralizar de todas as maneiras , como só a nossa raça genial sabe fazê-lo.(2)

Nosso regime será a apologia do reinado de Vichnú, que é seu símbolo, segurando cada uma de nossas cem mãos uma manivela da máquina social. Veremos tudo sem auxílio da polícia oficial, que, como nós a preparamos para os cristãos, impede hoje os governos de ver. No nosso programa, um terço dos súditos vigiará os outros por sentimento de dever, para servir voluntariamente ao Estado(3). Então, não será vergonhoso ser delator e espião; pelo contrário, será louvável; mas as delações infundadas serão cruelmente punidas, a fim de que não se abuse desse direito. Nossos agentes serão escolhidos na alta sociedade, como também nas classes baixas, no seio da classe administrativa que se diverte, entre os editores, impressores, livreiros, caixeiros, operários, cocheiros e lacaios, etc...

Essa polícia, desprovida de direitos, não autorizada a agir por si, por conseguinte sem poderes, somente fará testemunhar e denunciar(4); a verificação de seus informes e as prisões mesmo serão executadas pelo corpo dos gendarmes e pela polícia municipal. Aquele que não tiver apresentado seu relatório sobre o que viu e ouviu em matéria de questões políticas será considerado culpado de fraude e cumplicidade, como se estivesse provado que houvesse cometido esses dois crimes. Assim como hoje nossos irmãos são obrigados, sob sua própria responsabilidade, a denunciar à sua comunidade nossos renegados ou as pessoas que empreendam qualquer coisa contrária à nossa comunidade: assim, no nosso reino universal, será obrigatório para todos os nossos súditos servir, desta forma, o Estado.

Tal organização destruirá os abusos da força, da corrupção, tudo o que nossos conselhos e nossas teorias dos direitos sobre-humanos introduziram nos hábitos dos cristãos... Mas, como teríamos obtido de outro modo o crescimento das causas de desordem na sua administração? Por que outros meios?... Um dos mais importantes desses meios são os agentes encarregados de restabelecer a ordem. A estes será deixada a possibilidade de fazer ver e desenvolver seus maus instintos, inclinações e caprichos, abusando de seu poder, aceitando, enfim, gorjetas.

CAPÍTULO XVIII

Resumo.- Medidas de segurança. Vigilância dos conspiradores.

Uma guarda aparente é a ruína do poder. A guarda do rei dos judeus.

O prestígio místico do poder. Prisão à primeira suspeita.

QUANDO nos for necessário reforçar as medidas de proteção policial, que arruínam tão rapidamente o prestígio do poder, simularemos desordens, manifestações de descontentamento expressas por bons oradores. Juntar-se-ão a eles pessoas que alimentem os mesmos sentimentos. Isto nos servirá de pretexto para autorizar buscas e vigilâncias, cujos agentes serão os servidores que tivermos no seio da polícia dos cristãos. Como a maioria dos conspiradores trabalha por amor à arte, por amor do palavrório, não os incomodaremos antes que obrem de qualquer maneira; contentar-nos-emos em introduzir no seu meio, elementos de vigilância... É preciso não esquecer que o prestígio do poder decresce, se somente descobre conspirações contra ele próprio: isto implica a confissão de sua impotência ou, o que é pior, da injustiça de sua própria causa(1). Sabeis que destruímos o prestígio das pessoas reinantes dos cristãos pelos freqüentes atentados organizados por nossos agentes, carneiros cegos de nosso rebanho(2); é fácil, por meio de algumas frases liberais, impelir ao crime, desde que tenha uma cor política. Forçaremos os governantes a reconhecer sua impotência por medidas de segurança claras que tomarão e, assim, arruinaremos o prestígio do poder.

Ao contrário, nosso governo será guardado por uma guarda quase imperceptível, porque não admitiremos, nem por pensamento, que possa existir contra ele uma facção contra a qual não esteja em estado de lutar e seja obrigado a se esconder(3).

Se admitíssemos esse pensamento, como o faziam e ainda fazem os cristãos, assinaríamos uma sentença de morte; senão a do soberano mesmo, pelo menos o de sua dinastia em futuro próximo, Segundo as aparências severamente observadas, nosso governo só usará de seu poder para o bem, nunca para suas vantagens pessoais ou dinásticas. Por isso, observando esse decoro, seu poder será respeitado e salvaguardado por seus próprios súditos. Adora-lo-ão com a idéia de que cada cidadão dele depende, porque dele dependerá a ordem social...

Guardar o rei abertamente é reconhecer a fraqueza da organização governamental. Nosso rei, quando estiver no meio de seu povo, estará sempre rodeado por uma multidão de homens e mulheres que serão tomados como curiosos e ocuparão os lugares mais próximos a ele(4), como por acaso, os quais conterão as fileiras dos outros, fazendo respeitar a ordem. Isso será um exemplo de moderação. Se houver no povo um solicitador que procure apresentar uma súplica, abrindo passagem através dos grupos, as primeiras fileiras devem aceitar essa súplica e entregá-la ao rei aos olhos do suplicante, a fim de que todos saibam que o que se apresenta chega ao seu destino e que há, por conseguinte, um controle do próprio rei. A auréola do poder exige que o povo possa dizer:" Se o rei soubesse" ou " Se o rei souber" (5).

Com a instituição da guarda oficial desaparece o prestígio místico do poder; todo homem dotado de certa audácia julga-se dono desse poder, o faccioso conhece sua força e espreita a ocasião de cometer um atentado contra esse poder. Pregamos outra coisa aos cristãos e vimos aonde tem conduzido as medidas abertas de segurança!

Prenderemos os criminosos à primeira suspeita mais ou menos fundada: o receio de cometer um erro não pode ser uma razão para permitir a escápula aos indivíduos suspeitos de delito ou crime político, para os quais seremos verdadeiramente sem piedade. Se se pode ainda, forçando um pouco ao sentido das coisas, admitir o exame dos motivos nos crimes comuns, não há desculpa para as pessoas que se ocupem com questões que ninguém, salvo o governo, pode compreender.

Mesmo todos os governos não são capazes de compreender a verdadeira política.

CAPÍTULO XIX

Resumo.- O direito de apresentar súplicas e projetos. As facções. Os crimes políticos julgados nos tribunais. A propaganda dos crimes políticos.

SE NÃO admitimos que cada um se ocupe de política diretamente, estimularemos, em compensação, todo relatório e toda petição que solicite do governo medidas a bem do povo: isso nos permitirá ver os erros e fantasias de nossos súditos, aos quais responderemos pela execução do projeto em questão ou por uma recusa sensata, que demonstrará a pouca inteligência de seu autor.

As facções não passam dum cachorrinho latindo contra um elefante. Para um governo bem organizado, não do ponto de vista policial, mas social, o cãozinho ladra contra o elefante, porque não conhece seu lugar nem seu valor. Basta demonstrar por um bom exemplo (1) a importância de um e de outro para que os cãezinhos deixem de latir e se ponham a festejar com a cauda logo que avistem o elefante.

Para tirar o prestígio da bravura ao crime político, nós o poremos no mesmo banco dos réus do roubo, do homicídio e de todos os crimes abomináveis e vis. Então, a opinião pública confundirá, no seu modo de pensar, essa categoria de crimes com a ignomínia de todos os outros, cobrindo-a com o mesmo desprezo. Nós nos propusemos, e espero que tenhamos alcançado isso, impedir os cristãos de combater as facções políticas dessa maneira(2). Com esse fim, pela imprensa, nos discursos públicos, nos manuais de história, fizemos a propaganda do martírio, na aparência aceito pelos facciosos para o bem comum. Essa propaganda aumentou os contingentes dos liberais e atraiu milhares de cristãos ao nosso rebanho.

_____Notas e Comentários_____

(1)A força, a violência, a mão de ferro, imposta por esse poder oculto que os ingleses denominam *hidde hand*, a mão secreta...
(2) Entretanto, hoje, o judaísmo, através de sua imprensa, no mundo inteiro prestigia o crime político e faz campanha em favor dos criminosos políticos. Não esquecer o clamor em torno de Sacco e Vanzetti, a propaganda contra a condenação dos assasinos comunistas das Astúrias, o barulho que se fez no Brasil em pról da pequena aventureira judia Geny Gleizer. Toda essa encenação combina perfeitamente com os Protocolos. Nas antigas sociedades cristãs, o crime político era abominável, sobretudo o

regicídio. Foi o espírito judaico que transformou a opinião cristã, a fim de poder agir à vontade contra o trono e o altar.

CAPÍTULO XX

Resumo.- O programa financeiro. O imposto progressivo. Percepção progressiva em selos. Caixa de fundos em valores-papel e estagnação do dinheiro. Tribunal de contas. Abolição da representação. Estagnação dos capitais. Emissão de dinheiro. O câmbio do ouro. O câmbio do custo do trabalho. O orçamento. Os empréstimos do Estado. A série de títulos ao juro de 1%. As ações industriais. Os governantes dos cristãos: os favoritos; os agentes dos franco-maçons.

FALAREMOS agora sobre o programa financeiro que reservei para o fim de meu relatório como o ponto mais difícil, culminante e decisivo de nossos planos. Abordando-o, lembrar-vos-ei que já vos disse, em forma de alusão, que a soma de nossos atos se resume em uma questão de cifras (1).

Quando nosso reinado chegar, nosso governo absoluto evitará, para sua própria defesa, sobrecarregar muito as massas populares de impostos, não esquecendo seu papel de pai e protetor. Mas, como a organização governamental custa caro, é preciso, entretanto, obter os meios necessários para isso.Por isso devemos preparar cuidadosamente o equilíbrio financeiro. No nosso governo, o rei possuirá a ficção legal da propriedade legal de tudo o que houver no Estado, o que é fácil de realizar; poderá, portanto, recorrer ao confisco legal de todas as somas em dinheiro que julgar necessárias para regular a circulação de capitais no Estado(2). Vê-se por aí que a taxação deve consistir principalmente num imposto progressivo sobre a propriedade. Desse modo, os impostos serão percebidos, sem agravo e sem ruína, numa proporção de percentagem relativa à posse. Os ricos devem compreender que seu dever é por uma parte de seu supérfluo à disposição do Estado, porque este lhes garante a segurança do resto e o direito de um ganho honesto, digo honesto, porque o controle da propriedade acabará com toda a pilhagem legal.

Essa reforma social deve vir de cima, porque seu tempo chegou e é necessário como um penhor de paz. O imposto sobre os pobres é uma semente de revolução e é prejudicial ao Estado, que perde grande lucro correndo atrás de pequenos proveitos(3). Independentemente disso, o

imposto sobre os capitalistas diminuirá o crescimento das riquezas das pessoas privadas, em cujas mãos nós a concentramos atualmente para contrabalançar a força governamental dos cristãos, isto é, as finanças do Estado.
Um imposto progressivo dará muito mais forte renda do que o imposto proporcional de hoje, que só nos é útil para excitar agitações e descontentamentos entre os cristãos (4).

A força sobre que nosso rei se apoiará será o equilíbrio e a garantia de paz. É necessário que os capitalistas sacrifiquem pequena parte de seus rendimentos para assegurar o funcionamento da máquina governamental. As necessidades do Estado devem ser pagas por aqueles a quem suas riquezas permitam fazer isso sem sacrifício (5).

Tal medida destruirá o ódio do pobre contra o rico, no qual aquele verá uma força financeira útil ao Estado, sustentáculo da paz e da prosperidade, pois que é o rico quem provê aos recursos necessários para a obtenção desses bens. Para que os pagadores das classes inteligentes não se entristeçam demasiado com esses novos pagamentos, ser-lhes-ão entregues prestações de contas do destino dessas quantias, excetuando-se, bem entendido, as somas que forem aplicadas às necessidades do trono e das instituições administrativas.

A pessoa reinante não possuirá propriedade pessoal, porque tudo o que exista no Estado é dela, senão uma coisa contradiria a outra: os recursos pessoais anulariam o direito de propriedade sobre as posses de todos.Os parentes da pessoa reinante, exceto seus herdeiros, que são igualmente mantidos à custa do Estado, devem se colocar nas fileiras dos servidores do Estado ou trabalhar para adquirir o direito de propriedade: o privilégio de pertencer à família real não deve servir de pretexto para pilhar o Tesouro. A compra duma propriedade, a aceitação duma herança serão taxadas com um imposto de selo progressivo. A transmissão duma propriedade em dinheiro ou de outra forma, não declarada nesse imposto de selo, necessariamente nominal, será gravada com uma taxa de tanto por cento por conta do antigo proprietário, da data da transferência até o dia em que a fraude for descoberta.Os títulos de transferência deverão ser apresentados todas as semanas ao Tesouro local, com a designação do nome próprio, do de família e do domicílio do antigo e do novo proprietários. Esse registro só será obrigatório a partir duma quantia fixa que exceda os preços comuns de compra e venda do necessário, sendo os

outros passíveis unicamente dum imposto em selo bastante mínimo, para cada unidade.

Calculai quanto esses impostos farão exceder a nossa renda sobre a dos Estados cristãos. A caixa de fundos do Estado deverá conter certo capital de reserva, devendo tudo o que exceder a esse capital ser posto em circulação. Organizar-se-ão com essas reservas públicas. A iniciativa desses trabalhos resultando dos recursos do Estado ligará fortemente a classe operária aos interesses do Estado e às pessoas reinantes. Parte dessas somas será atribuída a prêmios para invenções e à produção.
De modo algum é preciso, fora das somas fixadas e largamente contadas, reter, mesmo que seja uma simples unidade, nas caixas do Estado, porque o dinheiro é feito para circular e toda a estagnação de dinheiro tem perniciosa repercussão sobre o funcionamento do mecanismo do Estado, cujas engrenagens ele deve azeitar: a falta de óleo pode parar a marcha regular da máquina (6).

A substituição duma parte do dinheiro por valores em papel justamente produziu essa estagnação. As conseqüências de tal fato já são suficientemente sensíveis.

Teremos também um Tribunal de Contas e o governante encontrará em todo o tempo nele uma prestação completa de contas, com as receitas e despesas do Estado, excetuando-se as contas do mês ainda não terminado e do mês anterior ainda não entregue.

O único indivíduo que não tem interesse em pilhar as caixas do Estado é seu proprietário, o governante (8). Por isso, seu controle tornará impossíveis os prejuízos e os desperdícios. A representação, que toma precioso tempo ao governo com as recepções exigidas pela etiqueta, será suprimida, a fim de que ele tenha tempo de controlar e de refletir. Seu poder não ficará mais à mercê dos favoritos que rodeiam o trono para lhe dar brilho e pompa, porém que não defendem os interesses do Estado e sim os próprios.

As crises econômicas tem sido produzidas por nós entre os cristãos, com o único fim de retirar dinheiro de circulação. Capitais enormes ficaram estagnados, retirando dinheiro dos Estados, que foram obrigados a recorrer a esses mesmos capitais, a fim de ter dinheiro. Esses empréstimos

sobrecarregaram as finanças dos Estados com o pagamento de juros, escravizando-os ao capital (9). A concentração da indústria nas mãos dos capitalistas que mataram a pequena indústria, absorveu todas as forças do povo, e, ao mesmo tempo, as do Estado... (10).

A atual emissão de dinheiro em geral não corresponde à cifra do consumo por cabeça, e, por conseguinte, não pode satisfazer todas as necessidades dos trabalhadores. A emissão de dinheiro deve estar em relação com o crescimento da população, no qual devem ser computadas as crianças, porque consomem e gastam desde que nascem (11).

A revisão da cunhagem das moedas é uma questão essencial para o mundo inteiro. Sabeis que o câmbio ouro foi pernicioso para os Estados que o adotaram, porque não pode satisfazer o consumo de dinheiro, tanto mais que retiramos da circulação a maior quantidade de ouro possível. (12). Devemos criar uma moeda baseada sobre o trabalho, seja de papel ou de madeira. Faremos uma emissão de dinheiro de acordo com as necessidades normais de cada súdito, aumentando-a conforme os nascimentos e as mortes.

Cada departamento, cada distrito terá suas estatísticas para esse efeito. A fim de que não haja demora na entrega de dinheiro para as necessidades do Estado, as quantias e as datas de sua entrega serão fixadas por um decreto do governo. Assim, será destruído o protetorado do ministério das Finanças, que não poderá favorecer uma região em detrimento de outras. Apresentaremos essas reformas que projetamos fazer de modo a não alarmar ninguém. Mostraremos a necessidade das reformas em conseqüência do caos a que chegaram as desordens financeiras dos cristãos. A primeira desordem, diremos, consistiu em decretar um simples orçamento que cresce todos os anos pela seguinte razão: vai-se com esse orçamento até o meio do ano; depois se pedem créditos suplementares que se gastam em três meses; depois novos créditos suplementares, e tudo acabam por uma liquidação. E, como o orçamento do ano seguinte é calcado sobre o total do orçamento geral, a diferença anual normal é de 50% e o orçamento anual triplica de dez em dez anos. Graças a tais processos, aceitos pelo descuido dos Estados Cristãos, suas caixas estão sempre vazias. Os empréstimos que vieram em conseqüência devoraram os restos e levaram todas as nações a bancarrota.

Todo empréstimo demonstra fraqueza do Estado e incompreensão dos

direitos do Estado. Os empréstimos, como a espada de Dâmocles, estão suspensos sobre a cabeça dos governantes que, em lugar de tomar aquilo de que necessitavam aos seus súditos por meio dum imposto temporário, estendem a mão, pedindo esmola aos nossos banqueiros. Os empréstimos externos são sanguessugas que, em caso algum, se podem arrancar do corpo do Estado, salvo se o largarem por si ou se ele as extirpar radicalmente. Mas os Estados cristãos não os arrancam e continuam a por outros, embora tenham de perecer com essa sangria voluntária.(14) Na realidade, o que é o empréstimo senão isso, sobretudo o empréstimo externo? O empréstimo é uma emissão de letras de câmbio do governo, contendo uma obrigação a certa taxa de juros, proporcional ao total do capital empregado. Se o empréstimo for taxado em 5%, em vinte anos o Estado terá pago, sem utilidade alguma, tanto de juros quanto o capital, em quarenta anos o dobro da dívida, em sessenta o triplo e a dívida sempre por pagar.

Vê-se assim, que, sob a forma de imposto individual, o Estado toma os últimos centavos dos pobres contribuintes para pagar aos ricos estrangeiros, aos quais tomou dinheiro emprestado, ao invés de ajuntar suas riquezas para prover suas necessidades, sem o peso dos juros. Enquanto os empréstimos foram internos, os cristãos somente transferiam o dinheiro do bolso dos pobres para o dos ricos. Mas, quando nós compramos as pessoas necessárias para transportar os empréstimos para o estrangeiro, todas as riquezas dos Estados passaram para nossas caixas e todos os cristãos começaram a pagar um tributo de sujeição. Se a leviandade dos governos cristãos, no que concerne aos negócios de Estado, se a corrupção dos ministros ou a falta de inteligência financeira dos outros governantes sobrecarregaram seus países de dívidas que não podem re-embolsar, é preciso que saibais que isso nos custou muito dinheiro e esforço!...

Não permitiremos a estagnação do dinheiro. Por isso, não consentiremos que haja apólices do Estado, excetuando-se uma série a 1%, a fim de que os juros não entreguem a força do Estado à sucção das sanguessugas. O direito de emitir títulos ficará unicamente reservado às companhias industriais, que não farão grande sacrifício, pagando juros com seus lucros, enquanto que o Estado não retira do dinheiro que toma emprestado o menor lucro, pois que o gasta e não realiza com ele operações frutuosas.(16)

As ações industriais serão adquiridas pelo próprio governo, que, de

tributário de impostos, como é agora, se transformará em emprestador por cálculo. Tal medida fará cessar a estagnação de dinheiro, o parasitismo e a imprensa, que nos eram úteis quando os cristãos viviam independentes, mas que são indesejáveis no nosso regime.

Como é evidente a falta de reflexão puramente animal dos cérebros cristãos! Eles nos pediam dinheiro emprestado com juros, sem refletir que precisariam tomar esse mesmo dinheiro, acrescido de juros, nas arcas do Estado, para nos pagar! Que de mais simples do que ir buscar o dinheiro de que precisavam no bolso dos contribuintes?

Isso prova a superioridade geral de nosso espírito, que soube apresentar-lhes a questão dos empréstimos de tal forma que nela somente viram vantagens para eles(17).

Os cálculos que apresentamos, esclarecidos, quando for oportuno, pela luz das experiências seculares, cuja matéria nos foi fornecida pelos Estados cristãos, distinguir-se-ão por sua clareza e segurança, mostrando a todos, evidentemente, a utilidade de nossas inovações. Acabarão com os abusos, graças aos quais temos os cristãos em nosso poder, mas sem admití-los no nosso reino(18).

Estabeleceremos tão bem nosso sistema de contas que, nem o governante, nem o mais ínfimo funcionário poderão desviar a menor soma de seu destino sem que isso seja notado. Também não lhe poderão dar outro destino fora do indicado, de uma vez por todas, dentro de nosso plano de ação.

Não é possível governar sem um plano definido. Os próprios heróis que seguem um rumo certo, porém sem reservas determinadas, perecem a meio caminho. Os chefes cristãos, a quem outrora aconselhamos que se distraíssem dos cuidados do Estado com recepções representativas, com o protocolo dos divertimentos, não passavam de biombos de nosso governo oculto. As prestações de contas dos favoritos que os substituíam à frente dos negócios públicos eram feitas para eles pelos nossos agentes e satisfaziam todas as vezes os espíritos clarividentes com as promessas de futuras melhoras e economias... Que economias?...Novos empréstimos?...Poderiam perguntar isso e não perguntavam aqueles que liam nossas prestações de contas e nossos projetos...Sabeis a que ponto os

levou esse pouco caso, a que desordem financeira chegaram, a despeito da admirável atividade de seus povos(19).

_______________Notas e comentários_______________

(1)Na opinião dum técnico, Jules Sevérin, Secretário do Congresso Monetário Internacional, no seu trabalho "La tyrannie de l'or et les juifs qui l'accaparent", o domínio judaico sobre o ouro é que lhe dá a força para conquistar o mundo. De longa data, através dos centenários, os judeus vinham amontoando o ouro; mas o grande açambarcamento do precioso metal data, em verdade, de 1816, *logo após a queda de Napoleão*, quando o judeu Lord Liverpool propõe ao Parlamento Britânico e consegue que seja aprovada a lei do padrão-ouro *para as dívidas internacionais*. Depois disso, Jules Sevérin estuda minuciosamente como, através da política monetária judaico-britânica e das lições dos economistas alugados a Israel, o ouro subiu de valor e serviu ao judaísmo para predominar mundialmente. Citemos um trecho do livro que elucida o caso: "O câmbio das moedas foi transferido para a bolsa de Londres (depois de 1873) e lá variou de nação a nação e de dia a dia. Logo, a Inglaterra conseguiu a adesão da Holanda e dos Estados Unidos ao padrão-ouro único para as dívidas internacionais. Em 1878, Léon Say, na renovação da convenção monetária com a Itália, a Suíça, a Bélgica e a Grécia, proibia a cunhagem em prata, portanto, a circulação, para o pagamento a potências estrangeiras. Sendo a prata recusada por oito grandes nações, foi por água abaixo; e as nações que só tinham prata viram suas dívidas dobradas, triplicadas e quadruplicadas, conforme a moeda baixava ou se esgotava. Mas, como sempre valia nos países onde era cunhada, servia para comprar ouro, pelo mesmo preço, o duplo ou o triplo de mercadorias, as quais, revendidas em ouro às grandes nações, edificaram primeiro as grandes potências mundiais e, finalmente, provocaram baixas de preços formidáveis a todas em todas as potências. A prata baixa, diziam; mas a prata não baixara. O ouro só é, que muito procurado e açambarcado, subia. Os Index Numbers do sr. Shauerbeck, de Londres, demonstravam que a prata continuava ao par com as mercadorias. E era o ouro que subia, conforme confessava a *Gold and Silver Commission...*"

(2) É o que os *reis* Lenin e Stalin, pseudônimos da tribo judaica Kaganovitch, isto é, os filhos de Cohen, têm feito na Rússia infeliz...

(3) Por isso os *paus mandados* do judaísmo e da maçonaria, às vezes inconscientemente, no legislativo e no executivo, não fazem outra coisa senão aumentar impostos. Essa tem sido a regra geral dos pecos financistas liberais. Vê-se aqui a quem aproveita.

(4) Confere e concorda em gênero, número e caso...

(5) Assim era no Estado Corporativo Cristão; assim é no Estado Corporativo Moderno. Os judeus, entretanto, combateram aquele e combatem este...

(6) Todavia, todo o trabalho dos economistas e financistas inspirados por Israel é contrariar essa regra tão sábia. Todos os pretextos são bons para diminuir o numerário em circulação e, às vezes, como no Brasil, o diminuem de tal forma que o dinheiro falso se derrama no país e corre normalmente, tal a falta de troco no interior...

(7) Refere-se à imobilização de somas imensas em apólices e títulos de renda, que enchem os cofres dos bancos e não passam de capitais estagnados e parasitários. Vá alguém se lembrar de aventar a troca dessa papelada que rende juros por dinheiro corrente e os banqueiros, os economistas, os financistas porão mãos à cabeça. Que enormidade! É com esses e outros preconceitos que vão fazendo, contra os povos, o joguinho de Israel...

(8)V. Antonio Sardinha, "Ao ritmo da ampulheta": é esse o conceito que o grande sociólogo lusitano faz do rei cristão: o pastor que cuida bem do seu rebanho. A voz do povo reconhecia isso quando pedia socorro: "Aquí d'El-Rei ! ". O Rei era o protetor nato da sua grei. Por isso o judaísmo destruiu os reis. Mas quer impor um dia o Rei de Israel e a esse dá o que tirou ao Rei cristão. Está conforme...

(9) Calixto de Wolski, "La Russie Juive", edição de Albert Savine, Paris, 1887. Nesse formidável e documentadíssimo livro sobre os judeus, publicado quase vinte anos antes dos "Protocolos", lê-se isto à pág. 25: "A Europa está enfeudada ao domínio de Israel. O judeu gravou todos os Estados com uma nova hipoteca que eles jamais poderão pagar com suas rendas(!). O domínio universal que tantos conquistadores sonharam está nas mãos dos judeus. O Deus da Judéia cumpriu a palavra dada aos profetas. Jerusalém impôs tributo aos Impérios. A melhor parte da renda pública de todos os Estados, o produto mais direto do trabalho de todos passa para a bolsa dos judeus sob o nome de juros da dívida nacional." Leia-se o livro "Brasil - Colônia de banqueiros", do comentador destas notas, e se verá como esse quadro é verdadeiro em relação ao nosso pobre país.

(10) Como os "Protocolos" previram essa concentração industrial verificada por todos os especialistas modernos no assunto. Dom de adivinhação ou plano bem elaborado?... O leitor escolha a solução que melhor lhe convier...
(11) No Brasil, por exemplo: três milhões de contos para quarenta e dois milhões de habitantes. A questão foi estudada em "Brasil - Colônia de

banqueiros". O mundo inteiro sofre da falta de circulação de dinheiro, enquanto que os grandes bancos de Nova York, Paris, Londres e Amsterdam estão abarrotados de ouro. E o ouro, como não tem o que fazer, viaja... (12) É o que acabou de citar acima Jules Sevérin. (13) O que aí se pinta é ou não o que se passa na realidade? Que hidde hand, que mão secreta, que mão oculta manobra tudo isso? (**época da crise mundial**)

(14) É a maior crítica feita ao delírio dos empréstimos com que o judaísmo envenenou as nações. Partindo de quem parte, devemos aceitá-la. Pelos empréstimos, realizados através dos bancos judaicos, - como escrevia Dostoiewski, membro da loja maçônica "Luiz Sinarro", segundo o "Boletim del Gran Oriente Español", de 10 de outubro de 1912, os judeus "são agora donos de tudo, na Europa, da instrução, da civilização, do socialismo, sobretudo do socialismo, por meio do qual arrancarão o cristianismo e a civilização." Quem diz empréstimo diz escravização.(15) Vide "Brasil - Colônia de banqueiros"

(16) Entretanto, todos os financistas atualmente inspirados por Israel dizem o contrário e fomentam a corrida às emissões de apólices até com sorteios, transformadas em verdadeiras loterias, como as de vários Estados do Brasil. Os estadistas goyim tem muito talento...

(17) Por isso diz o código de leis judaicas "Schulan Aruch", no *Iore-dea*, 159,1, tirado do tratado "Baka Metzio", do Talmud, 70: "É proibido emprestar dinheiro a um judeu com juros pesados, mas é permitido emprestar dinheiro a um *akum* ou a um judeu convertido em akum, exigindo juros de usura. Porque a Escritura diz: ajudarás o teu irmão a viver. Mas o *akum* não é teu irmão."

O que é o *akum*? É o gentio, o impuro, o goi, o cristão. Akum é a abreviação das palavras hebraicas: *aboda Kohabin umazzaliot*, isto é, o adorador dos astros, o infiel. Conforme diz o Rabino Kalisch, "Commentáires au Schoulan Arouch". O cristão é chamado de várias formas pelos judeus: *goi* e o plural *goyim*, cuja significação já vimos; *akum*, que acabamos de ver; *abodazara*, como escrevia o célebre rabino Maimônedes, isto é, os pagãos; *minim*, segundo o rabino talmudista Meir, que quer dizer os heréticos; *nochri*, os nazarenos, conforme o tratado "Aboda Zara", sobre as religiões estrangeiras, 6,a . *kutim*, ou samaritanos; enfim, *amme haaretz koalam* ou *itan kaaretz*, a turba, a plebe, a gente da terra...

(18) Naturalmente. Porque a nação judaica é distinta das outras. "Por cima das fronteiras - afirmou o judeu Goldman, um dos organizadores do último Congresso Judaico Universal - nós formamos uma única nação". O judeu Luiz D. Brandeis, membro da Suprema Corte de Justiça dos Estados Unidos, escreve: "Reconheçamos que, nós, judeus, somos uma nação distinta, da qual cada judeu é necessariamente membro, sejam quais forem seus países de origem, sua posição ou sua crença.". Na "Jewish Cronicle" ("Crônica judaica") de 8 de outubro de 1911, se lê este pedacinho de ouro: "Os judeus que pretendem ser ingleses, franceses ou americanos patriotas e bons judeus não passam de mentiras vivas. O patriotismo inglês, francês ou americano do judeu é um simples disfarce que adota para agradar aos habitantes do país". No "Jewish World" ("O Mundo judaico"), de 22 de outubro de 1915, este outro: "Ninguém se lembraria de pretender que o filho de um japonês ou dum hindú seja inglês só porque nasceu na Inglaterra; o mesmo raciocínio se aplica aos judeus". Ainda outro artigo no mesmo jornal judaico de 14 de dezembro de 1922: "O judeu continua judeu mesmo mudando de religião; um cristão que se convertesse à religião judaica não se tornaria judeu, porque a qualidade de judeu não depende da religião, mas da raça e um judeu livre-pensador ou ateu continua tão judeu quanto qualquer rabino". E afinal, as palavras do judeu Felix Allouche, no "Réveil Juif" ("O despertar do judeu"), de 27 de novembro de 1931: "O povo judeu forma um povo só por maior que seja o número de seus pedaços espalhados pelo mundo e a distância que os separe".

CAPÍTULO XXI

Resumo. -Os empréstimos internos. O passivo e os impostos. As conversões. As caixas econômicas e a renda. Supressão da bolsa de fundos públicos. Taxação dos valores industriais.

ACRESCENTAREI ao que já vos expus na reunião anterior uma explicação minuciosa dos empréstimos internos. Sobre os externos, nada mais direi, porque eles abarrotaram nossas burras com o dinheiro nacional dos cristãos (Citicorp, Salomon Brothers, Safra, etc..), mas para o nosso Estado não haverá mais nada estrangeiro, porque não haverá exterior. Aproveitamos a corrupção dos administradores e a negligência dos governantes para receber somas duplas, triplas e ainda mais fortes (1), emprestando ao governo dos cristãos, dinheiro que não era absolutamente necessário as nações. Quem poderia fazer a mesma coisa contra nós?...Por isso, somente exporei com pormenores os empréstimos internos.

Quando lançam um empréstimo, os Estados abrem uma subscrição para a compra dos títulos. A fim de que estes sejam acessíveis a todos, criam bônus de até cem mil; ao mesmo tempo, fazem um abatimento para os primeiros subscritores. No dia seguinte, há uma alta de preço artificial, com o pretexto de que toda gente os procura. Alguns dias depois, as arcas do Tesouro, segundo dizem, estão cheias e já se não sabe mais onde por dinheiro (então, por que continuam a tomá-lo?). A subscrição excede várias vezes a emissão do empréstimo: tal é a confiança que se tem nas letras de câmbio do governo.

Representada a comédia, fica-se em presença dum passivo que se acaba de formar, dum passivo muito pesado. Para pagar os juros, é necessário recorrer a novos empréstimos que não absorvem, mas aumentam a dívida principal. Esgotando o crédito, torna-se preciso cobrir, não somente o empréstimo, mas ainda os seus juros, com novos impostos, os quais não passam dum passivo para cobrir o passivo...
Mais tarde, vem o tempo das conversões, que somente diminuem o pagamento de juros e não cobrem as dívidas, as quais só poderão ser feitas de então por diante com o consentimento dos emprestadores: anunciando-se uma conversão, oferece-se a restituição do dinheiro aos que não queiram converter seus títulos. Se todos exprimissem o desejo de retomar o seu dinheiro, os governos estariam presos na sua própria armadilha e se encontrariam na impossibilidade de pagar o dinheiro que oferecem. Felizmente, os súditos dos governos cristãos, pouco versados em matéria de finanças, sempre preferiram prejuízos no valor dos títulos e diminuições de juros ao risco de novas colocações de capital, dando assim, aos governos a possibilidade de se desfazerem dum passivo de muitos milhões(2). Agora, com as dívidas externas, os cristãos nem pensam em fazer nada semelhante, porque sabem que reclamaríamos todo o nosso dinheiro. Desta forma, uma bancarrota reconhecida demonstrará definitivamente às nações a ausência de ligação entre os interesses dos povos e os de seus governos.

Chamo toda a vossa atenção sobre esse fato e sobre o seguinte: hoje, todos os empréstimos internos estão consolidados pelas dívidas que se denominam flutuantes, isto é, pelas dívidas, cujos vencimentos são mais ou menos próximos. Essas dívidas são constituídas pelo dinheiro depositado nas caixas econômicas e nas caixas de reserva. Como esses fundos permanecem muito tempo em mãos do governo, se evaporam para pagar os juros dos empréstimos externos e em seu lugar se colocam somas equivalentes em depósitos de renda. São estes últimos que tapam todos os

buracos dos cofres dos Estados, entre os cristãos.

Quando subirmos ao trono do mundo, todos esses truques de finanças serão abolidos sem deixar vestígios, porque não corresponderão mais aos nossos interesses; suprimiremos igualmente todas as bolsas de fundos públicos, porque não admitiremos que o prestígio do nosso poder seja abalado pela variação de preço de nossos títulos. Uma lei declarará seu valor completo, sem flutuação possível, porque a alta dá lugar a baixa; foi, assim, que, no início de nosso plano jogamos com os valores dos cristãos. Substituiremos as Bolsas(3) por grandes estabelecimentos de crédito especial, cujo destino será taxar os valores industriais de acordo com as vistas do governo. Esses estabelecimentos estarão em situação de lançar até quinhentos milhões de ações industriais em um dia. Dessa maneira, todas as empresas industriais dependerão de nós. Podereis imaginar que poder adquiriremos assim.

_______________Notas e comentários_______________

(2) Esta crítica ao sistema de empréstimos internos, feita pelos seus inventores e beneficiários merece ser meditada pelas vítimas... O fim do judaísmo é cumprir o preceito do "Schulan Aruch", Iore dea, 146,14, proveniente do Talmud, Aboda Zara, 46: "É bom que o judeu procure destruir os templos dos akum e tudo o que lhes pertence ou foi feito por eles, queimando tudo e espalhando as cinzas ao vento."

CAPÍTULO XXII

Resumo.- O segredo do futuro. O mal secular base do bem futuro. A auréola do poder e sua adoração mística

EM TUDO o que vos expus até aqui, esforcei-me em mostrar o segredo dos acontecimentos passados e presentes, que anunciam um futuro já próximo de sua realização. Mostrei-vos o segredo de nossas relações com os cristãos e de nossas operações financeiras. Resta-me pouca coisa ainda a dizer sobre esse assunto.

Possuímos a maior força moderna, o Ouro: podemos em dois dias retirá-lo de nossos depósitos na quantidade que nos apetecer. Devemos ainda demonstrar que nosso governo foi predestinado por Deus? Não provaremos com essa riqueza que todo o mal que nós fomos obrigados

a fazer durante tantos séculos serviu, afinal, para o verdadeiro bem, para por tudo em ordem?(1)

Ei-la, a confusão das noções do bem e do mal. A ordem será restabelecida, um tanto pela violência, mas enfim será restabelecida. Saberemos provar que somos benfeitores, nós, que à Terra atormentada restituímos o verdadeiro bem, a liberdade do indivíduo, que poderá gozar repouso, paz e dignidade de relações, com a condição, bem entendido, de observar as leis que estabelecermos. Explicaremos, ao mesmo tempo, que a liberdade não consiste na devassidão e no direito à licença; de idêntico modo, a dignidade e a força do homem não consistem no direito de cada um proclamar princípios destruidores, como o direito de consciência, o de igualdade e coisas semelhantes; também o direito do indivíduo não consiste de modo algum no direito de excitar-se a si próprio e de excitar os outros, ostentando seus talentos oratórios nas assembléias tumultuosas. A verdadeira liberdade consiste na inviolabilidade da pessoa que observa honestamente e exatamente todas as leis da vida em comum; a dignidade humana consiste na consciência de seus direitos e, ao mesmo tempo, dos direitos que se não possuem, e não unicamente no desenvolvimento fantasista do tema de seu EU.(2).

Nosso poder será glorioso, porque será forte, governando e dirigindo, e não andando a reboque de líderes e oradores que gritam palavras ocas, denominando-os como grandes princípios, as quais, na verdade, não passam de utopias. Nosso poder será o árbitro da ordem que fará toda a felicidade dos homens. A auréola desse poder provocará a adoração mística e a veneração dos povos. A verdadeira força não transige com direito algum, nem mesmo com o direito divino: ninguém ousa atacá-la para lhe arrancar a menor parcela de seu poder (3)

_______________Notas e comentários_______________

(1) O Anticristo, dizem as profecias bíblicas, será em tudo semelhante ao Cristo, isto é, para enganar aos povos, tomará a aparência do Cristo. Vide neste código anticristão como o mal se disfarça com o bem. O que aqui se lê nos "Protocolos" está de acordo com o espírito daquilo que o judeu Max Nordau denominou Sionismo secreto, com as teorias do famoso achadamismo, ou doutrina do sionista Achad Haam, cujo verdadeiro nome é Asher Ginzberg. Tomemos o livro deste escritor judeu, publicado em inglês, "Transvaluation of values", e transcrevamos os trechos que combinam com os "Protocolos": "Israel restituirá à idéia do Bem a significação que teve outrora... O Bem se aplica ao super-homem ou a supernação que tenha que a força de se estender e completar sua vida, e a vontade de se tornar

senhora do mundo, sem se preocupar com o que isso possa custar à grande massa dos povos inferiores nem com seus prejuízos. Porque só o super-homem ou a super-nação são a flor e o fim da espécie humana. O resto foi unicamente criado para servir a esse fim, para ser a escada pela qual é possível subir à altura ambicionada..."

Por essas e outras é que, na brochura "Le sionisme: son but, son oeuvre", L. Fry defende a tese de ser Achad Haam, ou Asher Ginzberg o autor dos "Protocolos". Aliás, em 1915, o judeu L.Simon, em "Morceaux Choisis de Ginzberg", escrevia: "Achad Haam é uma abstração, uma espécie de nome coletivo que se aplica a uma coleção de idéias concernentes ao judaísmo e ao povo judeu." Isto é de um nietzschenianismo hebraico bem característico. É licito, depois de provas desta ordem, duvidar da autenticidade essencial dos "Protocolos"?

(2)Estas idéias são idéias legítimas do Achadhamismo. O judeu Max Nordau, na sua polêmica com Ginzberg, em 1903, a propósito do romance "Altneuland", dizia: "A idéia de liberdade está acima de sua concepção. Ele imagina a liberdade como o ghetto. Somente inverte os papéis. Por exemplo, as perseguições continuam, porém agora não mais contra os judeus e sim contra os gentios..." Confere...

(3) É o poder na concepção judaica de Espinoza, do "direito natural da força", que não faz distinção entre o bem e o mal. A concepção dos "Protocolos" concorda em tudo, segundo L. Fry, op. cit., com a de Asher Ginzberg, no "Le Chémin de la vie": "Foi no espinosismo que foi buscar sua concepção do Estado judaico futuro, no qual a obediência cega será a lei, mesmo se ordenar aos homens que privem seus semelhantes da vida e da propriedade. O direito supremo do Estado, que controla não só as ações civis, mas também as manifestações espirituais e religiosas do povo, numa palavra, o despotismo civil e religioso traçado nos "Protocolos" como linha de conduta do futuro governo visível dos judeus foi tirado do tratado teológico-político de Espinoza."

CAPÍTULO XXIII

Resumo.- Redução da produção dos objetos de luxo. A pequena indústria. O desemprego. Interdição da embriaguez. Condenação à morte da antiga sociedade e sua ressurreição sob uma nova forma. O eleito de Deus.

PARA QUE os povos se habituem à obediência, é necessário habituá-los à modéstia, diminuindo, por conseguinte, a produção dos objetos de luxo. Assim, melhoraremos os costumes corrompidos pela rivalidade do luxo(1). Restabeleceremos a pequena indústria que prejudicará os capitais particulares dos fabricantes. Isto é ainda preciso, porque os grandes fabricantes dirigem, muitas vezes sem o saber, é verdade, o espírito das massas contra o governo. Um povo que se ocupa de pequenas indústrias não conhece o desemprego, prende-se à ordem existente e, conseqüentemente, à força do poder. O desemprego é o que há de mais perigoso para o governo. Para nós, seu papel estará terminado logo que nos apossemos do poder. A embriaguês será também proibida por lei e punida como crime contra a humanidade, porque ela transforma os homens em bestas sob a influência do álcool.

Os súditos - repito-o mais uma vez - só obedecem cegamente a uma mão firme, completamente independente deles, na qual sintam um gládio para sua defesa e um apoio contra os flagelos sociais. Que necessidade tem de ver em seu rei uma alma angelical? Devem ver nele a personificação da força e do poder.

O soberano que tomará o lugar dos governos atuais, que arrastam sua existência no meio de sociedades desmoralizadas por nós, que renegaram mesmo o poder de Deus e no seio das quais se eleva por todos os lados o fogo da anarquia, esse soberano deve, antes de tudo, apagar essas labaredas devoradoras. Por isso, será obrigado a condenar à morte essas sociedades, embora tenha de afogá-las no próprio sangue, para ressuscitá-la sob a forma dum exército regularmente organizado, lutando conscientemente contra toda infecção capaz de ulcerar o corpo do Estado.(3)

Esse eleito por Deus foi escolhido lá em Cima para quebrar as forças insensatas movidas pelo instinto e não pela razão, pela bestialidade e não pela humanidade. Essas forças triunfam agora, pilham, cometem toda a sorte de violências sob o pretexto de liberdade e direitos. Elas destruíram toda a ordem na sociedade para erguer sobre as ruínas o trono do rei de Israel; mas seu papel estará terminado no momento da elevação desse rei ao trono. Então, será preciso afastá-las de seu caminho, sobre o qual não deve haver o menor obstáculo.

Aí poderemos dizer aos povos: agradecei a Deus e inclinai-vos diante

daquele que traz sobre o rosto a marca da predestinação, para o qual Deus(4) mesmo guiou sua estrela, a fim de que ninguém, exceto ele, pudesse livrar-vos de todas as forças e de todos os males.(5)

CAPÍTULO XXIV

Resumo.- Fortalecimento das bases do rei David. Preparação do rei. Afastamento dos herdeiros diretos. O rei e seus três iniciadores. Inatacabilidade dos costumes públicos do rei dos Judeus.

PASSAREI agora aos meios de assegurar as raízes dinásticas do rei

Os mesmos princípios que até hoje nos deram a nossos Sábios a direção de todos os negócios do mundo nos guiarão(1).Dirigiremos o pensamento de toda a humanidade.

Vários membros da raça de David prepararão os reis e seus herdeiros, escolhendo os últimos, não segundo o direito hereditário, mas conforme suas eminentes aptidões; inicia-los-ão nos segredos mais íntimos da política e nos planos de governo, com a condição, todavia, de ninguém ser posto a par de tais segredos. O fim de tal modo de ação é que toda a gente saiba que o governo somente pode ser confiado aos iniciados nos mistérios de sua arte.

Unicamente a essas pessoas será ensinada a aplicação dos planos políticos, a inteligência da experiência dos séculos, todas as nossas observações sobre as leis político-econômicas e sobre as ciências sociais, em uma palavra, todo o espírito dessas leis, que a própria natureza estabeleceu inabalavelmente para regular as relações entre os homens.
Os herdeiros diretos serão muitas vezes afastados do trono, desde que, durante seus estudos, dêem provas de leviandade, doçura e outras qualidades perniciosas e indesejáveis ao poder, que tornam incapaz de governar e prejudicam a função real.

Só os que sejam absolutamente capazes dum governo firme, inflexível até a crueldade, receberão o poder das mãos de nossos Sábios.
Em caso de enfermidade que produza o enfraquecimento da vontade, os reis deverão, de acordo com a lei, entregar as rédeas do governo em mãos novas e capazes.

Os planos de ação do rei, seus planos imediatos, com mais fortes razões seus planos mediatos, deverão ser ignorados mesmo por aqueles que designem como seus conselheiros.

Exclusivamente o rei e seus três iniciadores conhecerão o futuro. Na pessoa do rei, senhor de si mesmo e da humanidade, graças a uma vontade inquebrantável, todos acreditarão ver *o destino com seus caminhos desconhecidos.*(2). Ninguém saberá o que o rei quer alcançar com suas ordens e, por isso, ninguém ousará pôr-se de través num caminho ignorado.

É preciso, bem entendido, que a inteligência do rei corresponda ao plano do governo que lhe é confiado. Por isso, somente subirá ao trono depois de ter sido sua inteligência posta em prova pelos Sábios a que nos referimos. Aa fim de que o povo conheça e ame o seu rei, é necessário que converse com o povo na praça pública. Isto produzirá a união precisa das duas forças que hoje separamos pelo terror.

Esse terror nos era indispensável durante algum tempo, para que as duas forças caíssem separadamente sob a nossa influência...
O rei dos judeus não deve ficar sob o império de suas paixões, sobretudo sob o império da voluptuosidade: não deve dar por nenhuma face de seu caráter lugar a que seus instintos dominem dua inteligência. A voluptuosidade obra de modo pernicioso sobre as faculdades intelectuais e a claridade de visão, desviando os pensamentos para o lado pior e mais animal da atividade humana.

A pessoa do Soberano Universal da estirpe santa de David deve sacrificar a seu povo todos os gostos pessoais. Nosso soberano deve ser de exemplar inatacabilidade. FIM

"Vou me tornar teu inimigo, por te contar a verdade? " Gálatas 4:16

OS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO

O Imperialismo de Israel. O Plano dos Judeus para a conquista do mundo. O Código do Anti-Cristo. Provas de autenticidade, documentos, notas e comentários.

TEXTO COMPLETO E APOSTILADO

POR

GUSTAVO BARROSO

Geraldo Amaral Arruda
S.P. 21 de setembro de 1936

1936

★ AGENCIA MINERVA ★

EDITORA

São Paulo

RAZÕES DESTA EDIÇÃO

DE TRINTA anos a esta parte, nenhuma obra tem preocupado mais vivamente a atenção do mundo inteiro do que "Os protocolos dos sábios de Sião". Grandes jornais, grandes críticos e grandes escritores discutem êsse livro que contém a condensação do mais terrível e cínico plano subversivo da história. As opiniões dividem-se e chocam-se acêrca de sua autoria e autenticidade. Os judeus e os amigos dos judeus negam-no sob o pretexto duma falsificação maldosa. Os inimigos dos judeus fazem dêle seu cavalo de batalha. Os homens de pensamento esclarecido estudam-no com cuidado e se documentam a respeito. Tal é a sua importância no momento presente que precisa ser divulgado e figurar nas estantes de todos os estudiosos.

Traduzido em quasi tôdas as línguas modernas, faltava a êsse livro uma tradução condigna em português. Por isso, decidimos fazer uma edição especial dos "Protocolos" sine ira ac studio, *pondo a famosa obra ao alcance de todos os brasileiros. Até agora, tôdas as edições aparecidas são mal traduzidas, falhas de qualquer prefácio explicativo e peor impressas. A que ora se apresenta reveste-se de caraterísticos que naturalmente conquistarão o favor do público.*

Verteu-se do francês o melhor dos textos, o da edição prefaciada pelo escritor Roger Lambelin, fa-

zendo-o preceder dum estudo do mesmo autor sôbre o "Perigo Judaico" *e dum de W. Creutz sôbre a autenticidade da obra. Roger Lambelin é um dos grandes conhecedores da questão judaica em França, escrevendo a propósito dos mais importantes assuntos a ela relativos e sendo acatadíssima a sua opinião. W. Creutz é, reconhecidamente, outra grande autoridade no assunto, na Alemanha, cujo trabalho já foi traduzido em muitas línguas e que se não pode dizer seja influenciado pelo anti-judaísmo hitlerista, porquanto, antes do triunfo do nazismo, já se dedicava a êsses estudos, nos quais grangeou merecida fama.*

Os "Protocolos" já provocaram dois processos retumbantes, além de alguns menores: o do Cairo e o de Berna. Os judeus perderam o primeiro e ganharam muito mal o segundo. Achamos que do de Berna, o mais recente, se devia dar uma impressão exata ao público e o resumimos na terceira parte do volume. A quarta parte contém o texto original e completo dos vinte e quatro capítulos dos "Protocolos", cuidadosamente traduzidos e minuciosamente comentados.

Encarregou-se da tradução, dos comentários, das apostilas e glozas o escritor Gustavo Barroso, da Academia Brasileira de Letras. Essa escolha foi determinada pelo profundo conhecimento que o mesmo adquiriu em matéria de judaismo, possuindo uma biblioteca especializada no assunto. Autor do famoso livro "Brasil — Colónia de Banqueiros", em que pôs a nu a nefasta ação do judaísmo finan-

ceiro no nosso país, levantou no Brasil a campanha anti-judaica, não com a violência ou a calúnia, mas com a lógica e as provas documentais. E' um técnico no importante assunto, segundo o consenso dos entendidos dentro e fora da pátria.

Tendo ocupado as mais altas posições políticas, administrativas e literárias — Secretário de Estado, Deputado Federal, Secretário Geral de Congressos Internacionais, Diretor-Geral de serviços públicos, Redator-Chefe de órgãos da imprensa, Presidente da Academia Brasileira de Letras, — seu convívio social, sua experiência dos homens, sua observação dos fatos, seu conhecimento da vida e sua cultura, o indicavam necessàriamente para êsse trabalho. Os leitores lerão as eruditas e profundas anotações do referido escritor, algumas tiradas de livros raríssimos e verão se fomos ou não bem inspirados na escolha. Temos a certeza de que todos estarão de acôrdo conosco.

Editando os "Protocolos", não tivemos em mira ofender ou injuriar, mas difundir o conhecimento duma questão de alta relevância para a humanidade e que, de uma vez por tôdas, deve ficar esclarecida. Fizemô-lo, reünindo, graças à competência do tradutor e comentador, um manancial de documentos verdadeiramente raros e preciosos. Essa documentação é irrespondível.

A EDITORA.

"O Judaísmo é o enigma dos tempos modernos, o enigma que é preciso, afinal, decifrar na encruzilhada dos caminhos. Até aquí se obstinaram a julgar o judaísmo pela atividade positiva ou especulativa dos judeus. Péssimo método destinado a decepções! Os judeus! Mas êles têm participação em tôdas as empresas materiais e espirituais, em tôdas as resistências e em tôdas as revoltas"...

(A. DE MONZIE, *Prefácio* a KADMI-COHEN: *Nômades*, pág. X).

"...Le Mystère d'Israel laisse un à un tomber ses voiles. Sous son triple aspect *économique*, *politique* et *spirituel*, il sollicite inégalement mais universellement les esprits réfléchis de toutes les nations"

(PIERRE PARAF: *Israel*, 1931, pág. 23)

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

O Perigo Judaico

por
ROGER LAMBELIN

PARECE que o perigo judaico, que se manifestava por muitos sintomas e fatos, só foi, na verdade, revelado ao grande público, quando apareceu a tradução do fragmento dum livro russo registrado no Bristish Museum em agôsto de 1906, com o seguinte título: "O Grande no Pequeno e o Anticristo como possibilidade política imediata", — Notas dum Ortodoxo, 2.ª edição corrigida e aumentada, Tsarkoié-Sélo, 1905.

Essa tradução foi editada em dezembro de 1919 por Eyre & Spottiswoode, Ltd., com o título "The Jewish Peril: Protocols of the Learned Elders of Sion". Teria ficado muito tempo ignorada na Inglaterra, se um redator do "Times" não tivesse tido a idéia de consagrar-lhe um artigo, resumindo-a minuciosamente com esta angustiosa interrogação: "Se êste livro é a expressão da verdade, não teríamos escapado a uma paz germânica senão para nos ser imposta uma paz judaica?"

Ao mesmo tempo que aparecia em Londres uma tradução inglesa dos "Protocolos", uma tradução alemã era publicada em Charlottenburg, Berlim, pelo Sr. Gottfried Zur Beck: "Die Geheimnisse der Weissen von Sion", que ràpidamente se espalhava nos Estados do Reich e na Austria.

Apenas o artigo do "Times" chamara a atenção sôbre *The Jewish Peril*, o pequeno livro se tornou impossível de encontrar, e cousa bizarra, os srs. Eyre & Spottiswoode declararam que não fariam nova tiragem. Mas, esperando que, pelos cuidados de uma associação nacionalista — THE BRITONS — fosse tirada nova edição, o grande diário "The Morning Post" estampou sob o título "The cause of World

Unrest" ("A causa da intranqüilidade universal"), uma série de artigos fortes, baseados nos textos dos "Protocolos" e em documentos ulteriormente descobertos, demonstrando que aos judeus se deve atribuir o mal-estar mundial que prolonga as dificuldades políticas e financeiras decorrentes da guerra.

Nos Estados Unidos, foi editada na casa Small, Maynard & Co., de Boston, outra tradução intitulada "The Protocols and World Revolution" ("Os protocolos e a revolução mundial"). Uma versão polonesa apareceu ainda em 1920. Em França, algumas notícias, acompanhadas de citações do livro de Sérgio Nilus, foram inseridas no "Correspondant", na "Vieille France", de Urbano Gohier, na "Action Française" e em "L'Opinion". Uma primeira tradução foi publicada pela "La Libre Parole" ; mas sòmente em setembro de 1920 e no comêço de 1921 surgiram a edição com prefácio de Monsenhor Jouin (1) e a da "Vieille France", precedida e seguida de comentários (2).

E' difícil fixar o número das várias edições que apareceram na Rússia. Parece que a primeira, devida ao professor Sérgio Nilus, veio a lume em 1902, mas deve ter sido confiscada ou comprada pelos judeus, porque absolutamente se não encontram seus exemplares (3).

Terá sido reeditada em 1903? E' possível ; porém a primeira de que se possue o texto é a de 1905, que figura no catálogo do Bristish Museum (4).

---

(1) *Le péril judéo-maçonnique. Les "Protocols" des Sages de Sion.* — Edição de Emile-Paul, París, 1921.

(2) *Les Protocols.* — Edição de "La Vieille France", París, 1921.

(3) *Velikoye w Malom i Antichrist kak bliskaya politicheskaya vozmojnost.* — São Petersburgo, 1902. A tradução do título russo é a seguinte : "O Grande no Pequeno e o Anticristo como possibilidade política imediata". Esta edição de 1902 foi tão ràpidamente *abafada* pelos judeus que não figura no catálogo do British Museum ; a que figura nele é a de 1905.

(4) A referência aos "Protocolos" no catálogo público do Museu Britânico, de Londres, é a seguinte : N.º 3.926. D. 17.

O escritor russo G. Butmi publicou uma versão dêsse texto, em 1907, com o auxílio de seu irmão A. L. Butmi, sob o título: "Os Inimigos da Humanidade" (5). Impresso pelo Instituto de Surdos-Mudos de S. Petersburgo, o livro era dedicado à União do Povo Russo, associação patriótica que combatia os judeus e as sociedades secretas, numerosíssimas no império do czar.

A obra de Sérgio Nilus teve novas edições em 1911, 1912, 1917 e 1920. Foi sôbre a de 1911, impressa no mosteiro de S. Sergio, que se fez a tradução norte-americana. Quanto à de 1912, não é mencionada no prefácio de Monsenhor Jouin, nem nos das edições alemã e norte-americana; mas nós já a manuseámos; o desenho de sua capa foi reproduzido na nossa tradução francesa, a primeira feita diretamente sôbre o texto russo (6). A edição de 1917 foi quasi completamente destruída pelos bolchevistas. A de 1920 foi impressa em Berlim. A versão dos "Protocolos" reproduzida nela leva o título de "O raio de luz" e o editor-redator, Pedro Schabelski Bork, fê-la acompanhar de comentários sôbre a revolução russa, em que são severamente julgados os atos do ministro Tchernov e de Kerensky, "que, pôsto à frente da Rússia durante seis meses, por seus discursos e atos traíu sua pátria. (7)"

Quais são, pois, as origens e o valor dos "Protocolos"? À semelhança da faísca elétrica que, nas retortas, provoca precipitados químicos, tiveram a singular fortuna de provocar reações anti-judaicas, revelando aos diversos povos um an-

---

(5) A edição russa dos irmãos Butmi traz o seguinte título: "Vraghi Roda Tchelovietcheskago – Oblitchitelniya", o que significa: "Os inimigos da Humanidade – Discursos reveladores" – São Petersburgo, 1907.

(6) "Les Protocols des Sages de Sion", traduits directment du russe et precedés d'une introduction par Roger Lambelin, avec une reproduction de la couverture de l'édition russe de 1912", Paris, Editeur Bernard Grasset, 1925.

(7) "Les Protocols" de Monsenhor Jouin, pág. 148.

gustioso perigo e dando a conhecer o plano de campanha concebido por Israel para realizar seu grandioso sonho, objeto de suas ambições seculares: o domínio do mundo.

As associações sionistas promoveram um Congresso em Basiléia, em 1897, e nele assentaram as bases dum programa de conquistas, cuja amplitude os êxitos precedentemente obtidos justificavam. Êsse programa não indicava sòmente os objetivos sucessivos a conseguir: preconizava também os métodos a seguir, as regras táticas a observar. As várias secções do Congresso redigiam atas de suas sessões, denominadas *protocolos*, destinadas a serem comunicadas a certos iniciados e a conservar as resoluções dos conciliábulos secretos.

Sérgio Nilus, na introdução da edição de 1917, declara que as cópias com os extratos dessas atas, redigidas em francês, porque muitos dos sionistas ignoravam o hebraico, lhe foram entregues em 1901 por Aleixo Nicolaievitch Sukotin, marechal da nobreza de Chern. Essas cópias também foram comunicadas ao segundo tradutor russo, G. Butmi.

Como Aleixo Nicolaievitch obtivera essas cópias? Correm duas versões: ou foram feitas por uma mulher, esposa ou amante dum dos iniciados que as haviam redigido e que achou de seu dever transmiti-las a um cristão capaz de prevenir seus correligionários dêsses manejos tenebrosos e ameaçadores; ou foram roubadas dum cofre que os sionistas possuíam em uma cidade da Alsacia. Não é certo que qualquer das duas hipóteses seja verdadeira, porque os detentores das cópias naturalmente se esforçaram para livrar de tôda suspeita e de tôda vingança o autor ou autores da subtração ou da indiscreção cometida.

Ambos os tradutores russos eram homens honrados e profundamente religiosos. Suas versões são, salvo pequeninos pormenores, concordantes. Todavia, quando Aleixo

Sukotin entregou as cópias a Sérgio Nilus, pediu-lhe que delas tirasse o melhor partido possível do ponto de vista da defesa dos interêsses da religião e da pátria, o que podia deixar ao autor da publicação dos "Protocolos" certa liberdade de interpretação e redação.

Quanto à subtração de documentos dos arquivos israelitas, ela é confirmada por *uma circular da Comissão Sionistas, datada de* 1901, *na qual o dr. Hertzl* (8) *se queixa do desaparecimento de papeis que permitiram aos cristãos conhecer os segredos dos "Protocolos"*.

Estes são em número de vinte e quatro. São antes ensinamentos e máximas do que atas. Parece que seu autor ou autores tiveram por escopo principal expor em vinte e quatro lições as doutrinas de Israel, os objetivos que colima desde os mais recuados tempos e os pormenores do último plano de campanha para a conquista do poder mundial, quando tudo parecia preparado para a luta decisiva.

Para os judeus, o único direito é a fôrça ; o liberalismo destruíu entre os cristãos a religião e a autoridade ; o ouro se acha nas mãos de Israel e, pelo ouro, êle se apoderou da imprensa e da opinião, que mandam nos governos dos Estados democráticos.

As lojas maçônicas são dirigidas pelos judeus, que orientam as manifestações e a propaganda.

Os povos cristãos serão um dia levados a tal desespêro que reclamarão um super-govêrno universal emanado dos

---

(8) Teodoro Hertzl, um dos mais conhecidos sionistas contemporâneos, que se celebrizou em diversas polêmicas e que, no Congresso Sionista de Basiléia, teve forte desavença com Achad Haam ou Asher Ginzberg, um dos quatro israelitas que arrancaram, depois da grande guerra, a lord Balfour a declaração sôbre a entrega da Palestina aos judeus. O sionismo de Hertzl é o chamado *sionismo político ;* e o de Achad é o *sionismo prático* ou, melhor, *secreto*. A luta entre ambos foi dura. Em 1904, Hertzl faleceu *sùbitamente*. Há graves suspeitas sôbre sua morte. Vide a brochura de L. Fry "Le Sionisme", edição da "Vieille France", París, 1921.

judeus. Guerras particulares e um conflito mundial que Israel saberá desencadear apressarão seu reinado. A autocracia judaica substituirá o liberalismo dos Estados cristãos. Tôdas as religiões serão abolidas, salvo a de Moisés.

Para mostrar seu poder, os judeus esmagarão e escravizarão pelo assassínio e o terrorismo um dos povos da Europa. Um imposto progressivo sôbre o capital e os empréstimos do Estado acabarão de arruïnar os cristãos, desmoralizados pelo ensino ateu ; e a hora, a tanto tempo esperada, soará. O rei dos Judeus, encarnação do Destino, reinará sôbre o mundo dominado.

Eis o resumo dos "Protocolos". E' conveniente meditar sôbre os vários capítulos, comparando seu texto a outros documentos de origem hebréia, e observar até que ponto foram realizados, durante e depois da guerra, os fatos previstos e os acontecimentos anunciados nas cópias escritas vinte anos antes !

O terceiro capítulo das lições dos Sábios de Israel contém uma alusão à Serpente, que simboliza a marcha progressiva do judaísmo para a conquista do mundo.

No epílogo de seu livro, cuja tradução não foi incluída nas versões norte-americana e alemã, Sérgio Nilus dá preciosos informes sôbre êsse símbolo do poder judaico, para sempre vitorioso quando tiver envolvido as nações européias. Segundo as tradições do judaísmo, essa predição remonta aos tempos de Salomão. A cabeça da serpente representa os dirigentes, os iniciados de Israel. Ela penetra no coração de cada uma das nações a fim de corrompê-la e destruí-la ; e, partindo de Sião, deve alí voltar, depois de ter concluído o ciclo de suas conquistas.

Os sionistas há muito tempo levantaram a carta em que está traçado o itinerário do réptil, sôbre a qual estão marcadas as grandes etapas percorridas e a percorrer. A pri-

meira condú-lo à Grécia, no tempo de Péricles, no ano de 429 antes de Cristo; foi no reinado de Augusto, um pouco antes do nascimento de Jesus, que a cabeça da serpente penetrou em Roma. Madrid viu-a aparecer na época de Carlos V; París, no declínio do reinado de Luiz XIV; Londres, na queda de Napoleão; Berlim, em 1871, após as apoteoses do tratado de Versalhes; Petersburgo, em 1881.

E' notável que todos os Estados, em que a cabeça da Serpente deixou seu rasto de baba, foram abalados até os fundamentos por crises políticas e sociais.

A carta indica por meio de flechas as derradeiras etapas: Moscovo, Kiev, Odessa, Constantinopla, e enfim, Jerusalém, ponto de partida e ponto terminal do fatal itinerário.

Na edição de 1912 dos "Protocolos", Sérgio Nilus cita ainda vários documentos que vêm corroborar os ensinamentos e predições dos Sábios de Sião. No mês de novembro de 1910, as "Moskovskia Viedomosti" ("Notícias de Moscovo"), publicavam um artigo de K. J. Tur, intitulado "Os programas secretos dos judeus", mostrando os progressos realizados pelos judeus no Império Russo: "Durante estes últimos cincoenta anos, muitas catastrofes aconteceram e cada uma delas fez dar um passo gigantesco à obra judaica... Na Rússia, a revolução não teve êxito completo, mas os judeus ganharam muito, graças aos acontecimentos de 1905 e 1906. Seus últimos congressos desvendaram tôdas as suas esperanças. À Duma foi apresentado um projeto, assinado por grande número de deputados, concedendo completa igualdade de direitos aos judeus, que, de fato, gozavam já de muitas vantagens. Desde o ministerio de Witte, os limites de residência dos israelitas, mal observados outrora, foram tornados ilusórios por uma série de circulares, e as perturbações que arruïnaram e desmoralizaram as populações indígenas tiveram como resultado proveitos para os judeus".

Um escritor contemporâneo, o sr. Damtschanko, exprimia esta opinião em um livro aparecido em 1911 : "Em vista de seu número relativamente pequeno, os judeus, sòzinhos, certamente não podem vencer a população no meio da qual vivem como parasitas, mas inventaram um modo de suicídio para os cristãos, provocando hàbilmente entre êles discórdias intestinas e uma desorganização maldosamente preparada".

Depois de haver acumulado o ouro e se apoderado dos principais orgãos da imprensa, atacaram os monarcas, porque estes são "uma fôrça superior, cheia de abnegação e disposta, por conseguinte, a defender tudo quanto é fraco". Por isso, em tôda a parte, os judeus favoreceram a substituïção do regime monárquico pelo regime republicano.

Quanto ao bolchevismo, os judeus da Rússia não negam que são seus autores responsáveis. Em um jornal de Karkov, "Der Kommunist", o israelita M. Kohen escrevia a 12 de abril de 1919 : "Pode-se dizer sem exagêro que a grande revolução social russa foi obra dos judeus e que estes, não só a conduziram, mas ainda tomaram partido pelos sovietes. Nós, judeus, podemos estar tranqüilos, enquanto a suprema direção do Exército Vermelho estiver entre as mãos de Leão Trotski (9)".

Talvez não seja temerário pensar que se, recentemente, a Inglaterra fez a paz com os sovietes foi porque os israelitas do ministério e os que gravitam em volta de Lloyd George tiveram bastante influência sôbre o govêrno britânico para levá-lo, sob a capa de vantagens comerciais, a sustentar o regime judaico da Rússia revolucionária.

Essas considerações e os comentários de Sérgio Nilus podem esclarecer ou justificar certas passagens dos "Protocolos" ; porém o próprio texto não se ressente de clareza

---

(9) Mgr. Jouin : "Le péril judéo-maçonnique", pág. 144.

nem de profundeza. Encerra em si uma fôrça de demonstração pouco comum e, por isso, os judeus, depois de se terem esforçado em vão para confiscar essa brochura, abafando as vozes indiscretas que revelam o plano de campanha de Israel, começaram a espalhar que as atas dos Sábios de Sião são apócrifas e não se baseiam em nenhum dado sério.

Coube ao sr. Salomão Reinach ser o primeiro a declarar, em "L'Opinion", de 26 de junho de 1920, que os "Protocolos" eram simples e pura invenção. O "falsário Nilus" fôra buscar suas fantasias "na literatura revolucionária marxista", e os judeus, como os franco-maçons, eram horrivelmente caluniados, assim como o haviam sido, outrora, os jesuitas, quando se publicaram as pretensas Monita Secreta.

Não procurou levar mais adiante essa demonstração.

Do outro lado da Mancha, onde o artigo inicial do "Times" e a prolongada campanha do "Morning Post" haviam produzido viva e profunda impressão, os Israelitas pensaram ser necessário estabelecer a inanidade dos documentos revelados e refutar da maneira mais completa possível os argumentos tirados dos "Protocolos" para mostrar a ameaçadora realidade do perigo judaico. O Conselho dos Deputados Judeus (10), por intermédio de sua Comissão de Imprensa, encarregou o sr. Luciano Wolf dessa delicada missão.

Tanto quanto o sr. Salomão Reinach, o sr. L. Wolf não era sionista antes da guerra, não tendo, pois, assistido ao Congresso de Basiléia em 1897 ; mas era um jornalista veterano, antigo colaborador do "Daily Graphic", no qual se ocupava da política internacional, ex-correspondente em Londres do diário francês "Le Journal", muito relacionado na imprensa, tendo sido grão-mestre da Loja Maçônica

(10) *The Jewish Board of Deputies.*

dos Autores e presidente do Instituto dos Jornalistas (11). A escolha parecia feliz de todos os pontos de vista. Entretanto, o resultado não correspondeu às esperanças concebidas pelos dirigentes israelitas.

O sr. Luciano Wolf escreveu três artigos insertos respectivamente no "Manchester Guardian", no "Spectator" e no "Daily Telegraph"; depois, reüniu êsses artigos em uma brochura, temperada com um môlho bastante insípido, que foi publicada com um título bem comprido: "The Jewish Bogey and the forged Protocols of the Learned Elders of Sion" (12).

Li com cuidado tal brochura. Começa por uma crítica muito confusa dos dezessete artigos estampados no "Morning Post" (13) sob a epígrafe: "The cause of World Unrest" (14). O sr. Luciano Wolf se esforça para demonstrar com testemunhos, aos quais atribue valor histórico, que a propaganda judaica não é, na essência, nem anti-monárquica, nem anti-cristã. Declara também que a "judaïzação" da franco-maçonaria não passa de pura invenção, embora na sua própria pessoa se afirme do modo mais evidente a penetração de Israel no organismo maçônico. Às preocupações patrióticas do redator do "Morning Post" opõe argumentos especiosos. A seus olhos, Marx não pode ser considerado representante das idéias sociais do judaísmo; suas doutrinas, pelo contrário, procedem das concepções de Hegel e de Feuerbach,

---

(11) Em tôda a parte, os judeus procuram colocar um dos seus irmãos de sangue ou agentes à testa dos Círculos, Institutos ou Associações de Imprensa. Do mesmo modo que o judeu Wolf dirigiu o Instituto de Imprensa de Londres, o judeu de *fala travada*, mas que se diz *brasileiro*, Herbert Moses, dirige, perpetuando-se milagrosamente no cargo, a Associação Brasileira de Imprensa. Os fins sabemos quais são...

(12) "O fantasma judeu e os falsos Protocolos dos velhos Sábios de Sião". Ha uma tradução espanhola feita por um outro *judeu* Jehuda Sefardi, "El fantasma judío y los falsos protocolos de los ancianos Sabios de Sión", Edição C.I.A.P., Madrid - 1933.

(13) *"The Morning Post"*, de 12 a 30 de julho de 1920.

(14) "A causa da intranqüilidade universal".

que eram gentios e estão em oposição ao sindicalismo e ao bolchevismo.

Para concluir, o que o diário britânico denomina "formidável seita" responsável pelo mal-estar mundial não passaria dum mito, saído do cérebro de alemães anti-semitas e anglófobos, baseado numa "impudente falsificação"..

Vem, então, o ensaio de demonstração da *forgery* dos "Protocolos". O sr. L. Wolf começa por andar à roda da questão. Faz alusão às sociedades secretas e aos livros apocalípticos que enchem as crônicas dos séculos XVII e XVIII, empreendendo, depois, uma refutação dos documentos publicados por um alemão, Hermann Goedsche, aí por 1868. Um dêles tinha como suposto autor um inglês, sir John Retcliffe, e tratava dos acontecimentos político-históricos ocorridos durante os dez anos precedentes. Outro, reproduzido pelos jornais conservadores alemães e por uma revista francesa "Le Contemporain" (15), dava o texto dum discurso que teria feito a seus discípulos um grande rabino, no cemitério de Praga (16). Do fato de nunca ter existido sir John Retcliffe e do de parecer apócrifo o discurso do rabino, o sr. Lucien Wolf deduzia argumentos no seu parecer decisivos.

Todavia, Eduardo Drumont jamais tomara a sério êsses produtos do anti-semitismo germânico e a êles se não referira nos documentados capítulos da "France Juive".

---

(15) De 1.º de abril de 1880. A propósito de sir John Retcliffe, citado algumas linhas acima, podemos adiantar o seguinte : o livro atribuído a sir John Retcliffe se intitula "Compte rendu des événements politico-historiques dans les dix dernières années" ; declara conter o discurso que um rabino pronunciou em uma reünião secreta de judeus ; as idéias expostas combinam em muitos pontos com as dos "Protocolos". Uma parte dêsse discurso está citada no magnífico e documentadíssimo livro de Calixto de Wolski, "La Russie Juive", edição de Albert Savine, Paris, 1887. Esta obra documenta de modo insofismável o espírito judaico dos "Protocolos".

(16) Em um livro famoso, publicado em alemão sob o título "O domínio judaico mundial sôbre as ruínas dos povos destroçados", o escri-

Mas o sr. Wolf achou algumas analogias entre as revelações de Goedsche e um trecho dos "Protocolos", em que se explica a política seguida pelos judeus para governar as massas operárias, prometendo emancipá-las. Não foi preciso mais para tirar a seguinte conclusão : Se o que diz Goedsche é falso, também é falso o que diz Nilus.

Apresenta ainda outro argumento da mesma espécie. Nas suas "Reflexões dum estadista russo", um antigo procurador do Santo Sinodo, o sr. Constantino Petrovicth Pobyadonoszef, criticou severamente os regimes democráticos e qualificou o sufrágio universal de "o grande êrro de nosso tempo". Deduz daí que a autocracia dava aos povos mais seguras garantias de boa administração, e, como o mesmo pensamento se encontra em um capítulo dos "Protocolos", seu autor é acusado de plágio.

E' preciso, na verdade, que a causa de que foi encarregado seja difícil de pleitear para que um advogado tão esperto como o autor do "Jewish Bogey" não lance mão de argumentos mais decisivos.

Conta um pouco mais adiante que, achando-se em França, em 1919, foi posto ao correr duma visita recebida por uma delegação judaica, então em París. Um lituano, que per-

---

tor P. Hochmuth afirma que um grupo oculto de treze judeus governa o mundo, sendo doze representantes das doze tribus de Israel e mais um chefe. Segundo o mesmo autor, de certo em certo tempo, êsses dirigentes se reúnem à noite, cabalìsticamente, no cemitério judaico da cidade de Praga. Benjamin d'Israeli, lord Beaconsfield, judeu e estadista *inglês*, confirma êsse govêrno oculto, quando diz no "Aylesbury Speech" e no seu livro "Coningsby", aparecido em 1844, que o mundo é governado por indivíduos escondidos nos bastidores e dos quais ninguem suspeita. Ainda outro judeu, Walter Rathenau, estadista alemão, traz seu testemunho, declarando que uns trezentos financeiros ocultos puxavam os cordões dos títeres que fingiam governar as nações européias, como se pode ver no número do "Neuer Wiener Journal", de 14 de dezembro de 1927.

Será possível desprezar êsses testemunhos?

Haverá quem se atreva a negar essa evidência?

tencera à polícia secreta judaica (17), apresentou-se aos delegados, fez-lhes os maiores protestos de dedicação, e declarou que estava em situação de poder impedir a publicação dum livro perigosíssimo, que, se viesse a lume, poderia arruïnar a causa de Israel. Como todo serviço merece salário, o visitante pedia, modestamente, dez mil libras esterlinas. Pediram-lhe que mostrasse o livro em questão : eram os "Protocolos". O lituano foi despedido, e, alguns meses mais tarde, surgiam em Londres e Charlottenburg, as primeiras traduções inglesa e alemã da obra de Sérgio Nilus!

Na verdade, era preciso, que o sr. Luciano Wolf estivesse em palpos de aranha para apresentar argumento tão infantil. Como o fato de dar dez mil libras a um indivíduo que trazia um exemplar dos "Protocolos" poderia impedir a tradução e publicação duma obra que tivera, antes da guerra e da revolução russa, cinco ou seis edições, e da qual um especimen figurava na biblioteca do British Museum? Enfim o representante do Jewish Board of Deputies faz quanto pode para meter na cabeça de seus leitores que os judeus da Rússia e da Polónia nada têm a ver com o bolchevismo. São os conservadores alemães e os czaristas que lançam semelhantes calúnias e, a fim de que se mostrem as orelhas do franco-maçon israelita, o sr. Luciano Wolf assinala com indignação um panfleto anônimo, de inspiração apocalíptica, "impresso em París, no ano findo, pelos jesuítas da rua Garancière" (sic) sob o título "O Bolchevismo" (18)!

Parece que o fato de citar com gravidade uma imprensa dos jesuítas funcionando na rua Garancière bastaria para tirar qualquer autoridade às teses sustentadas pelo advogado oficial dos israelitas inglêses.

---

(17) E' curiosa a declaração de Luciano Wolf : "polícia secreta judaica". Fique-se sabendo mais dessa : os judeus têm a sua polícia secreta. Para quê? Os "Protocolos", oportunamente, explicam de modo admirável.

(18) "The Jewish Bogey", pág. 41.

Mas eis que "La Vieille France", em curiosíssimo estudo, assinado por L. Fry (19), declara revelar o autor dos "Protocolos". Chamar-se-ia Asher Ginzberg, em hebraico Achad Haam (20), o que significa "um dentre o povo". Nascido em Skvira, no govêrno de Kiev, estudou o Talmud nas escolas judaicas, casou com a neta dum rabino de Lubovitz, entrou para o Kahal (21), fundou um grupo de

---

(19) No n.º 21, de 21 de março de 1921.

(20) Achad-Haam ou Asher Ginzberg foi o partidário da concentração na Palestina de algumas centenas de milhares de judeus, de maneira a formar alí um centro espiritual israelita capaz de produzir e irradiar um renascimento da cultura hebraica. Deve-se a Achad Haam a inspiração que levou o ministro Balfour a fazer a célebre Declaração, entregando a Palestina aos judeus. O movimento de caráter sionista criado por Achad Haam recebeu o nome de *Achadamismo*. Os elogios feitos pela imprensa judaica do mundo, quando de sua morte, mostraram à saciedade que importância teve sua ação intelectual no pensamento de Israel. Sôbre a atuação de Achad Haam pode-se ler algo interessante no magnífico e mais do que documentado livro de Salluste, "Les origines secrétes du bolschevisme", cujas edições desapareceram misteriosamente da circulação, como desaparecem em geral as dos "Protocolos" em qualquer língua. Vide também L. Fry, "Le Sionisme". Rendendo homenagem a Achad Haam, quando morreu, o "Univers Israelite", de 13 de julho de 1934, chama-o textualmente : "Grande pensador judeu". O poeta hebreu Cain Bialyk denomina-o *profeta* e diz que mostrou *o caminho da liberdade*...

(21) O Kahal ! Entramos aquí num dos pontos vitais da questão judaica. Que é o Kahal? Brafmann, judeu convertido, revelou a mais farta documentação que se conhece sôbre o Kahal, num livro em russo intitulado : "O livro do Kahal", publicado em Vilna, capital da Lituania, em 1870. Êsse livro desapareceu da circulação e Brafmann desapareceu da vida. Sôbre a sua documentação, Calixto de Wolski calcou o "La Russie Juive". Ambos tiveram o mesmo fim. Brafmann declara à página 28 : "O Kahal é o govêrno administrativo dos judeus e o Beth Dine é o tribunal judiciário introduzido pelo Talmud ; a essas duas autoridades estão submetidos os judeus e executam cegamente suas prescrições." E' o Estado Oculto dentro do nosso Estado Aparente. Por isso, num artigo de 12 de julho de 1919, o "Morning Post", de Londres, exclamava : "O poder misterioso, irresistível, é Israel, o Kahal, o *Govêrno Oculto do Povo Judeu*" ! Calixto de Wolski, no "La Russie Juive", em 1887, dezessete anos após Brafmann e muito anteriormente à revelação dos "Protocolos" já dizia no "*Avant-Propos*", pág. XV : "A guerra *implacável* dos judeus contra a propriedade cristã é a guerra silenciosamente dirigida pelos modestos estados-maiores denominados *Kahal*" ; e à pág. 2 : "...obedece a uma espécie de govêrno oculto, tanto administrativo como judiciário, um representado pelo Kahal e o outro pelo Beth Dine".

Êsses testemunhos são corroborados pelo livro de Fino, "Kiria Nessemann", publicado em Vilna, em 1860, mais de três lustros antes de Brafmann. Êle enumera os *deveres do Kahal*, entre os quais : a reparti-

"jovens sionistas" e, depois, uma sociedade secreta Beni-Mosheh, os filhos de Moisés. Assistiu ao Congresso Sionista de Basiléia e alí teria lido as lições que formam os vinte e quatro "Protocolos", porém não se teria entendido com o dr. Hertzl, nem com Max Nordau, que o julgaram muito intransigente em seu nacionalismo.

Parece que Asher Ginzberg figurou à frente da Comissão Política Judaica formada na Inglaterra em 1917 e que gozou de grande prestígio entre os de sua raça. O poeta Chaym (Cain) Bialyk considera-o um "profeta", uma "estrêla", e

---

ção do imposto, a observação do respeito às autoridades judaicas, a distribuição de auxílios, o registro civil e religioso, a nomeação dos *Chamoins* ou recebedores dos impostos da *Hazaka* e do *Meropié*, enfim as reüniões gerais de três em três meses para tomar conhecimento de todos os assuntos.

A existência do direito de *Hazaka* cobrado pelo Kahal está definitivamente confirmada no próprio código das leis judaicas, o *Hoschen Hamischepot*, que estabelece as condições de sua arrematação e venda com o fito de explorar as propriedades dos cristãos, dos gentios, que o *Talmud-Araktat*, no tratado *Baba Batra*, 59, declara *propriedades do deserto*: *res nullius*....

No "O Judeu Internacional", Henry Ford refere-se à *Kehilla* de Nova York, como ao mesmo *Kahal*. E' conveniente ver a documentação sôbre o *Kahal* do comentador destas linhas: "Brasil-Colónia de banqueiros", edição da Civilização Brasileira, S/A., Rio, 5.ª edição, em 1935, págs. 35 a 42.

Cf. Hugo Wast, "Oro", Buenos Aires, 1920: "A Sinagoga é a alma do judaísmo. E a alma da Sinagoga não é a Bíblia; é o Talmud. E a alma do Talmud é o Kahal. Porém quem sabe o que é, ou, sobretudo, quem ousa explicar o que seja o Kahal?... Que são, afinal, o Kahal e o Beth-Dine? Desde que um judeu entra os umbrais da vida até que seus despojos, lavados com água em que se ferveram rosas sêcas e enrolados num *taled*, se enterram no *Beth hachaim*, a "casa dos vivos", vive secretamente submetido ao Kahal. Tribunal misterioso como uma sociedade de carbonários, existe onde quer que haja judeus. Se são poucos e a comunidade é pobre, se chama Kehillah. Se são muitos e têm rabino e sinagoga, seu Kahal governa tôdas as Kehillahs da região. E, se se trata duma capital populosa, habitada por milhares de hebreus, instala-se um Grande Kahal, com jurisdição sôbre todos os Kahals do país... Embora sejam vários os membros do Kahal, sua direção é dada pelo mais enérgico, o qual pode ser um ilustre ROSCH, chefe, um GRÃO-RABINO ou um simples IKUR, vogal, mesmo um modesto SCHEMOSCH, secretário, que tenha conseguido a temível função de *perseguidor secreto*, isto é, de executor das altas decisões do tribunal. O Kahal é um soberano invisível e absoluto. Comércio, política, religião, vida privada em seus meandros mais íntimos como as relações entre pais e filhos, marido e mulher, amos e criados, tudo é regido pelo Talmud e controlado pelo Kahal, que é sua expressão concreta". — Vide páginas 14, 15 e 16.

o venera como o "único mestre que soube mostrar aos filhos do exílio o caminho da liberdade".

Se Ginzberg reside em Londres, como L. Fry acredita, poderia, com competência, dar sua opinião sôbre a brochura do sr. Luciano Wolf e sôbre os "Protocolos" de Sérgio Nilus; porém os israelitas não têm o hábito de iniciar os profanos nos seus negócios, conciliábulos e divergências de vistas. Considerando-se bem, vê-se mais uma vez que, desde a Declaração de Balfour e a organização do "lar nacional" da Palestina, que nenhum judeu ousa declarar-se hostil ao sionismo, quando antes os não sionistas eram legião.

Seguramente é interessante saber qual o autor ou autores dos "Protocolos", mas essa questão tem importância secundária e direi mesmo que a autenticidade do documento é dum valor relativo.

Analisando os "Protocolos", abstraindo os comentários de seus editores e tôdas as polêmicas provocadas por sua publicação, distinguem-se três elementos essenciais, muitas vêzes entremeados:

1.° — Uma crítica filosófica dos princípios liberais e uma apologia do regime autocrático;

2.° — A exposição dum plano de campanha, metòdicamente elaborado, para assegurar aos judeus o domínio mundial;

3.° — Profecias sôbre a próxima realização das partes essenciais desse plano.

E' possível que Sérgio Nilus, que, segundo confessa, recebeu as famosas cópias das mãos de Aleixo Sukotin, com o pedido expresso de tirar delas o melhor partido do ponto de vista religioso, não se tenha julgado com a obrigação de traduzí-las literalmente e seus sentimentos pessoais de patriota russo e de ortodoxo fervente se hajam manifestado de vários modos na redação dos trechos filosóficos; porém

os dois últimos elementos oferecem inegáveis sinais de verosimilhança ; estão em absoluta concordância com todos os documentos hebraicos que possuímos ; e a derrocada da Rússia, as cláusulas anormais da paz, a criação do super-govêrno chamado Sociedade das Nações, o estabelecimento do judaísmo em Jerusalém, constituem a mais clara demonstração da realidade do plano de conquista preparado pelos Sábios de Sião.

Estudando nos seus "Lundis" a obra de José de Maistre, Sainte-Beuve exprimira esta opinião acêrca de "Les considérations sur la France" : "A impressão que produziu êsse livro no momento em que apareceu foi viva, mas sua grande explosão só se deu vinte anos depois, quando os acontecimentos trouxeram a verificação dos pontos mais notáveis."

Os "Protocolos" têm com "Les considérations sur la France" um traço comum : seu caráter profético. Talvez em breve prazo se possa formular a seu respeito um juízo igual ao de Sainte-Beuve.

SEGUNDA PARTE

A autenticidade dos Protocolos dos Sábios de Sião

por

W. CREUTZ

I
INTRODUÇÃO

O FIM das páginas que se seguem não é examinar um problema literário interessantíssimo, porém elucidar definitivamente um mistério sombrio que ameaça tôda a humanidade.

Que país escapou à crise reinante desde 1929? Os políticos se debatem, procurando em vão deter as nações que escorregam apavoradas para o abismo bolchevista.. Tôda a nossa civilização ariana-cristã corre o perigo de desaparecer no cáos. Como combater essa gangrena moral que destrói impiedosamente tudo o que há de belo e nobre em tôdas as raças? Como salvar o patrimônio espiritual dos povos, infinitamente mais precioso do que suas riquezas financeiras e territoriais?

Nenhuma cura é possível, se se ignora a causa da doença. Um diagnóstico exato deve preceder a aplicação dos remedios, que possa entravar as devastações já *verificadas*, mas ainda *não compreendidas.*

Ora, a crise sob a qual sucumbimos neste momento não é *acidental;* foi propositadamente *provocada* por um bando de poderosíssimos criminosos. A cura do mundo sòmente será possível se êsses envenenadores forem obrigados a abandonar sua sinistra tarefa.

O autor destas páginas de modo algum procura propagar "uma intolerância religiosa digna da idade-média" ou excitar os povos aos "pogroms", como a imprensa assoalha, enganando o grande público, o "gado humano" que se deixa tolamente conduzir ao matadouro.

Não preconizamos nenhuma medida cruel ou iníqua. Trata-se simplesmente de tirar o leme de direção das mãos indignas que de há muito nêle estão agarradas. Êsse trabalho de libertação realizou-se na Alemanha (1), no meio da alegria delirante da nação regenerada pelo sofrimento. Não é mais possível esconder a verdade, que está patente aos olhos de sessenta milhões de homens, de modo que a misteriosa conspiração destinada a arruïnar o mundo se tornou um segrêdo de polichinelo...

O fermento age: por tôda a parte patriotas ardentes compreendem o perigo terrível que ameaça sua pátria e se levantam e se unem contra o inimigo comum. E' fácil a união entre homens de bem quando se eliminam os bandidos que fazem as intrigas.

A verdade está em marcha e aqueles que pretenderem detê-la serão esmagados! Eis essa verdade:

A CRISE FOI PREMEDITADA, PREPARADA E DESENCADEADA NA HORA MARCADA PARA SE ATINGIR A UM.FIM, SEGUNDO UM PLANO ELABORADO DURANTE DE'CADAS COM UMA TENACIDADE DIABÓLICA.

O plano completo está contido num pequeno volume que apareceu há uns trinta anos sob o título:

---

(1) Diante do movimento anti-judaico desencadeado pelo nazismo alemão, é conveniente citar êste velho e profético documento: abra-se o livro raríssimo de Rougeyron, "Antéchrist", publicado em Paris em 1861, mas contendo palavras que o autor diz pronunciadas pelo príncipe de Metternich em 1849, e leia-se nas páginas 28 e 29: "Há no Império da Alemanha elementos revolucionários que ainda não serviram e que são terríveis, o *elemento judaico*, por exemplo... Na Alemanha, os judeus ocupam os primeiro lugar e são revolucionários de primeira linha. Têm *escritores, filósofos, poetas, oradores, publicistas, banqueiros*, e sôbre a cabeça e no coração todo o pêso da antiga ignominia! Êles produzirão uma época terrível para a Alemanha... *provàvelmente seguida de uma época terrível para êles...*"

Foi justamente o que se deu.

"OS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO".

As primeiras edições dessa obra notável foram feitas na Rússia em 1901 (2) e 1905. Ràpidamente retiradas da circulação, passaram quasi despercebidas. Encontra-se, entretanto, um exemplar no British Museum, n. 3.926. D. 17.

A 18 de agôsto de 1921, "The Times" escrevia:

"O documento não despertou a menor atenção até a revolução russa de 1917. Então, o súbito e inesperado desabamento dum grande império pelas manobras dos bolchevistas e a presença de grande número de judeus nas suas fileiras fizeram com que muitas pessoas refletissem, procurando uma explicação plausível para o desastre. "Os Protocolos" pareciam dá-la, porque a tática dos bolchevistas era análoga à que êles preconizavam".

Os "Protocolos" apareceram por toda a parte, apesar de vigorosos esforços para suprimir sua publicação. Imprimiu-se em Londres uma versão sob o título: "O Perigo Judaico", que causou sensação. A opinião pública alarmou-se sùbitamente com a revelação duma conjura sinistra tendo como escopo o arrazamento de nossa civilização ariana-cristã.

O "Morning Post" consagrou diversas colunas à discussão dêsse perigo e, no "Times", de 8 de maio de 1921, surgiu um artigo sensacional, do qual extraímos os tópicos mais incisivos:

---

(2) As edições de Sérgio Nilus são de 1902, 1905, 1911 e 1917. As três primeiras trazem êste título em russo: "Velikoye w Malom i Antichrist kak bliskaya politicheskaya vozmojnost", isto é, "O Grande no Pequeno ou o Anti-cristo como possibilidade política imediata." A última traz o título: "Blizyost, pri dverekl", o que quer dizer: "Êle está perto, junto da porta." Está datada de Moscovo, em 1917. "*Êle*, com efeito, o Anti-cristo, encarnado em Lenine, estava *perto, junto da porta*...

Sôbre as edições de Sérgio Nilus pode-se consultar: "Ondsindede National-Socialistike Logne om Joderne" ("Más notícias nacionais-socialistas sôbre os judeus"), de Aage H. Andersen, Eget Forlag, Copenhague, 1936. E' a última palavra sôbre o assunto.

"Que significam êsses Protocolos? São autênticos? Terá um bando de criminosos elaborado êsses planos diabólicos? Vê hoje sua triunfal realização? Serão falsificados? Então, como explicar o dom de profecia que descreve os acontecimentos com tanta antecipação? Teremos lutado tantos anos contra o imperialismo alemão para nos defrontarmos agora com um Poder ainda mais ameaçador? Como! Não teremos com os maiores sacrifícios escapado a uma *Pax Germânica* senão para sucumbirmos sob uma *Pax Judaica*"?

O artigo do "Times" concluía com estas palavras:

"Se os Protocolos são realmente obra dos sábios de Israel, então tudo o que se puder dizer, empreender e realizar contra os judeus se torna legítimo, necessário e urgente!"

Palavras impressionantes!

Não é, pois, de espantar que os poderosos indivíduos incriminados tenham empenhado os maiores esforços para desacreditar um documento tão terrìvelmente comprometedor! Tomaram ràpidamente tôdas as medidas para *provar* que os Protocolos eram *falsos!!!*

Com efeito, os judeus sempre contestaram a autenticidade da obra. Ainda recentemente moveram em Berna um processo contra um editor que afirmara a autenticidade dos Protocolos. A Aliança Israelita Universal acusou-o de *difamação* e pediu a supressão do livro, declarando-o falso!

II
A FALSIFICAÇÃO

TRÊS artigos foram publicados no "Times", a 16, 17 e 18 de agôsto de 1921, afirmando que os Protocolos não passavam dum "truque grosseiro executado por um plagiário negligente e cínico" que parafraseara um volume publicado em Bruxellas, em 1865, sob o título "Dialogos no inferno entre Maquiavel e Montesquieu." O autor de tal livro era o advogado francês Maurício Joly.

O "Times" reproduziu várias colunas de trechos semelhantes, que demonstravam indiscutìvelmente o íntimo parentesco entre as duas obras, de modo que, à primeira vista, a teoria do plágio parecia bem fundamentada.

O "Times" acentuava o fato de sua atitude "estritamente imparcial" quanto à questão judaica. Sòmente o desejo de demonstrar a verdade levara o grande jornal inglês a desmascarar a fraude, porque era *extremamente importante* que a *lenda* concernente aos Protocolos fosse desfeita o mais cedo possível.

Com efeito! Trata-se de cousa "muito importante"...

O artigo do "Times" terminava com estas palavras: "O fato de se tratar dum plágio está agora à saciedade provado e a lenda deve cair no olvido".

Mas êsse não foi o seu destino... Há certos fatos relativos a essa *lenda* que tornam impossível aceitar sem mais aquela a majestosa afirmação do "Times" como veredito final. Há um rabinho que foi cuidadosamente escondido e que, quando bem examinado, revela cousas verdadeiramente espantosas!

Precisamos, pois, voltar sôbre nossos passos e analisar tôdas as afirmações que têm sido feitas.

Não desejamos duvidar da *imparcialidade* absoluta do "Times". Entretanto, lembramo-nos de haver lido em uma revista norueguesa, a "National Tidskrift", de julho de 1922, página 74, que, quando êsses notáveis artigos saíram no "Times", o controlo financeiro do jornal passara para as mãos dum grande banqueiro israelita. Essa informação talvez seja errônea ; todavia nunca foi desmentida.

Assegura o "Times" que a descoberta da *falsificação* foi mera "obra do acaso" ! Como se trata de assunto da "maior importância", fôrça é convir que êsse "acaso" foi bem oportuno ! Parece que foi um *correspondente* em Constantinopla que — por uma verdadeira sorte — travou conhecimento com um russo, o qual, designado como o *Senhor* X, desejou ficar anônimo ! Esse misterioso estrangeiro entregou ao correspondente o livro de Joly, que permitiu descobrir a falsificação.

Tudo isso é um tanto vago e sobretudo muito romanceado !

Qualquer pessoa que dirija uma carta a um jornal pode ser chamada correspondente. Nenhuma prova existe de que o aludido correspondente jamais tivesse ido a Constantinopla. O fato de alí ter encontrado o Senhor X deve ser crido como artigo de fé. A identidade desses dois indivíduos jamais foi revelada. Por que tanto mistério? Se se trata de caso "muito importante", as duas principais testemunhas deviam ser apresentadas ! Os nomes de ambos deviam passar à posteridade. Prestaram um serviço colossal a Israel ! Graças à sua intervenção *acidental*, a opinião pública foi hàbilmente desviada e cessou de se preocupar com os Protocolos. Serviço de tal monta deveria ser generosamente recompensado.

O *correspondente* insinua que a *falsificação* foi perpetrada a fim de influenciar os meios conservadores da Côrte imperial da Rússia, propagando por tôda a parte a suspeita da existência de vasta conspiração judaica. Esta teoria não é corroborada por prova alguma. Como foi que o livro de Joly, inteiramente esquecido, de repente se achou na Rússia? Este ponto não foi elucidado. Limitaram-se a construir uma porção de teorias, cada qual a mais improvável. Essas hipoteses aladas voaram de Constantinopla a Londres e da Coréia a S. Petersburgo com rapidez tão vertiginosa que os bravos *goyim* britânicos ficaram boquiabertos. A escamoetação fôra bem feita...

Então, o "Times" declarou triunfalmente: "Agora foram apresentadas as provas irrecusáveis da fraude".

Na verdade? E' difícil conter o riso. Quando as "provas irrecusáveis" forem destiladas, não deixarão no alambique, como residuo sólido, senão o fato de *uma das obras ser paráfrase da outra.*

Convirá, neste caso, o emprêgo da pesada palavra *falsificação?*

O simples fato de utilizar um texto dado, desenvolvendo-o, não é prova de "fraude"! Senão, teriamos de acusar cada prègador que cita os Evangelhos, esquecendo-se de indicar o capítulo e o versículo.

Essa acusação de *falsificação* é ridícula, pois há muitas passagens semelhantes na Escritura Sagrada.

Pedimos aos Sábios de Israel que verifiquem II Reis, 15, 14 e seguintes, comparando com Isaías, 36. O texto é, por assim dizer, *idêntico!* Todo o trecho de Genesis, 36, 31, e seguintes está reproduzido palavra por palavra em I Crôn. 1, 43. Se imprimissem êsses pedaços, uns ao lado dos outros, como se fez com os *Diálogos* e os *Protocolos*, o resultado seria inevitável: ter-se-ia de reconhecer que um era *paráfrase*

do outro. Esta circunstância permite declarar que se trata de "fraude grosseira" e que os escritos são uma *falsificação?!*

O texto do Genesis é atribuído a Moisés; as primeiras Crônicas, a Esdras e Nehemias. Êste livro foi escrito após o exílio de Babilônia, isto é, mais ou menos 860 anos depois da morte de Moisés, sendo, portanto, evidente que os *plágios* não foram cometidos por êle, mas por seus sucessores. A similitude de textos estabelecerá mesmo a *fraude?*

Aqueles que crêem, como nós, que "a Bíblia foi inspirada por Deus, que não erra", verão nessa identidade de textos uma prova maravilhosa da sabedoria do Todo Poderoso, porque, graças a ela, podemos hoje usar dum argumento esmagador contra o Adversário.

E' evidente que não foi perpetrado nenhum plágio, quer pelos autores sagrados, quer pelos diabólicos. Utilizaram simplesmente em seus escritos o material proveniente de fonte que lhes era conhecida.

Se os Rabinos não quiserem retirar sua acusação de *fraude*, então serão obrigados a incriminar e condenar seus próprios profetas, que se tornaram reus de delitos análogos.

Continuemos nossas buscas... A pista conduz-nos agora a um terreno que começa a ficar quente! Temos de concentrar toda a nossa atenção sôbre o sr. Joly, cuja personalidade o "correspondente" do "Times" deixou muito na sombra.

Quem foi êsse *francês*, autor dos "Diálogos nos Infernos"? O problema foi devidamente elucidado pelo sr. Gottfried zur Beck, no Prefácio da edição alemã dos Protocolos. Nele encontramos a preciosa informação de ter o sr. *Maurício Joly sido circuncidado sob o nome de Moses Joel.*

E' na verdade estranho!

Israel sustenta que os Protocolos foram fabricados, a fim de desacreditar os judeus e eis que os horrendos pensamentos reproduzidos nesse livro emanam do coração dum judeu ! ! !

Êsses pensamentos inspiram profundo horror aos homens de bem, o que é inevitável ; mas exprimir essa legítima reprovação não constitue ato de difamação !

III
PROVAS SUPERABUNDANTES

O NOTÁVEL livro "Waters flowing Eastward", por L. Fry, contém uma porção de informações interessantes a respeito de Maurício Joly, aliás Moses Joel. Nas "Mémórias" de René Mareuil, que fez parte do ministério Polignac, conta-se que Joly nasceu em 1831 e obteve em 1860 um emprêgo no ministério do Interior ao tempo do sr. Chevreau. O joven caíu sob a influência do famoso Adolfo Isaque Crémieux, fundador da "Aliança Israelita Universal", meteu-se com os comunistas, foi condenado a dois anos de prisão e se suicidou em 1878. Sua oração fúnebre foi pronunciada pelo judeu Gambetta.

Ora, é conveniente notar que foi a Judiaria quem preparou a Comuna, sinistro golpe bolchevista que devastou a França de 18 de março a 29 de maio de 1871. París foi terrìvelmente saqueado, ficando, porém, absolutamente intactas as 145 casas pertencentes a Afonso Rothschild... Acaso, sem dúvida!

Que conclusões se devem tirar dêsses fatos? Simplesmente as seguintes:

1.º — O escritor judeu que inspirou os Protocolos não se limitou a prègar teorias odiosas e não hesitou em participar de ações criminosas.

2.º — Os Protocolos nada têm que ver com a polícia secreta da Rússia, como hàbilmente sugeriu o *correspondente* do "Times".

3.º — Os *Diálogos*, longe de serem obra dum anti-semita, constituem a própria essência das reivindicações nacionais judaicas.

4.º — Os pensamentos infernais neles expressos remontam a uma data ulterior. *Por sua vez, Joly era um plagiário ! ! !*

"Dialogos entre Maquiavel e Montesquieu" — eis o título duma obra publicada em Berlim em 1850 pelo editor Franz Duncker. O autor dêsse livro foi o judeu Jacob Vénedey, que nasceu na cidade de Colónia em maio de 1805, foi expulso da Alemanha e se fixou em París em 1835. Perseguido pela polícia, teve, como Joly, a proteção de Crémieux. Vénedey era amigo íntimo do judeu Mordechai ou Mardoqueu, vulgo Karl Marx, com o qual fundou, em 1847, uma organização secreta denominada "Liga comunista dos trabalhadores". Visitou a Inglaterra em 1843 e lá fundou, em 1847, *uma sociedade secreta que tinha como fim estabelecer o poder mundial de Israel.*

Está, portanto, reconhecido, provado e decidido que as *duas* obras que serviram de base aos Protocolos foram escritas por dois judeus, amigos de Crémieux, fundador da "Aliança Israelita Universal". Como duvidar, em tais condições, que as três obras representam a quintessência do pensamento judaico? Quem as estuda com atenção fica estupefato ouvindo os judeus declararem que são *perseguidos* e lutam contra a mentira, as falsidades e a calúnia ! Absolutamente não se trata de *plágios*, mas de variações sôbre o mesmo texto, emanado do mesmo *foco* econômico e político.

A Sociedade Secreta fundada por Marx e Vénedey saíu duma associação mais antiga : *Verein für Kultur und Wissenschaft der Iuden*, a qual datava de 1819, tendo sido o seu programa adotado e alargado mais tarde por Crémieux.

Pode-se fazer uma idéia bem clara do verdadeiro fim dessa Sociedade, lendo com atenção uma carta de Baruch Levy a Karl Marx:

"O povo judeu espera tornar-se coletivamente seu próprio Messias! Êle atingirá o domínio universal pela unificação das outras raças e o desaparecimento de suas fronteiras. Estabelecer-se-á uma REPUBLICA UNIVERSAL e, nessa nova organização, os Filhos de Israel, constituírão o elemento predominante. Êles sabem como se influenciam e dominam as massas! O govêrno de tôdas as nações escorregará imperceptìvelmente para as mãos judaicas, graças à vitória do Proletariado. Tôda propriedade individual será posta à disposição dos Chefes de Israel, que possuírão as riquezas de todos os povos. Isto será o cumprimento da Profecia Talmúdica: Quando vier o Messias, os judeus estarão de posse das chaves de todos os tesouros do mundo".

Entre esta carta e os Protocolos existe a mesma relação que entre a bolota e o carvalho.

Êste pavoroso programa está em vias de realização: a "Pan-Europa" do conde Kalergi-Coudenhove já proclama a tese de que "os judeus formam a nobreza do futuro...."

Os píncaros dessa nova aristocracia se distinguem dos fidalgos de antanho por originalidades que êsses não teriam coragem de praticar. Os nomes de Bela Kun ou Cohen e de Kurt Eisner, assim como os dos grandes senhores dos Sovietes, estão escritos com letras escarlates na história dos povos. Ao lado dêsses astros de primeira grandeza, há uma porção de constelações de somenos importância.

Eis aquí o *necrológio* dum *aristocrata* que morreu recentemente. Ludwig Meyer, judeu alemão, esteve à frente duma organização revolucionária denominada *Internacional Postal.* Foi sua a idéia genial de induzir os funcionários à prática de atos de sabotagem contra os serviços telefônicos e

telegráficos por ocasião de distúrbios e motins, a fim de impedir a vinda de tropas para restabelecer a ordem. No mês de julho de 1927, quando foi incendiado o palácio da Justiça de Viena, dirigiu as operações. Breve, veremos em Moscovo a rua Ludwig Meyer ou Maier! Êsse cavalheiro parece digno de continuar os "Diálogos nos Infernos", se é que lá ainda há lugar...

Notável artigo publicado no *Die Front* de 3 de janeiro de 1934 anunciou que um grupo de judeus, ainda mais eminente do que o sionista, está organizando um "movimento cultural" que abarca o mundo inteiro e cujo fim é *pôr todos os países sob a supremacia judaica!*

Sempre o mesmo *leit-motiv!* Nenhuma variação no programa!

Em "La Libre Parole" de París, no número de novembro de 1933, à página 27, se encontra êste pedacinho notável:

"Durante séculos — dizia o Rabino Reichhorn em 1869 — os filhos de Israel, despresados e perseguidos, trabalharam para abrir o caminho do poder. Chegam à meta. Controlam a vida econômica dos malditos cristãos e sua influência é preponderante sôbre a política e os costumes. Na hora que quiserem, de antemão fixada, desencadearão a revolução que, arruinando tôdas as classes da cristandade, escravizará definitivamente os cristãos. Assim se cumprirá a promessa de Deus feita a seu povo".

Essa promessa já se realizou na pobre Rússia.

Será amanhã a vez da França?

Num número recente do "L'Ami d'Israel", o editor deplora o fato de estar a mocidade judaica imbuída do despreso de Deus e de Suas Leis, considerando que o *Judeu sem Deus* dirige as fôrças do Mal, de modo que *Israel corre o perigo de se tornar uma raça satânica.*

Esta confissão na verdade impressionante não foi feita por um anti-semita, porém pelo chefe de uma missão judaica.

Com efeito, o perigo parece desmedido! Israel deixou de venerar Jeová e sòmente adora o Bezerro de Ouro.

Através do rumor da vida moderna, ouve-se o éco duma voz murmurar: "De que serve a um homem ganhar o mundo inteiro, se perder sua alma"? (Math., 16, 26).

IV

FATOS HISTÓRICOS

ENCONTRAMOS na *Iudische Presszentrale*, publicada em Zurich a 15 de dezembro de 1933, a afirmação positiva de que os Protocolos foram fabricados em 1905 pela polícia secreta russa, *depois da desastrosa guerra com o Japão* (3).

E' imprudente procurar defender uma causa por meio de afirmações cuja falsidade pode ser fàcilmente demonstrada. Como seria possível fabricar em 1905 documentos que já existiam havia vinte anos em *três línguas* e que grande número de pessoas conhecia?!

Foi abundantemente provado que os Protocolos foram primeiramente escritos em *hebraico,* depois traduzidos em *francês* e mais tarde em *russo.* Possuímos documentos irrespondíveis que demonstram isso.

Os Protocolos constituem um plano estratégico, uma compilação de documentos judaicos autênticos, conservados secretamente através das idades. A nova edição, que se tornou tão célebre, foi elaborada pelo KAHAL, o formidável Govêrno Oculto Judaico. L. Fry lançou a tese de haver sido a compilação executada por Asher Ginzberg, apelidado Achad Haam. Êsse importante personagem foi um dos quatro judeus que ditaram a Balfour a famosa *Declaração* de 2 de novembro de 1917, outorgando aos judeus direitos sôbre a Palestina. Êsse ato constitue a realização dum dos objetivos formulados nos Protocolos.

---

(3) E a edição de Sérgio Nilus de 1902?!...

Ginzberg fixou-se definitivamente em Odessa, em 1886, e alí fundou uma sociedade secreta, os *Beni-Mosheh*, Filhos de Moisés. Ora, está provado pelo testemunho de pessoas que habitavam Odessa nesse tempo que os Manuscritos dos Protocolos corriam entre os judeus da mesma cidade! O sr. Bernstein, judeu, que foi o editor da "Free Press", de Detroit, nos Estados Unidos, declarou em presença do sr. William Cameron, secretário de Henry Ford, *que lera os Protocolos em hebraico, em Odessa, em* 1895!!!

Êste testemunho é da maior importância.

Sigamos agora a sorte das traduções francesas. Um manuscrito dos Protocolos em francês foi guardado em París, na loja maçônica *Misraim*. Um judeu de nome José Schorst ou Shapiro, membro dessa loja, traindo seus irmãos, vendeu o documento por 2.500 francos à senhorinha Justina Glinka, filha dum general russo, que o mandou, com uma tradução em russo, para S. Petersburgo, ao general Orgewski, pedindo-lhe que o entregasse a seu chefe, o general Cherevin, nessa época ministro do Interior, para o mesmo mostrar ao Czar. Cherevin, que, infelizmente, vivia à mercê de alguns judeus riquíssimos, não ousou levar a cabo a perigosa missão e deixou o documento no seu arquivo, onde foi encontrado depois de sua morte.

Schorst fugiu para o Egito e lá foi assassinado.

A senhorinha Glinka também foi perseguida por inimigos inexoráveis. De volta à Rússia, baniram-na da Côrte e exilaram-na em suas terras, no Orel. Aí conheceu Aleixo Sukotin, governador geral da província, a quem deu uma cópia dos Protocolos, fazendo-lhe notar que Sypiaguim, ministro do Interior, acabava de ser assassinado por ter procurado entravar as atividades revolucionárias dos judeus. Sukotin mostrou o documento a dois amigos, Stepanov e Nilus. O primeiro distribuíu várias cópias dêle e o segundo, o professor Nilus, o imprimiu em 1901.

Grande parte dessas informações são tiradas do livro de L. Fry e corroboradas por uma documentação fotográfica feita por Filipe Stepanov, camarista, conselheiro, etc. O documento foi rubricado pelo príncipe Demétrio Galitzin.

Esta declaração que tem irrefutável valor legal foi feita a 17 de abril de 1927. Stepanov declara nela que o Manuscrito dos Protocolos lhe foi confiado em 1895 pelo major Sukotin. Êle o fez reproduzir e deu uma cópia ao sr. A. I. Kelepowsky, chefe da Casa Civil do Grão-Duque Sérgio da Rússia, o qual, depois de haver lido, suspirou e murmurou : "Demasiado tarde" ! Pouco tempo depois, o Grão-Duque perecia vítima dum atentado.

Freqüentemente se tem afirmado que os Protocolos contendo os planos estratégicos de Israel para a conquista do mundo, foram lidos no Primeiro Congresso Sionista reünido em Basiléia, em 1897. A fim de destruir essa afirmação, os judeus observam que não há a menor referência sôbre êles nas atas oficiais. E' um argumento sem o menor valor, porque *tais atas não são completas* : as violentas dissensões que, então, vieram a furo entre Teodoro Herzl e Ginzberg também não são mencionadas !

Um dos raros sobreviventes dêsse Congresso, o Rabino Marcus Ehrenpreiss, de Estocolmo, declarou no *Iudisk Tidskrift*, n.º 6, de 1929, que *o triunfo de Israel fôra predito por Herzl com vinte anos de antecedência !...*

Trinta milhões de cristãos pereceram na Grande Guerra, mas os planos judaicos foram, com efeito, coroados de êxito... A Rússia foi destruída e houve uma *Paz sem Vitória ;* tôdas as nações foram despojadas de suas riquezas e a Palestina foi entregue aos judeus ! Na próxima guerra, que está sendo preparada, o resultado será o completo aniquilamento dos Estados Goyim.

Os documentos secretos dêsse primeiro congresso sionista foram entregues ao govêrno russo. Um agente chamado Rathschkowsky arranjou-os, peitando dois judeus que trairam sua raça. Chamavam-se Eno Azev e Rabbi Efrom. O último refugiou-se em um mosteiro da Sérvia, onde morreu em 1925.

Quando o govêrno russo examinou os papeis obtidos, verificou com grande surpresa que correspondiam aos Protocolos, de há muito já em seu poder. Rathschkowsky morreu misteriosamente pouco tempo depois de haver transmitido suas importantes informações ao general Kurlow, que se convenceu de que êle fôra assassinado.

O professor Nilus foi torturado pela Tcheka por ter divulgado os Protocolos. Morreu em 1929.

Todos êsses fatos constituem uma cadeia de aço, da qual cada anel resiste a tôdas as provas. As testemunhas citadas não são aventureiros anônimos, porém pessoas de alta posição social, gente culta e digna de estima.

Agora, devemos pedir à *Iudische Presszentrale* o favor de explicar como puderam essas pessoas ler, examinar e traduzir um documento dez, quinze e vinte anos antes de sua fabricação? !

Os judeus asseguram que os Protocolos foram preparados por dois agentes de polícia. Muito bem. Todo o seu programa profético tem sido realizado ! Desejavamos saber como êsses dois obscuros indivíduos conseguiram mudar a face do mundo, fazendo desabar os tronos e abalando os impérios. ? Como chegaram a se apoderar de todo o ouro do mundo, arruïnando as nações e *amordaçando a imprensa?...*

V
CAMUFLAGEM

A QUINTESSÊNCIA do perigo judaico está contida nesta palavra. De tôdas as artes, a mais bela é a de saber disfarçar-se. E' de enternecer verificar como os Goyim se deixam enganar com a maior facilidade. Qualquer cousa basta para tornar o maior criminoso novamente apresentável. O sr. Escorpião desaparece nos bastidores e volta à cena como o sr. Beija-flor, sendo muito aplaudido por tôda a assistência. (4)

A Camuflagem é uma invenção moderna. Se Nero tivesse tido a luminosa idéia de se fazer chamar Sócrates, sua reputação teria sido tão boa como a do sr. Finckelstein-Litvinof!

Quando êste enviado — na verdade bem extraordinário — foi convidado para almoçar na residência oficial do Primeiro Ministro da Grã-Bretanha, e, em seguida, na Casa Branca, com o Presidente dos Estados Unidos, é provável que se tenha cuidadosamente evitado todo e qualquer assunto capaz de crear situações embaraçosas. Sem dúvida, ninguém contou que o convidado de honra fôra preso, há vinte e cinco anos, pelo inspetor de polícia Guichard, na estação do Norte, em París, por ter passado cédulas obtidas em um roubo a mão armada, com bombas e tiros de revólveres, contra o banco de Tiflis. Os assaltantes dêsse banco conseguiram fugir, levando um milhão de rublos e deixando cin-

(4) E' lamentável, por isso, que homens de letras brasileiros, ignorando completamente a questão judaica, se deixem ludibriar pelos judeus e escrevam artigos em seu favor, para formar livros, cuja documentação, é, na verdade, de entristecer...

coenta cadáveres na rua! A narração verdadeiramente sensacional dessa façanha pode ser lida na "Libération" de 6 de janeiro de 1934, à página 7, e na "Libre Parole", de setembro de 1933, à pagina 7, também (5).

Se Mac-Donald e o Presidente Roosevelt desejam conservar uma pequena lembrança de seu encantador convidado, podem encomendar à polícia de París suas impressões digitais.

Esperamos que as raças anglo-saxônicas, que permitiram essas amenidades sociais, colham disso vantagens verdadeiramente substanciais!

Desejar-se-ia saber que proveitos um Nelson ou um Washington obteriam em circunstâncias idênticas...

Todavia, há uma porção de gente séria, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos, que fica indignada e enojada com essas inovações diplomáticas...

Já se nota, embora ainda fraco, uma fervura de raiva comprimida, que crescerá e se tornará um tubilhão formidável.

Os judeus, demasiado perspicazes, já sentiram isso!... Uma carta da América do Norte nos informa que, num banquete, em Chicago, o Rabino Shulman declarou francamente que "os judeus estão cheios de pavor mortal, porque o exemplo de Hitler será provàvelmente seguido por tôdas as outras nações. Apregôa-se por tôda a parte que a crise é obra dos judeus e estes temem que disso resultem terríveis matanças".

Com efeito, é para temer, porque está escrito no Êxodo, 21, 24: "Ôlho por ôlho e dente por dente"; e, em Oséias, 8, 7: "Êles semeavam ventos e colherão tempestades".

Recentemente, ainda, um jornal americano declarou: "Quando, afinal, o povo compreender a *verdadeira causa*

(5) O Rei da Inglaterra, Eduardo VIII, depois dos funerais de seu augusto pai, não se pejou de receber em audiência êsse *gangster* judeu, inferior em coragem e sentimento a Al-Capone. Tôdas as nações, menos a Alemanha, na Europa, tratam com êsse salteador de bancos erigido em ministro e diplomata. E' uma vergonha para a civilização!

dos atrozes sofrimentos que padece, os postes de iluminação de Nova York não chegarão para enforcar judeus" !

Esta declaração é, na verdade, de molde a encher de angústia o coração de todo cristão verdadeiro. Desejamos *justiça* mitigada com um pouco de *misericórdia* e não represálias violentas.

Hoje — o grande problema é salvar os cristãos das garras judaicas.

Amanhã — o problema será mais grave : como salvar Israel das mãos vingadoras?

VI

O PROGRAMA

TENDO apresentado abundantes provas da autenticidade dos Protocolos, queremos agora — para edificação dos povos — condensar êsse vasto plano estratégico em 22 proposições. Aqueles que, presentemente, não fazem a menor idéia da gigantesca conjura urdida para a bolchevização do mundo, poderão, assim, convencer-se da realidade do perigo que os ameaça. Podendo examinar o anzol que lhes está preparado, talvez sejam bastante inteligentes para o não engulirem. Quem sabe? E' preciso não alimentar ilusões! Se os Goyim preferem continuar a dormir, tanto peor: *kismet!* A providência não decretou a seleção natural dos imbecís...

Eis aquí o que os Sábios de Sião premeditaram, o resumo do programa magistral enunciado nos Protocolos.

E' preciso:

1.º — Corromper a mocidade pelo ensino subversivo.

2.º — Destruir a vida de família.

3.º — Dominar as pessoas pelos seus vícios.

4.º — Envilecer as artes e prostituir a literatura.

5.º — Minar o respeito pela religião; desacreditar tanto quanto possível os padres, espalhando contra êles histórias escandalosas; encorajar a *alta crítica* a fim de corroer a base das crenças e de provocar cismas e disputas no seio da Igreja.

6.º — Propagar o luxo desenfreado, as modas fantásticas e as despesas loucas, eliminando gradualmente a faculdade de gozar de cousas simples e sãs.

7.º — Distrair a atenção das massas pelas diversões populares, jogos, competições esportivas, etc.; divertir o povo para impedí-lo de pensar.

8.º — Envenenar os espíritos com teorias nefastas; arruïnar o sistema nervoso com a barulheira incessante e enfraquecer os corpos pela inoculação do virus de várias enfermidades.

9.º — Criar o descontentamento universal e provocar ódio e desconfiança entre as classes sociais.

10.º — Despojar a aristocracia das velhas tradições e de suas terras, gravando-as com impostos formidáveis, de modo a forçá-la a contrair dívidas; substituir as pessoas de sangue nobre pelos homens de negócios e estabelecer por tôda a parte o culto do Bezerro de Ouro.

11.º — Empeçonhar as relações entre patrões e operários pelas gréves e *lock-outs*, eliminando, assim, ,qualquer possibilidade de acôrdo que daria em resultado uma colaboração frutuosa.

12.º — Desmoralizar as classes superiores por todos os meios e provocar o furor das massas pela visão das torpezas estùpidamente cometidas pelos ricos.

13.º — Permitir à indústria que esgote a agricultura e gradualmente transformá-la em especulação louca.

14.º — Bater palmas a tôdas as utopias de maneira a meter o povo num labirinto de idéias impraticáveis.

15.º — Aumentar os salários sem vantagem alguma para o operário, pois que o preço da vida será majorado.

16.º — Fazer surgir "incidentes" que provoquem suspeitas internacionais; envenenar os antagonismos entre os povos; despertar ódios e multiplicar os armamentos ruïnosos.

17.º — Conceder o sufrágio universal, a fim de que os destinos das nações sejam confiados a gente sem educação.

18.º — Derrubar tôdas as monarquias e por tôda a parte estabelecer repúblicas; intrigar para que os cargos mais importantes sejam confiados a pessoas que tenham segredos que se não possam revelar a fim de poder dominá-las pelo pavor do escândalo marca "Panamá" ou "Baiona".

19.º — Abolir gradualmente tôdas as formas de constituïção, a fim de implantar o despotismo absoluto do bolchevismo.

20.º — Organizar vastos monopólios, nos quais soçobrem tôdas as fortunas, quando soar a *hora* da crise política.

21.º — Destruir tôda estabilidade financeira; multiplicar as crises econômicas e preparar a bancarrota universal; parar as engrenagens da indústria; fazer ir por água abaixo todos os valores; concentrar todo o ouro do mundo em certas mãos; deixar capitais enormes em absoluta estagnação; em um momento dado, *suspender todos os creditos e provocar o pânico.*

22.º — Preparar a agonia dos Estados; esgotar a humanidade pelos sofrimentos, angústias e privações, porque

A FOME CRIA ESCRAVOS!

Eis o programa!

O elemento principal do êxito é o *segredo.* Está aí porque o inimigo invisível fez tudo para impedir que os povos chegassem ao conhecimento das manobras sistemáticas empregadas com o fim de estabelecer sôbre a terra — *o reino do Anticristo.*

Há um único número do programa acima que não tenha sido executado?

Sim ou não, "The Times" tinha carradas de razão em dizer:

"Se os Protocolos são realmente obra dos Sábios de Israel, então tudo o que se puder dizer, empreender e realizar contra os judeus se torna legítimo, necessário e urgente".

Temos ou não razão reclamando a transformação dessas *palavras* em *atos?*

Nações da Terra, nós vos convocamos para que vos constituais em tribunal e pomos JUDAS no banco dos réus.

Qual o castigo que merecem os que premeditaram matar as almas?

TERCEIRA PARTE

O grande processo de Berna sôbre a autenticidade dos "Protocolos"

Provas documentais

por

GUSTAVO BARROSO

EM LETRAS garrafais, como se se tratasse de interêsse vital do povo brasileiro e não de interêsse particular da colônia israelita no Brasil, os *nossos* jornais publicaram a notícia de que, no processo de Berna, o perito Loosi dera parecer contrário à autenticidade dos famosos "Protocolos dos sábios de Sião".

O público em geral e os anti-judaicos em particular ficaram admirados dessa notícia. Em primeiro lugar, que processo era êsse sôbre os "Protocolos" em Berna? Em segundo, a autenticidade dos mesmos "Protocolos" pode ser impugnada?

Respondemos logo à segunda pergunta. A autenticidade dos "Protocolos" não pode ser impugnada por perícia alguma, salvo se feita por judeu ou pessoa de má fé. A exegese e documentação dos "Protocolos" foi completa e definitivamente realizada nas obras de L. Fry, W. Creutz e Gottfried zur Beck. No seu livro "Le rayon de lumière", Winberg acaba com tôdas as dúvidas que, porventura, possam existir ainda sôbre essa autenticidade.

Uma grande quantidade de livros judaicos e de declarações de judeus comprovam essa autenticidade por pregarem as mesmas idéias. Além disso, é inegável que um exemplar dos "Protocolos" foi depositado em 1901 no British Museum sob o n. 3.926 - D- 17. Ora, basta ler os "Protocolos" e passar em revista os acontecimentos mundiais daquela data até hoje para se ver que todos coincidem com o que está escrito. Como os "Protocolos" não podiam adivinhar o que se ia passar, sobretudo a guerra e o desemprêgo, é lógico que tudo isso foi preparado pelos judeus.

Aliás, a menor dúvida a respeito se desvanece em face desta carta do judeu Baruch Lévy ao judeu Karl Marx, carta que resume o plano de domínio mundial dos "Protocolos": "O povo judeu espera tornar-se coletivamente seu próprio Messias. Êle atingirá o *domínio universal* pela unificação das outras raças e *odesaparecimento de suas fronteiras*. Estabelecer-se-á uma *República Universal* e, nessa nova organização, os Filhos de Israel constituirão o *elemento reinante*. Êles sabem como se influenciam e dominam as massas! O govêrno de tôdas as nações escorregará *imperceptìvelmen te* para as mãos judaicas, *graças à vitória do proletariado*. Tôda propriedade individual será posta à disposição dos Chefes de Israel, que possuirão as riquezas de todos os povos. Isso será o cumprimento da profecia talmúdica: — Quando vier o Messias, os judeus estarão de posse das chaves de todos os tesouros do mundo".

A autenticidade desta carta é indiscutível e ela não passa de um resumo do plano exposto mais largamente nos "Protocolos". A famosa declaração do rabino Reichhorn, em 1869, e mil outros documentos subsidiários semelhantes demonstram que os judeus querem o que os "Protocolos" preceituam.

Os "Protocolos dos sábios de Sião" são absolutamente autênticos.

Respondamos agora à primeira pergunta: que processo é êsse que foi levado por diante em Berna?

Esse processo começou no último quartel do ano de 1934 e tomou grandes proporções por estar nêle empenhada com unhas e dentes tôda a judiaria mundial. Alguns rapazes anti-semitas e nacionalistas suíços publicaram e distribuíram, como propaganda de suas idéias, uma edição dos famigerados "Protocolos". Ao povo helvético que os desconhecia êles causaram profunda impressão. Temendo que a

revelação de seus planos infames lhes alienasse tôda simpatia daquela população ordeira, varonil e virtuosa, os judeus intentaram êsse processo contra os moços, alegando que a publicação era obcena.

A queixa foi dada pelos rabinos, mas como uma comunidade religiosa não poderia contestar, sem motivo, a autenticidade dos "Protocolos", êles usaram duma chicana e, apoiando-se no artigo 14 da lei bernesa sôbre cinema e literatura, que se presta a múltiplas interpretações, requereram a supressão da brochura "como literatura imunda e obcena". Vejam só...

Inexperientes, os jovens nacionalistas suíços entregaram-se a um advogado desleal ou pouco competente que não soube evitar o prosseguimento do feito, demonstrando a falsidade da argüição. O juiz que teve de se pronunciar em primeiro lugar a respeito era um social-democrata conhecido, o qual apresentou os seguintes quesitos:

a) Os "Protocolos dos sábios de Sião" são falsos?

b) São um plágio?

c) No caso afirmativo, quais suas fontes, origens e autores?

d) Que relação têm com o Congresso Sionista de Basiléia de 1897?

e) Do ponto de vista literário, os "Protocolos" podem ser considerados *má literatura*, isto é, constituem pelo texto ou pela forma, ou por ambos, incitamento a crimes ou a atividades que ponham a moralidade pública em perigo ou ainda a ofensas ao pudor, ações embrutecentes e qualquer espécie de escândalo?

Num processo semelhante tentado no Cairo, o judaísmo foi estrondosamente derrotado. A imprensa do mundo inteiro deu a respeito notícias semi-veladas. Mas tôda ela embandeirou em arco com a simples perícia do tal Loosi, em Berna. Isso não quer dizer que o processo tenha sido ganho, mas simplesmente que aquele perito deu respostas favoráveis aos judeus nos quesitos acima apresentados pelo juiz.

Convém a Israel que se não faça luz sôbre o perigo judaico e que os povos continuem na ignorância de sua ação secreta. Daí seu açodamento em correr aos tribunais, querendo com a toga da Justiça Pública cobrir os "Protocolos" revelados ao mundo em boa hora. A judiaria requereu uma revisão do processo do Cairo e está levando por diante, além do de Berna, os de Bruxelas e Viena, no mesmo gênero. O de Berna, porém, é que se acha na ordem do dia. Começou em fins de outubro de 1934 e promete prolongar-se por muito tempo ainda (1). Para deporem contra a autenticidade dos "Protocolos" as sinagogas conclamaram um escol de testemunhas, mandando-as vir de Estocolmo, Varsóvia e París. O chefe sionista de Londres, Cain Weissmann, assumiu o comando da batalha.

Ao mesmo tempo, em defesa dos rapazes acusados, se fundou na Europa uma comissão internacional que abriu o fogo contra a judiaria. Essa comissão dirigiu-se a todos os anti-semitas do mundo pedindo-lhes contribuïções e documentos para o processo, tendo conseguido reünir uma documentação esmagadora.

Além do perito Loosi, cujo parecer foi trombeteado pelos jornais como cousa definitiva, o tribunal nomeou perito um conhecido e reputado conhecedor do assunto, o te-

---

(1) Tanto assim que, segundo notícia o "Service Mondial", N.º 111/13, de 1.º de julho de 1936, pág. 2, o tenente-coronel Fleischhauer. perito da defesa, viaja pela Europa, "recolhendo depoimentos de testemunhas importantes sôbre a questão dos "Protocolos", os quais são autenticados pelos tabeliães".

nente-coronel Fleischhauer. Há outros peritos ainda. O sr. Loosi foi indicado pelos judeus queixosos e sua opinião reflete a dos seus constituintes.

Em janeiro de 1935 ocorreu um caso curiosíssimo : o editor judeu da Groschenbibliothek de Varsóvia pôs à venda em Vilna, na Lituânia, uma edição dos "Protocolos" em *Iddish*, o dialeto judaico. Os anúncios dessa edição apareceram nos jornais *iddishs* "Hajnt" e "Moment", embora dizendo que o documento fôra preparado pela polícia secreta do Czar. Pois bem, os judeus suíços, tendo dado queixa contra os jovens nacionalistas que reproduziram os "Protocolos" em Berna, para serem coerentes, deveriam apresentar queixa idêntica contra seus patrícios de Varsóvia e Vilna que os publicaram no linguajar *iddish*...

Entre as declarações feitas perante o tribunal suíço no decurso do processo, merecem menção as duma testemunha favorável ao judaísmo, o sr. W. L. Burtzerw, que teve o desplante de citar em apôio de suas palavras o general Globatchow, antigo chefe da Okrana ou Polícia de Vigilância, Segurança e Ordem da Rússia Imperial. Imediatamente, o general o desmentiu com a seguinte carta estampada em grande número de jornais europeus : "Nunca tratei com o sr. Burtzerw sôbre os "Protocolos Sionistas" e tudo quanto disse perante o tribunal não passa de fantasia. Nunca também conversei com nenhum de seus agentes acêrca do assunto e ainda menos lhe fiz a leitura de dois pretensos capítulos de minhas "Memórias" sobre os "Protocolos", pois nelas não há uma palavra a propósito. Quanto às conversas que o sr. Burtzerw diz que tive com seus agentes, as quais estão por êles consignadas por escrito, afirmo que seus agentes lhe mentiram. Também não é verdade, segundo afirma o sr. Burtzerw, que o coronel de gendarmeria Pigramidon tenha sido meu colaborador, pois o mesmo foi morto em S.

Petersburgo, durante o lançamento dum cruzador, quando desabou uma arquibancada, no ano de 1903, isto é, quando eu ainda não servia no corpo especial de Gendarmeria".

Quando uma das testemunhas judaicas é arrazada dêste modo, a imprensa não dá palavra...

Em 30 de novembro de 1934, à página 58 da revista "American-Hebrew", a mais importante publicação judaica dos Estados Unidos, vem um editorial sôbre o processo dos "Protocolos", então recentemente instaurado na Suíça. Dêle extraímos e traduzimos o seguinte trecho: "A questão da autenticidade dos pretensos "Protocolos" *é de importância absolutamente mínima.* Só pode interessar aos historiadores. Por que, *mesmo se a autenticidade dêsse documento fosse provada, que significaria isso?* Simplesmente que um grupo de homens desejava conquistar o mundo. Mas qual o povo que não alimentou êsse sonho em certa época de sua história? Pois bem, *admitamos que alguns chefes de Israel tenham tido essa idéia. Por que não?*"

E' o cúmulo da impudência e da desfaçatez! A importância do caso é mínima. Entretanto, na sala do tribunal, o grande rabino Ehrenpreiss, vindo de Estocolmo, declara com ênfase: "Dezesseis milhões de judeus esperam ansiosamente o veredito!" E outra testemunha judaica exclama: "Trata-se da honra de Israel!"

Os judeus norte-americanos admitiram por êsse artigo a possibilidade da autenticidade dos "Protocolos". Até agora, todo o judaísmo a contestava. Agora, ela já é possível. E', diante de sua possível prova, a retirada garantida: todos os povos têm tido sonhos de domínio universal: por que os judeus não podem tê-lo?

E' verdade, registra um comentador alemão, que todos os povos tentaram realizar seus sonhos de ambição ou gloria, mas nenhum pelos processos infames preconizados nos infames "Protocolos"...

Também sôbre essas declarações do "American Hebrew", agências e jornais emudeceram. Sua voz só deu até hoje para apregoar a perícia do sr. Loosi...

Um dos instigadores do processo de Berna é o rabino Messinger, o qual exerce grande influência sôbre o jornal maçônico e liberal "Der Bund" e sôbre o grande órgão socialista (!) "Berner-Tagwacht". No dia 9 de maio de 1933, numa reünião em que se devia discutir a seguinte tese "Judaísmo e Maçonaria", o rabino Messinger pronunciou estas significativas palavras: "O judaísmo foi o comêço da humanidade e será o fêcho de sua cúpola!" Tôda presunção, tôda fatuïdade e tôda a ambição *protocolar* dos judeus palpita nessa simples frase...

Outro instigador é o judeu oriental Boris Liffschitz que exerce também grande influência sôbre o citado "Berner-Tagwacht". Em 1918, segundo informações seguríssimas, êsse judeu recebeu da legação dos Sovietes em Berna a soma de 700 mil rublos destinados a financiar a greve geral na Suíça... Mais um laço entre o judaísmo e o bolchevismo. Mais uma prova de autenticidade dos "Protocolos".

Em meados de abril de 1935, o processo de Berna passou por uma modificação sensacional. Influenciado pela judiaria, o tribunal mostrou-se parcialíssimo. Não tendo recuado diante de vultosas despesas para fazer vir de tôda a parte da Europa as testemunhas favoráveis aos judeus, recusou as testemunhas contrárias. Então, um dos acusados, o jovem Sílvio Schnell denunciou aquelas testemunhas como tendo faltado ao dever de dizer a verdade (2).

---

(2) Paralelamente ao processo de Berna sôbre os "Protocolos", os judeus movem dois outros, na própria Suíça sôbre o mesmo assunto, em Basiléia: um contra o Dr. Zander; o outro contra o comandante Leonhardt. As notícias que espalham sôbre os três estabeleceram mil confusões que lhes são proveitosas. Ultimamente os judeus ofereceram um acôrdo ao Dr. Zander.

Como só a Côrte de Apelação pode tomar conhecimento da denúncia, o processo dos "Protocolos", cuja audiência estava marcada para 29 de abril, foi adiado até que seja iulgada aquela denúncia (3).

* * *

Depois de dois anos de investigações e inquirições de testemunhas arranjadas, a propósito, o tribunal secundário de Berna declarou falsos os famosos "Protocolos dos sábios de Sião", que revelaram ao mundo os tenebrosos planos do judaísmo. Por tôda a parte, judeus e judaïzantes se embandeiraram em arco. A imprensa, a seu sôldo, assoalhou a "estrondosa" victória.

Entretanto, parece que os judeus não têm grande confiança nesse veredito, pois que continuam a propagar por todos os meios essa falsidade, como se não bastasse a sentença da justiça bernesa de primeira instância.

Recordemos ràpidamente as circunstâncias do falado processo e veremos que o judaísmo tem tôda a razão em querer acumular material de defesa, não se sentindo bastante defendido pela sentença em questão.

Nos "Protocolos" está debuxado todo o plano estratégico de Israel para a conquista do mundo. E' natural, portanto, que Israel tudo faça, a fim de que as nações cristãs continuem a ignorar fatos que são de capital importância para sua defesa.

---

(3) O "Service Mondial" de 1.º de julho de 1936 diz o seguinte: "Judá enganou-se redondamente em seus cálculos, quanto ao processo dos "Protocolos", em Berna, 1934-1935. Esperou obter rapidamente uma sentença que lhe desse a vitória sôbre alguns cidadãos suíços inofensivos e não iniciados, quando, de súbito, se viu diante duma falange universal, o "Service Mondial". A documentação reünida em poucas esmanas por êste fez luz sôbre as mentiras das testemunhas pro-judeus e evidenciou os planos de domínio universal.

Há trinta anos foram os "Protocolos" publicados pela primeira vez. Nesse período, realizaram-se tôdas as profecias neles contidas. O comunismo, que decorre dêles e é o coroamento da obra judaica, ameaçou subverter o mundo. A civilização cristã, antes de Mussolini e de Hitler, quasi levou a breca. Tudo isso advertiu o mundo do perigo judaico. E o anti-judaísmo abrolhou por tôda a parte como uma reação defensiva natural e necessária.

A atitude natural do judaísmo não pode ser outra senão desviar as suspeitas e tentar desfazer as provas que corroboram a miserável e covarde ação das fôrças ocultas a sôldo de Israel no mundo.

O processo de Berna não teve outro escopo a não ser destruir, se possível, a reação baseada no conhecimento dos "Protocolos". O fôro da capital suíça estava a calhar para isso, pois que alí se podiam invocar dispositivos legais, cuja hermenêutica serviria, hàbilmente feita, aos propósitos judaicos, e mesmo se contavam elementos marxistas no seio da magistratura.

Durante um ano, o processo rolou sòmente sôbre a acusação, de acôrdo com a tal lei, de haverem alguns rapazes pobres e desprotegidos editado "literatura imoral". No fim dêsse prazo, ajuntou-se ao feito, por meio de chicanas, o caso da autenticidade dos protocolos. E eis como um assunto de alta relevância e de interêsse mundial teve a conhecer dêle e a resolvê-lo num mero tribunal "correcional" um juiz singular de primeira instância e marxista confesso.

Anteriormente, ação idêntica havia sido tentada num tribunal do Cairo ; mas a sentença fôra contrária aos desejos de Israel e a imprensa do mundo inteiro meteu a viola no saco.

Para se assegurarem pela vitória em Berna, os judeus pagaram os mais eminentes advogados da Europa e escolhe-

ram um perito de nomeada. Além disso, o juiz designou outro perito "soi-disant" neutro. A defesa nomeou o terceiro perito — o coronel Fleischhauer, — cujo relatório, recheado de provas esmagadoras, causou uma formidável impressão na assistência. Essas provas de nada podiam servir, visto como a sentença estava decidida de antemão. Tanto assim que, na véspera da reabertura das audiências, a 28 de abril de 1935, o "Jewish Daily Post" publicava, num artigo sôbre a questão, o seguinte período:

"Não se trata mais de provar ou refutar as acusações. ÊSTE CASO JÁ ESTÁ RESOLVIDO... O que importa agora é preparar uma publicidade enorme sôbre a refutação. A sentença deve ser proclamada por tôda a parte. Êsse processo demonstra O QUE SE PODE OBTER COM UMA BOA ORGANIZAÇÃO JUDAICA".

Parece não ser preciso mais para mostrar como agem os judeus e como governam até os próprios juízes.

Assim, semanas antes de pronunciada a sentença, com a maior desfaçatez um órgão oficial do judaísmo proclamava alto e bom som que a vitória de sua causa não era obra da justiça, mas resultado de UMA BOA ORGANIZAÇÃO JUDAICA!

A prova de que o perito "neutro" não era neutro e sim favorável ao judaísmo, foi dada pelo mesmo "Jewish Daily Post" em seu número de 13 de maio de 1935, com estas palavras textuais: "O PERITO PRO-JUDEUS LOOSI"!

Os jornais judaicos bateram palmas ao depoimento da Princesa Radzwill, chegando o "American Hebrew", de 3 de maio a declarar que ela ganhara a partida. Essa princesa de raça, Catarina Radzwill, prestou um depoimento falso e não passa de uma aventureira de alto bordo. Já esteve presa na Inglaterra durante três anos por ter emitido cheques falsos e continuou sua carreira criminosa nos Estados Unidos.

Outra testemunha importante no processo foi o aventureiro judeu Trebitsch Lincoln, natural da Galícia, filho de um rabino de Przemysl. Empregado no comércio de roupas velhas em Budapest, daí passou para a Inglaterra, onde se naturalizou súdito de Sua Majestade Britânica, mudando seu nome de Inácio Trebitsch para o de Timóteo Trebitsch Lincoln. Em 1910, conseguia ser membro do Parlamento inglês ! ! ! Então, meteu-se logo num sindicato petrolífero, em que ganhou 18 mil libras. O negócio foi tão escuso que perdeu o mandato. Arranjou um lugar de censor da língua húngara na administração dos Correios, durante a guerra, entregando-se à espionagem. Descoberto, fugiu para os Estados Unidos, mas foi preso e só o libertaram depois de feita a paz. Sumiu-se e foi reaparecer na Rússia Soviética, onde lhe deram a incumbência de fomentar o comunismo na China.

Em 1920, estava na Alemanha, passando por húngaro e tomando parte no golpe de Estado de Kapp, que traíu, vendendo o segrêdo por 50 mil corôas ao sr. Muzet, chefe do serviço francês de informações em Viena. Os documentos que possuía a respeito vendeu-os à polícia de Praga por 500 mil coroas, das quais só lhe pagaram 200 mil. Vemo-lo ainda na Hungria, participando da primeira tentativa de restauração de Carlos de Habsburgo. Frustrada esta, fugiu e foi parar no Afganistão, onde fomentou um movimento contrarevolucionário após a queda do rei Amanulah. Fingiu que se convertia ao budismo e se refugiou num mosteiro budista de Shangai com o nome de Chao-Kung.

Passaram-se alguns anos e reapareceu na Europa comissionado como representante dos exércitos rebeldes do sul da China, tratando de um empréstimo de quatro milhões de dólares. Passou pela Alemanha, fazendo propaganda do budismo e foi preso em Colónia, no salão Gurzenich, quando pronunciava uma conferência, devido à queixa apresentada por uma senhora holandesa a quem extorquira suas econo-

mias no valor de cinco mil marcos. Livrou-se da entaladela e, em 1934, aportava à Inglaterra em companhia de cinco monjes e cinco monjas budistas. As autoridades impediram-lhes o desembarque. Voltaram todos à China pelo Canadá, ao mesmo tempo que um filho de Trebitsch Lincoln era enforcado em Londres por ter morto para roubar!

Esse charlatão perigoso e agente camaleão da revolução mundial, depôs cìnicamente em Berna com a princesa Radzwill e seu depoïmento foi aceito.

As testemunhas favoráveis ao judaísmo eram dêsse jaez. Eis por que um dos advogados da defesa requereu contra êles um processo por falso testemunho, de acôrdo com o art. 92 do Código Criminal bernês que exige que tôdas as testemunhas assinem seus depoïmentos. Nenhuma delas os havia assinado e saíram-se com esta — que os depoïmentos não reproduziam direito o que haviam dito! Acresce ainda que os judeus apresentaram quantas testemunhas quiseram e os rapazes de Berna, que tinham 36 à sua disposição, só puderam apresentar UMA! O juiz não consentiu na convocação das outras...

O processo foi mal ganho e esperemos o que fará a instância superior, para a qual subiu a apelação. Como foi mal ganho o judaísmo prefere fazê-lo esquecer a soltar os foguetes de uma grande vitória (4).

***

Na sua excelente, séria, documentadíssima brochura "Le Sionisme : Son but et son oeuvre", L. Fry escreve :

---

(4) Recentemente correu até a notícia de terem os judeus retirado a queixa-crime e pago as custas, o que não parece muito certo. Segundo o "Service Mondial" de 1.º de julho de 1936, o tribunal bernês recusara até restituir ao perito Fleischhauer o que êle havia gasto por motivo da própria perícia... Ainda em 5 de julho de 1936, a revista judaica de Zurich "Israelitisches Wochenblatt" atacava Fleischhauer.

"Quem quer que estude com cuidado o conteúdo dos "Protocolos" verifica imediatamente que se acha diante dum programa dos mais precisos e que : 1.º) Os "Protocolos" foram traduzidos do hebraico, o que se prova não só pela opinião dos técnicos como porque muitas pessoas que residiam em Odessa, em 1890, sabiam que êsse documento circulava entre os judeus da cidade, sendo que alguma dessas pessoas o tiveram nas mãos ; 2.º) Os "Protocolos" são a obra dum homem fanatizado pela idéia do nacionalismo judaico, isto é, pelo judaísmo sob o aspeto nacional ; 3.º) O autor demonstra uma inteligência fora do comum e, de fato, a obra pode ser considerada *diabòlicamente genial ;* 4.º) O ódio contra os gentios ou *Goyim*, contra todos os não-judeus, do modo como está expresso nos "Protocolos", denuncia no autor um discípulo da Escola Nacionalista, que, no judaísmo, desde Moisés, vem prègando a execração e o desprêzo dos não-judeus e a crença de que o judeu é o Povo Eleito que dominará o mundo ; 5.º) O autor era um *pensador* e mostra que se sentia reconhecido como um chefe pelos seus irmãos de raça".

* * *

Em fevereiro de 1925, Roger Lambelin, estampava êste prefácio na edição francesa dos "Protocolos", editada em París por Bernard Grasset, traduzida diretamente do russo :

Desde uns quatro anos, quando foi dada a lume a primeira edição desta tradução da versão russa de 1912, que os "Protocolos" fazem correr rios de tinta".

Apareceram novas traduções, especialmente em um dos países onde o perigo judaico é mais aparente — a Romênia (5) — e as discussões continuam na imprensa, procurando

---

(5) "Protocoalele Interleptilor Sionului", Orastia, 1923.

rasgar o véu misterioso que envolve êsse documento, tão ardentemente estudado e comentado.

Do lado cristão apareceram em 1922 um estudo muito interessante de Monsenhor Jouin sôbre os "Protocolos" de G. Butmi, segundo a edição de 1901 (6), e uma obra histórica da senhora Nesa Webster (7), em que o Iluminismo de Weishaupt (8) é apresentado, com o apôio de muitas opiniões, como uma das fontes das doutrinas e métodos preconizados nos "Protocolos".

---

(6) Edição de Emile Paul, París.

(7) "World Revolution" ("Revolução Mundial"), edição de Constable, Londres.

(8) O Iluminismo foi uma seita secreta criada, na segunda metade do século XVIII, pelo judeu Weishaupt, na Baviera. Essa maçonaria tinha feição nìtidamente satânica. Sua influência veio até o Brasil e podemos palpá-la na Faculdade de Direito de São Paulo, onde se organizou a famosa sociedade secreta — A Bucha — isto é, a Burschenchaft, fundada pelo misterioso Júlio Franck. Os Iluminados da Baviera prepararam em fins do século dezoito uma conspiração terrível contra o Estado, à qual se deviam seguir matanças terroristas. Felizmente foi descoberta a tempo pela polícia.

Cf. Léon de Poncins, "La dictature des puissances occultes", págs 73-74 e nota: "Uma sociedade política secreta, o Iluminismo, constituíu-se na Alemanha ao impulso infatigável dum homem dotado do gênio da conspiração : Adão Weishaupt. Auxiliado por muitos colaboradores conhecidos e tendo a seu lado colaboradores e, talvez, inspiradores ocultos, êle montou vasta sociedade secreta, de fins anarquistas, tendendo a destruir tôda monarquia, tôda religião e tôda autoridade. Encheu as côrtes alemãs com seus adeptos e até conseguiu, entre outras cousas, expulsar os jesuítas da Baviera. Em 1874, no Congresso de Wilhelmsbad, os Iluminados desempenharam papel preponderante e inculcaram à maçonaria seus princípios de atividade política militante. A Franco-Maçonaria moderna estava criada e se aproximavam os grandes terremotos sociais".

"Tudo o que concerne ao Iluminismo é bem conhecido, porque existem seus arquivos. Em 1786, um dos grandes adeptos dessa sociedade foi fulminado pelo raio nas cercanias de Ratisbona. A polícia apanhou-lhe o corpo e achou com êle documentos tão comprometedores, que prendeu os principais membros. Depois, publicou os documentos. Entretanto, o chefe Weishaupt (*judeu*) conseguiu fugir e, segundo o historiador inglês Webster, que se consagrou especialmente a êsse assunto, o Iluminismo não teria sido destruído, mas se mantivera secretamente reconstituído, vindo até nossos dias, como um ramo da maçonaria."

A Burschenchaft ou Bucha de S. Paulo, que domina a política brasileira, fundada pelo adepto Júlio Franck, vem do Iluminismo.

Vide mais : N. H. Webster, "Secret Societies and subversive movements", sobretudo pág. 218 ; R. P. Raire, S. J., "Au pays de l'occultisme" ; Gustave Bord, "La Franc-Maçonnerie en France".

Maçonaria, Iluminismo, Bucha, tôdas as sociedades visam o mesmo fim. Leia-se G. Bord, *op. cit.*, pág. 13 : "Essa luta contra todo princípio

Do lado judaico e filo-judaico tudo foi feito, na França, na Inglaterra, nos Estados Unidos e na Alemanha, para tirar o valor e a autoridade que êsse documento tem e que decorre de seu próprio texto.

Os srs. Salomão Reinach, Luciano Wolf, Zangwill (9) e uma pléiade de escritores, nem todos judeus, procuraram demonstrar que se não devia atribuir a Israel a eclosão do bolchevismo russo, e as mais variadas hipóteses foram apresentadas sôbre a origem dum panfleto, cujo autor só podia ser um agente da polícia czarista, desejoso de provocar *pogroms* (10). Entretanto, em razão de seu número e da ausência de provas susceptíveis de comprová-las, as hipóteses não pareceram nada verosímeis. A comissão de imprensa instituída pelas organizações judaicas de Londres para combater o que se chamava "um novo anti-semitismo" estava já sem recursos, quando, de súbito, o "Times" anunciou uma descoberta milagrosa. Acabara-se o mistério que escondia a origem dos "Protocolos". O panfleto era uma falsificação, uma *forgery* ; Israel podia alegrar-se e agradecer a Jeová : seus inimigos tinham sido confundidos, pulverizados!...

Em três artigos, publicados em seus números de 16, 17 e 18 de agôsto de 1921, o "Times" contava a sua descoberta. Seu correspondente em Constantinopla recebera dum russo refugiado na Turquia, com a promessa formal de jamais revelar seu nome, um pequeno volume com o título "Diálogos nos Infernos entre Maquiavel e Montesquieu", cujo autor era um tal Maurício Joly.

---

de autoridade não é certamente nova. Na Idade-Média, os apaixonados pela religião natural já tinham tomado tôdas as formas : metafísicos, lançaram-se à Kabbala ; sábios, à alquimia ; médicos, ao empirismo ; astrólogos, à astrologia... Mais tarde, êsses sedentos de liberdade absoluta, de igualdade quimérica e de livre exame fizeram a Reforma, o Jansenismo, o Enciclopedismo, a Maçonaria e o Jacobisnismo."

(9) Todos autores judeus.

(10) Chamam-se *pogroms* na Europa Oriental, sobretudo na Rússia, as matanças de israelitas levadas a efeito pelas populações dos campos e de algumas cidades, exasperadas com a usura e a exploração dos parasitas judeus.

Êsse preâmbulo rocambolesco oferecia algum interêsse? E' duvidoso, mas isso dava certo perfume romântico à narração, tanto mais que o tal russo, prudente e desejoso de conservar o incógnito, era qualificado como antigo membro da Ocrana, polícia secreta do czar.

O livro em questão figurava no catálogo do British Museum e no da Biblioteca Nacional de París. Aparecera em Bruxelas no fim do Segundo Império Francês e valera a seu autor uma condenação por "incitamento ao ódio e desprêzo do govêrno imperial". Era, portanto, supérfluo ir a Constantinopla para descobrí-lo.

No panfleto político dirigido contra Napoleão III, absolutamente não se trata de judeus. Mas Maurício Joly fórmula, por intermédio de Maquiavel, uma teoria completa sôbre o govêrno dos povos, compreendendo: legitimação dos golpes de Estado, estabelecimento dum poder tirânico, fundado sôbre a corrupção, escravização da imprensa, da magistratura, da Universidade, sustentada pela polícia e as fôrças armadas. Por uma transposição fácil, êsse poder tirânico, definido por Maquiavel, pode ser aplicado tanto ao imperialismo de Israel como ao absolutismo napoleônico.

Pelo fato de certas passagens dos "Protocolos" serem calcadas sôbre parágrafos dos "Diálogos dos Infernos" tôda a imprensa judaica e até certos jornais tidos como independentes deduziram que o pequeno livro revelado por Nilus e Butmi era uma invenção, uma "falsificação", como a das "Monita Secreta", outrora atribuídas aos jesuitas. Todavia, Maurício Joly era um republicano fanático, pouco suspeito de se ter prestado a uma manobra contra a democracia e os judeus. Quem, portanto, se poderia ter servido de seu panfleto para transformá-lo em arma de guerra, em carro de assalto manobrado pelos anti-semitas? O "Times" e

alguns outros jornais deram livre curso à sua imaginação e fizeram intervir no caso o hipnotizador Filipe, o grão-duque Sérgio Alexandrovitch e uma princesa Radzwill, acabando por atribuir a paternidade dos "Protocolos" a um trio de policiais russos (11).

Mas essa atribuição não passava duma hipótese e nenhuma aplicação plausível, nenhum testemunho de valor estabeleceram sua veracidade.

Mantendo-nos estritamente no terreno da crítica histórica, é preciso reconhecer que a origem dos "Protocolos" continua misteriosa e que seu autor ou autores permanecem desconhecidos. Contudo, sejam quais forem as fontes do documento, seu texto merece ser conservado e divulgado. Sem dúvida, certas passagens estranhamente se assemelham a extratos do panfleto do sr. Joly, outras apresentam curiosas analogias com os preceitos formulados por Weishaupt para uso dos Iluminados. Há também idéias emitidas por Vindex, da Alta Venda Romana, por Bakunine, da Aliança Social Democrática, pelo próprio Lenine (12).

Se o texto dos "Protocolos" contém um ensinamento, oferece um interêsse forte e atual, é porque procede de inspirações judaicas e maçônicas, monstrando de que maneira as sociedades secretas, a corrupção e o terrorismo podem ser utilizados por Israel para realizar seu domínio sôbre o mundo.

---

(11) A propósito, é conveniente ver na "Revue Hebdomadaire", de París, de 17 de dezembro de 1921, "Maurice Joly et les Protocols". Deixamos de dar, nestas notas, em resumo, o que diz, porque o trabalho de W. Creutz, que traduzimos (vide segunda parte dêste livro), contém o essencial sôbre essa parte da questão.

(12) Lenine declarara, de acôrdo com o espírito dos "Protocolos" : "Na luta sagrada pela Revolução Social contra a burguesia, contra os capitalistas e seus dirigentes, é inteiramente lícito empregar a mentira, a fraude e a traição. Tudo o que está a serviço da Revolução é lei moral".
Que é isso senão a lição judaica dos "Protocolos"?

Essa misteriosa brochura, segundo a expressão do "Morning Post" (13), é um *vade mecum* dos métodos pelos quais os grandes impérios podem ser e foram destruídos".

* * *

No dia 8 de dezembro de 1935, segundo notíciou o jornal "Berlingske Tidende", de Copenhague, realizou-se alí uma festa na séde da Sociedade do Artezanato, em benefício da fundação sionista Keren Hajesod, na qual o judeu Samuel Besekow, ator do Teatro Real, declamou, delirantemente aclamado pela assistência, o poema "O judeu pacificador", escrito pelo judeu Luiz Levy. O referido poema apareceu logo depois da guerra mundial, editado pela casa Nyt Nordisk Forlog e contém, em resumo, o plano de conquista exposto nos "Protocolos", denunciando, assim, os propósitos messiânicos e dominadores que Israel pretende negar. E' uma prova decisiva da autenticidade dos "Protocolos", porque mostra como êles estão impregnados de espírito judaico. Leiamos o poema :

"Os tempos chegaram e uma só cousa agora importa : é que nós nos manifestemos o que somos — uma nação entre as nações, os príncipes do Ouro e da Inteligência. Um suspiro se elevará de tôda a terra e as multidões estremecerão ouvindo atentamente a sabedoria que emana dos judeus. Quem ignora o que significam as glândulas do corpo humano? Pois bem, agora, por um judicioso instinto de conservação, os judeus se fixaram nas glândulas da moderna comunhão dos povos. As glândulas dessa comunhão dos povos são : as bolsas, os bancos, os ministérios, os grandes jornais, as casas editoras, as comissões de arbitragem, as sociedades de segu-

---

(13) Número de 27 de outubro de 1921.

ros, os hospitais, os palácios da paz (14). Alguns publicanos e alguns predicadores, professores e sábios afirmam que não existe a questão judaica. Perguntai a um vagabundo qualquer e êle responderá melhor. Por uma ambição belicosa, êsse rústico é naturalmente anti-semita. Naturalmente, é necessário que o povo judaico tenha uma representação internacional e um território próprio. Mas não acrediteis que os judeus da Europa ocidental dêm um passo. Aparentemente, tudo continuará no mesmo e, todavia, tudo será transformado. Jerusalém será o nosso papado. Jerusalém parecerá laboriosa aranha, tecendo uma teia, cujos brilhantes fios de eletricidade e de ouro envolverão o mundo. O centro dessa teia, de onde partirão todos os fios, será Jerusalém"! (15)

Como poema, êsse trai o conhecido mau gôsto judeu e nada vale. Como documento comprobatório do espírito judaico dos "Protocolos", é preciosíssimo!

* * *

O espírito dos "Protocolos" provém dos próprios livros sagrados dos hebreus, é fundamentalmente israelita. Encontraremos o resumo do plano do domínio mundial pelos judeus no livro do profeta conhecido dos exegetas como o Segundo Isaías, Deutero-Isaías:

"As nações se reünirão para prestar homenagem ao povo de Deus; *tôda a fortuna das nações* passará para o povo

---

(14) No Brasil, a glândula principal é S. Paulo. Fixados em São Paulo, dirigindo-lhe a política, os grandes jornais, os grandes bancos, a grande indústria, as operações de café, um grupo de judeus, meio judeus e judaïzantes ou judaïzados, dominam a vida econômica de todo o país, forçando a governação política através da direção da economia. Êsse é o papel dos Numa de Oliveira, dos Simonsen, dos Murray, dos Moretzshon, dos Mesquita, dos Whitaker, dos Lafer, dos Klabin, *et magna concomitante caterva*...

(15) Êste poema foi estampado e comentado no famoso "Serviço Mundial", de Erfurt, Alemanha.

judeu; elas caminharão, *agrilhoadas como cativas*, atrás do povo judeu e se prosternarão diante dêle; os reis serão aios dos filhos de Israel e as princesas amas de seus filhos. Os judeus governarão as nações; chamarão a si os povos que nem mesmo conheçam, os quais correrão para êles. *As riquezas do mar e a fortuna das nações* virão elas próprias para os judeus. *O povo e o reino que não servirem Israel serão destruídos.* O *Povo Eleito* beberá o leite das nações e sugará o seio dos reis, *devorará a fortuna* das nações e se cobrirá de esplendor".

Será possível que, diante de documentos desta ordem, diante de provas tão concludentes do plano de domínio judaico, os cristãos continuem a não querer ver o perigo, a abandonar suas tradições e a seguir as novidades ilusórias criadas pela magia de Israel para os botar a perder e os escravizar?.

O' cristão, ao menos escolhe o môlho com que queres ser comido no banquete de Leviatan, a que alude Calixto de Wolski, no banquete do dia glorioso em que o judaísmo comemorará sua vitória sôbre as ruínas do mundo cristão!...

* * *

Os judeus, quando acusados de exercerem ação funesta no seio da sociedade, fomentando uma política e uma economia de acôrdo com seu plano de domínio mundial, escudam-se em duas desculpas esfarrapadas: uma é a intolerância religiosa; a outra, a intolerância racista. Só os ignorantes da questão se deixam embair. Não há no anti-judaísmo senão um movimento natural de defesa do organismo social contra o parasita que lhe ameaça a vitalidade. O racista máximo é o judeu, que não cruza, não se funde, não se adapta e despreza, no fundo, como o reconhecem as maio-

res autoridades israelitas na matéria, os povos no meio dos quais vive. Falar de intolerância religiosa nos nossos dias em países como o Brasil, é apelar para uma verdadeira tolice.

Vejamos com o auxílio de autores judaicos, a fim de não poderem ser recusados os nossos testemunhos, que é o anti-semítismo, ou, melhor, anti-judaísmo. Segundo o escritor judeu Kadmi-Cohen, no seu livro "Nômades" (16): "Bismarck, a quem se atribue a paternidade do têrmo *anti-semitísmo*, parece, com efeito, que não avaliou o valor da expressão que empregou. Servindo-se dêsse têrmo mais largo e extensivo, procurava sòmente evitar que o acusassem de atacar súditos de seu rei. Na verdade, a expressão *anti-semitísmo* não deve ser considerada eufemismo nem neologismo. E' um conceito, ao qual se opõe o conceito semita".

Em verdade, o autor judeu Eberlin declara no seu livro: "Les Juifs" (pag. 131), que, "em última análise, o anti-semitísmo se traduz no anti-judaísmo".

Outra definição, mais sintética e mais concludente, é a do erudito publicista judeu Bernard Lazare: "O anti-semitísmo é um dos modos porque se manifesta o princípio das nacionalidades" (17), isto é, é a reação nacional contra o corpo estranho.

Por que razão o anti-semitísmo? Responda mais uma vez Bernard Lazare: "Pareceu-me que uma opinião tão universal como o anti-semitísmo, tendo florescido em todos os lugares e em todos os tempos, antes da era cristã, e, depois, em Alexândria, Roma, Antióquia, Arábia, Pérsia, a Europa medieval e a Europa moderna, numa palavra, em tôdas as partes do mundo onde houve e há judeus, não podia ser resultado duma fantasia ou dum capricho perpétuo,

---

(16) Edição de Felix Alcán, París, 1929 págs. 10-11.

(17) Bernard Lazare, "L'Antisemitisme", Edição Crés, París, 1934, vol. II, pág. 138.

devendo haver, para sua eclosão e permanência, razões profundas e sérias". (18).

Mais adiante, o autor conclue o seu pensamento : "Por tôda a parte onde os judeus, cessando de ser uma nação prestes a defender sua liberdade e sua independência, se estabeleceram, se desenvolveu o anti-semitísmo ou, melhor, o anti-judaísmo, porque anti-semitísmo é uma expressão mal escolhida, que só teve razão de ser em nosso tempo, quando se quis alargar a luta entre o judeu e os povos cristãos, dando-lhe uma filosofia e, ao mesmo tempo, uma razão mais metafísica do que material" (19).

Na mesma página se pode ler ainda êste trecho : "...essa raça sofreu o ódio de *todos os povos* no meio dos quais se estabeleceu. Portanto, se os inimigos de Israel pertenciam às raças as mais diversas, vivendo em países afastados uns dos outros, regendo-se por leis diferentes, governando-se por princípios opostos, sem os mesmos costumes e os mesmos hábitos, com espíritos diversos que lhes não permitiam julgar as cousas de modo idêntico ; portanto, *as causas gerais do anti-semitismo sempre provieram de Israel mesmo E NÃO DOS QUE O COMBATIAM*".

Sirva esta lição, dada por um israelita de fama, grande defensor de Israel, aos escritores brasileiros, lamentàvelmente ignorantes no assunto, que escrevem páginas de livros em favor dos judeus, sem saber o que estão fazendo...

Por que razão as causas do anti-judaísmo estão nos judeus e não nos que os combatem? Dê a resposta ainda o escritor judeu Bernard Lazare : "Por tôda a parte queriam continuar judeus e obtinham privilégios que lhes permitiam *fundar um Estado no Estado.* A' sombra dêsses privilégios, dessas isenções, sobretudo de impostos, ràpidamente se

(18) *Op. cit.*, vol. I, págs. 39-40.
(19) *Op. cit.*, vol. I, pág. 42.

achavam em situação melhor que os próprios habitantes das cidades onde viviam; tinham mais facilidades de traficar e se enriquecerem, excitando, assim, ciumes e ódios" (20).

Ora, as causas assinaladas aí permanecem de pé. Onde quer que vá, o judeu forma um quisto social e tem o seu govêrno oculto: é um Estado no Estado. As isenções de impostos para se enriquecerem obtêm de todos os modos. O caso da isenção de direitos do grupo judaico de São Paulo para o maquinário da companhia Nitro-Química é típico...

Depois disso, ainda há tolos que falam em intolerância religiosa e em racismo...

* * *

Os judeus negam de pés juntos a autenticidade dos "Protocolos". Entretanto, nos seus jornais e revistas, escritos ou não nas emaranhadas letras que usam, órgãos que, geralmente, circulam na intimidade do Povo Eleito, e não são lidos pelos cristãos, manifestam-se de outra maneira. Tomemos, por exemplo, o "American Hebrew", de 30 de novembro de 1934. A' página 58, encontramos um editorial sôbre o processo de Berna e nele êste pedacinho de ouro:

"A questão da autenticidade dêsses pretensos "Protocolos" é da mínima importância e só pode interessar aos historiadores. Porque, mesmo se a autenticidade dêsse documento se provasse, *que significaria isso? Simplesmente que um grupo de homens deseja conquistar o mundo*; mas qual o povo que não teve êsse sonho em certa época de sua história? (21) *Pois bem admitamos que alguns chefes de Israel tenham tido essa idéia. Por que não"?*

(20) *Op. cit.*, vol. I, pág. 48.
(21) Mas nenhum pelos processos dos "Protocolos"...

Era a isso que o bispo Agobar e os polemistas anti-judaicos da Idade-Média chamavam com a maior propriedade *insolentia judaeorum!* (22).

A acusação de plágio ou falsificação feita aos "Protocolos" não impede que os judeus o editem no seu linguajar, espalhando-o pelas populosas judiarias da Europa Oriental, a fim de dar a conhecer o plano e de ganhar dinheiro com a venda. Dois proveitos num saco. A "Gazeta Warszawska" (23), que se publica na capital da Polônia, no seu número de 18 de dezembro de 1924, chamava num comentário a atenção do público para os anúncios estampados na primeira página dos jornais judaicos "Hajn" e "Moment", em *iddish* (24), que diziam assim: "Acontecimentos sensacionais em livraria: "Os Protocolos dos Sábios de Sião" acabam de aparecer, traduzidos do original em língua russa. No editor da "Groschenbibliothek - Warszawa – Caixa Postal 178 - P. K. O. – 25.449. Três partes contendo cada uma 64 páginas. Preço: sòmente 30 *groschen*. Fala-se todos os dias nos jornais nos "Protocolos dos Sábios de Sião", mas ninguém sabe o que contém êsse mau documento secreto (?). Caímos por acaso sôbre o original dêsses "Protocolos", que foram fabricados pela Ocrana czarista. Pela primeira vez, os "Protocolos" são publicados em dialeto judaico".

E' formidável! Os judeus acusam nos tribunais suíços os "Protocolos" de *literatura imoral*, e o traduzem e espalham em *iddish* na Polônia... Quem os não conhecer que os compre...

* * *

---

(22) Cf. B. Lazare, *op. cit.*, vol. I, pág. 58, nota.

(23) "Gazeta de Varsóvia".

(24) Linguajar falado pelos judeus, mistura de aramaico, da língua do país habitado e de têrmos de várias procedências. Há um *iddish* alemão, um espanhol, um árabe, etc. Escondido nessa gíria, cujos segredos só se aprendem nos *ghettos*, o judeu comunica seu pensamento sem receio de se comprometer...

Êste livro organizado em tôrno do texto dos "Protocolos" não é uma obra de insultos ou difamação : é um trabalho de documentação escrupulosa, destinado a provar matemàticamente a ação nefasta de Israel dentro das nações cristãs. E' um brado de alarma á mocidade Brasileira para que estude a questão e reaja contra o judaísmo, não se deixando mais corromper nem explorar como as gerações que passaram e vão passando.

Até hoje, dos que ousaram levantar os véus que encobrem ao mundo os segredos judaico-maçônicos, poucos lograram escapar com vida. Eu, porém, não estou olhando para êsse perigo : estou cumprindo o meu dever, estou acordando o Brasil. Comecei a acordá-lo com "Brasil-Colônia de banqueiros". Continuo apostilando os "Protocolos". Continuarei na "História Secreta do Brasil" e outros livros. A documentação de que me sirvo, é, de preferência, haurida em publicistas judeus, defensores do judaísmo. Recorro, às vezes, a escritores de notória imparcialidade e mais raramente aos reconhecidamente antijudaicos.

Essa documentação custou-me anos de estudo e de pesquisas. Procurei e obtive os livros mais raros, que os judeus se esforçam em retirar dos mercados e das bibliotecas (25). O que demonstro, pois, apostilando os "Protocolos" e assegurando sua autenticidade, é irrespondível. Que apareça uma documentação em contrário ao invés de páginas balofas, pedidas a homens de letras, cegos em matéria de judaísmo, e escritas sôbre a perna, para satisfazer

---

(25) Sôbre a ação dos judeus nas bibliotecas, fazendo desaparecer obras que lhes não convém divulgadas, especialmente do diretor judeu da Biblioteca de Viena, dos judeus Cohen, diretor, e Senhorita Bernstein, secretária, da Biblioteca Nacional de Paris, e do judeu Rubin Leví, diretor da Biblioteca do próprio Vaticano, vide "Service Mondial", n.º 11, 4, fls. 3 e 4, 1935.

um israelita pedinchão, tão mesquinho que nem ao menos paga cem mil réis pela lauda literária do cristão bobo...

* * *

Em 1886, prefaciando a segunda edição do livro famoso "Le Juif, le Judaisme et la Judaisation des Peuples Chrétiens," de Gougenot des Mousseaux (26), Charles Chauliac, escreveu estas palavras: "Por uma espécie de inspiração profética que os acontecimentos têm comprovado nestes quinze anos, o sr. G. de Mousseaux nos mostra, em futuro próximo, o judeu talmudista dono do mundo pelo seu ouro e pelo seu gênio sem conciência e sem escrúpulo. Arbitro supremo da paz ou da guerra no seio de todos os governos da Europa, vai agindo como verdadeiro rei dos povos pelo receio que produz o seu poder. Fundador da franco-maçonaria, na qual se reservou cinco lugares no Grande Conselho Supremo; todo-poderoso na Associação Internacional; senhor absoluto da imprensa, escondendo, às vezes, sob as aparências conservadoras o fim inconfessável que almeja há mil e oitocentos anos e que é a ruína da sociedade cristã e a desgraça do mundo, o judeu-talmudista aparece levado por uma fôrça invisível e constrangido, a despeito de seus ódios e esperanças, a caminhar para o fim marcado pela misericórdia divina ao judeu da antiga lei... Êste livro,

---

(26) Deuxième edition, París, F. Wattelier et Cie., 5, rue du Cherche-Midi, 1886. A primeira edição, datada de 1869, desapareceu do mercado, *confiscada* pelos judeus. A segunda é raríssima. Não é possível encontrar as obras dos anti-semitas predecessores de Gougenot des Mousseaux: o cavalheiro Drack, rabino convertido; Toussenel; e Rupert, tradutor da célebre obra "A Igreja e a Sinagoga". Seus livros têm sumido mesmo das bibliotecas... O mesmo acontece com os 2 volumes do "Judaísmo descoberto", de J. A. Lisenmenger, de 1711, com as obras do judeu convertido G. Lowe (1840), a de Jean de Pauli (1887), assim como com o célebre folheto do Dr. Briman "Der Judenspiegel" (1881).

publicado há dezessete anos, vê hoje em grande parte suas previsões realizadas"...

De 1886 a 1902, data da 1.ª edição russa dos "Protocolos" medeiam dezesseis anos; somados aos dezessete anteriores entre a 1.ª e 2.ª edição de Gougenot des Mousseaux, temos trinta e três. Assim, 33 anos antes dos "Protocolos" já havia quem sentisse os efeitos do *plano oculto*, quem o denunciasse e quem verificasse a exatidão dos prognósticos. Da publicação dos "Protocolos" para cá, podemos fàcilmente conferir a execução do plano, comparando o que está delineado com o que se foi realizando.

Os judeus e seus defensores devem convir que são coincidências de mais...

* * *

Demonstremos, enfim, a autenticidade do espírito judaico dos "Protocolos", com dois documentos insuspeitos que apontam claramente as afinidades do texto com as aspirações eternas da raça de Israel. O primeiro é a formula messiânica inscrita pelo rabino Kauffmann Kohler, no seu livro "Teologia Sistemática do Judaísmo", à página 290: "Todos os que falam em nome do judaísmo reformado têm unanimemente protestado contra a manutenção na liturgia e na doutrina de passagens relativas à crença num Messias pessoal. Insistem cada vez mais sôbre a crença numa *época messiânica* de conhecimento universal de Deus e do amor, que abrace tôda a humanidade, ideal que está em íntima correlação com a *missão do povo judeu.* De conformidade com as belas palavras que o segundo Isaías consagra ao doloroso servidor de Deus, o título de Messias foi de oravante conferido ao próprio povo de Israel: *Israel, o Messias sofredor*

tornar-se-á no fim dos tempos o Messias dos povos, VENCEDOR E COROADO" (27).

Êsse neo-messianismo judaico, extremo perigo para todos os povos, está comprovado no "Jesus" de Barbusse, diante de cujo estilo bíblico se fica a meditar na profecia do Anticristo, *em tudo parecido com o Cristo*. O segundo documento a que temos de recorrer é êsse texto do judeu Henri Barbusse:

18 — E agora chegamos também a uma hora grave do nosso drama comum.

19 — De todos os lados, hoje retumba a grande nova:

20 — Os dias estão próximos. O velho mundo vai morrer de vez.

21 — E êles dizem que é a consumação dos tempos e a hora da Revolução e que vai brotar dos crepúsculos da terra o arco-iris da justiça.

. . . .

27 — E o herói da Revolução criará a era nova em que Israel será elevado acima das águias. E as estrêlas brilharão sete vêzes mais sôbre os justos, e o eterno fará conosco um tratado feliz.

28 — Êste é o sonho que tem o nosso povo, porque as imagens que um povo cria são, como os sonhos dum homem, feitas com pedaços dêle mesmo (28).

. . . .

31 — A multidão é covarde e tôdas as suas lembranças lhe fogem. Mas nós, os Santos (29), nós fazemos brotar da terra a coragem de Israel.

32 — E sua fé.

---

(27) Salluste, "Les origines sécrètes du Bolchevisme", Edição de Jules Tallandier, Paris, 1930, pg. 15.

(28) Os "Protocolos", portanto, são feitos com "pedaços de Israel".

(29) Isto é, os "Sábios de Sião".

33 — Porque Israel é o Povo Eleito. O universo foi dado aos judeus por Deus que lhes falou por um porta-voz do alto do Sinai...

. . . .

36 — E apascentaremos as nações com um cajado de ferro.

. . . .

47 — Ora, a justiça é o restabelecimento da dinastia de David; a piedade é a da condição dos judeus; a fé, a da sua desforra.

. . . .

55 — Rogo-te que sejas a Peste Messiânica.

56 — Muda a água em sangue e cobre de chagas o solo dos campos.

57 — Embora mates todos os ricos para te enriqueceres e leves a tocha do incêndio ao Templo.

58 — Embora encareças o pão e a medida de trigo custe uma moeda, produzindo a fome.

59 — Tudo isso é uma boa condição para a Revolução.

. . . .

61 — Traze, não a paz, mas a espada"... (30).

E' possível refutar ou negar o judaísmo tal como se revela nos "Protocolos", diante de documentos desta ordem?

* * *

A continuïdade do plano judaico através dos centenários ou, melhor, dos milênios, como que revela a obra dum *espírito das trevas*, anti-humano, anti-cristão, superior ao tem-

(30) H. Barbusse, "Jesús", páginas finais. O que se passa na Espanha é a prática da teoria do judeu Barbusse.

po e ao espaço. No fundo do panorama de lama e sangue da ação do judaísmo no mundo, como que se pressente a *Inteligência do Mal,* como que se adivinha a presença do *Imperatore del doloroso Regno* da visão de Dante. E' o que indaga, ansioso, René Guénon: "Não haverá por trás de todos êsses movimentos *alguma cousa* estranhamente terrível que seus próprios chefes talvez não conheçam e da qual não passem de meros instrumentos? Contentar-nos-emos em fazer esta pergunta sem procurar resolvê-la" (31).

* * *

Mocidade cristã do Brasil, de pé contra o Anticristo!

---

(31) R. Guénon, "Le Theosophisme", pág. 280.

QUARTA PARTE

Os Protocolos dos Sábios de Sião

(Texto original completo em 24 capítulos)

CAPÍTULO I

Resumo. — O direito reside na fôrça. A liberdade é uma idéia. O liberalismo. O ouro. A fé. A autonomia. O despotismo do capital. O inimigo interno. A multidão. A anarquia. A política e a moral. O direito do mais forte. O poder judaico-maçônico é invencível. O fim justifica os meios. A multidão é cega. O alfabeto político. As discórdias dos partidos. A forma de govêrno que melhor conduz ao nosso fim é a aristocracia. As bebidas alcoólicas. O classicismo. A devassidão. O princípio e as regras do govêrno judaico e franco-maçon. O terror. Liberdade, Igualdade, Fraternidade. O princípio do govêrno dinástico. A destruïção dos privilégios da aristocracia dos cristãos. Cálculo psicológico. Abstração da liberdade. Removibilidade dos representantes do povo

ABANDONANDO tôda e qualquer fraseologia, estudemos cada idéia em si mesma e esclareçamos a situação com comparações e deduções.

Formularei, portanto, nosso sistema do nosso ponto de vista e do ponto de vista dos cristãos.

E' preciso ter em vista que os homens de maus instintos são mais numerosos que os de bons instintos. Por isso se obtêm melhores resultados governando os homens pela violência e o terror do que com discussões acadêmicas. Cada homem aspira ao poder, cada qual, se pudesse, se tornaria ditador ; ao mesmo tempo, poucos são os que não estão prontos a sacrificar o bem geral para conseguir o próprio bem.

Quem conteve as feras chamadas homens? Quem os guiou até agora? No princípio da ordem social, submeteram-se à fôrça bruta e cega, e, mais tarde, à lei, que é essa fôrça mascarada. Concluo pois, de acôrdo com a lei da natureza, que o direito reside na fôrça (1).

A liberdade política é uma idéia e não uma realidade. E' preciso saber aplicar essa idéia, quando for necessário atrair as massas populares ao seu partido com a isca duma idéia (2), se êsse partido formou o desígnio de esmagar o partido que se acha no poder. Êsse problema torna-se fácil, se o adversário recebeu êsse poder da idéia de liberdade, do que se chama liberalismo, e sacrifica um pouco de sua fôrça a essa idéia. E eis onde aparecerá o triunfo de nossa teoria: as rédeas frouxas do poder serão logo tomadas, em virtude da lei da natureza, por outras mãos, porque a fôrça cega do povo não pode ficar um dia só

---

(1) E' o conceito judaico do direito naturalista de Espinoza. A conferir com a famosa declaração, em discurso, de Stalin: "Nós, os comunistas, não reconhecemos nenhuma lei moral que de qualquer modo prejudique a liberdade de ação do *plano central* da Revolução".

Esta declaração dos "Protocolos", de que o direito reside na fôrça está de acôrdo com o Talmud, que, segundo as palavras do professor Cohen, em abril de 1833, citadas às páginas 62 e 63 do "Lichststrahlen am den Talmud" ("Raios de Luz do Talmud"), de Dinter, "deve ser considerado, ainda hoje, como a única fonte da moral judaica" e como "a fonte judaica das leis judaicas". O escritor judeu Kadmi Cohen, com efeito, no seu livro "Nômades", págs. 52-53, diz que "o direito Talmúdico nega o fato e exalta a vontade." Cita o próprio texto talmúdico que completa o conceito de residir o direito na fôrça: *Ein davar havemed Bifnei haraçon*, o que quer dizer: *Nada pode resistir à vontade.* Em contraposição, o direito romano-cristão se baseia em três preceitos morais: *honeste vivere*, viver honestamente; *neminem laedere*, não lesar a ninguém; e *suum cuique tribuere*, dar o seu ao seu dono. A diferença é substancial.

(2) Cf. René Guénon, "Orient et Occident", edição Didier et Richard, Paris, pág. 26: "Gigantesca alucinação coletiva pela qual a maior parte da humanidade chegou a tomar as mais vãs quimeras como incontestáveis realidades".

sem guia, e o novo poder não faz mais do que tomar o lugar do antigo enfraquecido pelo liberalismo.

Nos dias que correm, o poder do ouro substituíu o poder dos governos liberaes. Houve tempo em que a fé governou. A liberdade é irrealizavel, porque ninguém sabe usar dela dentro de justa medida. Basta deixar algum tempo o povo governar-se a si mesmo para que essa autonomia logo se transforme em licença. Então, surgem dissenções que em breve se transformam em batalhas sociais, nas quais os Estados se consomem e em que sua grandeza se reduz a cinzas.

Se o Estado se esgota nas suas próprias convulsões ou se suas comoções intestinas o põem a mercê dos inimigos externos, pode ser considerado irremediàvelmente perdido ; caíu em nosso poder. O despotismo do capital, intacto entre nossas mãos, aparece-lhe como uma tábua de salvação, à qual, queira ou não queira, tem de se agarrar para não ir ao fundo.

Aquele cuja alma liberal quiser considerar êsses raciocínios como imorais, perguntarei : se todo Estado tem dois inimigos e, se lhe é permitido, sem a menor pecha de imoralidade, empregar contra o inimigo externo todos os meios de luta, como, por exemplo, não lhe dar a conhecer seus planos de ataque ou defesa, surpreendê-lo à noite ou com fôrças superiores, porque essas mesmas medidas, usadas contra um inimigo peor, que arruïnaria a ordem social e a propriedade, seriam ilícitas e imorais?

Um espírito equilibrado poderá esperar guiar com êxito as multidões por meio de exortações

sensatas e pela persuasão, quando o campo está aberto à contradição, mesmo desarrazoada, mas que parece sedutora ao povo, que tudo compreende superficialmente? Os homens, quer sejam ou não da plebe, guiam-se exclusivamente por suas paixões mesquinhas, suas superstições, seus costumes, suas tradições e teorias sentimentais: são escravos da divisão dos partidos que se opõem a qualquer harmonia razoavel. Tôda decisão da multidão depende duma maioria ocasional ou, pelo menos, superficial; na sua ignorância dos segredos políticos, a multidão toma resoluções absurdas (3); e uma espécie de anarquia arruína o govêrno.

A política nada tem de comum com a moral. O govêrno que se deixa guiar pela moral não é político e, portanto, seu poder é frágil. Aquele que quer reinar deve recorrer à astúcia e à hipocrisia. As grandes qualidades populares — franqueza e honestidade — são vícios na política, porque derrubam mais os reis dos tronos do que o mais poderoso inimigo. Essas qualidades devem ser os atributos dos reinos cristãos e não nos devemos deixar absolutamente guiar por elas.

Nosso fim é possuir a fôrça. A palavra "direito" é uma idéia abstrata que nada justifica. Essa palavra significa simplesmente isto: "Dai-me o que eu quero, a fim de que eu possa provar que sou mais forte do que vós". Onde começa o direito, onde acaba?

---

(3) Assim, diante do pretório de Pilatos, o povo judeu preferiu Barrabás a Jesus-Cristo, desmoralizando para sempre, com essa primeira experiência, o sufrágio universal...

Num Estado em que o poder está mal organizado, em que as leis e o govêrno se tornam impessoais por causa dos inúmeros direitos que o liberalismo criou, veio um novo direito, o de me lançar, de acôrdo com a lei do mais forte, contra tôdas as regras e ordens estabelecidas, derrubando-as; o de pôr a mão nas leis, remodelando as instituïções e tornando-me senhor daqueles que abandonaram os direitos que lhes dava a sua fôrça, renunciando a êles voluntàriamente, liberalmente... (4).

Em virtude da atual fragilidade de todos os poderes, nosso poder será mais duradouro do que qualquer outro, porque será invencível até o momento em que estiver tão enraïzado que nenhuma astúcia o poderá destruir...

Do mal passageiro que ora somos obrigados a fazer nascerá o bem dum govêrno inabalável, que restabelecerá a marcha regular do mecanismo da existência nacional perturbado pelo liberalismo. O resultado justifica os meios. Prestamos atenção aos nossos projetos, menos quanto ao bom e ao moral do que quanto ao necessário e ao útil.

Temos diante de nós um plano, no qual está exposto estratègicamente a linha de que não nos podemos afastar sem correr o risco de ver destruído o trabalho de muitos séculos.

Para achar os meios que levam a êsse fim, é preciso ter em conta a covardia, a instabilidade,

---

(4) Cf. M. Jacob, publicista judeu, no "Die Sionistische Blatter" ("A Fôlha Sionista"), órgão judaico, de janeiro de 1921, artigo sob o título "Uma política judaica": "Uma política judaica significa que o povo judeu faz uma política de coletividade nacional, isto é, a política duma *entidade nacional*, a despeito de sua divisão, a política duma *frente única nacional* que rompe e atravessa as fronteiras das políticas regionais".

a inconstância da multidão, sua incapacidade em compreender e discernir as condições de sua própria vida e de sua prosperidade. E' necessário compreender que a fôrça da multidão é cega, insensata, sem raciocínio, indo para a direita ou para a esquerda (5). Um cego não pode guiar outro cego sem levá-lo ao precípicio ; do mesmo modo, os membros da multidão, saídos do povo, — embora dotados de espírito genial, por nada entenderem de política não podem pretender guiá-la sem botar a perder a nação.

Sòmente um indivíduo preparado desde a meninice para a autocracia é capaz de conhecer a linguagem e a realidade políticas. Um povo entregue a si próprio, isto é, aos ambiciosos do seu meio, arruína-se na discórdia dos partidos, excitados pela sêde do poder, e nas desordens resultantes dessa discórdia. E' possível às massas populares raciocinar tranqüilamente, sem rivalidades intestinas, dirigir os negócios do país, que não podem ser confundidos com os interêsses pessoais? Poderão defender-se dos inimigos externos? E' impossível. Um plano, dividido por tantas cabeças quantas há na multidão, perde sua unidade, tornando-se ininteligível e irrealizável.

Sòmente um autócrata pode elaborar planos vastos e claros, pondo cada cousa em seu lugar no mecanismo da estrutura governamental. Concluamos, pois, que um govêrno útil ao país e capaz de atingir o fim a que se propõe, deve ser en-

(5) Cf. René Guénon, "La crise du monde moderne", Edição Bossard, París, 1927, pág. 185 : "A massa, sem dúvida, foi sempre conduzida dêste ou daquele modo, podendo-se concluir, porque ela não passa dum elemento passivo, que é uma matéria no sentido aristotélico".

tregue às mãos dum só indivíduo responsável. Sem o despotismo absoluto, a civilização não pode existir ; ela não é obra das massas, porém, de seu guia, seja qual for (6). A multidão é um bárbaro que mostra sua barbarie em tôdas as ocasiões. Logo que a multidão se apodera da liberdade, transforma-a em anarquia, que é o mais alto gráu de barbarie.

Vêde êsses animais embriagados com aguardente, imbecilizados pelo alcool, a quem o direito de beber sem limites foi dado ao mesmo tempo que a liberdade. Não podemos permitir que os nossos se degradem a êsse ponto... Os povos cristãos estão sendo embrutecidos pelas bebidas alcoólicas ; sua juventude está embrutecida pelos estudos clássicos e pela devassidão precoce a que a impelem nossos agentes, professores, criados, governantes de casas ricas, caixeiros, mulheres públicas nos lugares onde os cristãos se divertem (7). No número das últimas, incluo também as mulheres da alta roda, que imitam de boa vontade a devassidão e o luxo das perdidas.

Nossa palavra de ordem é : fôrça e hipocrisia. Sòmente a fôrça pode triunfar na política, sobretudo se estiver escondida nos talentos necessários aos homens de Estado. A violência deve ser

---

(6) Cf. E. Eberlin, escritor judeu, no "Les Juifs d'Aujourd'hui", edição Rider, París, 1927, pág. 41 : "A alta burguesia judaica pretende impor seus pontos de vista, onde possa, à massa popular".

(7) O tráfico das brancas e dos entorpecentes, a prostituição em larga escala, devidamente industrializada, é obra reconhecidamente judaica. Há uma sociedade internacional denominada "Zwig Migdal", que explora êsse rendoso negócio e contra a qual têm sido impotentes as policias dos Estados Modernos, corrompidos ou judaïzados. V. a documentação reveladora em Júlio Alsogaray, "La prostitutión en Argentine", ed. Denoel et Steele, París.

um princípio ; a astúcia e a hipocrisia, uma regra para os governos que não queiram entregar sua coroa aos agentes de uma nova fôrça. Êsse mal é o único meio de chegar ao fim, o bem. Por isso, não nos devemos deter diante da corrupção, da velhacada e da traição, tôdas as vêzes que possam servir às nossas finalidades. Em política, é preciso saber tomar a propriedade de outrem sem hesitar, se por êsse meio temos de alcançar o poder.

Nessa conquista pacífica, nosso Estado tem o direito de substituir os horrores da guerra pelas condenações à morte, menos visíveis e mais proveitosas para conservar o terror (8) que obriga os povos a obedecerem cegamente. Uma severidade justa, mas inflexível, é o maior fator da fôrça dum Estado ; não é sòmente nossa vantagem, porém nosso dever, para obter a vitória, seguir êsse programa de violência e hipocrisia. Semelhante doutrina, baseada no cálculo, é tão eficaz quanto os meios que emprega. Não só por êsses meios, mas também por essa doutrina de severidade, nós triunfaremos e escravizaremos todos os governos ao nosso supremo govêrno. (9) Bastará que se saiba que somos inflexíveis para que cesse tôda insubordinação.

---

(8) S. S. o papa Bento XV compreendeu isso admiràvelmente e preveniu a cristandade na sua epístola *Motu Proprio* : "Eis que amadurece a idéia a que todos os peores fatores de desordem ardentemente se devotam e da qual esperam a realização, o advento duma República Universal, baseada nos princípios da igualdade absoluta dos homens e na comunhão dos bens, da qual seja banida qualquer distinção de nacionalidades e que não reconheça nem a autoridade do pai sôbre os filhos, nem a do poder público sôbre os cidadãos, nem a de Deus sôbre a sociedade humana. Postas em prática, tais teorias devem desencadear *um regime de inaudito terror*"...

(9) A República Universal, *sem autoridade*, isto é, com a violência em lugar da autoridade, a que aludiu Bento XV.

Fomos nós os primeiros que, já na antiguidade (10), lançámos ao povo as palavras "Liberdade, Igualdade, Fraternidade" (11), palavras repetidas tantas vêzes pelos papagaios inconcientes, que, atraídos de tôda a parte por essa isca, dela sòmente têm usado para destruir a prosperidade do mundo, a verdadeira liberdade individual, outrora tão bem garantida dos constrangimentos da multidão. Homens que se julgavam inteligentes não souberam desvendar o sentido oculto dessas palavras, não viram que se contradizem, não repararam que não há igualdade na natureza, (12), que nela não pode haver liberdade, que a própria natureza estabeleceu a desigualdade dos espíritos, dos caracteres e das inteligências, tão fortemente submetidos às suas leis ; êsses homens não sentiram que a multidão é uma fôrça cega ; que os ambiciosos que elege são tão cegos em política quanto ela ; que o iniciado, por mais tolo que seja, pode governar, enquanto que a multidão dos não iniciados, embora cheia de gênio, nada entende da política. Tôdas essas considerações não abrolharam

---

(10) Cf. Kadmi-Cohen, "Nômades", pág. 72 : "Assim, nos corações semitas, para falar como Ibn Kaldun, floresciam como realidades vivas a Liberdade e a Igualdade, êsses dois princípios gêmeos que, depois não passaram de letras maiúsculas inscritas nos preâmbulos das constituições e na fachada dos edifícios públicos".

(11) Cf. Bernard Lazare, "L'Antisemitisme", vol. II, págs. 175-176 : "...os judeus acreditaram, não sòmente que a justiça, a liberdade e a igualdade podiam ser soberanas do mundo, mas se julgaram com a missão especial de trabalhar para êsse reino. Todos os desejos, tôdas as esperanças que estas três idéias faziam nascer acabaram por se cristalizar em tôrno duma idéia central : a dos tempos messiânicos."

(12) Vide René Guénon, "Orient et Occident", pág. 64 : "O preconceito quimérico da *igualdade* vai de encontro aos fatos mais bem estabelecidos na ordem intelectual como na ordem física : é a negação de tôda hierarquia natural e o rebaixamento de todo o reconhecimento ao nível do entendimento limitado do vulgo".

no espírito dos cristãos; entretanto, é nisso que repousa o princípio dinástico dos governos; o pai transmite ao filho os segredos da política, desconhecidos fora dos membros da família reinante, a fim de que ninguém os possa trair. Mais tarde, o sentido da transmissão hereditária dos verdadeiros princípios da política se perdeu. O êxito de nossa obra aumentou.

Todavia, no mundo, as palavras Liberdade, Igualdade, Fraternidade puseram em nossas fileiras, por intermédio de nossos agentes cegos, legiões inteiras de homens que arvoraram com entusiasmo nossos estandartes. Contudo, tais palavras eram os vermes que roíam a prosperidade dos não-judeus, destruindo por tôda a parte a paz, a tranqüilidade, a solidariedade, minando todos os alicerces de seus Estados. Vereis pelo que se segue como isso serviu ao nosso triunfo; isso nos deu, entre outras cousas, a possibilidade de obter o triunfo mais importante, isto é, a abolição dos privilégios, a própria essência da aristocracia dos cristãos, o único meio de defesa que tinham contra nós os povos e as nações (13). Sôbre as ruínas da aristocracia natural e hereditária, elevamos nossa aristocracia da inteligência e das finanças. Tomamos por critério dessa nova aristocracia a riqueza, que depende de nós, e a ciência, que é dirigida por nossos sábios.

---

(13) Um autor judeu reconhece isso, Jack London, quando escreve à página 206 do "Le Peuple de l'Abime": "Os grandes senhores feudais de antanho, gigantes louros da história, marchavam à frente nas batalhas. Sacrificavam sua pessoa, lutando duramente para ganhar suas esporas de ouro, fendendo os inimigos pelo meio. Havia mais nobreza em manejar a espada de gume de aço do que em enriquecer, como hoje, comodamente sem risco, à custa do embrutecimento humano e da exploração feroz dos párias da vida".

Nosso triunfo foi ainda facilitado pelo fato de, nas nossas relações com os homens de quem precisamos, sabermos tocar as cordas mais sensíveis da alma humana : o cálculo, a avidez, a insaciabilidade dos bens materiais, tôdas essas fraquezas humanas, cada qual capaz de abafar o espírito de iniciativa, pondo a vontade dos homens à disposição de quem compra sua atividade.

A idéia abstrata da liberdade deu a possibilidade de persuadir às multidões que um govêrno não passa de gerente do proprietário do país, que é o povo, podendo-se mudá-lo como se muda de camisa.

A removibilidade dos representantes do povo coloca-os à nossa disposição ; êles dependem de nossa escolha.

CAPÍTULO II

Resumo. — As guerras econômicas são a base da supremacia judaica. A administração visível e os "Conselheiros Secretos". O êxito das doutrinas destruidoras. A assimilação na política. O papel da imprensa. O preço do ouro e o valor das vítimas judaicas

PRECISAMOS que as guerras não dêem, tanto quanto possível, vantagens territoriais. (1) Transportada, assim, a guerra para o terreno econômico, as nações verão a fôrça de nossa supremacia (2), e tal situação porá ambas as partes à disposição de nossos agentes internacionais, que têm milhares de olhos e que nenhuma fronteira pode deter. Então, nossos direitos internacionais apaga-

---

(1) Cf. Discurso do maçon Corneau, gr. 33, presidente do Conselho da Ordem do Grande Oriente de França, na sessão de 28 de junho de 1917, do Congresso Maçônico de París: "A guerra se transformou em formidável luta das democracias organizadas contra as potências militares e despóticas." No mesmo discurso, afirmou que a guerra não passava de *simples etapa da Revolução Social*. A confissão de que a guerra é desencadeada pelas *fôrças ocultas* mediante um plano de ação desconhecido se encontra no mesmo Congresso Maçônico, no discurso do maçon Lebey, Secretário da Ordem: "De Waterloo a Sedan, de Sedan ao Marne, de Lafayette a Washington e de Washington ao Presidente Wilson e ao marechal Joffre, *uma lógica obscura parece levar o mundo a um fim ignorado.*" V. Valéry-Radot, "Le temps de la colère", e Léon de Poncins, "La dictature des puissances occultes", edição Beauchesne, París, 1934, págs, 196-197, etc., e "La Guerre Occulte", *in totum*.

(2) Essa supremacia está confirmada pelo judeu Bernard Lazare, no seu livro "L'Antisemitisme", vol. II, pág. 253, com estas palavras: "Constituídos num corpo solidário, os judeus abrem fàcilmente caminho na sociedade atual, relaxada e desunida. Se os milhões de cristãos que os rodeiam praticassem o apôio mútuo em lugar de luta egoísta, a influência do judeu seria logo esmagada; mas não o praticam e o judeu deve, senão *dominar*, como dizem os anti-semitas, ter o máximo das vantagens sociais e exercer essa espécie de *supremacia* contra a qual o anti-semitismo protesta, sem a poder abolir, porque ela depende não só da classe burguesa judaica, mas da classe burguesa cristã".

rão os direitos nacionais, no sentido próprio da expressão, governando os povos, do mesmo modo que o direito civil dos Estados regula as relações entre seus súditos.

Os administradores, escolhidos por nós no povo, em razão de suas aptidões servís, não serão indivíduos preparados para a administração do país. Assim, fàcilmente se tornarão peões de nosso jôgo, nas mãos de nossos sábios e geniais conselheiros, de nossos especialistas, educados desde a infância para administrar os negócios do mundo inteiro (3). Sabeis que nossos especialistas reüniram as informações necessárias para administrar segundo nossos planos, tirando-as das experiências da história e do estudo de todos os acontecimentos notáveis.

Os cristãos (4) não se guiam pela prática de observações imparciais tiradas da história, mas

---

(3) Cf. H. de Balzac, "Les Illusions perdues", tômo III: "Há duas histórias, a oficial, mentirosa, *ad usum delphini*, e a *secreta*, em que estão as verdadeiras causas dos acontecimentos, *história vergonhosa*." E' por essa razão que René Guénon diz o seguinte à pág. 25 de "Orient et Occident": "A verdadeira história pode ser perigosa para certos interêsses políticos."

(4) Empregámos as palavras *cristão* e *cristãos* tôdas as vêzes que encontrámos no texto dos "Protocolos" os termos judaicos "*goi*" e "*goiym*". Segundo o erudito Saint-Yves d'Alveydre, no "L'Archéomètre", assim os hebreus designam "O povo inorgânico privado de organização direta em proveito dum Estado político que lhe imponham letrados parasitários". Êsse significado quadra admiràvelmente bem com o pensamento dos "Protocolos". Na opinião de G. de Lafont, em seu livro "Les Aryas de Gallilée", *goiym* quer dizer os *impuros*. Os judeus chamavam à Galiléia, *Gelil-ha-Goyim*, o Círculo dos Gentios, ou, melhor, o Círculo dos Impuros. O têrmo é empregado em primeira mão pelo próprio Talmud contra os helenos de Cesaréia e até da Palestina, em eterna luta com os judeus. A' página 135 do vol. II do "L'Antisémitisme", o judeu Bernard Lazare escreve: "...para o judeu, o cristão foi o *goi*, o *abominável estrangeiro*, o que não receia as impurezas, maltrata a nação eleita e pelo qual Judá sofre. Essa palavra *goi* encerra tôdas as cóleras, todos os desprezos, todos os ódios de Israel perseguido..." E ainda o insuspeito Bernard Lazare, no mesmo volume, à página 130, transcreve esta frase do famoso rabino Yokai: "Mesmo o melhor dos *Goiym*, mata-o!" Assim, são os cristãos tratados, *na intimidade*, por Israel... O Talmud declara: "E' permitido matar o melhor dos *goiym*..."

pela rotina teórica, incapaz de atingir qualquer resultado real. Por isso, não devemos contar com êles ; que se divirtam ainda durante algum tempo, vivendo de esperanças ou de novas diversões, ou ainda da saüdade dos divertimentos que tiveram. Deixemo-los acreditar na importância das leis científicas que lhes inculcámos — meras teorias. E' com êsse fim que constantemente aumentamos por intermédio de nossa imprensa sua confiança cega nessas leis. A classe intelectual dos cristãos ficará cheia de orgulho com êsses conhecimentos e, sem os examinar lògicamente, porá em ação todos os dados dessa ciência reünidos pelos nossos agentes para guiar seu espírito pelo rumo que precisamos.

Não julgueis nossas afirmações sem base ; reparai no êxito que soubemos criar para o Darwinismo, o Marxismo, o Nietzchismo. Pelo menos para nós, a influência deletéria dessas tendências deve ser evidente (5).

Temos necessidade de contar com as idéias, os caracteres, as tendências modernas dos povos para não cometermos erros na política e na administração dos negócios. Nosso sistema, cujas partes

---

(5) René Guénon observou e estudou admiràvelmente esta questão da ciência que nos é imposta de acôrdo com os "Protocolos". Vide "Orient et Occident", pág. 20 : "Negando ou ignorando todo conhecimento puro ou supra-racional, a *ciência* abriu o caminho que devia levar lògicamente, dum lado, ao positivismo e ao agnosticismo, que produzem a mais estreita limitação da inteligência e seu objeto : do outro, a tôdas as teorias sentimentalistas e voluntariosas que se esforçam em criar no infra-racional o que a razão não lhes pode dar". Idem, pág, 65 : "A meia ciência assim adquirida (*pela vulgarização*) é mais nefasta do que a ignorância pura e simples, pois mais vale nada saber do que estar com o espírito abarrotado de idéias falsas..." Em "La crise du monde moderne", pág. 173 : "Tôda a ciência profana que se desenvolveu no decurso dos últimos séculos não passa dum estudo do mundo sensível, nele se encerra exclusivamente e seus métodos sòmente se aplicam a êsse domínio. Ora, êsses métodos são proclamados *científicos*, com exclusão de quaisquer outros, o que eqüiva-

podem ser dispostas diferentemente segundo os povos que encontremos em nosso caminho, sòmente pode dar resultado se sua aplicação prática for baseada nos resultados do passado confrontados com o presente.

Os Estados modernos possuem uma grande fôrça criadora : a imprensa. O papel da imprensa consiste em indicar as reclamações que se dizem indispensáveis, dando a conhecer as reclamações do povo, criando descontentes e sendo seu órgão.

A imprensa encarna a liberdade da palavra. Mas os Estados não souberam utilizar essa fôrça e ela caíu em nossas mãos (6). Por ela, obtivemos influência, ficando ocultos ; graças a ela, ajuntámos o ouro em nossas mãos, a despeito das torrentes de sangue e de lágrimas que nos custou conseguí-lo... Resgatámos isso, sacrificando muitos dos nossos. *Cada uma de nossas vítimas, diante de Deus, vale milhares de cristãos.*

---

le a negar tôda *ciência* que se não refira às causas materiais". Idem, pág. 177 : "Os modernos, em geral, não concebem outra *ciência*, senão a das cousas que se medem, contam e pesam, isto é, em resumo, das cousas materiais". Tudo isso combina com a definição do filósofo judeu Bergson, em "L'Évolution Créatrice", pág. 101 : "A inteligência, considerada no que parece ser sua função original, é a faculdade de fabricar objetos artificiais, especialmente utensílios destinados a fazer utensílios, variando infinitivamente essa fabricação". Diante de tamanho aviltamento da ciência pela filosofia judaica para uso dos *goiym*, o sábio oriental, cingalês, P. Ramanathan exclama, com razão, na sua obra "The Miscarriage of Life in the West" ("O malôgro da vida no Ocidente") : "A ciência ocidental é um saber ignorante" ! Esqueceu-se de que não é *ciência ocidental*, mas *ciência judaica* infiltrada nos povos ocidentais...

(6) O domínio do judaísmo na imprensa, nas agências de informação, de publicidade e distribuição de livros e jornais, é notório. Cf. "Service Mondial" ; Léon de Poncins, "Les forces sécrètes de la revolution", "La Guerre Occulte".

CAPÍTULO III

Resumo. — A serpente simbólica e sua significação. Instabilidade do equilíbrio constitucional. O terror nos palácios. O poder e a ambição. As máquinas de falar dos parlamentos, os panfletos. Os abusos do poder. A escravidão econômica. "A verdade do povo". Os açambarcadores e a aristocracia. O exército dos franco-maçons judeus. A degenerescência dos cristãos. A fome e o direito do capital. A vinda e a coroação do "Senhor Universal". O objeto fundamental do programa das futuras escolas populares dos franco-maçons. O segrêdo da ciência da ordem social. Crise econômica geral. Segurança dos "Nossos". O despotismo dos franco-maçons é o reinado da razão. Perda dum guia. A franco-maçonaria e a "grande" revolução francesa. O rei déspota é do sangue de Sião. Causas da invulnerabilidade da franco-maçonaria. O papel dos agentes secretos da franco-maçonaria. A Liberdade.

POSSO hoje anunciar-vos que estamos perto do fim. Ainda um pouco de caminho e o círculo da *Serpente Simbólica*, que representa nosso povo, será encerrado. Quando êsse círculo se encerrar, todos os Estados estarão dentro dêle, fortemente emoldurados (1).

---

(1) Cf. G. Batault, no imparcialíssimo livro "Les probléme juif", pág. 60: "No momento em que o helenismo triunfava, sua antítese, o judaísmo, começava na sombra sua marcha através do mundo". Essa marcha, dêsde a Grécia de Péricles, foi descrita anteriormente no "O perigo judaico", de Lambelin, traduzido na primeira parte dêste volume.
Nenhum símbolo conviria melhor ao judaísmo, no seu plano demoníaco, do que a serpente, o *Nahasch* bíblico, que tentou Eva no Paraíso. No *Gênesis*, quando Jacob amaldiçoa seus próprios filhos, querendo simbolizar a insídia traiçoeira de Dan, diz que êle é "a cobra escondida na poeira do caminho". Está conforme.

O equilíbrio constitucional será em breve destruído, porque o temos falseado, a fim de que não cesse de inclinar-se para um lado e outro até gastar-se completamente (2). Os cristãos julgavam ter construído bem sòlidamente êsse equilíbrio e esperavam que os pratos da balança continuassem no mesmo nível. Mas, infelizmente para os cristãos, as pessoas reinantes são rodeadas por seus prepostos, que fazem tolices e se deixam levar pelo seu poder sem controlo e sem responsabilidade. Devem êsse poder ao terror que reina nos palácios. As pessoas reinantes, não tendo mais contacto com seu povo, nada podem concertar com êle, fortalecendo-se contra os indivíduos que aspiram ao poder. A fôrça clarividente das pessoas reinantes e a fôrça cega do povo, divididas por nós, perderam sua importância; separadas, são tão cegas como um cego sem o seu bordão (3).

Para impelir os ambiciosos a abusar do poder, opusemos umas às outras tôdas as fôrças, desenvolvendo tôdas as suas tendências liberais para a independência... Encorajámos para êsse fim tôdas as tendências, armámos todos os partidos e fizemos do poder o alvo de tôdas as ambições. Transformámos os Estados em arenas onde reinam

---

(2) Êsse equilíbrio é a famosa *Harmonia dos poderes*, tão ao agrado dos constitucionalistas modernos. O poder, que é um só, foi dividido em três, e às vêzes, em quatro: judiciário, legislativo, executivo, moderador. Na luta pela imposição da ordem ou dos interêsses, fatal e naturalmente um dêles se hipertrofia e sobreleva os outros. Daí a situação falsa que se cria nos Estados, não correspondendo a realidade governamental nunca ao que teòricamente a constituição preceitua.

(3) Cf. E. Eberlin, escritor judeu, "Les Juifs", pág. 191: "Os judeus estão em tôda a parte. Não passam de 1% da população do globo terrestre, e, todavia, são os iniciados e os primeiros adeptos de qualquer obra política, econômica e social".

os distúrbios... Dentro de pouco tempo, as desordens e bancarrotas surgirão por tôda a parte (4).

Os falastrões inesgotáveis transformaram as sessões dos parlamentos e as reüniões administrativas em prélios oratórios. Jornalistas audaciosos e panfletários cínicos atacam diàriamente o pessoal administrativo. Os abusos do poder, finalmente, prepararão a queda de tôdas as instituïções, e tudo será destruído pela multidão enlouquecida.

Os povos estão mais escravizados ao trabalho pesado do que no tempo da servidão e da escravidão. E' possível livrar-se dum modo ou de outro da escravidão e da servidão. E' possível compatuar com ambas. Mas é impossível livrar-se da miséria. Os direitos que inscrevemos nas constituïções são fictícios para as massas; não são reais. Todos êsses pretensos "direitos do povo" sòmente podem existir no espírito e são para sempre irrealizáveis. Que vale para o proletário curvado sôbre seu trabalho, esmagado pela sua triste sorte, o direito dado aos falastrões de falar, ou o direito concedido aos jornalistas de escrever tôda espécie de absurdos misturados com cousas sérias, desde que o proletariado não tira das constituïções outras vantagens senão as miseráveis migalhas que lhe lançamos de nossa mesa em troca dum sufrágio favorável às nossas prescrições, aos nossos prepostos e aos nossos agentes? Para o pobre diabo, os direitos republicanos são uma ironia amarga: a necessidade dum trabalho quasi

(4) "E' preciso não esquecer — declara o imparcialíssimo G. Batault em "Le Problème Juif", págs. 55-56, "que a história da civilização há dois mil anos é dominada por uma luta sem tréguas, com diversas alternativas e revezes, entre o espírito judaico e o espírito greco-romano".

quotidiano não lhe permite gozá-los ; em compensação, tiram-lhe a garantia dum ganho constante e certo, pondo-o na dependência das greves, dos patrões ou dos camaradas.

Sob a nossa direção, o povo destruíu a aristocracia, que era sua protetora e sua ama de leite natural, porque seu interêsse era inseparável do interêsse do povo. Agora, que a aristocracia foi destruída, êle caíu sob o jugo dos açambarcadores, dos velhacos enriquecidos, que o oprimem de modo impiedoso.

Nós apareceremos ao operário como os libertadores dêsse jugo, quando lhe propusermos entrar nas fileiras do exército de socialistas (5), anarquistas e comunistas que sempre sustentamos sob o pretêxto de solidariedade entre os membros de nossa *franco-maçonaria social.* A aristocracia, que gozava de pleno direito do trabalho dos operários, tinha interêsse em que os trabalhadores estivessem fartos, fossem sadios e fortes. Nosso interêsse, ao contrário, é que os cristãos degenerem. Nosso poder reside na fome crônica, na fraqueza do operário, porque tudo isso o escraviza à nossa vontade, de modo que êle fique sem poder, fôrça e energia de se opor a ela. A fome dá ao capital mais direitos sôbre o operário do que a aristocracia recebia do poder real e legal.

---

(5) Cf. E. de Leveleye, "Le socialisme contemporain", París, 1902, pág. 49, nota : "Os israelitas foram quasi por tôda a parte os iniciadores ou os propagadores do socialismo". A mesma opinião se encontra em Michels, "Les partis politiques", París, 1914, pág. 180, etc. : "O movimento socialista contemporâneo, a-pesar-de seu rótulo, de suas pretensões científicas e de sua fraseologia tomada de empréstimo aos costumes e ao gôsto do tempo, deve ser considerado, do ponto de vista ideológico, como uma espécie de movimento *messiânico,* porquanto está todo imbuído de concepções judaicas, todo penetrado de *espírito israelita* e nele os judeus exercem tão grande papel que se pode dizer preponderante".

Pela miséria e o ódio invejoso que dela resulta, manobramos as multidões e nos servimos de suas mãos para esmagar os que se oponham aos nossos desígnios.

Quando chegar a hora de *ser coroado nosso soberano universal, essas mesmas mãos varrerão todos os obstáculos que se lhe anteponham.*.

Os cristãos perderam o hábito de pensar fora de nossos conselhos científicos. Por isso, não enchergam a necessidade urgente de fazer o que nós faremos, quando chegar o nosso reinado, isto é, *ensinar nas escolas primárias a primeira de tôdas as ciências, a única verdadeira das ciências da ordem social, da vida humana, da existência social, que exige a divisão do trabalho e, por conseguinte, a divisão dos homens em classes e condições* (6).

E' preciso que cada um saiba que não pode existir igualdade em virtude das diversas atividades a que cada qual é destinado ; que todos não podem ser igualmente responsáveis perante a lei ; que, por exemplo, a responsabilidade não é a mesma naquele que, pelos seus atos, compromete tôda uma classe e naquele que sòmente atinge sua honra. A verdadeira ciência da ordem social, em cujo segrêdo não admitimos os cristãos, mostraria a todos que o lugar e o trabalho de cada um devem ser diferentes, para que não haja uma fonte de tormentos em conseqüência da falta de correspondência entre a educação e o trabalho. Estudando essa ciência, os povos obedecerão de boa vontade aos poderes e à ordem social estabelecida

---

(6) Porque os movimentos nacionalistas e corporativistas ensinam isso, os judeus e seus socios de empreitada, judaïzantes, judaïzados e maçons, os odeiam de morte.

por êles no Estado. Ao contrário, no estado atual da ciência, *tal qual a fizemos*, o povo, acreditando cegamente na palavra impressa, em conseqüência dos erros insinuados à sua ignorância, é inimigo de tôdas as condições que julga acima dêle, porque não compreende a importância de cada condição.

Essa inimizade aumentará ainda em virtude da crise econômica que acabará por parar as operações da Bolsa e a marcha da indústria.

Quando criarmos, graças aos meios ocultos de que dispomos por causa do ouro, que se acha totalmente em nossas mãos, uma crise econômica geral, lançaremos à rua multidões de operários, simultâneamente, em todos os países da Europa (7).

Essas multidões pôr-se-ão com voluptuosidade a derramar o sangue daqueles que invejam desde a infância na simplicidade de sua ignorância e cujos bens poderão então saquear (8).

Elas não tocarão nos nossos, porque conheceremos de antemão o momento do ataque e tomaremos medidas acauteladoras (9).

Afirmámos que o progresso submeteria todos os cristãos ao reinado da razão. Será êsse o nosso

---

(7) A realização dessa profecia documenta a veracidade dos "Protocolos". Com efeito, segundo os cálculos fidedignos de F. Fried em "La fin du capitalisme", havia, no mundo, em 1931, *vinte e dois milhões de desempregados ! ! !* O resultado foram as chamadas "marchas da fome" por tôda a parte...

(8) Confira-se com o que se passou na Itália, antes de Mussolini ; na Alemanha, antes de Hitler ; na Inglaterra, na França, na Austria, na Espanha, nos Estados Unidos. Compare-se com as várias *marchas de fome* em diversos países. Será possível negar a evidência do plano revelado dezenas de anos antes?

(9) Confira-se com as medidas acauteladoras dos bens dos Rothschild durante os incêndios e saques da Comuna de París, em 1871, segundo Salluste, "Les Origines Secrètes du Bolchevisme".

despotismo, que saberá acalmar tôdas as agitações com justas severidades, extirpando o liberalismo de tôdas as instituïções.

Quando o povo viu que lhe faziam tantas concessões e complacências em nome da liberdade, julgou que era amo e senhor, e se lançou sôbre o poder; porém, naturalmente, foi de encontro, como um cego, a muitos obstáculos; pôs-se a procurar um guia, não teve a idéia de voltar ao antigo e depôs todos os poderes aos nossos pés. Lembrai-vos da revolução francesa, a que demos o nome de "grande"; os segredos de sua preparação nos são bem conhecidos, porque ela foi totalmente a obra de nossas mãos (10).

---

(10) A' página 102 da notável obra "Le temps de la colère", Valéry-Radot chama às revoluções liberais da Europa, sem exceção, "revoluções judaicas". Tem tôda a razão. Senão vejamos: "Na "Iudische Rundschau", revista judaica, n.º 4, de 1920, o líder judeu Dr. Cain Weissmann afirma categòricamente: "Nossa fôrça construtiva se transformará em fôrça destrutiva e poremos o mundo inteiro em estado de fermentação". Não há mais clara confirmação dos "Protocolos" pela pena dum judeu! O judeu Marcus Elias Ravage, num artigo do n.º de janeiro de 1928 do "Century Magazine" assegura: "Tomai as três principais revoluções dos tempos modernos, a revolução francesa, a norte-americana e a russa. Serão outra cousa senão o *triunfo da idéia judaica* de justiça social, política e econômica?"

Recorramos ao judeu Bernard Lazare, no "L'Antisémitisme", vol. I, pag. 247, "A Assembléia constituinte obedeceu ao *espírito que a guiava desde suas origens*, quando, a 27 de setembro de 1791, declarou que os judeus gozariam em França dos direitos de cidadãos..." No vol. II, págs. 7-8: "Êsse decreto estava preparado de *longa data*, preparado pelo trabalho da comissão nomeada, pelos escritos de Lessing e Dohm, pelos de Mirabeau e Gregoire. Era o resultado lógico dos esboços *tentados desde alguns anos pelos judeus* e os filósofos. Mendelsohn (*o judeu Ben Moisés*), na Alemanha, fôra seu *promotor* e, mais adiante, *defensor*. E foi em Berlim, nos salões de Henriqueta de Lemos (*judia de origem portuguesa*), que Mirabeau se inspirou no convívio de Dohm". No mesmo volume, pág. 9: "A judiaria se reünia em Berlim com a mocidade revolucionária alemã nos salões de H. de Lemos e de Raquel de Varnhagen (*outra judia*)". A' página 48, Bernard Lazare completa suas magnificas revelações: "Antes de tudo, a Revolução Francesa foi uma *revolução econômica*. Se pode ser considerada o têrmo duma luta de classes, deve-se também ver nela o resultado duma luta entre duas formas do capital, o capital imobiliário e o capital-móvel, o capital real e o capital industrial e agiota. Com a supremacia da nobreza desapareceu a supremacia do capital rural, e a su-

Desde então, levamos o povo de decepção em decepção, a fim de que renuncie mesmo a nós, em proveito do *rei-déspota do sangue de Sião, que preparamos para o mundo* (11).

Atualmente, somos invulneráveis como fôrça internacional, porque, quando nos atacam em um Estado, somos defendidos nos outros. A infinita covardia dos povos cristãos, que rastejam diante da fôrça, que são impiedosos para a fraqueza e para os erros, porém indulgentes para os crimes, que não querem suportar as contradições da liberdade, que são pacientes até o martírio diante da violência dum despotismo ousado, tudo isso favorece nossa independência. Sofrem e suportam

---

premacia da burguesia permitiu a supremacia do capital industrial e agiota. A emancipação do judeu está ligada à história da preponderância dêsse capital industrial".

O caráter internacional e judaico da Revolução Francesa não escapou, há mais de um século, à observação do cavalheiro de Malet, na sua obra "Recherches historiques et politiques qui prouvent l'existence d'une secte révolutionnaire, son antique origine, son organisation, ses moyens, ainsi que son but; et dévoilent entièrement l'unique cause de la Révolution Française", Paris, edição Gide Fils, 1817. Eis o que êle diz: "Existe uma *nação especial* que nasceu e cresceu *nas trevas*, no meio de tôdas as nações civilizadas, com o fim de submetê-las tôdas ao seu domínio." Há cento e cincoenta anos que se desvendam suas tramas e os cristãos não querem ver o perigo!...

O imparcialíssimo Batault escreve à página 148 do seu livro já citado: "Depois, veio a Revolução Francesa, que trouxe aos judeus sua emancipação em França e *a preparou no estrangeiro*". Daí as *revoluções judaicas* de Valéry-Radot, confirmadas em Graetz. "Histoire des Juifs", vide págs. 418-421: "A revolução de 1848 trouxe novas melhoras *à situação dos judeus*, tendo seu reflexo em Viena e Berlim, provocando a completa *emancipação dos judeus* da Austria e da Alemanha; alguns mesmos foram feitos deputados. Essa revolução teve conseqüências favoráveis para êles até na Rússia e nos Estados do Papa." Vide outras confirmações no livro do padre Lemann, judeu convertido: "L'Entrée des Israelites dans la Société".

(11) Cf. "La littérature des pauvres dans la Bible", do escritor judeu Isidoro Loeb, Paris, 882, pág. 218: "Com ou sem Rei-Messias, os judeus serão como o *centro da humanidade*, em tôrno do qual se reünirão os gentios, depois de sua conversão a Deus. A unidade da humanidade se fará pela unidade religiosa".

dos primeiros ministros de hoje abusos pelo menor dos quais teriam decapitado vinte reis.

Como explicar tal fenômeno e tal incoerência das massas populares em face de acontecimentos que parecem da mesma natureza?

Êsse fenômeno se explica pelo fato de fazerem êsses ditadores — primeiros ministros — dizer baixinho ao povo que, se causam mal aos Estados, isto é com o fito de realizar a felicidade dos povos, sua fraternidade internacional, a solidariedade, os direitos iguais para todos. Naturalmente, não se lhe diz que essa unidade será feita sob a nossa autoridade.

E eis como o povo condena os justos e absolve os culpados, persuadindo-se cada vez mais que pode fazer o que lhe der na veneta. Nessas condições, o povo destrói tôda estabilidade e cria desordens a cada passo.

A palavra "liberdade" põe as sociedades humanas em luta contra tôda fôrça, contra todo poder, mesmo o de Deus e o da natureza. Eis porque, no nosso domínio, excluiremos essa palavra do vocabulário humano por ser o princípio da brutalidade que transmuda as multidões em animais ferozes. E' verdade que essas feras adormecem logo que se embriagam com sangue, sendo, então, fácil encadeá-las. Mas, se se não lhes der sangue, não adormecem e lutam (12).

---

(12) Para isso, os judeus atiçadores de revoluções não têm poupado o sangue dos cristãos. Vide as estatísticas das vítimas do Terror em França, da Tcheka na Rússia, de Bela Kun na Hungria, das Astúrias, etc., Lede esta declaração do judeu bolchevista Lunatcharski : "Nós amamos o ódio ! Devemos pregar o ódio. Só por Êle poderemos conquistar o mundo."

CAPÍTULO IV

Resumo. — As diversas fases duma república. A franco-maçonaria externa. A liberdade e a fé. A concurrência internacional do comércio e da indústria. O papel da especulação. O culto do ouro

TÔDA república passa por diversas fases. (1) A primeira compreende os primeiros dias de loucura dum cego que se atira para a direita e para a esquerda. A segunda é a da demagogia, de onde nasce a anarquia ; depois, vem inevitàvelmente o despotismo, não um despotismo legal e franco, porém um despotismo invisível e ignorado, todavia sensível ; despotismo exercido por uma organização secreta, que age com tanto menos escrúpulo quanto se acoberta por meio de diversos agentes, cuja substituïção não só não a prejudica como a dispensa de gastar seus recursos, recompensando longos serviços.

Quem poderá derrubar uma fôrça invisível? Nossa fôrça é assim. A *franco-maçonaria externa* serve ùnicamente para cobrir nossos desígnios ; o plano de ação dessa fôrça, o lugar em que assiste são inteiramente ignorados do público.

A própria liberdade poderia ser inofensiva e existir no Estado, sem prejudicar à liberdade dos

---

(1) Cf. Kadmi-Cohen, "Nômades", págs. 152-153 : "De modo geral, por tôda a parte, os judeus são republicanos. A república, que tende ao nivelamento, foi sempre uma de suas mais caras aspirações." — "Seu ódio de tôda autoridade dinástica ou pessoal, seu *sincero amor* das instituïções republicanas, sua repulsa por tôda injustiça acham sua explicação no unitarismo ideal de sua raça." Ótimo ! República para os outros se esfacelarem ; autocracia para o seu domínio...

povos, se repousasse nos princípios da crença em Deus, na fraternidade humana, fora da idéia de igualdade contrariada pelas próprias leis da criação, que estabelecem a subordinação. Com uma tal fé, o povo se deixaria governar pela tutela das paróquias e marcharia humilde e tranqüilo sob a direção de seu pastor espiritual, submetido à distribuição divina dos bens dêste mundo. Eis porque é preciso que destruamos a fé, que arranquemos do espírito dos cristãos o próprio princípio da Divindade e do Espírito, a fim de substituí-lo pelos cálculos e pelas necessidades materiais (2).

Para que os espíritos dos cristãos não tenham tempo de raciocinar e observar, é necessário distraí-los pela indústria e pelo comércio. Dêsse modo, tôdas as nações procurarão suas vantagens e, lutando cada uma pelos seus interêsses, não notarão o inimigo comum. Mas, para que a liberdade possa, assim, desagregar e destruir completamente a sociedade dos cristãos, é preciso fazer da especulação (3) a base da indústria. Desta forma,

---

(2) Por isso: declara E. Fleg, na "Anthologie Juive", pág. 261: "O judaísmo orienta-se ùnicamente para o futuro terrestre." Por isso: numa conferência sob os auspícios da loja *La Parfaite Union*, de Mulhouse, a 26 de maio de 1927, dizia o maçon senador Bréhier: "Durante dois séculos, nossa mais perigosa inimiga foi a Igreja". Por isso: o judaísmo e a Igreja, segundo Kadmi-Cohen, em "Nômades", pág. 181: "São dois contrários, duas antinomias, dois blocos que se defrontam." Por isso: o "Rituel du 33ème. degré du Grand Orient de France" declara: "Aniquilar o Catolicismo contra o qual todos os meios são bons."

(3) Diz o judeu Kadmi-Cohen, "Nômades", págs. 88-89: "Tudo no semita é *especulação*, de idéias ou de negócios, e, sob êste último aspecto, que hino vigoroso não canta êle à glorificação do interêsse terrestre!"

Cf. G. Batault, "Le problème juif", pág. 39: "Na finança, tudo se concentrou em algumas mãos invisíveis, tudo se trama no silêncio e na noite. Cúmplices e solidários, os autores são secrêtos e discretos. O instrumento são as operações anônimas da bolsa; compra e venda, venda e compra. Sob ações invisíveis, os pratos da balança do Destino oscilam. Contra a autoridade tirânica, contra o domínio do *Econômico*, é possível achar armas — o coração dos homens e a alma dos povos, mas deixam-nas enferrujar na bainha"...

nenhuma das riquezas que a indústria tirar da terra ficará nas mãos dos industriais, mas serão sorvidas pela especulação, isto é, cairão nas nossas burras.

A luta ardente pela supremacia, os choques da vida econômica criarão e já criaram sociedades desencantadas, frias e sem coração. Essas sociedades terão uma profunda repugnância pela política superior e pela religião. Seu único guia será o cálculo, isto é, o ouro, pelo qual terão verdadeiro culto (4), por causa dos bens materiais que pode proporcionar. Então, as classes baixas dos cristãos nos seguirão em nossa luta contra a classe inteligênte dos cristãos no poder, nossos concurrentes, não para fazer o bem, nem mesmo para adquirir a riqueza, mas simplesmente por ódio dos privilegiados (5).

---

(4) O culto do ouro pelo judeu começa na Bíblia, com a adoração do Bezerro fundido por Arão. Desde a mais alta antiguidade, o judeu cultiva e manobra o ouro. Por que razão os judeus intentaram um processo ao pretor Flaccus? Responda Cícero, seu advogado, no "Pro Flacco" : "Vendo que o ouro era, *por conta dos judeus*, exportado todos os anos da Itália e *de tôdas as províncias para Jerusalém*, Flaccus proïbiu por um édito a saída do ouro da Ásia".

Cf. Bernard Lazare, "L'Antisémitisme", vol. I, pág. 174 : "Á medida que se avança, vê-se com efeito, crescer nos judeus a preocupação da riqueza e tôda sua atividade prática se concentrar em um comércio especial, refiro-me ao *comércio do ouro*". Pág. 187 : "O ouro deu aos judeus um poder que tôdas as leis políticas e religiosas lhes recusavam... Detentores do ouro, tornaram-se senhores de seus senhores"...

Cf. Jack London, "Le peuple de l'Abîme" : "O ouro é o passaporte do judeu".

(5) Contra essa manobra, S. S. o grande papa Leão XIII preveniu os católicos na Encíclica *Humanum Genus :* "Êles só falam de seu zêlo pelos progressos da civilização, de seu amor pelo pobre povo. A dar-lhes crédito, seu único fim é melhorar a sorte da multidão e estender ao maior número de homens as vantagens da sociedade civil... mas todos os seus esforços tendem a destruir completamente tôda disciplina religiosa e social nascida das instituïções cristãs, substituindo-a por uma nova, afeiçoada à maneira de suas idéias e cujos princípios fundamentais e leis são tomados ao naturalismo."

Meditai bem sôbre estas sábias palavras.

CAPÍTULO V

Resumo. — Criação de forte concentração do govêrno. Os modos da franco-maçonaria se apoderar do poder. Por que os Estados não conseguem entender-se. "Pre-eleição" dos judeus. O ouro é o motor de todos os mecanismos dos Estados. Os monopólios no comércio e na indústria. A importância da crítica. As instituïções "como são vistas". Cansaço causado pelos discursos. Como tomar conta da opinião pública? A importância da iniciativa privada. O Govêrno Supremo.

QUE FORMA de administração se pode dar a sociedades em que por tôda a parte penetrou a corrupção (1), em que sòmente se atinge a riqueza por meio de surpresas hábeis que são meias-velhacadas; sociedades em que reina a licença de costumes, em que a moralidade sòmente se agüenta por causa de castigos e leis austeras, não por princípios voluntàriamente aceitos; em que os sentimentos de Pátria e Religião, são abafados por crenças cosmopolitas? Que forma de govêrno dar a essas sociedades, se não a despótica, que descreverei mais adiante? Regularemos mecânicamente

(1) Neste ponto, os "Protocolos" conferem com a cínica declaração do judeu Oscar Levy: "Somos os corruptores do mundo, seus destruïdores, seus incendiários, seus carrascos. Não há progresso, porque, justamente, nossa moral impediu todo progresso real e criou obstáculos a tôda reconstrução do mundo em ruínas." Que glória! Conferem ainda, e, melhor, com o que escreveu o judeu Kurt Muenger no "Der Wag nach Sion" ("O caminho de Sião"): "Que nos odeiem, nos expulsem, que nossos inimigos triunfem sôbre nossa debilidade corporal, será impossível se livrarem de nós! Nós corroemos os corpos dos povos e infecionamos e deshonramos as raças, quebrando-lhes o vigor, apodrecendo tudo, decompondo tudo com nossa civilização mofenta..." Que glória!

todos os atos da vida política de nossos súditos por novas leis. Essas leis irão retomando uma a uma tôdas as complacências e tôdas as liberdades demasiadas concedidas pelos cristãos, e nosso reinado se assinalará por um despotismo tão majestoso que estará em condições, em qualquer tempo e lugar, de fazer calar os cristãos que nos queiram fazer oposição e que estejam descontentes.

Dir-nos-ão que o despotismo a que me refiro não está de acôrdo com os progressos modernos. Provarei o contrário.

Quando o povo considerava as pessoas reinantes como pura emanação da Vontade Divina, se submetia sem murmurar ao absolutismo dos reis, porém desde o dia em que lhe sugerimos a idéia de seus próprios direitos, considerou essas pessoas como simples mortais. A Unção Divina caíu da cabeça dos reis, pois que lhe arrancámos a crença em Deus ; a autoridade passou para a rua, isto é, para um logradouro público e nós nos apoderámos dela (2).

Demais, a arte de governar as massas e os indivíduos por meio duma teoria e duma fraseologia hàbilmente combinadas pelas regras da vida social e por outros meios engenhosos, dos quais os cristãos nada percebem, faz também parte de nosso gênio administrativo, educado na análise, na observação, em tais sutilezas de concepção que não encontram rivais, pois que não há ninguém como nós para conceber planos de ação política e de solidariedade. Sòmente os jesuitas nos pode-

(2) Por essa razão, deixou de ser autoridade e passou a ser mero poder ocasional, violência e arbítrio.

riam igualar nesse ponto, porém nós conseguimos desacreditá-los aos olhos da plebe ignara, porque êles constituíam uma organização visível, enquanto que nós operávamos ocultamente por meio de nossa organização secreta. Aliás, que importa ao mundo o amo que vai ter? Que lhe importa seja o chefe do catolicismo ou nosso despota do sangue de Sião? Mas, para nós, que somos o povo eleito, a questão já não é indiferente.

Uma coligação universal dos cristãos poderia dominar-nos por algum tempo, porém estamos garantidos contra êsse perigo pelas profundas sementes de discórdia que já se não podem mais arrancar de seu coração. Opusemos uns aos outros os cálculos individuais e nacionais dos cristãos, seus ódios religiosos e étnicos, que há vinte séculos cultivamos. E' por isso que nenhum govêrno encontrará auxílio em parte alguma : cada qual acreditará um acôrdo contra nós desfavoravel a seus próprios interêsses. Somos muito fortes e é preciso contar conosco. As potências não podem concluir o mais insignificante acôrdo sem que nele tomemos parte.

Per me reges regnant — "por mim reinam os reis". Nossos profetas nos disseram que fomos eleitos por Deus mesmo para governar a terra. Deus nos deu o gênio, a fim de podermos levar a cabo êsse problema. Embora surja um gênio no campo oposto, poderá lutar contra nós, mas o recém-vindo não valerá o velho habitante ; a luta entre nós será sem piedade e tal como nunca o mundo presenciou. Além disso, os homens de gênio chegariam tarde. Tôdas as engrenagens do

mecanismo governamental dependem dum motor que está em nossas mãos: êsse motor é o ouro. A ciência da economia política, inventada por nossos sábios, mostra-nos desde muito tempo o prestígio real do ouro.

O capital, para ter liberdade de ação, deve obter o monopólio da indústria e do comércio; é o que ja vai realizando a nossa mão invisível em tôdas as partes do mundo (3). Essa liberdade dará fôrça política aos industriais e o povo lhe será submetido. Importa mais, em nossos dias, desarmar os povos do que levá-los à guerra; importa mais servir as paixões incandescidas para nosso proveito do que acalmá-las; importa mais apoderar-se das idéias de outrem e comentá-las do que baní-las.

O problema capital de nosso govêrno é enfraquecer o espírito público pela crítica; fazer-lhe perder o hábito de pensar, porque a reflexão cria

---

(3) Cf. F. Fried, "La fin du capitalisme", pág. 55: "A idolatria do capital é possível, porque *os sacerdotes dêsse ídolo* têm o poder sôbre o povo; e êsses sacerdotes do capital só chegaram a êsse poder, infiltrando-se como intermediários entre o homem e seu verdadeiro Deus; depois, em lugar de se limitarem ao papel de intermediários, instalaram seus próprios ídolos e separaram o homem de seu Deus".

Cf. G. Batault, "Le problème juif", págs. 40-41: "E' conveniente notar que foi um banqueiro judeu-inglês, o célebre economista David Ricardo, filho dum judeu holandês, emigrado em Londres, em fins do século XVIII, o inventor e o teorista duma concepção puramente econômica do mundo que, hoje, o domina quasi todo. O mercantilismo político contemporâneo, *os negócios acima de tudo*, os negócios considerados fim supremo dos esforços humanos, provém diretamente de Ricardo. Demais, o fundador do socialismo científico, o judeu-alemão Karl Marx, se colocou no próprio terreno de Ricardo, para combatê-lo, aproveitando grande número de suas concepções, de seus argumentos, de suas teorias e conclusões. O laço misterioso, a afinidade secreta que unem, a-pesar-de tudo, os *mercantilistas*, e os *negocistas* puritanos aos *bolchevistas* provêm, em grande parte, de terem em comum, embora tirando conclusões diferentes, a *mesma concepção e a mesma visão do mundo*, as quais *são produtos essencialmente semitas*, saídos dos cérebros dos judeus Ricardo e Marx. A concepção

a oposição ; distrair as fôrças do espírito, em vãs escaramuças de eloqüência.

Em todos os tempos, os povos, mesmo os mais simples indivíduos, tomaram as palavras como realidades, porque se satisfazem com a *aparência das cousas* e raramente se dão ao trabalho de observar se as promessas relativas à vida social foram cumpridas. Por isso, nossas instituïções terão uma bela fachada, que demonstrará eloqüentemente seus benefícios no que concerne ao progresso.

Nós nos apropriaremos da fisionomia de todos os partidos, de tôdas as tendências e ensinaremos nossos oradores a falarem tanto que tôda a gente se cansará de ouví-los.

Para tomar conta da opinião pública, é preciso torná-la perplexa, exprimindo de diversos lados e tanto tempo tantas opiniões contraditórias que os cristãos acabarão perdidos no seu labirinto e convencidos de que, em política, o melhor é não ter opinião. São questões que a sociedade não

---

místico-judaica economista da humanidade é comum ao liberalismo puritano e ao socialismo dito científico, do qual brotou o bolchevismo."

Por isso, os judeus agem no mundo em dois polos opostos, que completam, porém, sua obra de desagregação da sociedade cristã. O judeu Eberlin o reconhece na página 51 de seu livro já citado : "O cosmopolitismo do agiota torna-se o internacionalismo proletário e revolucionário." Diz Bernard Lazare que "a alma do judeu é dupla ; dum lado é o fundador do capitalismo industrial, financeiro, agiota e especulador, colaborando para a centralização dos capitais destinada a destruir a propriedade, a proletarizar os povos e a criar a socialização ; do outro, combate o capitalismo em nome do socialismo, isto é, da *socialização total*". Pelos dois lados, os judeus atingem o mesmo fim. Assim, segundo a opinião do mesmo Bernard Lazare, a Rothschild correspondem Marx e Lasalle. O judeu Kadmi-Cohen é explícito quanto ao mesmo assunto, escrevendo que Trotski e Rothschild "marcam as oscilações do pêndulo judaico". O plano está claramente delineado nos "Protocolos". Só os cegos e os ignorantes ainda o não perceberam... Há também quem não o queira perceber...

deve conhecer. Só deve conhecê-las quem a dirige. Eis o primeiro segrêdo (4).

O segundo, necessário para governar com êxito, consiste em multiplicar de tal modo os defeitos do povo, os hábitos, as paixões, as regras de viver em comum que ninguém possa deslindar êsse caos e que os homens acabem por se não entenderem mais uns aos outros. Essa tática terá ainda como efeito lançar a discórdia em todos os partidos, desunindo tôdas as fôrças coletivas que ainda não queiram submeter-se a nós ; ela desanimará qualquer iniciativa, mesmo genial, e será mais poderosa do que os milhões de homens nos quais semeámos divergências. Precisamos dirigir a educação das sociedades cristãs de modo tal que suas mãos se abatam numa impotência desesperada diante de cada questão que exija iniciativa.

O esfôrço que se exerce sob o regime da liberdade ilimitada é impotente, porque vai de encontro aos esforços livres de outros. Daí nascem dolorosos conflitos morais, decepções e insucessos. Fatigaremos tanto os cristãos com essa liberdade que os obrigaremos a nos oferecerem um poder internacional, cuja disposição será tal que poderá, sem as quebrar, englobar as fôrças de todos os Estados do mundo e formar o Govêrno Supremo.

Em lugar dos governos atuais, poremos um espantalho que se denominará Administração do Govêrno Supremo. Suas mãos se estenderão para

---

(4) Essa obra de despistamento é realizada sobretudo pela imprensa. Basta reparar como certos jornais em consórcio ou *associados* manobram ou manipulam a opinião pública em sentidos diversos, quando sua direção geral é uma única.

todos os lados como pinças e sua organização será tão colossal que todos os povos terão de se lhe submeterem (5).

---

(5) E' a "salvação por meio dos judeus", a que aludiu o grande líder católico francês Léon Bloy, no "Le salut pour les juifs", París, 1892, anterior aos "Protocolos"! "Segundo o "Jewish Guardian" ("Sentinela judaica"), de 8 de outubro de 1920, o chefe sionista dr. Cain Weissmann, declarou no discurso com que saúdou num banquete o rabino Herz: "A nós, seu Povo Eleito, Deus deu o poder de nos espalharmos sem dano para nós; o que para outros parece ser nossa fraqueza é, em verdade, nossa fôrça, e, assim, atingimos ao Domínio Universal. Só nos resta edificar sôbre essa base." Não é possível ser mais claro!...

Cf. Isidoro Loeb, *op. cit.*, pág. 99: "Os judeus têm tido esta alta ambição de ver os gentios se agruparem em tôrno dêles, e se unirem sob o nome do verdadeiro Deus". A idéia vem do fundo dos séculos, acompanhando a trajetória da raça. O filósofo judeu-alexandrino Philon escreveu no "In Flaccum": "O castigo dos sofistas virá no dia em que o Império Judeu, *império da salvação,* for estabelecido no mundo." Recorramos ainda ao erudito israelita do "L'Antisémitisme", Bernard Lazare, no tômo I, págs. 50-51: "Sem a lei, sem Israel, o mundo não existiria, Deus o faria voltar ao nada; e o mundo sòmente conhecerá a felicidade, quando *submetido ao império universal dessa lei,* isto é, *ao império dos judeus*". Como conseqüência disso, assegura B. Lazare: "Essa fé em sua predestinação, em sua eleição, desenvolveu nos judeus um orgulho imenso. Passaram a considerar os não-judeus com desprêzo e mesmo com ódio" (Tômo I, pág. 52).

O imparcial Batault, referenda essas afirmações judaicas: "Os judeus perduram, assim, através da miragem da idade de ouro, da era nova, dos tempos messiânicos, em que o mundo viverá em alegria e paz, *submetido a Iavé, escravizado pela lei, sob a direção do povo sacerdotal,* eleito pela Eternidade, amadurecido pela experiência, à espera dessa hora única" ("Le problème juif", pág. 104). "O sonho internacionalista do judeu é a unificação do mundo pela lei judaica, sob a direção e domínio do povo sacerdotal" (pág. 155, *op. cit.*).

E' de estarrecer a coincidência constante entre o espírito do judaísmo, confessado pelos próprios judeus, e o texto dos "Protocolos". Como duvidar de sua autenticidade diante dessa confrontação e da realização do que nele se profetiza?

CAPÍTULO VI

Resumo. — Os monopólios; as fortunas dos cristãos dependem dêsses monopólios. A aristocracia privada de riqueza territorial. O comércio, a indústria e a especulação. O luxo. A alta do salário e o encarecimento dos gêneros de primeira necessidade. A anarquia e a embriaguez. O sentido secreto da propaganda das teorias econômicas.

CRIAREMOS em breve enormes monopólios, colossais reservatórios de riquezas, dos quais as próprias fortunas dos cristãos dependerão de tal modo que serão por êles devoradas, como o crédito dos Estados no dia seguinte a uma catástrofe política... (1)

Os senhores economistas aquí presentes devem considerar a importância dessa combinação!...

Precisamos desenvolver por todos os meios possíveis a importância de nosso Govêrno Supremo, representando-o como protetor e remunerador de todos os que se lhe submetam voluntàriamente.

A aristocracia dos cristãos desapareceu como fôrça política e não temos mais que contar com

---

(1) O que se passou no mundo moderno, depois do aparecimento dos "Protocolos" autentica o plano judaico. Como poderiam adivinhar? Os monopólios, os trustes, os cartéis, os açambarcamentos multiplicaram-se por tôda a parte e os jogos financeiros devoraram os créditos de todos os Estados. Basta ler o formidável e documentadíssimo livro "La fin du capitalisme", de Fernando Fried, com prefácio do judeu Daniel Halévy, edição Bernard Grasset, Parìs, 1932, para verificar como as idéias-dinheiro criaram o capital e quais seus resultados: distribuição desigual de rendas e oligarquias financeiras, a tragédia das massas, o socialismo, o marxismo, a crise, a paralisia e o endividamento dos Estados, tudo o que decôrre dos "Protocolos"...

ela ; porém, como proprietária de bens territoriais, poderá prejudicar-nos na medida da independência de seus recursos. E' preciso, portanto, arrancar-lhe as suas terras. O melhor meio para isso é aumentar os impostos sôbre os bens de raiz, a fim de endividar a terra. Essas medidas manterão a propriedade territorial num estado de absoluta sujeição (2).

Como os aristocratas cristãos não sabem, de pais a filhos, se contentar com pouco, serão ràpidamente arruïnados.

Ao mesmo tempo, devemos proteger fortemente o comércio e a indústria, sobretudo a especulação, cujo papel é servir de contrapêso à indústria ; sem a especulação, a indústria multiplicaria os capitais privados e melhoraria a agricultura, libertando a terra das dívidas criadas pelos bancos rurais. E' necessário que a indústria tire à terra o fruto do trabalho, como o do capital, que nos dê, pela especulação, o dinheiro de todo o mundo : lançados, assim, às fileiras dos proletários, todos os cristãos se inclinarão diante de nós para terem ao menos o direito de viver (3).

---

(2) Esta parte do plano tem sido visibilíssima. Basta observar como por tôda a parte, sem o menor estudo sério das realidades e condições locais, se grita contra o latifúndio, e, ao menor surto revolucionário, se trata de distribuir as terras. Examine-se o aumento constante dos impostos sôbre os bens de raiz em qualquer nação do mundo e se ficará assombrado da maneira como o judaísmo-maçônico sugere a legisladores e governantes tôdas as medidas que deseja pôr em prática. Fernando Fried, tratando da crise moderna, diz, por ignorar a questão judaica (?), que nela, crise, "não há êrro, mas fatalidade". Com efeito, o plano oculto é tão diabólico que se transformou para os povos cristãos num novo destino.

(3) Tudo o que aí está : separação dos interêsses da indústria e do comércio dos interêsses da terra, estiolamento e garroteamento da agricultura, urbanismo, especulação, luxo desbragado, tudo isso temos visto e estamos vendo.

Para arruïnar a indústria dos cristãos, desenvolveremos a especulação e o gôsto do luxo, dêsse luxo que tudo devora. Faremos subir os salários, que, entretanto, não trarão proveito aos operários, porque faremos, ao mesmo tempo, o encarecimento dos gêneros de primeira necessidade, devido, como apregoaremos, à decadência da agricultura e da pecuária (4) ; demais, hàbilmente e profundamente subverteremos as fontes da produção, habituando os operários à anarquia e às bebidas alcoólicas (5), recorrendo a tôdas as medidas possíveis para afastar da terra os cristãos inteligentes.

---

(4) E' o *círculo vicioso*, de que fala F. Fried, *op. cit.*, pág. 122 : "Vemos, na economia mundial, que se defrontam, não só a oferta e a procura paralisadas, sem esperança de se tornarem a equilibrar ; mas também, dum lado, os camponeses empobrecidos, incapazes de adquirir objetos manufaturados, máquinas e utensílios; do outro, as massas operárias tão empobrecidas que não podem mais satisfazer suas necessidades indiretas de matérias primas. Tanto menos o camponês *compra* trabalho, quanto mais a produção da indústria diminue, aumentando o número de fábricas fechadas e de desempregados, e os operários compram menor quantidade de pão ao camponês. E o ciclo recomeça... O sistema está num bêco sem saída. Os depósitos, as salas das fábricas sem vida, os exércitos de desempregados crescerão ainda, incharão e chegaremos à morte pelo congelamento da economia mundial..."

Já os créditos estão na maioria congelados, o que é significativo...

O texto dos "Protocolos" data de 30 anos ; é o traçado maldoso dum plano. O texto de Fried data de 5 anos : é a verificação inocente dos resultados do plano.

(5) Nos países de grandes massas camponesas, sobretudo, os judeus se entregam ao comércio das bebidas alcoólicas, propagando com rara habilidade o vício da embriaguês. Segundo o judeu Bernard Lazare, "L'Antisémitisme", vol. II, pág. 23, na Romênia, como, aliás, na Rússia, "êles arrematavam o *monopólio* da venda das bebidas alcoólicas..." Idem, pág. 24 : "pela lei de 1856, foi-lhes retirado o direito de vender bebidas alcoólicas". Em 1887, Calixto de Wolski, escrevia em "La Russie Juive", pág. 55, que os judeus tinham obtido, na Rússia, "o direito da venda de aguardente nos botequins das pequenas cidades e dos campos, onde, para êles, a arte de embrutecer os camponêses pela embriaguês, o abuso e a propaganda das bebidas alcoólicas, se tornou a mais produtiva das especulações." Na Europa Oriental, havia mesmo uma designação própria para os judeus que se ocupavam da venda de bebidas alcoólicas : eram os *felatakim*.

Assim, desta vez, os "Protocolos" comprovam uma ação a que os judeus já se vinham entregando e continuam a entregar-se.

Para impedir que essa situação seja vista prematuramente sob seu verdadeiro aspecto, mascararemos nossos verdadeiros desígnios com o pretenso desejo de servir às classes trabalhadoras e de propagar os grandes principios econômicos que atualmente ensinamos.

CAPÍTULO VII

Resumo. — Porque é preciso aumentar os armamentos. Fermentações, discórdias e ódios no mundo inteiro. Coação da oposição dos cristãos pelas guerras e pela guerra geral. O segrêdo é o penhor do êxito na política. A imprensa e a opinião pública. Os canhões americanos, japoneses e chineses.

O AUMENTO dos armamentos e do pessoal da polícia é um complemento imprecindível do plano que estamos expondo. E' preciso que não haja mais, em todos os Estados, além de nós, senão massas de proletários, alguns milionários que nos sejam dedicados, policiais e soldados (1).

Em tôda a Europa, bem como nos outros continentes, devemos suscitar agitações, discórdias e ódios. O proveito é duplo. Dum lado, manteremos, assim, em respeito todos os países, que saberão que poderemos, à nossa vontade, provocar a desordem ou restabelecer a ordem : todos êsses países se habituarão, pois, a nos considerar como um fardo necessário. Do outro, nossas intrigas embrulharão todos os fios que estenderemos nos gabinetes governamentais por meio da política,

---

(1) Parece não ser preciso comentar a "corrida armamentista" da qual diàriamente falam os jornais, nem lembrar que as grandes fábricas de armas e munições, os grandes estaleiros de construções navais e o monopólio do níquel estão nas mãos de judeus... Por que não há meio dos governos decretarem que só o Estado pode fazer engenhos de guerra? Bastaria isto para diminuir os armamentos e as possibilidades de guerra.

E' bom, porém, notar o aumento visível de fôrças policiais no mundo inteiro : Brigadas de Guardas Móveis em França, Brigadas de Choque na Austria e Espanha, Policias Especiais no Brasil, etc..

dos contratos econômicos e dos compromissos financeiros. Para atingir nosso fim, precisaremos dar prova de grande astúcia no decurso dos entendimentos e negociações; mas, no que se chama "a linguagem oficial", seguiremos uma tática oposta, parecendo honestos e conciliadores. De tal modo, os povos e os governos cristãos, que acostumámos a olhar sòmente a face do que lhe apresentamos, mais uma vez nos tomarão como bemfeitores e salvadores da humanidade. A qualquer oposição, deveremos estar em condições de fazer declarar guerra pelos vizinhos da nação que ousar criar-nos embaraços (2); e, se êsses próprios vizinhos se lembrarem de se aliar contra nós, devemos repelí-los por meio duma guerra geral.

O mais seguro caminho do êxito em política é o segrêdo de tôdas as emprêsas: a palavra do diplomata não deve concordar com seus atos.

Devemos obrigar os governos cristãos a obrar de acôrdo com êste plano, que amplamente concebemos e que já está chegando à sua meta. (3). A opinião pública ajudar-nos-á, essa opinião pública que o "grande poder", a imprensa, secretamente já pôs em nossas mãos. Com efeito, com poucas exceções, que não têm importância, a imprensa está tôda em nossa dependência. Em uma palavra, para resumir nosso sistema de coação

---

(2) Nos casos Ítalo-Etíope e da Renânia, é aparente, claro, o trabalho do judaísmo nesse sentido. Maçons e judeus chegaram a pregar na França a "guerra preventiva contra a Alemanha!" Os Estados-Maiores obrigaram os governos maçônicos a recuar...

(3) Cf. artigo do judeu René Groos, no "Nouveau Mercure", de maio de 1927: "As duas Internacionais — a das Finanças e a da Revolução — trabalham com ardor. Há uma *conspiração judaica* contra tôdas as nações."

dos governos cristãos da Europa, faremos ver a um nossa fôrça por meio de atentados, isto é, pelo terror; a todos, se todos se revoltarem contra nós, responderemos com os canhões americanos, chineses e japoneses (4).

(4) O plano judeu é, depois de armar os não-europeus, insuflar-lhes idéias socialistas ou imperalistas e lançá-los contra a Europa. Em "La crise du monde moderne", págs. 203-204, René Guénon pressentiu o problema: "Hoje existem orientais que mais ou menos estão completamente ocidentalizados (*ou melhor, judaízados*), que abandonaram sua tradição para adotar tôdas as aberrações do mundo moderno e êsses elementos desviados, graças ao ensino das universidades européias e americanas, se tornam nas suas pátrias causas de perturbação ou agitação".

Cf. o comunismo anarquizando a China, o Turquestão e a Pérsia, tomando conta da Mongólia e pretendendo espraiar-se na Ásia.

CAPÍTULO VIII

Resumo. — Uso equívoco do direito teórico. Os colaboradores do regime franco-maçon. Escolas particulares e educação superior inteiramente particular. Economistas e milionários. A quem se deve confiar os postos de responsabilidade no govêrno

DEVEMOS apropriar-nos de todos os instrumentos que os nossos adversários possam empregar contra nós. Devemos buscar nas sutilezas e delicadezas da língua jurídica uma justificação para o caso em que tenhamos de pronunciar sentenças que possam parecer muito ousadas e injustas, porque é mister exprimir essas sentenças em termos que tenham a aparência de ser máximas morais muito elevadas, conservando seu caráter legal (1). Nosso regime deve rodear-se de tôdas as fôrças da civilização, no meio das quais deverá obrar. Rodear-se-á de publicistas, jurisconsultos experientes, administradores, diplomatas, emfim homens preparados por uma educação superior especial em escolas especiais. Êsses ho-

---

(1) O culto do jurista, sobretudo do hermeneuta, na sociedade moderna, é resultado da propaganda judaica. Destina-se à criação dêsses juristas ôcos e pretensiosos que servem, às vezes inconcientemente, a Israel e às sociedades secretas para irem subindo na vida. Os judeus têm de usar do direito teórico contra os cristãos, porque entre êles o nosso direito não tem curso e valia. Os judeus, possuem um código de leis secreto que se denomina "Schulhan Aruch", isto é, "A mesa servida", tirado do Talmud no século XVI pelo rabino José Auaro. A primeira edição foi feita em Veneza em 1565. A segunda, revista, comentada e corrigida, pelo rabino Moisés Isserles, se imprimiu em Cracóvia, em 1573. Os judeus ocultam e negam a existência dêsse código. Johann Andréa, Eisenmenger, no século XVIII, Henrique George Loewe, e João di Pauli, no século XIX, fizeram traduções que logo desapareceram da circulação. O Dr. Bri-

mens conhecerão todos os segredos da existência social, tôdas as linguagens formadas de letras ou de termos políticos, todos os bastidores da natureza humana, tôdas as cordas sensíveis que deverão saber tocar. Essas cordas são o feitio do espírito dos cristãos, suas tendências, seus defeitos, seus vícios e suas qualidades, suas particularidades de classe ou de condição. Fica bem entendido que êsses colaboradores de gênio do nosso govêrno não serão tomados entre os cristãos, habituados a fazer seu trabalho administrativo sem cuidar de sua utilidade. Os administradores cristãos assinam papéis sem ler ; servem por interêsse ou por ambição.

Rodearemos nosso govêrno por uma multidão de economistas. Eis por que as ciências econômicas são as mais importantes a serem ensinadas aos judeus. Rodear-nos-êmos duma pléiade de banqueiros, industriais, capitalistas, e sobretudo milionários, porque, em suma, tudo será decidido pelas cifras.

Durante certo tempo, até o momento em que não houver mais perigo em confiar os postos de responsabilidade de nossos Estados a nossos irmãos judeus, confia-los-êmos a indivíduos cujo

---

man, que, sob o pseudônimo de Justus, publicou, no "Der Iudenspiegel" ("O espêlho judaico") alguns trechos do "Schulhan Aruch", sofreu terríveis perseguições, que terminaram em retumbante processo.

Êsse código não reconhece direito algum aos cristãos, nem de propriedade, nem de família ; nega-lhes a faculdade de dar testemunho e permite que o judeu o roube e espolie. No "Stocken ha mischpath", 2,1, declara que o Beth-Dine pode condenar à morte, quando julgar isso oportuno, "mesmo se o crime não merecer a pena de morte".

Cf. Icher, "Der Iudenspiegel in dichte der Hahrbeit" ; Henri Ellenberger, "Manuel d'Histoire", tômo XVI ; V.. Dangen, "La loi sécrète juive" ; Fara, "Le Schoulhan Arouch", in "La libre parole", n.º 11, novembro de 1934.

passado e cujo caráter sejam tais que haja um abismo entre êles e o povo, a homens tais que, em caso de desobediência às nossas ordens, não lhe reste outra cousa a esperar senão a condenação ou o exílio, a fim de que defendam nossos interêsses até o derradeiro alento (2).

(2) Eis porque aqueles que não conhecem os bastidores dos governos não podem compreender que só se escolham para os altos cargos indivíduos sem moral e sem dignidade. Os outros não servem à maçonaria e a Israel. São afastados.

CAPÍTULO IX

Resumo. — Aplicação dos princípios maçônicos para refazer a educação dos povos. A palavra de ordem franco-maçônica. Importância do anti-judaísmo. A ditadura da franco-maçonaria. O terror. Aqueles que servem à franco-maçonaria. A fôrça "inteligente" e a fôrça "cega" dos reinos cristãos. Comunhão do poder com o povo. A arbitrariedade liberal. Usurpação da instrução e da educação. Interpretação das leis. Os metropolitanos

NA APLICAÇÃO de nossos princípios, prestai atenção ao caráter do povo no meio do qual vos encontrardes e obrardes; uma aplicação geral e uniforme dêsses princípios, antes de refazermos a educação do povo, não logrará êxito. Mas, aplicando-os prudentemente vereis que se não passarão dez anos para se transformar o caráter mais obstinado e para que contemos mais um povo em nossa dependência.

Quando nosso reinado chegar, substituïremos nossa palavra de ordem — Liberdade, Igualdade e Fraternidade — não por outra palavra de ordem, porém pelas mesmas palavras transformadas em idéias; diremos: "direito à liberdade", "dever de igualdade" e "ideal de fraternidade"... Agarraremos o touro pelos chifres... *De fato*, já destruímos todos os governos, excepto o nosso, embora haja ainda muitos governos *de direito* (1). Nos dias

---

(1) Cf. E. Eberlin, "Les Juifs", pág. 201: "Quanto mais uma revolução é radical, mais liberdade e igualdade resultam para os judeus. Tôda nova corrente de progresso consolida a posição dos judeus".

B. Lazare, "L'Antisémitisme", vol. II, pág. 17: "... a assimilação legal acabou em França, em 1830, quando Lafitte fez inscrever o culto ju-

que correm, se alguns Estados levantam protestos contra nós, fazem-no pro-fórmula e por nossa ordem, porque seu anti-judaísmo nos é necessário para governar nossos irmãos menores. Não vos explicarei isso mais claramente, porque êsse assunto já foi tratado em nossos entendimentos.

Na realidade, não há mais obstáculos à nossa frente. Nosso Govêrno Supremo está em condições extra-legais que é conveniente denominar com um têrmo forte e enérgico : ditadura. Posso afirmar concientemente que somos atualmente legisladores ; pronunciamos as sentenças da justiça, condenamos à morte e perdoamos ; estamos como chefes de nossas tropas montados no cavalo do general comandante. Governaremos com mão firme, porque nos apoderamos dos restos dum partido outrora forte e hoje submetido por nós. Temos nas mãos ambições desmedidas, muita avidez ardente, vinganças sem piedade, ódios e rancores (2).

---

deu no orçamento. Era o *desabamento definitivo do Estado Cristão,* embora o Estado Leigo ainda não estivesse completamente constituído. Em 1839, o derradeiro vestígio das antigas separações entre judeus e cristãos desapareceu com a abolição do juramento *More Judaico.* A assimilação moral não foi assim tão completa." Idem. pág. 54 : "Os israelitas deveram sua emancipação a um movimento filosófico *coincidindo* (*é muita coincidência !*) com um movimento econômico, e não à abolição das prevenções seculares que existiam contra êles". Idem, pág. 21-22 : "Sòmente em 1848 os israelitas austríacos se tornaram cidadãos. Na mesma época, sua emancipação se fez na Alemanha, na Grécia, na Suécia, na Dinamarca. De novo, os judeus deveram sua independência ao espírito revolucionário, que, mais uma vez, vinha de França."

Ewerbeck, em "Qu'est ce que la Bible?", Paris, 1850, págs. 628-660, traduz estes trechos de Karl Marx num artigo sôbre Bruno Bauer : "O judeu trabalha em pról da idéia emancipadora universal... A emancipação judaica, na sua extrema significação, é a emancipação da humanidade dos laços que o judaísmo lhe impôs..."

(2) Cf. Polzer Hodlitz, "Kaiser Karl", Viena, 1929, págs. 302, 385, palavras atribuídas a Anatole France : "A democracia não tem coração nem entranhas. A serviço das fôrças do Ouro é sem piedade e deshumana !" Está conforme !...

De nós promana o terror que tudo invade (3). Temos a nosso serviço homens de tôdas as opiniões, de tôdas as doutrinas; restauradores de monarquias, demagogos, socialistas, comunistas (4) e tôda a sorte de utopistas; atrelámos o mundo inteiro ao nosso carro: cada qual mina de seu lado os derradeiros restos do poder, esforçando-se por derrubar tudo o que ainda se mantem de pé. Todos os Estados sofrem com essas perturbações, pedem calma e estão dispostos a tudo sacrificar pela paz; mas nós não lhes daremos a paz, enquanto não

---

(3) Diante duma declaração desta ordem, tem-se a impressão de que o povo de Israel enlouqueceu. Aliás, há opiniões de que é um povo de loucos e tarados. Reconhece-o o historiador e sociólogo judeu Eberlin, atribuindo o fato a resultado da perseguição, *op. cit.*, pág. 171: "O que escapa à matança, escorrega para a degenerescência, o desespêro e a loucura." Reconhece-o o escritor e pensador judeu Kadmi-Cohen, *op. cit.*, pág. 36: "...o que denominamos o *passionalismo* dos semitas, isto é, *uma espécie de nevrose tornada congênita,* caraterizada por uma falta de equilíbrio entre as realidades e o juizo..." Idem, pag. 38: "Não há, com efeito, povo mais inclinado às enfermidades mentais e nervosas do que os judeus". Idem, pág. 133: "O judeu, único semita que a civilização cristã conhece, provoca a repulsa, o temor, o ódio ou o desprêzo universal, ora mais, ora menos. Êsse fenômeno psicológico, só se pode explicar pelo sentimento de todo ente são em presença de alguma cousa informe, doentia e incompleta..."

Quando um judeu diz isso!...

As estatísticas comprovam essas afirmações. Conforme as que foram publicadas pela Liga das Nações referentes ao ano de 1932 e que não podem ser taxadas de suspeitas pelos israelitas, os judeus fornecem, sendo uma minoria ínfima, em relação à população do globo, 30% dos criminosos do mundo!!!

Segundo as estatísticas da Polícia alemã, antes do Nazismo, durante a Social Democracia judaica de Weimar, portanto, também insuspeitas, em 1930, a percentagem dos judeus na criminologia, era de 24%. Essa percentagem é elevadíssima desde que se tenha em conta, na mesma época, a dos judeus relativamente à população total da Alemanha, que era simplesmente de 0,76%. Não chegava a 1% e dava 24% de criminosos. E' formidável!

Diante de documentos dessa ordem, o judaísmo costuma negar de pés juntos; mas negar não basta. Hoje, há uma conciência coletiva formada contra os judeus, que exige o seu afastamento a bem da saúde moral e da tranqüilidade dos povos.

(4) O socialismo e o comunismo são criações judaicas e nada mais. E' a opinião do citado Kadmi-Cohen, pág. 85: "...as tendências comunistas inegáveis dos semitas desde a mais alta antiguidade". Idem, pág. 87: "As tendências dos judeus para o comunismo, fora de qualquer cola-

reconhecerem nosso Govêrno Supremo, abertamente e humildemente.

O povo se pôs a gritar que é necessário resolver a questão social por meio dum acôrdo internacional. A divisão do povo em partidos pôs todos êsses partidos à nossa disposição, porque para sustentar sua luta de emulação é preciso dinheiro e nós é que temos todo o dinheiro.

Poderíamos recear a aliança da fôrça inteligente das pessoas reinantes com a fôrça cega do povo, mas tomámos tôdas as medidas possíveis contra essa eventualidade: entre essas duas fôrças, erguemos a parede do medo recíproco. Dêste modo, a fôrça cega do povo é o nosso apôio e seremos os únicos a guiá-la; saberemos dirigí-la com segurança para os nossos fins.

A fim de que a mão do cego não possa repelir a nossa direção, devemos estar de tempos em tempos em comunicação direta com êle, senão pessoal-

---

boração material a organizações partidárias, encontram brilhante confirmação na aversão do grande judeu e grande poeta Henri Heine pelo Direito Romano!... Os revolucionários judeus e os comunistas judeus que atacam o princípio da propriedade privada, cujo mais sólido monumento é o *Corpus Juris Civilis* de Justiniano, Vulpiano, etc., não fazem senão repetir a resistência de seus antepassados contra Tito!" Idem, pág. 117: "Os semitas são comunistas ou comunizantes. Decompondo a propriedade, guardam dela o elemento *gôzo* e daí seu utilitarismo. Os semitas são revolucionários avançados".

A maior confirmação de que o judaísmo é o pai do comunismo vem nesta frase dum artigo da "Jewish Chronicle" ("A crónica judaica"), de 4 de abril de 1919: "O ideal bolchevista está em harmonia com as mais belas concepções do judaísmo". Por isso, no "Der Kommunist", de Karkof, de abril de 1919, podia-se ler esta admirável confissão: "Pode declarar-se sem exagêro que a grande revolução russa foi realizada *inteiramente* pelos judeus." Cf. G. Batault, "Le problème juif", pág. 20: "...A Rússia agoniza presentemente sob o reinado da ditadura e do terror judaico."

E' bom ter presente na memória o papel dos judeus na revolução comunista no Brasil: Harry Berger e David Racaides Rabinovitch assessorando o chefe revolucionário, as dezenas de judeus da Brazcor e da Scholomo Aleichen fazendo a propaganda, a judia Geny Gleizer e seu pai, o judeu Motel Gleizer, bem assim os *cripto-judeus* brasileiros envolvidos na causa...

mente, pelo menos por meio de nossos mais fiéis irmãos. Quando formos um poder reconhecido, conversáremos nós mesmos com o povo nas praças públicas e o instruïremos sôbre as questões políticas, no sentido que julgarmos necessário.

Como verificar o que lhe for ensinado nas escolas de aldeia? O que disser o enviado do govêrno ou a própria pessoa reinante não poderá deixar de ser logo conhecido em todo o Estado, porque será depressa espalhado pela voz do povo. Para não destruir prematuramente as instituïções dos cristãos, temos tocado nelas com habilidade, tomando em nossas mãos as molas de seu mecanismo. Essas molas estavam dispostas numa ordem severa, mas justa; substituïmo-la pela arbitrariedade desordenada. Tocámos na jurisdição, as eleições, na imprensa, na liberdade individual, e, sobretudo, na instrução e na educação, que são as pedras angulares da existência livre.

Mistificámos, embrutecemos e corrompemos a mocidade cristã por meio duma educação fundada em princípios e teorias que sabemos falsos e que são inspirados por nós (5).

Por cima das leis existentes, sem mudá-las de modo essencial, porém sòmente as desfigurando por interpretações contraditórias, obtivemos re-

---

(5) Estas teorias naturalistas e cientificistas repousam tôdas na crença no progresso. René Guénon critica-as admiràvelmente em "Orient et Occident", pág. 22: "A crença no progresso está naturalmente identificada, na essência, com o desenvolvimento material". Idem, pág. 30: "A idéia de *progresso* aparece no fim do século XVIII, estendida a tôdas as ordens de atividade, com Turgot e Condorcet." Idem, pág. 37: "A crença no progresso indefinido é a mais ingênua e a mais grosseira de tôdas as formas de otimismo." Isto eqüivale a dizer que é uma criação naturalista, materialista, nascida da enciclópédia, e de feição grosseira e estulta.

sultados prodigiosos. Êsses resultados manifestaram-se ao princípio em comentários que mascararam as leis e, em seguida, completamente as esconderam dos olhos dos governos incapazes de se orientarem numa legislação embrulhada (6).

Daí a teoria do tribunal da conciência. Dizeis que se rebelarão de armas em punho contra nós, se, antes de tempo, ou tarde, se aperceberem da manobra, mas nós, nesse caso, nos países ocidentais, lançaremos mão duma manobra tão terrível que as almas mais corajosas tremerão : os metropolitanos já estarão contruídos em tôdas as capitais e fá-los-emos ir pelos ares com tôdas as organizações e documentos de todos os Estados (7).

---

(6) Esta foi a obra dos juristas manobrados pelas fôrças ocultas que lhes assopravam a vaidade.

(7) Esta ameaça, bem como a da organização de bandos armados de judeus para tomar parte nas revoluções, já tem sido muitas vêzes comentada com revelações curiosas pela "La libre parole" de París. Como se trata de órgão notòriamente anti-judaico, não insistimos nesta glosa. Lembramos sòmente que os judeus organizaram *milicias* em algumas regiões da Polônia...

CAPÍTULO X

Resumo. — A fôrça das cousas na política. A "genialidade" da baixeza. O que promete o golpe de Estado franco-maçônico. O sufrágio universal. A estima de si mesmo. Os chefes dos franco-maçons. O guia genial da franço-maçonaria. As instituïções e suas funções. O veneno do liberalismo. A constituïção é a escola das discórdias de partidos. A era republicana. Os presidentes são criaturas da franco-maçonaria. Responsabilidade dos presidentes. O "Panamá". O papel da Câmara dos Deputados e do Presidente. A franço-maçonaria é uma fôrça legislativa. A nova constituïção republicana. Passagem para a "autocracia" franco-maçônica. Momento da proclamação do "rei universal". Inoculação de doenças e outros malefícios da franco-maçonaria

COMEÇO AGORA repetindo o que já disse e peço-vos que vos lembreis que os governos e os povos sòmente vêem a aparência das cousas. E como poderiam deslindar seu sentido íntimo, se seus representantes pensam, antes de tudo, em se divertirem? Importa muito para nossa política conhecer êsse pormenor : ser-nos-á de grande auxílio, quando passarmos à discussão da divisão do poder, da liberdade de palavra, de imprensa, de conciência, do direito de associação, da igualdade em face da lei, da inviolabilidade da propriedade, da habitação, do imposto, da fôrça retroativa das leis. Tôdas essas questões são de tal natureza que nunca se deve tocar nelas direta e claramente diante do povo. No caso em que for neces-

sário abordá-las, é preciso não as enumerar, porém declarar em bloco que os princípios do direito moderno serão reconhecidos por nós. A importância dessa reticência consiste no seguinte : um princípio não especificado deixa-nos a liberdade de excluir isto ou aquilo, sem que dêem pela cousa, enquanto que, enumerando, temos de aceitar o que for enumerado sem reserva.

O povo tem um amor especial e uma grande estima pelos gênios políticos e responde a todos os atos de violência com as palavras : "E' um canalha, bem canalha, mas que habilidade!... Foi uma esperteza, mas bem feita, e como é insolente !"

Contamos atrair tôdas as nações para a construção dum novo edifício fundamental, cujo plano traçámos (1). Eis porque precisamos, antes de tudo, fazer provisão de audácia e presença de espírito, qualidades que, na pessoa de nossos atores destruïrão todos os obstáculos que se anteponham em nosso caminho. Quando tivermos dado o nosso golpe de Estado, diremos aos povos : "Tudo ia horrìvelmente mal, todos sofreram mais do que

---

(1) Êle foi iniciado com a criação judaico-maçônica da Sociedade das Nações. No Congresso Maçônico de 1917, a idéia vem a lume no discurso pronunciado no Grande Oriente pelo Irmão Corneau, na noite de 28 de junho, em que disse textualmente : "A Franco-Maçonaria, obreira da paz propõe-se a estudar o novo organismo da Sociedade das Nações. Ela será o agente de propaganda dessa concepção de paz e felicidade universais." Cf. Léon de Poncins, "La dictadure des puissances occultes", pág. 197. O plano fôra elaborado anteriormente, no mês de janeiro, e Ribot já se havia referido a êle no seu discurso, no Senado, a 5 de junho, segundo Valéry-Radot, "Le Temps de la Colère", págs. 28-29. Assim, quando Wilson lançou a idéia, ela viera de longe e das fôrças subterrâneas. Aliás, segundo Valéry-Radot, pág. 39, Wilson não passava de instrumento dos judeus de Wall Street. Vejamos o desenvolvimento do plano exposto pelo mesmo Valéry-Radot, pág, 15 : "Desde 26 de abril de 1915, o 15.º artigo do Pacto de Londres, assinado por ocasião da entrada da Itália em guerra contra a Austria, e mantido *secreto* até sua divulgação pelos bolchevistas, estipulava : "A França, a Grã-Bretanha e a Rússia comprometem-se a apoiar a ação da Itália no sentido de não permitir aos re-

aquilo que se pode suportar. Destruímos as causas de vossos tormentos, as nacionalidades, as fronteiras, as diversidades de moedas. Sem dúvida, tendes a liberdade de nos jurar obediência, mas podereis fazê-lo com justiça antes de experimentardes o que vos damos?" ... Então, êles nos exaltarão e carregarão em triunfo com um entusiasmo unánime de esperanças. O sufrágio universal que criamos para ser o instrumento de nossa elevação (2) e ao qual habituámos as mais ínfimas unidades de todos os membros da humanidade pelas reüniões de grupos e pelos conchavos, desempenhará pela última vez seu papel para exprimir o unânime desejo da humanidade em nos conhecer de mais perto antes de nos julgar.

Para isso, precisamos levar tôda a gente ao sufrágio universal, sem distinção de classe e de censo eleitoral, a fim de estabelecer o despotismo da maioria que se não pode obter das classes censitárias inteligentes. Tendo, assim, habituado tôda a gente à idéia de seu próprio valor, destruïremos

---

presentantes da Santa Sé que iniciem qualquer ação diplomática para a conclusão da paz e para a solução das questões relativas à guerra..." Essa paz acabaria o *grande plano maçônico* esboçado em 1789, retomado em 1830, depois em 1848 e a 3 de setembro de 1870, proclamando, afinal, o advento da Democracia Universal."

Cf. G. Batault, "Le problème juif", pág. 38 : "Vozes isoladas e, depois, a opinião pública denunciaram, reiteradamente, o eminente papel que teriam desempenhado na elaboração dêsse péssimo tratado os judeus que cercavam em grande número os srs. Wilson, Lloyd George e Clemenceau. Judeus da Finança e judeus revolucionários são acusados de haver ditado de conivência uma paz judaica." "A Sociedade das Nações — declara "La Libre Parole" (n.º de abril de 1936) — foi criada em Genebra para fazer face à autoridade espiritual do Papa."

(2) Só assim se compreende a inscrição posta ao pé da estátua do judeu Gamberlé, vulgo Gambetta, fundador da 3.ª república em França, estátua que se eleva na praça do Carroussel, em Paris : "Le suffrage universel c'est nous !". Fernando Fried, em "La fin du capitalisme", à pag. 40, define o sufrágio universal como uma "arimética abstrata em lugar de personalidades".

a importância da família cristã e seu valor educativo (3), deixaremos que se produzam individualidades que a multidão, guiada por nós, não permitirá que se faça notar, nem mesmo que fale : estará acostumada a ouvir sòmente a nós, que lhe pagamos sua obediência e sua atenção. Desta sorte, faremos do povo uma fôrça tão cega que, em tôda a parte, só se poderá mover guiada pelos nossos agentes, postos em lugar de seus chefes naturais. Submeter-se-á a êsse regime, porque saberá que dêsses novos chefes dependerão seus ganhos, os dons gratuitos e tôda a espécie de bens.

Um plano de govêrno deve sair pronto duma única cabeça, porque seria incoerente, se diversos espíritos tomassem a si a tarefa de estabelecê-lo. Por isso, devemos conhecer um plano de ação, mas não discutí-lo, a fim de não quebrar seu caráter genial, a ligação entre suas várias partes, a fôrça prática e a significação secreta de cada um de seus pontos. Se o sufrágio universal o discutir e modificar, guardará o vestígio de tôdas as falsas concepções dos espíritos que não terão penetrado a profundeza e ligação dos desígnios. E' necessário que nossos planos sejam fortes e bem concebidos. Por essa razão, não devemos lançar o tra-

---

(3) Notai como se tem desenvolvido no mundo a luta contra a família. Por todos os meios, desde o divórcio ao coletivismo luxuoso dos arranha-céus, desde *o casal sem filhos ao abôrto*. Para o comunismo judaico, a família é um preconceito *burguês*. Na cidade modêlo soviética de Magnitogorski, só se admitem homens e mulheres que vivam segundo as doutrinas bolchevistas : não há vida de família, só há vida em comum ; até os dormitórios são comuns ; são proibidas as palavras pai, mãe, filho, irmão, etc. ; o incesto é permitido ; os entes humanos são reduzidos a verdadeiro gado. A escritora judaico-russa-comunista Alexandra Kollentai declara *cadela* a mulher que ama seu filho. Cf. W. Gurian, "Le Bolchevisme" ; Vicente Ráo, "Direito de família dos Sovietes".

balho genial de nosso chefe aos pés da multidão, nem mesmo desvendá-lo a um agrupamento restrito.

Êsses planos não derrubarão no momento as instituïções modernas. Mudarão sòmente a sua economia e, por conseguinte, todo o seu desenvolvimento, que, assim, se orientarão de acôrdo com nossos projetos.

As mesmas cousas mais ou menos existem em todos os países com nomes diferentes : a Representação, os Ministérios, o Senado, o Conselho de Estado, o Corpo Legislativo e o Corpo Executivo. Não preciso explicar-vos o mecanismo das relações entre essas instituïções, porque o conheceis bastante ; notai sòmente que cada qual dessas instituïções corresponde a alguma função importante do Estado e peço-vos notar ainda que é a função e não a instituïção em si que considero importante ; portanto, não são as instituïções que são importantes, porém suas funções. As instituïções dividiram entre si tôdas as funções do govêrno : funções administrativas, legislativa, executiva. Por isso, elas trabalham no organismo do Estado como os órgãos no corpo humano. Se prejudicarmos uma parte da máquina do Estado, o Estado ficará doente, como o corpo humano, e morrerá (4).

Quando introduzimos no organismo do Estado o veneno do liberalismo, tôda a sua constituïção

---

(4) Vêde como êsse plano foi pôsto em prática contra o Império de Napoleão, segundo o insuspeito depoïmento de Bernard Lazare, "L'Antisémitisme", vol. II, págs. 48-49 : "Desde a Revolução, o *judeu* e o burguês (*êste burguês é pôsto aqui como as peninhas da anedota do cachorro, para atrapalhar...*) marcharam juntos e juntos sustentaram Napoleão, no momento em que a ditadura se tornou necessária para defender os privilégios conquistados pelo Terceiro Estado ; mas, quando a tirania

política foi mudada: os Estados caíram doentes com uma doença mortal: a decomposição do sangue; não resta mais do que esperar o fim de sua agonia.

Do liberalismo nasceram os governos constitucionais, que substituíram, para os cristãos, a autocracia salutar, e a constituïção, como bem o sabeis, não é mais do que uma escola de discórdias, de desinteligência, de discussões, de dissentimentos, de agitações estéreis dos partidos; em uma palavra, é a escola de tudo o que faz com que um Estado perca sua individualidade e sua personalidade. A tribuna, assim como a imprensa, condenou os governos à inação e a fraqueza; tornou-as pouco necessárias, inúteis; é isso que explica que sejam derrubados. A era republicana se tornou, então, possível, quando substituímos o governante por uma caricatura de govêrno, por um presidente tomado na multidão, no meio de nossas criaturas, de nossos escravos. Aí está o fundo da mina que cavámos sob o povo dos cristãos, ou melhor, sob os povos cristãos.

Em futuro próximo, criaremos a responsabilidade dos presidentes.

Então, faremos passar sem grande esfôrço cousas, cuja responsabilidade caberá à nossa criatura. Que nos importa que as fileiras daqueles que aspiram ao poder se tornem mais raras, que se

---

imperial se tornou muito pesada e opressiva *para o capitalismo*, o burguês e o judeu, unidos, preludiaram a queda do Império pelo açambarcamento dos víveres durante a campanha da Rússia e ajudaram ao desastre final, provocando a baixa dos títulos de venda e comprando a deserção dos marechais."

Meditai sôbre o exemplo histórico, observai o que de semelhante tem ocorrido e vai ocorrendo em vários Estados e no Brasil. Cuidado!...

produzam, por falta de presidentes capazes, embaraços que desorganizem completamente o país? (5)

Para chegar a êsse resultado, maquinaremos a eleição de presidentes que tenham em seu passado uma tara oculta, algum "panamá". O receio de revelações, o desejo próprio a cada homem que chega ao poder de conservar seus privilégios, vantagens e honras ligadas à sua condição, farão com que sejam fiéis executores de nossas ordens. A câmara dos deputados cobrirá, defenderá, elegerá presidentes, porém nós lhe retiraremos o direito de propor leis, de modificá-las; êsse direito será atribuído ao presidente responsável, que se tornará mero joguete em nossas mãos.

O poder do govêrno se tornará, sem dúvida, o alvo de todos os ataques. Nós lhe daremos para sua defesa o direito de apêlo à decisão do povo, sem ser pelo intermédio de seus representantes, isto é, recorrendo a nosso servidor cego, a maioria. Daremos, além disso, ao presidente o direito de declarar guerra. Fundamentaremos êste último direito, dizendo que o presidente, como chefe das fôrças armadas do país, deve ter ao seu dispor, para defender a nova constituïção republicana, tôdas elas, pois será o representante responsável dessa constituïção.

Nessas condições, o chefe do santuário estará em nossas mãos e ninguém, exceto nós, dirigirá mais a fôrça legislativa.

Demais retiraremos à câmara introduzindo na nova constituïção republicana o direito de interpelação sob o pretêxto de salvaguardar o segrêdo

---

(5) Repare-se como tudo isso se tem realizado e se vai realizando...

político. Restringiremos pela nova constituïção o número dos representantes ao mínimo, o que terá por efeito diminuir tanto as paixões políticas quanto a paixão pela política. Se, contra tôda espectativa, elas despertarem mesmo nesse pequeno número de representantes, reduzí-lo-êmos a nada, apelando para a maioria do povo....

Do presidente dependerá a nomeação dos presidentes e vice-presidentes da Câmara e do Senado. Em lugar das sessões parlamentares constantes, limitaremos a reünião dos Parlamentos a alguns meses. Além disso, o presidente, como chefe do poder executivo, terá o direito de convocar ou dissolver o parlamento, e, no caso de dissolução, de adiar a nova convocação. Mas, para que as conseqüências de todos êsses atos, na realidade ilegais, não recaiam sôbre a responsabilidade do presidente, estabelecida por nós, o que prejudicaria nossos planos, sugeriremos aos ministros e aos outros funcionários que rodeiem o presidente a idéia de passar por cima de suas disposições com as medidas que êles próprios tomem; dêste modo, ficarão responsáveis em seu lugar... Aconselhamos confiar êsse papel sobretudo ao Senado, ao Conselho de Estado, ao Conselho de Ministros, de preferência a um indivíduo só (6).

O presidente interpretará, docil ao nosso desejo, as leis existentes, que possam ser interpretadas diferentemente; anula-las-á, quando lhe apontarmos essa necessidade; terá o direito de propor

---

(6) Explica-se o conceito exarado à página 103 da Constituïção do Grande Oriente de París: "Todo maçon verdadeiro é um ditador nato".

leis provisórias e até nova reforma da constituïção, com o pretêxto do supremo bem do Estado.

Essas medidas nos darão o meio de destruir pouco a pouco, passo a passo, tudo o que, a princípio, quando de nossa tomada do poder, formos forçados a introduzir nas constituïções dos Estados (7); passaremos daí, imperceptìvelmente, à supressão de tôda a constituïção, quando chegar a hora de reünir todos os governos sob a nossa autocracia.

O reconhecimento de nossa autocracia pode ocorrer antes da supressão da constituïção, se os povos fatigados pelas desordens e pela frivolidade de seus governantes exclamarem: "Expulsai-os e dai-nos um rei universal que nos possa reünir e destruir as causas de nossas discórdias: as fronteiras das nações, as religiões, os cálculos dos Estados; um rei que nos dê a paz e o repouso que não podemos obter com nossos governantes e representantes!"

Vós mesmo sabeis muito bem que, para tornar possíveis tais desejos, é preciso perturbar constantemente, em todos os países, as relações entre o povo e o govêrno, a fim de cansar todos pela desunião, pela inimizade, pelo ódio, mesmo pelo martírio, pela fome, pela inoculação de doenças (8), pela miséria, a fim de que os cristãos não vejam

---

(7) Estude-se, por exemplo, a constituïção de Weimar, da ex-social-democracia judaico-maçônica alemã e se verá o que o judaísmo nela introduziu para dissolver o Estado.

(8) E' o que a Idade Média já afirmava, acusando os judeus de envenenarem as fontes e de propagarem as epidemias. Cf. B. Lazare, *op. cit.*, vol. I, pág. 209.

outra salvação senão recorrer à nossa plena e definitiva soberania (9).

Se dermos aos povos tempo para respirar, talvez jamais se apresente a ocasião favorável.

---

(9) "Trata-se — diz Valéry-Radot à página 280 do "Le Temps de la Colère" — de mais alguma cousa do que uma crise política: a própria natureza do homem está em causa, sua origem e seu fim. O problema é de ordem religiosa e não se pode escondê-lo sob um compromisso mentiroso. Duas místicas irredutíveis se defrontam. Chegamos ao fim dum equívoco que dura há cento e cincoenta anos". Augustin Cochin avança em "La Révolution et la Libre Pensée": "E' um drama em que o homem pessoal e moral é pouco a pouco eliminado pelo homem socializado, o qual, afinal, não passará dum número, dum personagem abstrato." E Henry Ford indaga no "O Judeu Internacional": "A quem há de pertencer a monarquia universal: ao gênio imperialista de Israel disperso ou ao de Cristo, que simboliza a Paz Romana; ao Filho de Deus ou à Revolução?"

Os tempos são chegados de escolher!...

E', preciso, diante do Homem Moderno, não esquecer o Homem Eterno!

CAPÍTULO XI

Resumo. — O programa da nova constituïção. Alguns pormenores sôbre o golpe de Estado proposto. Os cristãos são carneiros. A franco-maçonaria secreta e suas lojas de "fachada"

O CONSELHO de Estado será preposto a sublinhar o poder do govêrno; sob a aparência dum corpo legislativo, será, na realidade, uma comissão de redação das leis e decretos do governante.

Eis aquí o programa da nova constituïção que elaboramos. Criaremos a lei, o direito e o tribunal: 1) sob a forma de propostas ao corpo legislativo; 2) por decretos do presidente sob a forma de ordens gerais, por atos do Senado e decisões do Conselho de Estado, sob a forma de ordens ministeriais; 3) no caso em que seja julgado oportuno, sob a forma de golpe de Estado. Agora que, aproximadamente, estabelecemos êsse *modus agendi,* ocupemo-nos das medidas que nos servirão para rematar a transformação do Estado no sentido que já expusemos. Refiro-me à liberdade de imprensa, ao direito de associação, à liberdade de consciência, ao princípio eletivo e a muitas outras cousas que deverão desaparecer do repertório humano ou serem radicalmente mudadas, quando for proclamada a nova constituïção. Sòmente nesse momento ser-nos-á possível publicar ao mesmo tempo tôdas as nossas ordens. Em seguida, tôda mudança sensível será perigosa e eis porque:

se essa mudança se operar num sentido de rigorosa severidade, pode desencadear o desespêro provocado pelo receio de novas modificações do mesmo teôr ; se, pelo contrário, se operar no sentido de complacências ulteriores, dir-se-á que reconhecemos nossos erros e isto empanará a aureola de infalibilidade do novo poder ou dirão que tivemos mêdo e fomos obrigados a concessões que ninguém nos agradecerá, porque as julgarão devidas... Num e noutro caso, ficaria prejudicado o prestígio da nova constituïção. Queremos que, no próprio dia de sua proclamação, quando os povos estiverem estupefatos com o golpe de Estado que acabar de efetuar-se, quando ainda estiverem mergulhados no terror e na perplexidade, queremos que, nesse momento, reconheçam que somos tão fortes, tão invulneráveis, tão poderosos que não fazemos o menor caso dêles ; que, não sòmente não daremos atenção às suas opiniões e aos seus desejos, mas estamos prontos e preparados, com indiscutível autoridade, para reprimir qualquer expressão, qualquer manifestação dêsses desejos e opiniões ; que nos apoderámos de uma só vez de tudo o que precisavamos e que, em caso algum, partilharemos com êles nosso poder (1).. Então, fecharão os olhos e esperarão os acontecimentos.

---

(1) Foi o que praticaram na Rússia : apoderaram-se de tudo e fizeram o que quiseram sem dar satisfações a ninguém. Segundo documenta Pemjean, no "La Maffia Judéo-Maçonnique", págs. 227-231, a revolução bolchevista foi comanditada pelo judeu-norte-americano Jacob Schriff, chefe da firma bancária Kuhn, Loeb & Co., de Nova-York, associado aos banqueiros judeus Felix Warburg e Otto Kahn. Foi êsse mesmo grupo de negocistas quem levou à presidência da República seu *testa de ferro* Hoover, com o fito de estabelecer a moratória do plano Young, com o que, através da Alemanha humilhada, o judaísmo encheu o papo. Cf. Valéry-Radot, "Le temps de la colère", pág. 51. Os judeus Mortimer Schriff, irmão do banqueiro Jacob, Jerónimo H. Hanauer, Guggenheim, Max Braitung e War-

Os cristãos são um rebanho de carneiros e nós somos os lobos! E bem sabeis o que acontece aos carneiros quando os lobos penetram no redil!

Fecharão ainda os olhos sôbre tudo o mais, porque nós lhes prometeremos restituir tôdas as liberdades confiscadas, quando se aquietarem os inimigos da paz e os partidos forem reduzidos à impotência.

E' inútil dizer que esperarão muito tempo êsse recuo ao passado...

Para que teriamos inventado e inspirado aos cristãos tôda essa política, sem lhes dar os meios de penetrá-la, para que, senão para alcançar o que nossa raça quer alcançar secretamente por não poder, como raça dispersa, alcançar diretamente? (2). Isso serviu de base à nossa organização da franco-maçonaria secreta (3), que ninguém conhece e cujos desígnios não são sequer suspeitados pelos tolos cristãos, atraídos por nós

---

bug Stockolm, da gazeta novayorquina "Forward" ("Avante"), tomaram parte na organização e financiamento da revolução bolchevista russa por intermédio do judeu Bronstein, que tomou o nome de Trotski. Tudo isso foi revelado em abril de 1917 pelo judeu Paulo Warbug, despeitado por ter sido pôsto fora do Federal Reserve Board. Êle fôra amigo íntimo dos grandes propagandistas do judaísmo : o rabino Magnés e Jacob Millikow. Gozara da intimidade de Jacob Schriff. Tudo isso está comprovado por um documento autêntico dos Estados Maiores Francês e Russo, de 1916, publicado por Léon de Poncins em "Les forces secrètes de la Révolution", págs. 168-170.

(2) Essa política vem de muito longe, desde que os próprios cristãos, obedecendo a sugestões, intrigas e idéias maquiavélicas, quebraram a unidade do seu pensamento e de sua fé. "Foi o *espírito judaico* que triunfou com o protestantismo", afirma o judeu Bernard Lazare, "L'Antisémitisme", vol. I, pág. 225. "O *espírito judaico* que penetrou a reforma trabalhou pelos judeus", diz o imparcialíssimo Georges Batault, "Le problème juif", pág. 188, nota. "O puritanismo é o judaísmo", diz Werner Sombart, "Die Juden und das Wirtschaftsleben", cap. XI, pág. 252. Cf. VII, 255.

(3) A loja dos B'nai-Brith só de judeus, por exemplo.

ao exército visível das lojas, a fim de desviar os olhares de seus próprios irmãos.

Deus nos deu, a nós, seu povo eleito, a dispersão (4) e, nessa fraqueza de nossa raça se encontra a fôrça que nos trouxe hoje ao limiar do domínio universal.

Resta-nos pouca cousa a edificar sôbre êsses alicerces.

---

(4) Nessa dispersão, o judeu, para se conservar puro e unido, criou o *ghetto*, que os ignorantes atribúem às perseguições dos cristãos. O imparcialíssimo Batault, *op. cit.*, pág, 99, afirma : "se os judeus foram encerrados em *bairros especiais*, é porque foram os primeiros a desejar isso, o que seus costumes e convicções exigiam". O judeu B. Lazare, *op. cit.*, vol. I, pág. 206, confirma : "Os ghettos que, muitas vêzes, os judeus aceitavam e *mesmo procuravam* no seu desejo de se separarem do mundo, de viverem à parte, sem se misturar com as nações, a fim de guardarem a integridade de suas crenças e de sua raça. Tanto assim que, em muitos países, os éditos que ordenavam aos judeus de se confinarem em bairros especiais sòmente consagravam um estado de cousas já existente".

Basta ver no Rio de Janeiro como os judeus se adensam do Campo de Sant'Ana ao Mangue, em S. Paulo, da Luz ao Bom Retiro, transformando aqueles trechos das cidades em *bairros especiais* judaicos.

A êsses *bairros especiais* nossos antepassados portugueses chamavam *judiaria*, *mouraria* e *bandél* ; os alemães, *iudengassen* ; os italianos, *giudecca*. A palavra *ghetto* provém do hebraico *ghet*, que quer dizer *divórcio*, separação.

CAPÍTULO XII

Resumo. — Interpretação maçônica da palavra "liberdade". Futuro da imprensa no reino dos franco-maçons. O controlo da imprensa. As agências de correspondentes. Que é o progresso para os franco-maçons? A solidariedade dos franco-maçons na imprensa moderna. Excitação das exigências "sociais" provinciais. Infalibilidade do novo regime

DEFINIREMOS da seguinte maneira a palavra "liberdade", que pode ser interpretada de vários modos:

A liberdade é o direito de fazer o que a lei permite (1). Tal interpretação da palavra nos tempos que vão vir fará com que tôda liberdade esteja em nossas mãos, porque as leis destruïrão ou criarão o que nos for agradável, segundo o programa que já expusemos.

Com a imprensa, agiremos do seguinte modo. Que papel desempenha agora a imprensa? Serve para acender as paixões ou conservar o egoismo dos partidos. Ela é vã, injusta, mentirosa e a maioria das pessoas não compreende absolutamente para que serve (2). Nós lhe poremos sela e fortes

---

(1) E' um conceito objetivo, naturalista, e, portanto, falso. A liberdade do homem só se pode exercer verdadeiramente em espírito, porque o corpo está sujeito às contingências da vida física. De que serve ter a liberdade de voar se não se possuem asas? A liberdade é a manifestação dum princípio: o livre-arbítrio. A liberdade é moral. A verdadeira liberdade está em Deus. *Ubi spiritus Dei ibi libertas.* Onde está o espírito de Deus aí está a liberdade.

(2) Para mostrar como o judeu manobra a imprensa, corrompe-a e por meio dela estabelece a confusão, basta o seguinte exemplo: no dia 14 de abril de 1936, o "Diário da Noite" do Rio de Janeiro estampou um edi-

rédeas, fazendo o mesmo com tôdas as obras impressas, por que de que serviria nos desembaraçarmos da imprensa, se servíssemos de alvo à brochura e ao livro? Transformaremos a publicidade, que hoje nos custa caro, porque nos permite censurar os jornais, em uma fonte de renda para nosso Estado. Criaremos um imposto especial sôbre a imprensa. Exigiremos uma caução, quando se fundarem jornais ou oficinas de impressão. Assim, nosso govêrno ficará garantido contra qualquer ataque da imprensa. Oportunamente, aplicaremos multas sem piedade. Selos, cauções e multas darão enorme renda ao Estado.

E' verdade que os jornais de partido poderiam ficar acima dos prejuizos em dinheiro ; mas os suprimiremos logo ao segundo ataque. Ninguém tocará impunemente a auréola de nossa infalibilidade governamental. Pretextaremos, para suprimir um jornal, que êle agita os espíritos sem motivo e sem razão. Peço-vos notar que, entre os jornais que nos atacarem, haverá órgãos criados por nós, os quais atacarão sòmente os pontos, cuja modificação nós desejarmos (3).

---

torial, "Os judeus no Brasil", elogiando a ação dos israelitas através de nossa história e condenando qualquer campanha *racista ;* no dia 16 do mesmo mês e ano, o "Diário de São Paulo", publicou um artigo de redação "Campanha Injustificável", abundando em idênticas considerações, afirmando que os judeus são uma fôrça do progresso nacional e chamando de "abastardamento espiritual" qualquer campanha contra êles ; anteriormente, num artigo contra o judeu Oscar Flues, o jornalista Osvaldo Chateaubriand, escrevia estas palavras textuais : "...agradecerá de havermos feito com êsse *porco* o serviço que *a Alemanha racista põe em prática em relação a tipos dessa ordem, quando sanea a nação das podridões inevitáveis*"...

Ora, o "Diário da Noite" e o "Diário de São Paulo" pertencem ao consórcio jornalístico denominado "Diários Associados", de propriedade do sr. Assis Chateaubriand, e o sr. Osvaldo Chateubriand é irmão do sr. Assis e diretor do "Diário de São Paulo"... Decifre-se o enigma !

(3) Em outro ponto dêste capítulo dos "Protocolos", êste pensamento é ainda mais explícito, como veremos.

Nada será comunicado à sociedade sem nosso contrôlo. Êste resultado já foi alcançado em nossos dias, porque tôdas as notícias são recebidas por diversas agências, que as centralizam de tôda a parte do mundo (4). Essas agências estarão, então, inteiramente em nossas mãos e só publicarão o que consentirmos.

Se, no momento atual, já soubemos apoderarnos dos espíritos das sociedades cristãs de tal modo que todos olham os acontecimentos mundiais através dos vidros de côr dos oculos que lhes pusemos aos olhos, se já, em nenhum Estado, não há mais fechaduras que nos impeçam o acesso de que os cristãos tolamente denominam segredos de Estado, que será quando formos os donos reconhecidos do universo sob o domínio de nosso rei universal?...

Quem quer que deseje ser editor, bibliotecário ou impressor, será obrigado a obter um diploma, o qual, no caso de seu possuïdor se tornar culpado dum malefício qualquer, será imediatamente confiscado. Com tais medidas, o instrumento do pensamento se tornará um meio de educação nas mãos de nosso govêrno, o qual não permitirá mais às massas populares divagarem sôbre os benefícios do progresso (5). Quem é que, entre nós, não sabe que êsses benefícios ilusórios levam diretamente a sonhos absurdos? Dêsses sonhos se originaram as relações anárquicas dos homens entre si e com o

---

(4) "La Libre Parole", de París, tem denunciado documentadamente que as agências internacionais como a Havas, a United Press, etc., estão nas mãos dos judeus.

(5) Êsse *desideratum* já foi conseguido na Rússia, onde só o Estado é editor de livros, revistas, folhetos e jornais.

poder, porque o progresso, ou, melhór, a idéia do progresso foi que deu a idéia de tôdas as emancipações, sem fixar seus limites... (6). Todos aqueles que chamamos liberais são anarquistas, senão de fato, pelo menos de pensamento. Cada qual dêles busca as ilusões da liberdade e cai na anarquia, protestando pelo simples prazer de protestar...

Voltemos à imprensa. Nós a gravaremos, como tudo quanto se imprima, com impostos em sêlo a tanto por fôlha ou página, e com garantias; os volumes de menos de 30 páginas serão tributados com o dôbro. Registrá-los-emos na categoria das brochuras, primeiro para reduzir o número de revistas, que são o peor dos venenos, segundo porque essa medida obrigará os escritores a produ-

---

(6) E' o chamado espírito revolucionário. O judeu encarna-o. Cf. Gougenot des Mousseaux, "Le juif, le judaisme et la judaisation des peuples chrétiens", pág. 25,: "O judeu é o preparador, o maquinador, o engenheiro-chefe das revoluções". B. Lazare, "L'Antisémitisme", vol. II, pág. 182: "A acusação dos anti-semitas parece fundada: o judeu tem o espírito revolucionário; consciente ou não, é um agente de revolução. Ed. Laveleye, *op. cit.*, pág. 13, introdução: "Foi da Judéia que saíu o fermento da revolução que agita o mundo". Kadmi-Cohen, "Nômades", pág. 6: "E' (*o conceito semita*) quem as provoca (*as convulsões e revoluções*), as dirige, as alimenta, e as detém... Dia virá em que o modo de pensar instituído pelo conceito semita triunfará..." Idem, pág. 58: "O entusiasmo passional negativo dos judeus os mantém durante dois mil anos em estado de franca rebelião contra o mundo inteiro". Idem, pág. 61: "Nem o árabe, nem o hebreu possuem uma palavra para exprimir a idéia de disciplina. A ausência da palavra no vocabulário prova a ausência da noção no espírito." Eberlin, "Les juifs", pág. 143: "os judeus não puderam manter seu Estado entre os Estados da antiguidade e, fatalmente, se tornaram os fermentos revolucionários do universo". G. Batault, "Le problème juif", pág. 129: "o judaísmo é, efetivamente, a encarnação do Espírito de Revolta, o fermento de destruïção e dissolução das sociedades e das nações." Idem, pág. 200: "Dum ponto de vista elevado, pode-se, com justiça, falar da judaïzação das sociedades contemporâneas e da cultura moderna. Estamos dominados por princípios ético-econômicos *saídos do judaísmo* e *o espírito de revolta* que agita o mundo o inclinará ainda a se enterrar mais nesse sentido." Cf. ainda Baruch Hagani, escritor judeu e sionista, "Le sionisme politique", París, 1917, págs. 27-28.

Gregos e troianos, todos estão de acôrdo quanto ao espírito revolucionário judaico. Os "Protocolos" também, pois, são a quintessência do pensamento judaico, como vamos provando.

zir obras muito longas, que serão pouco lidas, sobretudo por causa de seu custo. Pelo contrário, o que nós mesmos editarmos para muitos espíritos, na tendência que tivermos estabelecido, será barato e lido por toda a gente. O imposto matará o vão desejo de escrever e o temor da punição porá os literatos na nossa dependência.

Se houver quem deseje escrever contra nós, não haverá ninguém que imprima. Antes de aceitar uma obra para imprimir, o editor ou impressor consultará as autoridades a fim de obter a necessária autorização. Dêste modo, conheceremos de antemão as emboscadas que nos armem e as destruïremos, dando explicações com antecedência sôbre o assunto tratado.

A literatura e o jornalismo são as duas fôrças educativas mais importantes; por isso, nosso govêrno será o proprietário da maioria dos jornais. Assim, a influência perniciosa da imprensa particular será neutralizada e adquiriremos enorme influência sobre os espíritos. Se autorizarmos dez jornais, fundaremos logo trinta, e assim por diante.

O público nem desconfiará disso. Todos os jornais editados por nós terão, aparentemente, tendências e opiniões as mais opostas, o que despertará a confiança neles e atraïrá a êles nossos adversários confiantes, que cairão na armadilha e se tornarão inofensivos (7).

Os órgãos de caráter oficial virão em primeiro plano. Velarão sempre pelos nossos interêsses e por isso sua influência será quasi nula.

---

(7) V. a nota 2, *com atenção.*

No segundo plano, virão os oficiosos, cujo papel será atrair os indiferentes e os amorfos.

No terceiro plano, poremos a pretensa oposição. Um órgão pelo menos deve ser o antípoda de nossas idéias (8). Nossos adversários tomarão êsse falso opositor como seu aliado e nos mostrarão seu jôgo.

Nossos jornais serão de tôdas as tendências: uns, aristocráticos; outros, republicanos, revolucionários ou mesmo anarquistas, enquanto existir a constituïção, bem entendido.

Terão, como o deus indú Vichnú, cem mãos, cada uma das quais acelerará a mudança da sociedade (9); essas mãos conduzirão a opinião no sentido conveniente aos nossos fins, porque um homem muito agitado perde a faculdade de raciocinar e fàcilmente se abandona à sugestão. Os imbecís que pensarem que repetem a opinião de seu partido repetirão nossa opinião ou a que nos convier. Imaginarão que seguem o órgão de seu partido e seguirão, na realidade, a bandeira que arvorarmos por êle.

Para dirigir nesse rumo nosso exército de jornalistas, deveremos organizar essa obra com cuidado muito especial. Sob o nome de escritório central de imprensa, organizaremos reüniões literárias, nas quais nossos agentes darão, sem que ninguém

---

(8) Tomai, pois, muita cautela com certos jornais que se fingem anti-judaicos. Cuidado com o anti-judismo do sr. Geraldo Rocha, antigo servidor de Israel!

(9) V. o que diz Ford no "O Judeu Internacional": "por trás de espetaculares aparências se oculta um Proteu"... Tudo isso e o que segue sôbre a imprensa merece ser meditado e comparado com a realidade. Então se verificarão coincidências e fatos que se não tinham percebido. Continuando a observar, verifica-se que tudo obedece a um sistema de articulação secreto...

desconfie, a palavra de ordem e os sinais. Discutindo e contradizendo nossa iniciativa de modo superficial, sem penetrar no âmago das questões, nossos órgãos entreterão vaga polêmica com os jornais oficiais, a fim de nos dar os meios de nos pronunciarmos mais claramente do que o poderíamos fazer nas nossas primeiras declarações oficiais. Êsses ataqües desempenharão ainda o papel de fazer com que nossos súditos se julguem garantidos de falar livremente ; isso dará, demais, a nossos agentes motivo para dizerem e afirmarem que os órgãos que se declaram contra nós nada mais fazem do que falar à-toa, pois que não podem achar verdadeiras razões para refutar sèriamente nossas medidas.

Tais processos, despercebidos da opinião pública, porém seguros, certamente atraïrão para nós a atenção e a confiança publica. Graças a êles, excitaremos e acalmaremos, conforme for preciso, os espíritos, nas questões políticas, persuadindo-os ou desanimando-os, imprimindo ora a verdade, ora a mentira, confirmando os fatos ou os contestando, segundo a impressão que fizerem no público, apalpando sempre prudentemente o terreno antes de dar um passo... Venceremos infalìvelmente nossos adversários, porque êles não terão à sua disposição órgãos em que se possam pronunciar até o fim, devido às medidas a que já aludimos. Não teremos necessidade de refutá-los profundamente...

Refutaremos enèrgicamente em nossos órgãos oficiosos os balões de ensaio lançados por nós na terceira categoria de nossa imprensa, em caso de necessidade.

Já agora, nas formas do jornalismo francês, pelo menos existe uma solidariedade franco-maçônica. Todos os órgãos da imprensa estão ligados entre si pelo segrêdo profisional; semelhantes aos antigos augures, nenhum de seus membros revelará o segrêdo de suas informações, se não receber ordem para isso. Nenhum jornalista ousará trair êsse segrêdo, porque nenhum dêles será admitido na órbita da literatura, se não tiver uma mancha em seu passado: essa mancha seria imediatamente revelada. Enquanto tais manchas forem conhecidas sòmente por alguns, a auréola do jornalista atraïrá a opinião da maioria do país e êle será seguido com entusiasmo (10).

Nossos cálculos se estendem sobretudo para a província. E' necessário que nela excitemos esperanças e aspirações opostas às da capital que faremos passar como espontâneas. E' claro que a fonte será sempre a mesma: elas partirão de nós. Enquanto não desfrutarmos o poder de modo completo, teremos, às vezes, necessidade de envolver as capitais pelas opiniões dos povos da província, isto é, pelas opiniões da maioria manobrada por nossos agentes. E' necessário que as capitais, no momento psicológico, não discutam o fato consumado, por isso que já foi aceito pela opinião provincial.

Quando entrarmos no novo regime que preparará nosso reinado, não poderemos tolerar a re-

---

(10) Cautela com os antigos sócios ou assalariados de judeus, que' dizendo-se outrora ignorantes e pecadores e agora esclarecidos e arrependidos, fazem campanha *superficial* e *de efeito* contra Israel... Quem andou de grilheta sempre arrasta a perna... Lembrai-vos dos inúmeros braços do Vichnú dos "Protocolos" e das inúmeras formas do Proteu de Henry Ford. L. Durand chama ao judaísmo o Polvo Gigante... Cuidado com os jornais como "A Nota", cujo dono já foi braço direito dos judeus!...

velação da deshonestidade pública pela imprensa; será necessário que se creia que o novo regime satisfez tão bem tôda a gente que os próprios crimes desapareceram... Os casos de manifestação da criminalidade não deverão ser conhecidos de suas vítimas e de suas testemunhas acidentais (11).

(11) O contrário justamente do que a imprensa faz hoje, desmoralizando com o escândalo a sociedade e os homens públicos.

CAPÍTULO XIII

Resumo. — A necessidade do pão quotidiano. As questões políticas. As questões industriais. As diversões. As casas do povo. A verdade é uma só. Os grandes problemas

A NECESSIDADE do pão quotidiano impõe silêncio aos cristãos e faz dêles nossos humildes servidores. Os agentes tomados entre êles para a nossa imprensa discutirão por nossa ordem o que nos convier fazer imprimir diretamente em documentos oficiais, e nós mesmos, durante êsse tempo, aproveitando o rumor provocado por essas discussões, tomaremos as medidas que nos parecerem úteis e as apresentaremos ao público como fato consumado. Ninguém terá a audácia de reclamar a anulação do que tiver sido decidido, tanto mais quanto será apresentado como um progresso. A imprensa, aliás, chamará logo a atenção para novas questões. Temos, como sabeis, homens acostumados a procurar sempre novidades. Alguns imbecís, acreditando-se instrumentos da sorte, se lançarão sôbre essas novas questões, sem compreender que nada entendem do que querem discutir (1). As questões da política não são acessíveis a ninguém, exceto àqueles que as criaram, há muitos séculos, e que a dirigem.

Por tudo isso, vereis que, procurando a opinião da multidão, não fazemos mais do que faci-

(1) "Fujam das novidades", já aconselhava há muitos séculos um grande papa, S. Diniz, ao patriarca de Alexandria.

litar a realização de nossos desígnios, e podeis notar que parecemos buscar a aprovação, não de nossos atos, mas de nossas palavras, pronunciadas nesta ou naquela ocasião. Proclamamos constantemente que, em tôdas as nossas medidas, tomamos por guia a esperança unida à certeza de ser úteis ao bem de todos.

Para afastar os homens muito inquietos das questões políticas, poremos antes das pretensas questões novas as questões industriais. Que gastem sua fúria nesse assunto. As massas consentirão em ficar inativas, a repousar de sua pretensa atividade política (a que nós mesmos as habituamos, a fim de lutar por seu intermédio contra os governos dos cristãos), com a condição de ter novas ocupações; nós lhes inculcaremos mais ou menos a mesma direção política. A fim de que nada consigam pela reflexão, nós as desviaremos pelos jogos, pelas diversões, pelas paixões, pelas casas do povo... Em breve, proporemos pela imprensa concursos de arte, de esporte, de tôda a espécie: êsses interêsses alongarão definitivamente os espíritos das questões em que teríamos de lutar com êles (2). Deshabituando-se os homens cada vez mais de pensar por si, acabarão por falar unânimemente de nossas idéias, porque seremos os úni-

(2) Vêde, como o panorama dos concursos de beleza, das competições esportivas, dos reides, dos recordes de velocidade, de tudo quanto nesse sector apregoa retumbantemente a imprensa, afasta a maioria do povo dos assuntos sérios, da meditação sôbre seus próprios interêsses que são os interêsses da pátria.

O sr. Geraldo Rocha, que hoje combate os judeus, foi quem introduziu no Brasil os concursos de Rainha de Beleza, pela "A Noite", de parceria com o judeu de Waleffe...

Vêde como os concursos, hoje, em plena voga, concursos de tôda a espécie, foram anunciados com décadas de antecedência. E' notável! E ainda há coragem para negar autenticidade aos "Protocolos"!

cos que proporemos novos rumos ao pensamento... por intermédio de pessoas que se não suspeite sejam solidárias conosco (3).

O papel dos utopistas liberais estará definitivamente encerrado, quando nosso regime for reconhecido. Até lá nos prestarão grande serviço. Por isso, impeliremos os espíritos a inventar tôda a espécie de teorias fantásticas, modernas e pretensamente progressistas ; porque teremos virado a cabeça a êsses cristãos imbecís com pleno êxito por meio dessa palavra progresso, não havendo uma só mentalidade entre êles que veja que, sob essa palavra, se esconde um êrro em todos os casos em que se não tratar de invenções materiais, porque a verdade é uma só e não poderia progredir. O progresso, como idéia falsa, serve para obscurecer a verdade, a fim de que ninguém a conheça, salvo nós, os eleitos de Deus e sua guarda.

Quando vier o nosso reinado, nossos oradores raciocinarão sôbre os grandes problemas que emocionaram a humanidade, para levá-la afinal ao nosso regime salutar. Quem duvidará, então, que todos êsses problemas foram inventados por nós de acôrdo com um plano político que ninguém adivinhou durante séculos?

---

(3) Algumas mesmo fingem atacar o judaísmo..

CAPÍTULO XIV

Resumo. — A religião do futuro. A servidão futura. Impossibilidade de conhecer os mistérios da religião do porvir. A pornografia e o futuro da palavra impressa

QUANDO vier nosso reino, não reconheceremos a existência de nenhuma outra religião (1) a não ser a de nosso deus único, com a qual nosso destino está ligado, porque somos o Povo Eleito, pelo qual êsse mesmo destino está unido aos destinos do mundo. Por isso, devemos destruir tôdas as crenças. Se isso faz nascer os ateus contemporâneos, êsse grau transitório não prejudicará nossa finalidade, mas servirá de exemplo às gerações que ouvirão nossas prédicas sôbre a religião de Moisés, cujo sistema estóico e bem concebido terá produzido a conquista de todos os povos. Faremos ver nisso sua verdade mística, em que, diremos, repousa tôda a sua fôrça educativa. Então, publicaremos em tôdas as ocasiões artigos em que compararemos nosso regime salutar com os do passado. As vantagens do repouso obtido após séculos de agitação porão em relêvo o caráter benéfico de nosso domínio. Os erros das administrações dos cristãos serão descritos por nós com as côres mais vivas. Excitaremos tal repugnância

---

(1) E' o que já se dá na Rússia. Num discurso célebre, Stalin, genro do judeu Kaganovitch, dono do antigo Império do Czar, o atual, Czar Vermelho, disse : "Em 1.º de maio de 1937, não deverá haver nenhuma igreja mais em tôda a Rússia. A idéia de Deus deverá ser desprezada como um resto da Idade-Média, como um instrumento que serviu à opressão do proletariado."

por êles que os povos preferirão a tranqüilidade da servidão aos direitos da famosa liberdade que tanto tempo os atormentou, que lhes tirou os meios de vida, que os fez serem explorados por uma tropilha de aventureiros, os quais nem sabiam o que estavam fazendo... As inúteis mudanças de govêrno a que impelimos os cristãos, quando minávamos seus edifícios governamentais, terão de tal jeito fatigado os povos que preferirão tudo suportar de nós ao risco de novas agitações. Sublinharemos muito particularmente os erros historicos dos governos cristãos, que, por falta dum bem verdadeiro, atenazaram durante tantos séculos a humanidade, na busca de ilusórios bens sociais, sem dar fé que seus projetos sòmente faziam agravar, ao invés de melhorar, as relações gerais da vida humana...

Nossos filósofos discutirão todos os defeitos das crenças cristãs, mas ninguém poderá discutir jamais nossa religião, *de seu verdadeiro ponto de vista*, por que ninguém a conhecerá a fundo, salvo os nossos, os quais nunca ousarão trair seus segredos ... (2).

Nos países que se denominam avançados, criámos uma literátura louca, suja, abominável. Estimulá-la-emos ainda algum tempo após nossa che-

---

(2) Está veladamente assinalado aqui, sob os véus enganadores da religião de Moisés, o *mamonismo*, o culto do Anticristo, que começa na Rússia com as romarias ao túmulo de Lenine, junto ao qual, segundo documentos citados por Salluste em "Les origines sécrètes du bolchevisme", já se fizeram até sacrifícios sangrentos. Valéry-Radot em "Le temps de la colère" descobre na religião que o judaísmo quer impor ao mundo "certa sedução tenebrosa, mais poderosa e mais oculta..."

A *surata* 20 do capítulo LXIII do Corão declara, referindo-se aos judeus: "Satan apoderou-se dêles. Êles formam o partido de Satan". Não são o único povo deicida?... Dá o que pensar!...

gada ao poder, a fim de bem fazer ressaltar o contraste de nossos discursos e programas com essas torpezas...

Nossos Sábios, educados para dirigir os cristãos, comporão discursos, projetos, memórias, artigos, que nos darão influência sôbre os espíritos e nos permitirão dirigí-los para as idéias e conhecimentos que quisermos impor-lhes.

CAPÍTULO XV

Resumo. — Golpe de Estado mundial em um dia. As condenações à morte. A futura sorte dos franco-maçons cristãos. O caráter místico do poder. Multiplicação das lojas maçônicas. A administração central dos Sábios. A questão Azef. A franco-maçonaria é o guia de tôdas as sociedades secretas... A importância do êxito público. O coletivismo. As vítimas. As condenações à morte de franco-maçons. Queda do prestígio das leis e da autoridade. A pre-eleição. Brevidade e clareza das leis do reino futuro. Obediência à autoridade. Medidas contra o abuso do poder. Crueldade das punições. Limite de idade para os juízes. O liberalismo dos juízes e do poder. O dinheiro mundial. O absolutismo da franco-maçonaria. Direito de cassação. "O aspecto" patriarcal do futuro "govêrno". O direito do mais forte como direito único. O rei de Israel é o patriarca do mundo

QUANDO, afinal, começarmos a reinar com o auxílio de golpes de Estado preparados em tôda a parte para o mesmo dia, depois da confissão de nulidade de todos os governos existentes (ainda passará muito tempo antes disso, talvez um século), providenciaremos para que não haja conspiratas contra nós. Para êsse efeito, condenaremos à morte todos os que receberem nosso advento de armas em punho. Tôda nova criação de qualquer sociedade secreta será punida com a morte. Aquelas que ora existem, que conhecemos, que nos serviram e ainda nos servem, serão abolidas e sòmente permitidas nos continentes afastados da

Europa. Assim trataremos os franco-maçons cristãos que saibam demasiado; os que pouparmos por qualquer razão viverão no perpétuo temor do exílio para essas regiões (1).

Publicaremos uma lei, segundo a qual os antigos membros das sociedades secretas deverão deixar a Europa, centro de nosso govêrno (2).

As decisões de nosso govêrno serão definitivas e sem apêlo.

Nas sociedades cristãs em que semeámos tão profundas raízes de dissenção e protestantismo, só se pode restabelecer a ordem por meio de medidas cruéis, que demonstrem a inflexibilidade do poder: é inútil prestar atenção às vitimas que caiam em holocausto ao bem futuro. O dever de todo govêrno que reconhece que existe não é sòmente gozar seus privilégios, mas exercer seus deveres e alcançar o bem, embora à custa dos maiores sacrifícios. Para um govêrno ser inabalável, é preciso reforçar a auréola de sua fôrça, o que só se obtém mediante a majestosa inflexibilidade do poder, que deve possuir os sinais duma inviolabilidade mística, da escolha feita por Deus. Assim era até seus últimos tempos a autocracia russa — *nosso único inimigo sério no mundo inteiro, com o Papado* (3). Lembrai-vos o exemplo da Itália, ensopada de sangue, não ousando tocar em um cabelo

---

(1) Os cristãos deviam seguir estas regras de conduta para se defenderem. Mas, se o tentarem, a imprensa judaïzada clamará contra as crueldades e a tirania.

(2) E' o que esperam os maçons, cúmplices e servos dos judeus. Cf. Henry Robert Petit, "Le drame maçonnique", París, 1936.

(3) Por isso, tudo foi feito para derrubar o Czar e tudo será feito para derrubar o Papa... Mas as Portas do Inferno não prevalecerão contra a Igreja de Cristo, está escrito!...

de Sila, que derramara êsse sangue: Sila estava divinizado pelo seu poder aos olhos do povo, martirizado por êle, e sua volta audaciosa à Itália o tornava inviolável... O povo não toca naquele que o hipnotiza pela sua coragem e fortaleza de alma (4).

Mas, esperando nosso advento, criaremos e multiplicaremos, pelo contrário, as lojas maçônicas em todos os países do mundo, atraindo para elas todos os que são ou possam ser agentes proeminentes. Essas lojas formarão nosso principal aparelho de informações e o meio mais influente de nossa atividade. Centralizaremos tôdas essas lojas em uma administração que sòmente nós conheceremos, composta pelos nossos Sábios. As lojas terão seu representante, atrás do qual estará escondida a administração de que falamos, e será êsse representante quem dará a palavra de ordem e o programa. Formaremos nessas lojas o núcleo de todos os elementos revolucionários e liberais. Elas serão compostas por homens de tôdas as camadas sociais. Os mais secretos projetos políticos ser-nos-ão concedidos e caïrão sob a nossa direção no próprio momento em que apareçam. No número dos membros dessas lojas se incluïrão quasi todos os agentes da polícia nacional e internacional, como na questão Azef, porque seu serviço é insubstituível para nós, visto como a polícia, pode não só tomar medidas contra os recalcitrantes, como cobrir nossos atos, criar pretextos de descontentamentos, etc... Aqueles que entram para

---

(4) Lenine foi um dêsses hipnotizadores. Leia-se em Henry Robert Petit, *op. cit.*, o capítulo sôbre o hipnotismo maçônico. E' de estarrecer!

as sociedades secretas são ordinariàmente ambiciosos, aventureiros, e, em geral, homens na maioria levianos, com os quais não teremos grande dificuldade em nos entendermos para realizar nossos projetos (5).

Se se verificarem desordens, isto significará que tivemos necessidade de perturbações, para destruir uma solidariedade demasiado grande. Se houver uma conspirata no seu seio, o chefe da mesma sòmente poderá ser um de nossos mais fiéis servidores. E' natural que sejamos nós e ninguém mais quem conduza os negócios da franco-maçonaria, porque nós sabemos aonde vamos, conhecemos a finalidade de tôda a ação, enquanto que os cristãos nada sabem, nem mesmo o resultado imediato: geralmente se contentam com um

---

(5) Grande número de maçons faz parte da Maçonaria *ingenuanente*, julgando tratar-se duma associação de estudos ocultos ou de caridade. São verdadeiros títeres nas mãos dos iniciados, como êstes o são nas mãos dos judeus ocultos no fundo indevassável do segrêdo. Basta, para convencer-se disto, ler "Der Tempel der Freimaurer" ("O templo dos Maçons"), do dr. K. Lerich; Eckert, "La Franco-Maçonnerie dans sa véritable signification", trad. Gyr, Liège, 1854; P. Deschamps, "Les sociétés sécrètes", París, 1883; Crétineau Joly, "L'Eglise avant la Révolution"; Clavel, "Histoire pittoresque de la Franc-Maçonnerie", París, 1843; Kauffmann e Cherpin, "Histoire philosophique de la Franc-Maçonnerie", Lião, 1856; Schnab, "Os judeus e a maçonaria", *Sumário dos Arquivos Israelitas para o ano de 5.650* (1889-1890). Saint-André, "Franc-maçons et juifs", París, 1880; Copin-Albancelli, "La Franc-Maçonnerie instrument de la juiverie"; Ab. Chabaudy, "Les juifs nos maîtres", París 1883; Schwartz "Bostunitsch - Indischer Imperialismus" e as obras de Léon de Poncins.

Cf. "Variété Israelite", 1865: "O espírito da maçonaria é o espírito do judaísmo nas suas crenças mais fundamentais." Isaac White, "The israelite", 1866: "A maçonaria é uma instituição judaica." Findel, maçon e judeu, "Die Iuden als Freimaurer": "o judaísmo se apresenta como o poder dominante a que a maçonaria deve submeter-se." B. Lazare, "L'Antisémitisme", vol. II, pág. 196: "houve judeus no próprio berço da franco-maçonaria, judeus cabalistas, como prova a conservação de certos ritos. Provàvelmente, durante os anos que precederam a revolução francesa os judeus entraram em grande número nos conselhos dessa sociedade e êles próprios fundaram sociedades secretas."

Como queríamos demonstrar.

êxito momentâneo de amor próprio na execução de seu plano, sem mesmo dar fé que êsse plano não provém de sua iniciativa, mas que lhes foi por nós sugerido.

Os cristãos entram nas lojas por curiosidade ou com a esperança de comer uma fatia do bolo público com o nosso auxílio, alguns até para ter a possibilidade de exprimir diante duma assistência seus sonhos irrealizáveis e sem base: têm a sêde da emoção, do êxito e dos aplausos, que nós dispensamos sempre sem avareza. Nós lhes damos êsse êxito para aproveitar o contentamento próprio que dêle resulta e graças ao qual os homens aceitam nossas sugestões sem se dar conta disso, plenamente persuadidos que exprimem em sua infalibilidade suas idéias e que são incapazes de se apropriarem das dos outros... Não podeis imaginar como se pode levar os cristãos mais inteligentes a uma ingenuidade inconsciente, com a condição de torná-los contentes com êles mesmos, e, ao mesmo tempo, como é fácil desencorajá-los com o menor revez, embora sòmente fazendo cessar os aplausos, o que os obriga a uma obediência servil, a fim de obter novo triunfo... (6)

---

(6) Que os maçons leiam isso, os maçons ainda não de todo corrompidos, que meditem na condenação da Maçonaria, com *excomunhão maior*, por dez Papas, a qual não seria imposta pela Santa Sé levianamente, e abjurem a seita que dêles faz, contra suas pátrias, instrumentos cegos do judaísmo sem pátria!

A maçonaria é condenada pelo Evangelho, em dois lugares: São João, III, 20 e 21: "Quem pratica o mal odeia a luz, com mêdo que suas obras sejam conservadas. Mas aquele que segue a verdade vem à luz, de modo que suas obras sejam manifestadas, porque elas são feitas em Deus"; idem, XVIII, 20: "Falei publicamente ao mundo; sempre ensinei na sinagoga e no templo, perante todos os judeus e nada disse em segrêdo." O padre d'Abelly, no seu "Traité des Herésies", de 1641, à pág. 48, diz que "a obrigação do segrêdo" foi sempre marca distintiva dos heréti-

Tanto os nossos desdenham êsses triunfos, contanto que realizem nossos projetos, quanto os cristãos estão prestes a sacrificar seus projetos, contanto que consigam o êxito. Essa psicologia facilita consideràvelmente a tarefa de dirigí-los. Êsses tigres na aparência têm almas de carneiro e suas cabeças são inteiramente vazias. Demos-lhes, como isca, o sonho da absorpção da individualidade humana na unidade simbólica do coletivismo. Ainda não desconfiaram nem desconfiarão tão cedo que essa isca é uma evidente violação da mais importante das leis da natureza, que fez, desde o primeiro dia da Criação, cada ser diferente dos outros, precisamente porque afirma sua individualidade (7).

O fato de os termos podido conduzir a essa loucura e cegueira nos prova com a maior clareza como seu espírito é pouco desenvolvido em relação ao nosso? Essa circunstância é a maior garantia de nosso êxito. Como nossos antigos sábios foram clarividentes, dizendo que, para atingir um fim, não se devem olhar os meios e contar o núme-

---

cos. Clemente XII condenou a maçonaria pela encíclica "In Eminenti", de 28 de abril de 1738; Bento XIV, pela "Providas", de 18 de Maio de 1751; Pio VII, pela "Eclesiam", de 13 setembro de 1821; Leão XII, pela Constituição Apostólica "Quo Graviora", de 13 de março de 1829; Pio VIII, pela encíclica "Traditi", de 14 de maio de 1829; Pio IX, pela Alocução Consistorial de 25 de Setembro de 1865; Leão XIII, pela encíclica "Humanum Genus" de 20 de abril de 1884; Pio X, quando cardeal Sarto, dirigindo-se à mocidade italiana em 1896.

"A seita infame" a serviço do judaísmo está anatematizada pela igreja e a nenhum católico é lícito penetrar os humbrais das lojas excomungadas.

(7) Seria conveniente verificar no artigo de A. de Senger "L'Architecture en Péril", publicado pela "La Libre Parole", no folheto "L'Esprit Nouveau", em 1934, como o comunismo judaico arraza tudo e tudo nivela. A casa que abrigava a família passa a ser "a máquina de morar". Tôdas as tradições de arte são banidas, menos as dos negros e as dos sovietes, isto é, as barbáras...

ro das vítimas sacrificadas! Não temos contado as vítimas dos brutos cristãos e, embora tenhamos sacrificado muitos dos nossos, demos na terra ao nosso povo um poder com que êle nunca ousara sonhar. As vítimas relativamente pouco numerosas dos nossos o têm preservado de sua perda.

A morte é o fim inevitável de todos. Vale mais acelerar o fim daqueles que põem obstáculo à nossa obra do que o nosso, pois que criámos essa obra. Daremos a morte aos franco-maçons de maneira que ninguém, salvo seus irmãos, possa desconfiar, nem mesmo as próprias vítimas de nossas condenações; morrerão todos, quando se tornar necessário, como se fôsse de doença natural... (8) Sabendo disso, a própria confraria não ousará protestar. Essas medidas extirparão do seio da franco-maçonaria todo germe de protesto. Prègando aos cristãos o liberalismo, mantemos nosso povo e nossos agentes numa obediência completa.

Graças à nossa influência, a execução das leis dos cristãos está reduzida ao mínimo. O prestígio das leis foi minado pelas interpretações liberais que nelas introduzimos. Nas causas e questões de política e de princípio, os tribunais decidem, como lhes prescrevemos, vendo as cousas pela face que lhes apresentamos. Servimo-nos para isso do intermédio de pessoas com as quais ninguém pensa que tenhamos nada de comum, da opinião dos jornais e de outros meios ainda. Os próprios senado-

---

(8) A *Agua Toffana* com que a maçonaria matava outrora ficou celébre. Lendo-se "Les morts mystérieuses" de Albert Monniot fica-se edificado. A documentação do autor é irrespondível. A maior parte dos homens públicos que morrem *subitamente* foi tirada do caminho por aqueles a quem estava atrapalhando...

res e a administração superior aceitam cegamente nossos conselhos. O espírito puramente animal dos cristãos não é capaz de análise e de observação, ainda menos de prever aonde pode levar certos modos de apresentar uma questão (9).

E' nessa diferença de aptidão, para pensar entre nós e os cristãos que se pode ver claramente o sinal de nossa eleição e a marca de nossa humanidade. O espírito dos cristãos é instintivo, animal. Êles vêem, mas não prevêem e não inventam, salvo as cousas materiais. Vê-se por aí com a maior clareza que a própria natureza nos destinou para dirigir e governar o mundo.

Quando chegar o tempo de governarmos abertamente e de mostrarmos os benefícios de nosso govêrno, refaremos tôdas as legislações: nossas leis serão breves, claras, inabaláveis, sem comentários, tanto que todos as poderão conhecer bem. O traço predominante dessas leis será a obediência às autoridades levada a um grau grandioso. Então, todos os abusos desaparecerão em virtude da responsabilidade de todos até o último perante a autoridade superior do representante do poder. Os abusos de poder dos funcionários inferiores serão punidos tão severamente que cada um dêles perderá a vontade de tentar a experiência. Seguiremos com um olhar inflexível cada ato da administração de que dependa a marcha da máquina governamental, porque a licença na administração produz a licença universal: todo caso de ilegalidade ou abuso será punido de maneira exemplar. O roubo, a cumplicidade solidária entre funcioná-

---

(9) E' possível negar esta evidência, cada vez maior?

rios administrativos desaparecerão após os primeiros exemplos dum castigo rigoroso (10). A auréola de nosso poder exige punições eficazes, isto é, cruéis, à menor infração das leis, porque qualquer infração atinge o prestígio superior da autoridade. O condenado severamente punido será como um soldado que tombou no campo de batalha administrativo pela Autoridade, os Princípios e a Lei, que não admitem que o interêsse particular domine a função pública, mesmo por parte daqueles que dirigem o carro da sociedade. Nossos juízes saberão que, querendo gabar-se de tola misericórdia, violam a lei da justiça, instituída para edificar os homens, castigando os crimes, e não para que os juízes mostrem sua generosidade. E' permitido dar prova dessas qualidades na vida privada, mas não na vida pública, que é como que a base de educação da vida humana.

Nosso pessoal judiciário não poderá servir depois de cincoenta e cinco anos, em primeiro lugar porque os velhos são mais arraigados às suas opiniões preconcebidas e menos aptos a obedecer às novas ordenações, em segundo porque isso nos permitirá mais fàcilmente renovar êsse mesmo pessoal, o qual, assim, nos ficará mais submetido: quem quiser conservar seu posto terá de obedecer cegamente, a fim de merecer êsse favor. Em geral, nossos juízes serão escolhidos por nós sòmente entre os que saibam bem que seu papel é punir e aplicar as leis, não fazer liberalismo em detrimento do Estado, como atualmente os cristãos

(10) Têm-se visto os exemplos dêsse castigo na Rússia bolchevizada e em mãos dos judeus.

praticam. As mudanças servirão ainda para destruir a solidariedade coletiva da classe, ligando todos aos interêsses do govêrno, do qual dependerá sua sorte. A nova geração de juízes será educada de tal modo que considerará inadmissíveis abusos que possam atingir a ordem estabelecida nas relações de nossos súditos entre si.

Nos dias que correm, os juízes cristãos, não tendo uma idéia justa de sua tarefa, são indulgentes para todos os crimes, porque os atuais governantes, nomeando os juízes para seus ofícios, não tomam o cuidado de lhes inspirar o sentimento do dever e a consciência da obra que dêles se exige. Do mesmo modo como o animal manda seus filhotes em busca duma presa, os cristãos dão a seus súditos lugares de boa renda, sem cuidar de lhes explicar a finalidade dêsse emprêgo. Por isso, seus governos se destróem por suas próprias fôrças, pelos atos de sua própria administração.

Tiremos, pois, dos resultados dêsses atos mais uma lição para o nosso regime. Expulsaremos o liberalismo de todos os postos importantes de nossa administração, dos quais dependerá a educação dos subordinados em vista de nossa ordem social. Sòmente serão admitidos a êsses postos aqueles que forem por nós educados para o govêrno administrativo. Podem observar-nos que a compulsória dos velhos funcionários custará caro ao tesouro. Responderemos de entrada que se procurará para êles um emprêgo particular que substitua o público ; depois, que, estando todo o dinheiro do mundo concentrado em nossas mãos, nosso govêrno não pode recear despesas excessivas.

Nosso absolutismo será em tudo coerente. Por isso, nossa vontade será respeitada e obedecida sem contestação tôdas as vêzes que dermos ordens. Ela não se preocupará com nenhum murmúrio, com nenhum descontentamento, castigando de maneira exemplar tôda e qualquer revolta.

Aboliremos o direito de cassação, do qual seremos os únicos a dispor como governantes, porque não devemos deixar nascer no povo a idéia de ser possível uma decisão injusta pronunciada pelos juízes nomeados por nós. Se uma cousa semelhante acontecer, nos mesmos cassaremos a sentença, porém punindo tão exemplarmente o juiz por não ter compreendido seu dever e seu papel que isso jamais se repetirá. Repito mais uma vez que conheceremos cada passo de nossa administração, vigiando bem para que o povo fique contente conosco, porque êle tem o direito de exigir dum bom govêrno bons funcionários.

Nosso govêrno assumirá o aspeto duma tutela patriarcal, manifestando-se de modo paternal. Nosso povo e nossos súditos verão nele um pai que cuida de tôdas as necessidades, de todos os atos, de tôdas as relações recíprocas dos súditos entre si, assim como de suas relações com o govêrno. Então, penetrar-se-ão de tal modo dêsse espírito que lhes será impossível passar sem essa tutela e essa direção, se quiserem viver em paz, tranqüilos ; reconhecerão a autocracia de nosso govêrno com uma veneração vizinha da adoração, sobretudo quando se convencerem que nossos funcionários não substituem nosso poder pelo seu e sòmente executam ordens cegamente. Ficarão satisfeitos conosco por termos regulado sua vida

como fazem os pais prudentes que querem criar os filhos no sentimento do dever e da obediência. Porque os povos, em relação aos segredos de nossa política, são crianças, são eternamente menores, assim como seus governos...

Como vêdes, fundo nosso despotismo sôbre o direito e o dever: o direito de exigir o cumprimento do dever é o primeiro dever dum govêrno que seja o pai de seus governados. Êle tem o direito do mais forte e deve usá-lo para dirigir a humanidade para a ordem estabelecida pela natureza, isto é, para a obediência. Tudo obedece no mundo, senão aos homens, pelo menos às circunstâncias ou à sua própria natureza, e, em todo caso, ao mais forte. Sejamos, portanto, o mais forte para o bem (11).

Deveremos saber, sem hesitar, sacrificar alguns indivíduos isolados, violadores da ordem estabelecida, porque há uma grande fôrça educativa no castigo exemplar do mal.

Se o rei de Israel puser sôbre sua cabeça sagrada a coroa que a Europa lhe oferecerá, tornar-se-á o patriarca do mundo. As vítimas necessárias, feitas por êle, em obediência à utilidade, jamais atingirão o número das vítimas oferecidas durante séculos à loucura das grandezas pela rivalidade dos governos cristãos.

Nosso rei estará em constante comunhão com o povo; dirigir-lhe-á discursos da tribuna, que logo a fama espalhará pelo mundo inteiro.

---

(11) As fôrças morais são tão importantes que mesmo os que as negam e só admitem a fôrça, como o autor ou autores dos "Protocolos", as invocam, fingindo que se baseiam no bem geral, a fim de justificar seus planos monstruosos!... A palavra de Roma já nos preveniu contra o engôdo, como vimos anteriormente.

CAPÍTULO XVI

Resumo. — As universidades tornadas inofensivas. O classicismo substituído. A educação e a profissão. Propaganda da autoridade do "Govêrno" nas escolas. Abolição do ensino livre. As novas teorias. A independência do pensamento. O ensino pela imagem.

A FIM de destruir tôdas as fôrças coletivas, exceto as nossas, suprimiremos as universidades, primeira etapa do coletivismo, e fundaremos outras com um novo espírito. Seus reitores e professores serão preparados secretamente para a sua tarefa por meio de programas de ação secretos e minuciosos, dos quais se não poderão afastar uma linha. Serão nomeados com uma prudência muito especial e serão inteiramente dependentes do govêrno (1).

Excluímos do ensino o direito cívico, assim como tudo o que concerne às questões políticas. Essas matérias serão ensinadas a algumas dezenas de pessoas, escolhidas por suas faculdades eminentes. As universidades não devem deixar sair de seus muros fedelhos que formem projetos de constituïção, como se compusessem comédias ou tragédias, e que se ocupem de questões políticas que

(1) Vimos no Brasil, como exemplo, a Universidade do Distrito Federal, fundada para fins dissolventes e judaicos. Seus mentores e professores foram preparados judaicamente no estrangeiro, a fim de imporem à mocidade carioca a orientação que lhes traçaram seus mestres. O fenômeno se tem repetido por tôda a parte. Em S. Paulo, o judeu Roberto Simonsen, magnata dos grandes negócios de café, inaugura e orienta a Escola Livre de Sociologia e Política, onde vai instilando o sutil e perfumado veneno de suas teorias. V. "Diario de S. Paulo", 15 de abril de 1936.

seus próprios pais nunca entenderam. O máu conhecimento que a maioria dos homens têm das questões políticas faz dêles utopistas e maus cidadãos; podeis verificar pessoalmente o que sua educação geral fez dos cristãos. Foi preciso que introduzíssemos em sua educação todos os princípios que tão brilhantemente enfraqueceram sua ordem social. Mas, quando estivermos no poder, afastaremos da educação tôdas as matérias de ensino que possam causar perturbação e faremos da mocidade crianças obedientes às autoridades, amando quem os governa, como um apôio e uma esperança de tranqüilidade e paz.

Substituïremos o classicismo, assim como todo o estudo da história antiga, que apresenta mais maus exemplos do que bons, pelo estudo do programa do futuro. Riscaremos da memória dos homens todos os fatos dos séculos passados que não forem agradáveis, sòmente conservando dentre êles os que pintem os erros dos governos cristãos (2). A vida prática, a ordem social natural, as relações dos homens entre si, a obrigação de evitar os maus exemplos egoístas, que espalham a semente do mal e outras questões semelhantes de caráter pedagógico ficarão no primeiro plano do programa de ensino, diferente para cada profissão e que não generalizará o ensino sob pretêxto algum. Êsse modo de encarar a questão tem uma importância especial.

---

(2) A história com êsse sentido mentiroso, falso e caluniador já vem sendo de longa data feita pelo judeu, que quer apagar a memória da experiência e dos feitos dos povos cristãos. Seu ideal é transformá-los em gado e gado não tem história... "Substituïremos o classicismo", dizem os "Protocolos". Por que? Responde claramente o judeu Pierre Paraf, em "Israel, 1931", pág. 162: "O classicismo marca evidente regresso à tradição católica".

Cada classe social deve ser educada dentro de limites severos, conforme o destino e a tarefa que lhes são próprias (3). Os gênios acidentais sempre souberam e sempre saberão infiltrar-se nas outras classes ; porém deixar penetrar em classes estranhas gente sem valor, permitindo-lhe tomar os lugares que pertencem a essas classes pelo nascimento e pela profissão, por causa dêsses casos excepcionais, é rematada loucura. Sabeis bem como tudo isso acabou para os cristãos, que consentiram em tão berrante monstruosidade.

Para que o govêrno tenha o lugar que lhe compete nos corações e nos espíritos de seus súditos, é necessário, enquanto durar, ensinar a todo o povo, nas escolas e na praça pública, qual a sua importância, quais seus deveres e como sua atividade produz o bem do povo.

Aboliremos todo ensino livre (4). Os estudantes terão o direito de se reünirem a seus pais, como em clubes, nos estabelecimentos escolares : durante essas reüniões, nos dias de festa, os professores farão conferências, na aparência livres, sôbre as relações dos homens entre si, sôbre as leis da imitação, sôbre as desgraças provocadas pela concurrência ilimitada, enfim sôbre a filosofia das novas teorias, ainda ignoradas pelo mundo. Faremos dessas teorias um dogma e dêle nos serviremos para conduzir os homens à nossa fé. Quando eu tiver terminado a exposição de nosso programa

---

(3) Criação de compartimentos estanques e limitação da inteligência pela particularização.

(4) O contrário do que prégam hoje. Ainda acima se citou uma escola livre do judeu Simonsen... E' o cúmulo!...

de ação no presente e no futuro, dir-vos-ei quais as bases dessas teorias.

Em uma palavra, sabendo, pela experiência de muitos séculos que os homens vivem e se dirigem pelas idéias, que essas idéias sòmente são inculcadas aos homens pela educação, ministrada com êxito igual em tôdas as idades por processos diferentes, bem entendido, absorveremos e adotaremos, em nosso proveito, os derradeiros clarões da independência de pensamento, que de há muito já dirigimos para as matérias e idéias de que carecemos. O sistema de repressão do pensamento já está em vigor no método denominado do *ensino pela imagem*, que deve transformar os cristãos em animais dóceis, que não pensam e esperam a representação das cousas e imagens, a fim de compreendê-las... (5) Na França, um de nossos melhores agentes, Bourgeois, já proclamou o novo programa de educação pela imagem.

---

(5) Todo o sistema de educação é hoje conduzido no sentido prescrito nos "Protocolos". Os olhos, os ouvidos e as mãos aprendem maquinalmente, anulando-se a pouco e pouco o trabalho do cérebro. O judeu Benjamin Crémieux ataca e crítica isso no seu livro "Inquiétude et reconstruction". Há judeus com alguma conciência.

CAPÍTULO XVII

Resumo. — O foro. A influência dos padres cristãos. A liberdade de conciência. O rei dos judeus, patriarca e papa. Meios de luta contra a Igreja atual. Problemas da imprensa contemporânea. Organização da polícia. A polícia voluntária. A espionagem pelo modêlo da sociedade judaica. Os abusos do poder.

O FORO cria homens frios, cruéis, cabeçudos, sem princípios, que, em todos os momentos, se colocam num terreno impessoal, puramente legal. Estão habituados a tudo empregar no interêsse da defesa de seus clientes e não para o bem social. Geralmente, não recusam causa alguma, procurando obter absolvições a todo preço, recorrendo às sutilezas da jurisprudência : assim, desmoralizam os tribunais. Permitindo essa profissão dentro de limites estreitos, faremos de seus membros, para evitar aquele mal, funcionários executivos. Os advogados serão privados, assim como os juízes, do direito de comunicar com os demandistas ; receberão as causas no tribunal, analisá-las-ão conforme os pareceres e os documentos dos autos, defenderão os clientes depois de seu interrogatório pelo tribunal, uma vez esclarecidos os fatos, e receberão honorários independentemente da qualidade do processo. Dêste modo, teremos uma defesa honesta e imparcial, guiada, não pelo interêsse, mas pela convicção. Isto suprimirá, entre outras cousas, a atual corrupção dos assessores, que não

consentirão mais em dar ganho de causa sòmente a quem paga.

Já tomámos as providências para desacreditar a classe dos padres cristãos, desorganizando, assim, sua missão, que, atualmente, poderia atrapalhar-nos bastante. Sua influência sôbre os povos mingua dia a dia. Por tôda a parte foi proclamada a liberdade de conciência. Por conseguinte, sòmente certo número de anos nos separa ainda da completa ruína da religião cristã ; acabaremos mais fàcilmente as outras religiões, porém ainda é muito cedo para falar disso. Poremos o clericalismo e os clericais num âmbito tão estreito que sua influência será nula em comparação à que outrora tiveram.

Quando chegar o momento de destruir definitivamente a côrte papal, o dedo de u'a mão invisível apontá-la-á aos povos. Mas, quando os povos se lançarem sobre ela, nós apareceremos como seus defensores, a fim de não permitir o derramamento de sangue. Com essa manobra, penetraremos no seio da praça e dela só saïremos quando a tivermos completamente arruïnado. (1)

O rei dos judeus será o verdadeiro papa do universo, o patriarca da Igreja Internacional.

---

(1) As Instruções Secretas das Altas Vendas Carbonárias apanhadas pela polícia do papa Gregório XVI, em 1846, publicadas por Crétineau-Joly no seu formidável livro "L'Église Romaine en face de la Révolution", dizem, textualmente, o seguinte, confirmando os "Protocolos" : "O Papa, seja qual for, não irá nunca às Sociedades Secretas. Estas é que devem dar o primeiro passo para a Igreja, a fim de vencer a ambos... O trabalho que vamos empreender não é obra para um dia e mesmo para um século ; mas, em nossas fileiras, o soldado morre e o combate continúa..."
E mais : "Que o clero marche sob o vosso estandarte, julgando sempre marchar sob a bandeira das chaves apostólicas." Quantas vêzes, enganados, membros do clero não têm marchado à sombra do pavilhão negro do Anticristo, pensando que é o lábaro de Nosso Senhor? !"

Mas, enquanto não tivermos educado a mocidade nas novas crenças de transição, depois na nossa, não tocaremos abertamente nas Igrejas existentes, sim lutaremos contra elas pela crítica, excitando as dissensões.

Em geral, nossa imprensa contemporânea desvendará os negócios do Estado, as religiões, a incapacidade dos cristãos e tudo isso em termos os mais desaforados, a fim de desmoralizar de tôdas as maneiras, como só nossa raça genial sabe fazê-lo (2).

---

(2) O que a imprensa tem feito e continua fazendo nesse sentido, a aumentar constantemente o diapasão do escândalo, confirma categòricamente os "Protocolos".

Leiamos, para ter uma idéia do papel da imprensa judaizada, alguns trechos de "La Presse Française", artigo magistral de Urbano Gohier, publicado no "Patriote" de Montreal e transcrito em "La Libre Parole", de París, n.º de abril de 1936: "Conforme à natureza e à política judaicas, a *grande imprensa* de França é a mais venal do mundo inteiro. Todos os governos e todos os financistas sabem demais disso. As revoluções que se processaram na Europa depois de 1914 abriram os arquivos de várias potências e forneceram a êsse respeito provas tão numerosas quanto infamantes. Além disso, a *ditadura judaica* lògicamente aplicou à imprensa o programa dos "Protocolos". Se me não engano, o "Patriote" reproduziu no ano passado os capítulos dêsse documento relativos aos jornais. Nos capítulos V e XI indicam-se as medidas que se devem tomar para privar os *goiym* de informações úteis, para enchê-los de notícias espantosas e de teorias embrutecedoras, de modo a desconcertá-los, extraviá-los e embrulhá-los tanto que se sintam como que "perdidos num labirinto", acabando por se afastarem completamente da política e deixando o lugar vago àqueles, os judeus, que *devem* dirigir os negócios públicos.

Nunca um plano foi melhor seguido.

Tomo, ao acaso, um dos maiores jornais da França (1.500.000 exemplares diários), lido pelas classes médias. O número é impresso em dez páginas e 70 colunas. 47 colunas contêm anúncios pagos pela tarifa comum. Cinco colunas contêm os anúncios disfarçados, pagos muito mais caro e é o que o leitor jamais conhecerá, o silêncio. Na primeira página, dez fotografias: ministros, assassinos e seus advogados, estrêlas de cinema, cães premiados em uma exposição, cavalos vencedores de corridas; de mistura, dois pequenos artigos completos e sete começos de artigos, cuja continuação é indicada a: 2.ª página, 1.ª coluna; 4.ª pagina, 3.ª coluna; 5.ª página, 1.ª coluna; 4.ª página, 3.ª coluna; 5.ª pagina, 7.ª coluna; 5.ª página, 3.ª coluna; 6.ª página, 7.ª coluna, *et coetera*... E' mais do que evidente que o leitor, na rua ou no onibus, no restaurante ou no bonde, não poderá abrir quatorze vêzes a imensa fôlha de papel para estar procurando o fim do primeiro artigo, voltando ao segundo, indo ao fim dêste, tornando ao terceiro e assim por diante. Não; êle lê os trechos do ini-

Nosso regime será a apologia do reinado de Vichnú, que é seu símbolo, segurando cada uma de nossas cem mãos uma manivela da máquina social. Veremos tudo sem auxílio da polícia oficial, que, como nós a preparámos para os cristãos, impede hoje os governos de ver. No nosso programa, um têrço dos súditos vigiará os outros por sentimento de dever, para servir voluntàriamente o Estado (3). Então, não será vergonhoso ser delator e espião ; pelo contrário, será louvável ;

---

cio, lerá mais tarde os fragmentos das continuações e fará no seu pobre cérebro uma horrenda salada de dissertações econômicas, infanticídios, folhetins e contos alegres, notícias mundanas, informações políticas, anúncios de produtos farmacêuticos, crônicas urbanas, resumos financeiros, roubos e furtos, novas e prognósticos esportivos. Quando tiver absorvido tudo isso, poderá meter as mãos na cabeça e verá que não sabe *exatamente nada*...

O conflito de Mussolini e do Negus, a briga duma cabotina com seu empresário teatral, os sôcos dum turista americano numa dansarina bêbeda dum cabaré de Montparnasse, introduzidos no seu espírito no mesmo plano, em gravuras do mesmo formato, em pedaços separados e misturados como um cocktail, tomarão valores idênticos e o deixarão aparvalhado. Ainda por cima, tôdas as cousas lhe são apontadas por meio de abreviações misteriosas : a ação dos C. D. H., a polêmica da F. S. I com o departamento da I. S. R., a filiação da A. D. G. B. à Internacional de Amsterdão, o domínio dos políticos belgas sôbre o I. O. S. e o P. O. B., as negociações do C. C. N. da C. G. T. U com o E. G. T. da C. G. T. P., as iniciativas da D. R. A. C., da O. R. I. M., da F. S. J. R. L., a sisão entre a S. S. S. S. e a F. F. P. H. Como poderá êle lembrar-se, sem desfalecer, que a F. I. D. A. C. é a Federação Interaliada dos Antigos Combatentes ; que a S. T. C. R. P. é a Sociedade de Transportes Comuns da Região de París ; e que a L. F. A. C. F. é a Liga Feminina da Ação Católica Francesa? Desiste disso e não quer mais saber de nada, mandando tudo ao diabo, *como desejam os "Protocolos" dos sábios de Israel*. Não se interessa mais senão pelo Circuito da França, pelos imundos feitos de Violette Nozières e Oscar Dufrenne, pelos matchs de boxe com suas tramóias e pelos espetáculos, cuja lista fielmente tirei dum único número do referido jornal : *Mulheres loucas — Doze dansarinas nuas. — Tôda nua ! — Mulheres nuas — O clube das mulheres nuas — Tôda nua, minha senhora ! — Carnes nuas — Nus em folia — Com os nudistas — A barca das moças nuas — O cruzeiro dos nus — "A garçonnière do Sátiro — Uma noite do marquês de Sade* — Isto numa só noite em dez teatros e teatrinhos de París !...

O apodrecimento duma grande nação, outrora cristã, organizada pelos judeus, segundo as regras dos "Protocolos dos Sábios de Israel"..."

(3) Para se ter uma idéia dêsse regime judaico de espionagem social, leia-se Henri Béraud, "Ce que j'ai vu a Moscou".

mas as delações infundadas serão cruelmente punidas, a fim de que se não abuse dêsse direito.

Nossos agentes serão escolhidos na alta sociedade, como também nas classes baixas, no seio da classe administrativa que se diverte, entre os editores, impressores, livreiros, caixeiros, operários, cocheiros e lacaios, etc....

Essa polícia, desprovida de direitos, não autorizada a agir por si, por conseguinte sem poderes, sòmente fará testemunhar e denunciar (4) ; a verificação de seus informes e as prisões dependerão dum grupo de inspetores de polícia ; as prisões mesmo serão executadas pelo corpo dos gendarmes e pela polícia municipal. Aquele que não tiver apresentado seu relatório sôbre o que viu e ouviu em matéria de questões políticas será considerado culpado de fraude ou cumplicidade, como se estivesse provado que houvesse cometido êsses dois crimes.

Assim como hoje nossos irmãos são obrigados, sob sua própria responsabilidade, a denunciar à sua comunidade nossos renegados ou as pessoas que empreendam qualquer cousa contrária à nossa comunidade : assim, no nosso reino universal, será obrigatório, para todos os nossos súditos servir, desta forma, o Estado.

Tal organização destruïrá os abusos da fôrça, da corrupção, tudo o que nossos conselhos e nossas teorias dos direitos sobrehumanos introduziram nos hábitos dos cristãos... Mas, como teríamos

---

(4) Tal processo é pôsto em prática na Rússia comunista pelos cocheiros e, sobretudo, pelos porteiros de casas coletivas. V. Béraud, *op. citada.*

obtido de outro modo o crescimento das causas de desordem na sua administração? Porque outros meios?... Um dos mais importantes dêsses meios são os agentes encarregados de restabelecer a ordem. A êstes será deixada a possibilidade de fazer ver e desenvolver seus maus instintos, inclinações e caprichos, abusando de seu poder, aceitando, enfim, gorgetas.

CAPÍTULO XVIII

Resumo. — Medidas de segurança. Vigilância dos conspiradores. Uma guarda aparente é a ruína do poder. A guarda do rei dos judeus. O prestígio místico do poder. Prisão à primeira suspeita.

QUANDO nos for necessário reforçar as medidas de proteção policial, que arruínam tão ràpidamente o prestígio do poder, simularemos desordens, manifestações de descontentamento expressas por bons oradores. Juntar-se-ão a êles pessoas que alimentem os mesmos sentimentos. Isto nos servirá de pretêxto para autorizar buscas e vigilâncias, cujos agentes serão os servidores que tivermos no seio da polícia dos cristãos.

Como a maioria dos conspiradores trabalha por amor à arte, por amor do palavrório, não os incomodaremos antes que obrem de qualquer maneira ; contentar-nos-emos em introduzir no seu meio elementos de vigilância... E' preciso não esquecer que o prestígio do poder decresce, se sòmente descobre conspirações contra êle próprio : isto implica a confissão de sua impotência ou, o que é peor, dá injustiça de sua própria causa (1).

---

(1) Daí, sob a ação das fôrças secretas, a repetição constante de perturbações e surtos revolucionários até derrubar o poder pelo seu enfraquecimento completo. Na Revolução Brasileira, cujas causas ocultas ainda não foram convenientemente estudadas, viu-se perfeitamente essa técnica. Desde 1922, no govêrno do presidente Epitácio Pessoa, até 1930, no govêrno do presidente Washington Luiz, através do quatriênio do presidente Artur Bernardes, o *espírito revolucionário*, em surtos sucessivos provocou o enfraquecimento do poder central. As cousas foram conduzidas pelos fios secretos tão hàbilmente que, no fim do plano, em 1930, os presidentes Bernardes e Epitácio, antes sustentáculos da Ordem e colunas do Poder, se tornaram revolucionários.

Sabeis que destruímos o prestígio das pessoas reinantes dos cristãos pelos freqüentes atentados organizados por nossos agentes, carneiros cegos de nosso rebanho (2); é fácil, por meio de algumas

---

(2) V. os atentados constantes contra os chefes de Estado, sobretudo na Europa, na maioria cometidos por judeus, de parceria com maçons, anarquistas e carbonários. Buíça, assassino de D. Carlos de Portugal, era judeu. Princip, o assassino do arquiduque Francisco Fernando, erá judeu. Gorguloff, assassino de Paul Doumer, era judeu. Kalemen, assassino do rei Alexandre, era judeu. Sôbre êste ponto, há esta curiosa observação de Henry Robert Petit, em "La Maçonnerie anglaise": "Enquanto os países latinos e eslavos estão submetidos a revoluções periódicas, cujo fim é destruir sua religião, as potências protestantes, apoiadas na judeo-maçonaria, gozam de absoluta tranqüilidade, salvo quando em luta contra minorias católicas: exemplo, as perseguições inflingidas pelos inglêses aos católicos da Irlanda. Enquanto os reis e estadistas dos países que professam a religião de Cristo são vítimas de múltiplos atentados, sendo o último, cronològicamente, o do rei Alexandre da Iugoslávia, as dinastias dos países protestantes, como as da Inglaterra, da Dinamarca, da Suécia da Noruega e da Holanda, são de certo modo protegidas pela maçonaria e seu govêrno está ao abrigo de insurreições e conjuras. E' notório que Eduardo VIII da Inglaterra, Cristiano IX da Dinamarca, Hakon VII da Noruega e Gustavo V da Suécia são, em seus países respectivos, chefes de obediências maçônicas."

Há uma profunda ligação entre o protestantismo, a maçonaria e o judaísmo, conforme já o notaram Kadmi-Cohen, Bernard Lazare, Valéry-Radot, e o próprio Papus, o ocultista, quando escreveu: "veremos sempre o êxito do protestantismo como religião caminhar paralelamente ao êxito da franco-maçonaria." E, segundo Henry Robert Petit: "O judaísmo, a fim de impor sua ditadura oculta, precisava duma nação que tivesse ramificações no mundo inteiro. Por suas colónias e domínios, a Grã-Bretanha se tornou a nação eleita do judaísmo internacional. Com os produtos ingleses, o Grande Ghetto de Londres fazia transitar pelo mundo a maçonaria. Cada entreposto britânico instalado além dos mares tinha a sua loja. Cada povo oprimido era logo convertido por bem ou pela fôrça ao protestantismo. Não esqueçamos que essa religião repudiou os Evangelhos da Santa Igreja para afirmar a Bíblia como sua lei. Os dogmas dêsse culto na verdade se inspiram num espírito néo-judaico. Pouco a pouco, o Império Britânico se tornou uma nação internacional de negociantes, banqueiros e agiotas. Essas profissões são as em que se pode expandir por excelência o espírito mercantil e usurário dos hebreus. Desde então, a Inglaterra, com suas lojas e seu "Intelligence Service", entre as hábeis mãos do *judeo-protestantismo*, se tornou uma espécie de seringa que injetou no mundo os micróbios do maçonismo, espalhando o Anti-Cristianismo, o Anti-Nacionalismo, e o Anti-Racismo, preparando-se a revolução universal que deve assegurar o domínio de Israel no mundo... A história contemporânea é um exemplo claríssimo da aliança oculta, sob a capa da maçonaria, entre o protestantismo e o judaismo, que, aparentemente, parecem ignorar-se..."

Não esquecer que a última demão ao edifício do Império Britânico foi dada por lord Beaconsfield, o judeu d'Israeli...

frases liberais, impelir ao crime, desde que tenha uma côr política. Forçaremos os governantes a reconhecer sua impotência por medidas de segurança claras que tomarão e, assim, arruïnaremos o prestígio do poder.

Nosso govêrno será guardado por uma guarda quasi imperceptível, porque não admitiremos, nem por pensamento, que possa existir contra êle uma facção contra a qual não esteja em estado de lutar e seja obrigado a se esconder (3).

Se admitíssemos êsse pensamento, como o faziam e ainda fazem os cristãos, assinaríamos uma sentença de morte ; senão a do soberano mesmo, pelo menos o de sua dinastia em futuro próximo.

Segundo as aparências severamente observadas, nosso govêrno só usará de seu poder para o bem do povo, nunca para suas vantagens pessoais ou dinásticas. Por isso, observando êsse decôro, seu poder será respeitado e salvaguardado por seus próprios súditos. Adorá-lo-ão com a idéia de que cada cidadão dêle depende, porque dêle dependerá a ordem social...

Guardar o rei abertamente é reconhecer a fraqueza da organização governamental.

Nosso rei, quando estiver no meio de seu povo, estará sempre rodeado por uma multidão de homens e mulheres que serão tomados como curiosos

---

(3) A guarda usada pelos *gangsters* de Chicago, produtos da civilização judaica que tomou o nome de *yankee*, oferece o modêlo exato da que os "Protocolos" destinam ao rei dos Judeus, Basta ler a tradução do livro de Fred D. Pasley, "Al Capone le Balafré", edição "Au Sans Pareil", París, 1931 : "...rodeado por uma guarda de corpo mais numerosa do que a do presidente dos Estados-Unidos, dezoito cavalheiros de *smoking*, de olhar e gesto rápidos, *estratègicamente disseminados pela sala...*"

E' curioso como o *espírito judaico* se manifesta igualmente em tudo aquilo que produz...

e ocuparão os lugares mais próximos a êle (4), como por acaso, os quais conterão as fileiras dos outros, fazendo respeitar a ordem. Isso será um exemplo de moderação. Se houver no povo um solicitador que procure apresentar uma súplica, abrindo passagem através dos grupos, as primeiras fileiras devem aceitar essa súplica e entregá-la ao rei aos olhos do suplicante, a fim de que todos saibam que o que se apresenta chega ao seu destino e que há, por conseguinte, um contrôlo do próprio rei. A auréola do poder exige que o povo possa dizer : "Se o rei soubesse" ou "Se o rei souber" (5).

Com a instituïção da guarda oficial desaparece o prestígio místico do poder ; todo homem dotado de certa audácia julga-se dono dêsse poder, o faccioso conhece sua fôrça e espreita a ocasião de cometer um atentado contra êsse poder. Prègamos outra cousa aos cristãos e vimos aonde os têm conduzido as medidas abertas de segurança !

Prenderemos os criminosos à primeira suspeita mais ou menos fundada : o receio de cometer um êrro não pode ser uma razão para permitir a escápula aos indivíduos suspeitos de delito ou crime político, para os quais seremos verdadeiramente sem piedade. Se se pode ainda, forçando um pouco o sentido das cousas, admitir o exame dos motivos nos crimes comuns, não há desculpa para as pessoas que se ocupem com questões que ninguém, salvo o govêrno, pode compreender. Mesmo todos os governos não são capazes de compreender a verdadeira política.

---

(4) Do mesmo modo que os *cavalheiros de smoking* de Al Capone...

(5) S. Luiz, rei de França, conversava com o povo sob o carvalho de Vincennes e o povo sabia que se podia queixar a êle. O povo brasileiro também sabia que D. Pedro II usava com justiça um *lapis fatídico*. Por isso, o judaísmo elimina os reis...

CAPÍTULO XIX

Resumo. — O direito de apresentar súplicas e projetos. As facções. Os crimes políticos julgados pelos tribunais. A propaganda dos crimes políticos

SE NÃO admitimos que cada um se ocupe de política diretamente, estimularemos, em compensação, todo relatório e tôda petição que solicite do govêrno medidas a bem do povo : isso nos permitirá ver os erros e fantasias de nossos súditos, aos quais responderemos pela execução do projeto em questão ou por uma recusa sensata, que demonstrará a pouca inteligência de seu autor.

As facções não passam dum cachorrinho latindo contra um elefante. Para um govêrno bem organizado, não do ponto de vista polícial, mas social, o cãozinho ladra contra o elefante, porque não conhece seu lugar nem seu valor. Basta demonstrar *por um bom exemplo* (1) a importância de um e de outro para que os cãezinhos deixem de latir e se ponham a festejar com a cauda logo que avistem o elefante.

Para tirar o prestígio da bravura ao crime político, nós o poremos no mesmo banco de reus do roubo, do homicídio e de todos os crimes abomináveis e vis. Então, a opinião pública confundirá, no seu modo de pensar, essa categoria de crimes com a ignomínia de todos os outros, cobrin-

(1) A fôrça, a violência, a *mão de ferro*, imposta por êsse poder oculto que os ingleses denominam *hidde hand*, a mão secreta...

doa-a com o mesmo desprêzo. Nós nos propusemos, e espero que tenhamos alcançado isso, impedir os cristãos de combater as facções políticas dessa maneira (2).

Com êsse fim, pela imprensa, nos discursos públicos, nos manuais de história, fizemos a propaganda do martírio, na aparência aceito pelos facciosos para o bem comum. Essa propaganda aumentou os contingentes dos liberais e atraíu milhares de cristãos ao nosso rebanho.

---

(2) Entretanto, hoje, o judaísmo, através de *sua* imprensa, no mundo inteiro prestigía o crime político e faz campanha em favor dos criminosos políticos. Não esquecer o clamor em tôrno de Sacco e Vanzetti, a propaganda contra a condenação dos assassinos comunistas das Astúrias, o barulho que se fez no Brasil em pról da pequena aventureira judia Geny Gleizer. Tôda essa encenação é *protocolar*...

Nas antigas sociedades cristãs, o crime político era abominável, sobretudo o regicídio. Foi o espírito judaico quem transformou a opinião cristã, a fim de poder agir à vontade contra o trono e o altar.

CAPÍTULO XX

Resumo. — O programa financeiro. O imposto progressivo. Percepção progressiva em selos. Caixa de fundos em valores-papel e estagnação do dinheiro. Tribunal de Contas. Abolição da representação. Estagnação dos capitais. Emissão de dinheiro. O câmbio do ouro. O câmbio do custo do trabalho. O orçamento. Os empréstimos do Estado. A série de títulos ao juro de 1 %. As ações industriais. Os governantes dos cristãos: os favoritos; os agentes dos franco-maçons.

FALAREMOS agora sôbre o programa financeiro que reservei para o fim de meu relatório como o ponto mais difícil, culminante e decisivo de nossos planos. Abordando-o, lembrar-vos-ei que já vos disse, em forma de alusão, que a soma de nossos atos se resume em uma questão de cifras (1).

Quando nosso reinado chegar, nosso govêrno absoluto evitará, para sua própria defesa, sobrecarregar muito as massas populares de impostos,

---

(1) Na opinião dum técnico, Jules Sevérin, Secretário do Congresso Monetário Internacional, no seu trabalho "La tyrannie de l'or et les juifs qui l'accaparent", o domínio judaico sôbre o ouro é que lhe dá a fôrça para conquistar o mundo. De longa data, através dos centenários, os judeus vinham amontoando o ouro; mas o grande açambarcamento do precioso metal data, em verdade, de 1816, *logo após a queda de Napoleão*, quando o judeu Lord Liverpool propõe ao Parlamento britânico e consegue seja aprovada a lei do padrão-ouro *para as dívidas internacionais*. Depois disso, Jules Sevérin estuda minuciosamente como, através da política monetária judaico-britânica e das lições dos economistas alugados a Israel, o ouro subiu de valor e serviu ao judaísmo para predominar mundialmente. Citemos um trecho que elucida o caso: "O câmbio das moedas foi transferido para a bolsa de Londres (depois de 1873) e lá variou de nação a nação e de dia a dia. Logo, a Inglaterra conseguiu a adesão da Holanda e dos Estados-Unidos ao padrão-ouro único para as dívidas internacionais. Em 1878, Léon Say, na renovação da convenção mone-

não esquecendo seu papel de pai e protetor. Mas, como a organização governamental custa caro, é preciso, entretanto, obter os meios necessários para isso. Por isso devemos preparar cuidadosamente o equilíbrio financeiro.

No nosso govêrno, o rei possuïrá a ficção legal da propriedade legal de tudo o que houver no Estado, o que é fácil de realizar; poderá, portanto, recorrer ao confisco legal de tôdas as somas de dinheiro que julgar necessárias para regular a circulação de capitais no Estado (2). Vê-se por aí que a taxação deve consistir principalmente num imposto progressivo sôbre a propriedade. Dêsse modo, os impostos serão percebidos, sem agravo e sem ruína, numa proporção de percentagem relativa à posse. Os ricos devem compreender que seu dever é pôr uma parte de seu supérfluo à disposição do Estado, porque êste lhes garante a segurança do resto e o direito de um ganho honesto, digo honesto, porque o contrôlo da propriedade acabará com tôda a pilhagem legal.

---

tária com a Itália, a Suíça, a Belgica e a Grécia, proïbia a cunhagem em prata, portanto, a circulação, para o pagamento a potências estrangeiras. Sendo a prata recusada por oito grandes nações, foi por águas abaixo; e as nações que só tinham prata viram suas dívidas dobradas, triplicadas e quadruplicadas, conforme a moeda baixava ou se esgotava. Mas, como sempre valia nos países onde era cunhada, servia para comprar ouro, pelo mesmo preço, o duplo ou o triplo de mercadorias, as quais, revendidas em ouro às grandes nações, edificaram primeiro as grandes potências mundiais e, finalmente, provocaram baixas de preços formidáveis em tôdas as potências. A prata baixa, diziam; mas a prata não baixara. O ouro só é que, muito procurado e açambarcado, subia. Os *Index Numbers* do sr. Shauerbeck, de Londres, demonstravam que a prata continuava ao par com as mercadorias. E era o ouro que subia, conforme confessava a *Gold and Silver Commission*..."

Eis aí, segundo um técnico, uma das manobras judaicas para açambarcar o ouro. Por isso, os "Protocolos" declaram que a soma dos atos dos judeus é uma *questão de cifras*...

(2) E' o que os *reis* Lenine e Stalin, pseudônimos da tribu judaica Kaganovitch, isto é, os Filhos de Cohen, têm feito na Rússia infeliz...

Essa reforma social deve vir de cima, porque seu tempo chegou e é necessário como um penhor de paz. O imposto sôbre os pobres é uma semente de revolução e é prejudicial ao Estado, que perde grande lucro correndo atrás de pequenos proveitos (3). Independentemente disso, o imposto sôbre os capitalistas diminuirá o crescimento das riquezas das pessoas privadas, em cujas mãos nós as concentrámos atualmente para contrabalançar a fôrça governamental dos cristãos, isto é, as finanças do Estado.

Um imposto progressivo dará muito mais forte renda do que o imposto proporcional de hoje, que só nos é útil para excitar agitações e descontentamentos entre os cristãos (4).

A fôrça sôbre que nosso rei se apoiará será o equilíbrio e a garantia da paz. E' necessário que os capitalistas sacrifiquem pequena parte de seus rendimentos para assegurar o funcionamento da máquina governamental. As necessidades do Estado devem ser pagas por aqueles a quem suas riquezas permitam fazer isso sem sacrifício (5).

Tal medida destruirá o ódio do pobre contra o rico, no qual aquele verá uma fôrça financeira útil ao Estado, sustentáculo da paz e da prosperidade, pois que é o rico que provê aos recursos necessários para a obtenção dêsses bens. Para que

---

(3) Por isso os *páus mandados* do judaísmo e da maçonaria, às vêzes inconscientemente, no legislativo e no executivo, não fazem outra cousa senão aumentar impostos. Essa tem sido a regra geral dos pêcos financistas liberais. Vê-se aquí a quem aproveita.

(4) Confere e concorda em gênero, número e caso...

(5) Assim era no Estado Corporativo Cristão; assim, é no Estado Corporativo Moderno. Os judeus, entretanto, combateram aquele e combatem êste...

os pagadores da classe inteligente não se entristeçam demasiado com êsses novos pagamentos, ser-lhes-ão entregues prestações de contas do destino dessas quantias, excetuando-se, bem entendido, as somas que forem aplicadas às necessidades do trono e das instituïções administrativas.

A pessoa reinante não possuïrá propriedade pessoal, porque tudo o que exista no Estado é dela, senão uma cousa contradiria a outra: os recursos pessoais anulariam o direito de propriedade sôbre as posses de todos. Os parentes da pessoa reinante, exceto seus herdeiros, que são igualmente mantidos à custa do Estado, devem se colocar nas fileiras dos servidores do Estado ou trabalhar para adquirir o direito de propriedade: o privilégio de pertencer à família real não deve servir de pretêxto para pilhar o Tesouro.

A compra duma propriedade, a aceitação duma herança serão taxadas com um imposto de sêlo progressivo. A transmissão duma propriedade em dinheiro ou de outra forma, não declarada nesse imposto de sêlo, necessàriamente nominal, será gravada com uma taxa de tanto por cento por conta do antigo proprietário, da data da transferência até o dia em que a fraude for descoberta. Os títulos de transferência deverão ser apresentados tôdas as semanas ao Tesouro local, com a designação do nome próprio, do de família e do domicílio do antigo e do novo proprietários. Êsse registro só será obrigatório a partir duma quantia fixa que exceda os preços comuns de compra e venda do necessário, sendo os outros passíveis ùnicamente dum imposto em sêlo bastante mínimo, para cada unidade.

Calculai quanto êsses impostos farão exceder a nossa renda sôbre a dos Estados cristãos. A caixa dos fundos do Estado deverá conter certo capital de reserva, devendo tudo o que exceder a êsse capital ser pôsto em circulação. Organizar-se-ão com essas reservas obras públicas. A iniciativa dêsses trabalhos resultando dos recursos do Estado ligará fortemente a classe operária aos interêsses do Estado e às pessoas reinantes. Parte dessas somas será atribuída a prêmios para invenções e à produção.

De modo algum é preciso, fora das somas fixadas e largamente contadas, reter, mesmo que seja uma simples unidade, nas caixas do Estado, porque o dinheiro é feito para circular e tôda estagnação de dinheiro tem perniciosa repercussão sôbre o funcionamento do mecanismo do Estado, cujas engrenagens êle deve azeitar : a falta de óleo pode parar a marcha regular da máquina (6).

A substituïção duma parte do dinheiro por valores em papel justamente produziu essa estagnação. As conseqüências de tal fato já são suficientemente sensíveis (7).

Teremos também um Tribunal de Contas e o governante encontrará em todo tempo nele uma

---

(6) Todavia, todo o trabalho dos economistas e financistas inspirados por Israel é contrariar essa regra tão sábia. Todos os pretextos são bons para diminuir o numerário em circulação e, ás vêzes, como no Brasil, o diminuem de tal forma que o dinheiro falso se derrama no país e corre normalmente, tal a falta de trôco no interior...

(7) Refere-se à imobilização de somas imensas em apólices e títulos de venda, que enchem os cofres dos bancos e não passam de capitais estagnados e parasitários. Vá alguém lembrar-se de aventar a troca dessa papelada que rende juros por dinheiro corrente e os banqueiros, os economistas, os financistas porão mãos à cabeça. Que enormidade ! E' com êsses e outros preconceitos que vão fazendo, contra os povos, o joguinho de Israel...

prestação completa de contas, com as receitas e despesas do Estado, excetuando-se as contas do mês ainda não terminado e do mês anterior ainda não entregue.

O único indivíduo que não tem interêsse em pilhar as caixas do Estado é seu proprietário, o governante (8). Por isso, seu contrôlo tornará impossíveis os prejuízos e os desperdícios. A representação, que toma precioso tempo ao govêrno com as recepções exigidas pela etiqueta, será suprimida, a fim de que êle tenha tempo de controlar e refletir. Seu poder não ficará mais à mercê dos favoritos que rodeiam o trono para lhe dar brilho e pompa, porém que não defendem os interêsses do Estado e sim os próprios.

As crises econômicas têm sido produzidas por nós entre os cristãos, com o único fim de retirar dinheiro da circulação. Capitais enormes ficaram estagnados, retirando dinheiro dos Estados, que foram obrigados a recorrer a êsses mesmos capitais, a fim de ter dinheiro. Êsses empréstimos sobrecarregaram as finanças dos Estados com o pagamento de juros, escravizando-os ao capital (9).

---

(8) V. Antonio Sardinha, "Ao ritmo da ampulheta" : é êsse o conceito que o grande sociólogo lusitano faz do rei cristão : o pastor que cuida bem do seu rebanho. A voz do povo reconhecia isso quando pedia socorro : "Aquí d'El-Rei !" O Rei era o protetor nato da sua grei. Por isso o judaísmo destruíu os reis. Mas quer impor um dia o Rei de Israel e a êsse dá o que tirou ao Rei Cristão. Está certo...

(9) Cf. Calixto de Wolski, "La Russie Juive", edição de Albert Savine, París, 1887. Nesse formidável e documentadíssimo livro sôbre os judeus, publicado quasi vinte anos antes dos "Protocolos", lê-se isto à página 25 : "A Europa está enfeudada ao domínio de Israel. O judeu gravou todos os Estados com uma nova hipoteca que êles jamais poderão pagar com suas rendas (!). O domínio universal que tantos conquistadores sonharam está nas mãos dos judeus. O Deus da Judéia cumpriu a palavra dada aos profetas. Jerusalém impôs tributo aos Impérios. A melhor parte da renda pública de todos os Estados, o produto mais direto do tra-

A concentração da indústria nas mãos dos capitalistas que mataram a pequena indústria, absorveu tôdas as fôrças do povo, e, ao mesmo tempo, as do Estado... (10).

A atual emissão de dinheiro em geral não corresponde à cifra do consumo por cabeça e, por conseguinte, não pode satisfazer tôdas as necessidades dos trabalhadores. A emissão de dinheiro deve estar em relação com o crescimento da população, no qual devem ser computadas as crianças, porque consomem e gastam desde que nascem (11).

A revisão da cunhagem das moedas é uma questão essencial para o mundo inteiro. Sabeis que o câmbio ouro foi pernicioso para os Estados que o adotaram, porque não pode satisfazer o consumo de dinheiro, tanto mais que retirámos da circulação a maior quantidade de ouro possível (12).

Devemos criar uma moeda baseada sôbre o trabalho, seja de papel ou de madeira. Faremos uma emissão de dinheiro de acôrdo com as necessidades normais de cada súdito, aumentando-a conforme os nascimentos e as mortes.

---

balho de todos passa para a bolsa dos judeus sob o nome de juros da dívida nacional."

Leia-se o livro "Brasil — Colónia de banqueiros" do comentador destas notas, e se verá como êsse quadro é verdadeiro em relação ao nosso pobre país.

(10) Como os "Protocolos" previram essa concentração industrial, verificada por todos os especialistas modernos no assunto. Dom de adivinhação ou plano bem elaborado?... O leitor escolha a solução que melhor lhe convier...

(11) No Brasil, por exemplo : três milhões de contos para quarenta e dois milhões de habitantes. A questão foi estudada em "Brasil — Colónia de banqueiros". O mundo inteiro sofre da falta de circulação de dinheiro, enquanto que os grandes bancos de Nova York, París, Londres e Amsterdão estão abarrotados de ouro. E o ouro, como não tem o que fazer, viaja...

(12) E' o que de sobejo prova Jules Sevérin, *op. cit.*

Cada departamento, cada distrito terão suas estatísticas para êsse efeito. A fim de que não haja demora na entrega de dinheiro para as necessidades do Estado, as quantias e as datas de sua entrega serão fixadas por um decreto do govêrno. Assim, será destruído o protetorado do ministério das Finanças, que não poderá favorecer uma região em detrimento de outras.

Apresentaremos essas reformas que projetamos fazer de modo a não alarmar ninguém. Mostraremos a necessidade das reformas em conseqüência do caos a que chegaram as desordens financeiras dos cristãos. A primeira desordem, diremos, consistiu em decretar um simples orçamento que cresce todos os anos pela seguinte razão : vai-se com êsse orçamento até o meio do ano ; depois, pedem-se créditos suplementares que se gastam em três meses ; depois, novos créditos suplementares, e tudo acaba por uma liquidação. E, como o orçamento do ano seguinte é calcado sôbre o total do orçamento geral, a diferença anual normal é de 50% e o orçamento anual triplica de dez em dez anos. Graças a tais processos, aceitos pelo descuido dos Estados cristãos, suas caixas estão sempre vazias. Os empréstimos que vieram em conseqüência devoraram os restos e levaram tôdas as nações à bancarrota (13).

Todo empréstimo demonstra fraqueza do Estado e incompreensão dos direitos do Estado. Os empréstimos, como a espada de Dámocles, estão suspensos sôbre a cabeça dos governantes, que, em

---

(13) O que aí se pinta é ou não o que se passa na realidade? Que *hidde hand*, que mão secreta, que mão oculta manobra tudo isso?

lugar de tomar aquilo de que necessitavam aos seus súditos por meio dum imposto temporário, estendem a mão, pedindo esmola aos nossos banqueiros. Os empréstimos externos são sanguessugas que, em caso algum, se podem arrancar do corpo do Estado, salvo se o largarem por si ou se êle as extirpar radicalmente. Mas os Estados cristãos não os arrancam e continuam a pôr outros, embora tenham de perecer com essa sangria voluntária (14).

Na realidade, que é o empréstimo senão isso, sobretudo o empréstimo externo? O empréstimo é uma emissão de letras de câmbio do govêrno, contendo uma obrigação a certa taxa de juros, proporcional ao total do capital empregado. Se o empréstimo for taxado em 5%, em vinte anos o Estado terá pago, sem utilidade alguma, tanto de juros quanto o capital, em quarenta anos o dôbro, em sessenta o triplo e a dívida sempre por pagar (15).

Vê-se, assim, que, sob a forma de imposto individual, o Estado toma os últimos vintens dos pobres contribuintes para pagar aos ricos estrangeiros, aos quais tomou dinheiro emprestado, ao invés de ajuntar suas riquezas para prover às suas necessidades, sem o pêso dos juros.

---

(14) E' a maior crítica feita ao *delírio* dos empréstimos com que o judaísmo envenenou as nações. Partindo de quem parte, devemos aceitá-la. Pelos empréstimos, realizados através dos bancos judaicos — como escrevia Dostoïewsky, membro da loja maçônica "Luiz Sinarro", segundo o "Boletin del Gran Oriente Español", de 10 de outubro de 1912, os judeus "são agora donos de tudo, na Europa, da instrução, da civilização, do socialismo, *sobretudo do socialismo*, por meio do qual arrancarão o cristianismo e destruirão a civilização."

Quem diz empréstimo, diz escravização.

(15) Cf. "Brasil - Colônia de banqueiros".

Enquanto os empréstimos foram internos, os cristãos sòmente transferiam o dinheiro do bolso dos pobres para o dos ricos. Mas, quando nós compramos as pessoas necessárias para transportar os empréstimos para o estrangeiro, tôdas as riquezas dos Estados passaram para nossas caixas e todos os cristãos começaram a nos pagar um tributo de sujeição. Se a leviandade dos governos cristãos, no que concerne aos negócios do Estado, se a corrupção dos ministros ou a falta de inteligência financeira dos outros governantes sobrecarregarem seus países de dívidas que não podem reembolsar, é preciso que saibais que isso nos custou muito dinheiro e muito esfôrço!...

Não permitiremos a estagnação do dinheiro. Por isso, não consentiremos que haja apólices do Estado, excetuando-se uma série a 1 %, a fim de que os juros não entreguem a fôrça do Estado à sucção das sanguessugas. O direito de emitir títulos ficará ùnicamente reservado às companhias industriais, que não farão grande sacrifício, pagando juros com seus lucros, enquanto que o Estado não retira do dinheiro que toma emprestado o menor lucro, pois que o gasta e não realiza com êle operações frutuosas (16).

As ações industriais serão adquiridas pelo próprio govêrno, que, de tributário de impostos, como é agora, se transformará em emprestador por cálculo. Tal medida fará cessar a estagnação de dinheiro, o parasitismo e a imprensa, que nos eram

---

(16) Entretanto, todos os financistas atualmente inspirados por Israel dizem o contrário e fomentam a corrida às emissões de apólices até com sorteios, transformadas em verdadeiras loterias, como as de vários Estados do Brasil. Os *estadistas goiym* têm muito talento...

úteis quando os cristãos viviam independentes, mas que são indesejáveis no nosso regime.

Como é evidente a falta de reflexão puramente animal dos cérebros cristãos! Êles nos pediam dinheiro emprestado com juros, sem refletir que precisariam tomar êsse mesmo dinheiro, acrescido dos juros, nas arcas do Estado, para nos pagar! Que de mais simples do que ir buscar o dinheiro de que careciam no bolso dos contribuintes?...

Isso prova a superioridade geral de nosso espírito que soube apresentar-lhes a questão dos empréstimos de tal forma que nela sòmente viram vantagens para êles (17).

Os cálculos que apresentamos, esclarecidos, quando for oportuno, pela luz das experiências seculares, cuja matéria nos foi fornecida pelos Estados cristãos, distinguir-se-ão por sua clareza e segurança, mostrando a todos, evidentemente, a utilidade de nossas inovações. Acabarão com os abusos, graças aos quais temos os cristãos em nosso poder, mas sem admití-los no nosso reino (18).

---

(17) Por isso, diz o código de leis judaicas "Schulan Aruch", no *Iore-dea*, 159, 1, tirado do tratado "Baka Metzio" do Talmud, 70: "E' proibido emprestar dinheiro a um judeu com juros pesados, mas é permitido emprestar dinheiro a um *akum* ou a um judeu convertido em *akum*, exigindo juros de usura. Porque a Escritura diz: ajudarás teu irmão a viver. Mas o *akum* não é teu irmão."

Que é o *akum?* E' o gentio, o impuro, o *goi*, o cristão. Akum é a abreviação das palavras hebraicas: *aboda Kohabim umazzaliot*, isto é, *o adorador dos astros*, o infiel. Cf. Rabino Kalisch, "Commentáires au Schoulan Arouch". O cristão é chamado de várias formas pelos judeus: *goi* e o plural *goiym*, cuja significação já vimos; *akum*, que acabamos de ver; *abodazara*, como escrevia o célebre rabino Maimonides, isto é, os pagãos; *minim*, segundo o rabino talmudista Meir, que quer dizer os heréticos; *nochri*, os nazarenos, conforme o tratado "Aboda Zara", sôbre as religiões estrangeiras, 6, a; *kutim* ou os samaritanos; enfim, *amme haaretz koalam* ou *itan kaaretz*, a turba, a plebe, a gente da terra...

(18) Naturalmente. Porque a nação judaica é distinta das outras. "Por cima das fronteiras — afirmou o judeu Goldman, um dos organiza-

Estabeleceremos tão bem nosso sistema de contas que, nem o governante, nem o mais ínfimo funcionário poderão desviar a menor soma de seu destino sem que isso seja notado. Também não lhe poderão dar outro destino fora do indicado, de uma vez por tôdas, dentro de nosso plano de ação.

Não é possível governar sem um plano definido. Os próprios heróis que seguem um rumo certo, porém sem reservas determinadas, perecem a meio caminho. Os Chefes cristãos, a quem outrora aconselhámos que se distraíssem dos cuidados do Estado com recepções representativas, com o protocolo e com os divertimentos, não passavam de biombos de nosso govêrno oculto. As prestações de contas dos favoritos que os substituíam à frente dos negócios públicos eram feitas para êles pelos nossos agentes e satisfaziam tôdas as vêzes os espíritos clarividentes com as pro-

---

dores do último Congresso Judaico Universal — nós formamos uma única nação." O judeu Luiz D. Brandeis, membro da Suprema Côrte de Justiça dos Estados Unidos, escreve: "Reconheçamos que nós, judeus, somos uma nação *distinta*, da qual cada judeu é necessàriamente membro, sejam quais forem seu país de origem, sua posição ou sua crença." Na "Jewish Chronicle" ("Crônica Judaica") de 8 de dezembro de 1911, se lê êste pedacinho de ouro: "Os judeus que pretendem ser inglêses, francêses ou americanos patriotas e bons judeus não passam de *mentiras vivas*. O patriotismo inglês, francês ou americano do judeu é um simples disfarce que adota para agradar aos habitantes do país. " No "Jewish World" ("O mundo judaico"), de 22 de setembro de 1915, êste outro: "Ninguém se lembraria de pretender que o filho dum japonês ou dum indú seja inglês só porque nasceu na Inglaterra; o mesmo raciocínio se aplica aos judeus." Ainda outro no mesmo jornal judaico de 14 de dezembro de 1922: "O judeu continua judeu mesmo mudando de religião; um cristão que se convertesse à religião judaica não se tornaria judeu, porque a qualidade de judeu não depende da religião, mas da raça e um judeu livre-pensador ou ateu continua tão judeu como qualquer rabino". E, afinal, as palavras do judeu Felix Allouche, no "Réveil Juif" ("O despertar do judeu"), de 27 de novembro de 1931: "O povo judeu forma um povo só por maior que seja o número de seus pedaços espalhados pelo mundo e a distância que os separe."

messas de futuras melhoras e economias... Que economias?... Novos empréstimos?... Poderiam perguntar isso e não perguntavam aqueles que liam nossas prestações de contas e nossos projetos... Sabeis a que ponto os levou êsse pouco caso, a que desordem financeira chegaram, a despeito da admirável atividade de seus povos (19).

---

(19) Leia-se "Brasil – Colónia de banqueiros" para se ver com abundante documentação como o pobre povo brasileiro tem trabalhado durante um século e pico, para pagar aos judeus internacionais o preço por que lhes foi vendido pelos seus governantes ineptos, ignorantes, cegos, descuidados, corruptos, maçons, judeus, judaïzantes ou judaïzados...

CAPÍTULO XXI

Resumo. — Os empréstimos internos. O passivo e os impostos. As conversões. As caixas econômicas e a renda. Supressão da bolsa de fundos públicos. Taxação dos valores industriais.

ACRESCENTAREI ao que já vos expús na reünião anterior uma explicação minuciosa dos empréstimos internos. Sôbre os externos, nada mais direi, porque êles abarrotaram nossas burras com o dinheiro nacional dos cristãos, mas para o nosso Estado não haverá mais nada estrangeiro, porque nada haverá exterior. Aproveitámos a corrupção dos administradores e a negligência dos governantes para receber somas duplas, triplas e ainda mais fortes (1), emprestando ao govêrno dos cristãos dinheiro que não era absolutamente necessário às nações. Quem poderia fazer a mesma cousa contra nós?... Por isso, sòmente exporei com pormenores os empréstimos internos.

Quando lançam um empréstimo, os Estados abrem uma subscrição para a compra dos títulos. A fim de que êstes sejam acessíveis a todos, criam bonus de cem até mil; ao mesmo tempo, fazem um abatimento para os primeiros subscritores. No dia seguinte, há uma alta de preço artificial, com o pretêxto de que tôda a gente os procura. Alguns dias depois, as arcas do Tesouro, segundo dizem, estão cheias e já se não sabe mais onde pôr di-

(1) V. as provas disso, quanto ao Brasil, em "Brasil – Colônia de banqueiros".

nheiro (então, por que continuam a tomá-lo?). A subscrição excede várias vêzes a emissão do empréstimo : tal é a confiança que se tem nas letras de câmbio do govêrno.

Representada a comédia, fica-se em presença dum passivo que se acaba de formar, dum passivo muito pesado. Para pagar os juros, é necessário recorrer a novos empréstimos que não absorvem, mas aumentam a dívida principal. Esgotado o crédito, torna-se preciso cobrir, não sòmente o empréstimo, mas ainda os seus juros, com novos impostos, os quais não passam dum passivo para cobrir o passivo...

Mais tarde, vem o tempo das conversões, que sòmente diminuem o pagamento de juros e não cobrem as dívidas, as quais só poderão ser feitas de então por diante com o consentimento dos emprestadores : anunciando-se uma conversão, oferece-se a restituïção do dinheiro aos que não queiram converter seus títulos. Se todos exprimissem o desejo de retomar seu dinheiro, os governos estariam presos na sua própria armadilha e se encontrariam na impossibilidade de pagar o dinheiro que oferecem. Felizmente, os súditos dos governos cristãos, pouco versados em matéria de finanças, sempre preferiram prejuizos no valor dos títulos e diminuïções de juros ao risco de novas colocações de capital, dando, assim, aos governos a possibilidade de se desfazerem dum passivo de muitos milhões (2).

---

(2) Esta crítica ao sistema de empréstimos internos feita pelos seus inventores e beneficiários merece ser meditada pelas vítimas... O fim do judaísmo é cumprir o preceito do "Schulan Aruch", *Iore dea*, 146, 14, proveniente do Talmud. Aboda Zara, 46 : "E' bom que o judeu procure destruir os templos dos *akum* e tudo o que lhes pertence ou foi feito por êles, queimando tudo e espalhando as cinzas ao vento."

Agora, com as dívidas externas, os cristãos nem pensam em fazer nada semelhante, porque sabem que reclamaríamos todo o nosso dinheiro.

Desta forma, uma bancarrota reconhecida demonstrará definitivamente às nações a ausência de ligação entre os interêsses dos povos e os de seus governos.

Chamo tôda a vossa atenção sôbre êsse fato e sôbre o seguinte: hoje, todos os empréstimos internos estão consolidados pelas dívidas que se denominam flutuantes, isto é, pelas dívidas, cujos vencimentos são mais ou menos próximos. Essas dívidas são constituídas pelo dinheiro depositado nas caixas econômicas e nas caixas de reserva. Como êsses fundos permanecem muito tempo em mãos do govêrno, se evaporam para pagar os juros dos empréstimos externos e em seu lugar se colocam somas eqüivalentes em depósitos de renda.

São estes últimos que tapam todos os buracos dos cofres dos Estados, entre os cristãos.

Quando subirmos ao trono do mundo, todos êsses truques de finanças serão abolidos sem deixar vestígios, porque não corresponderão mais aos nossos interêsses; suprimiremos igualmente tôdas as Bolsas de fundos públicos, porque não admitiremos que o prestígio de nosso poder seja abalado pela variação de preço de nossos títulos. Uma lei declarará seu valor completo, sem flutuação possível, porque a alta dá lugar à baixa; foi, assim, que, no início de nosso plano jogámos com os valores dos cristãos.

Substituïremos as Bolsas (3) por grandes estabelecimentos de crédito especial, cujo destino será taxar os valores industriais de acôrdo com as vistas do govêrno. Êsses estabelecimentos estarão em situação de lançar até quinhentos milhões de ações industriais em um dia. Dessa maneira, tôdas as emprêsas industriais dependerão de nós. Podeis imaginar que poder adquiriremos assim.

---

(3) Os cegos do liberalismo até hoje não perceberam o truque...

CAPÍTULO XXII

Resumo. — O segrêdo do futuro. O mal secular base do bem futuro. A auréola do poder e sua adoração mística

EM TUDO o que vos expús até aquí, esforcei-me em mostrar o segrêdo dos acontecimentos passados e presentes, que anunciam um futuro já próximo de sua realização. Mostrei-vos o segrêdo de nossas relações com os cristãos e de nossas operações financeiras. Resta-me pouca cousa ainda a dizer sôbre êsse assunto.

Possuímos a maior fôrça moderna — o Ouro : podemos em dois dias retirá-lo de nossos depósitos na quantidade que nos apetecer.

Devemos ainda demonstrar que nosso govêrno foi predestinado por Deus? Não provaremos com essa riqueza que todo o mal que fomos obrigados a fazer durante tantos séculos serviu, afinal, para o verdadeiro bem, para pôr tudo em ordem?..(1) Ei-la, a confusão das noções do bem e do mal. A ordem será restabelecida, um tanto pela vio-

---

(1) O Anticristo, dizem as profecias, será em tudo semelhante ao Cristo. isto é, para enganar aos povos, tomará a aparência do Cristo. Vide neste código anticristão como o mal se disfarça com o bem. O que aquí se lê nos "Protocolos" está de acôrdo com o espírito daquilo que o judeu Max Nordau denominou *sionismo secreto*, com as teorias do famoso *achadhamismo* ou doutrina do sionista Achad Haam, cujo verdadeiro nome é Asher Ginzberg, Tomemos o livro dêste escritor judeu, publicado em inglês, "Transvaluation of values", e transcrevamos os trechos que combinam com os "Protocolos" : "Israel restituirá à idéia do Bem a significação que teve outrora... O Bem aplica-se ao super-homem ou à *super-nação* que tenha a fôrça de se estender e completar sua vida, e *a vontade de se tornar senhora do mundo*, sem se preocupar com o que isso possa custar à grande massa dos povos inferiores nem com seus prejuizos. Porque só o super-homem ou a *super-nação* são a flor e o fim da espécie huma-

lência, mas enfim será restabelecida. Saberemos provar que somos bemfeitores, nós que à terra atormentada restituímos o verdadeiro bem, a liberdade do indivíduo, que poderá gozar repouso, paz e dignidade de relações, com a condição, bem entendido, de observar as leis que estabelecermos. Explicaremos, ao mesmo tempo, que a liberdade não consiste na devassidão e no direito à licença; de idêntico modo, a dignidade e a fôrça do homem não consistem no direito de cada um proclamar princípios destruïdores, como o direito de conciência, o de igualdade e cousas semelhantes; também o direito do indivíduo não consiste de modo algum no direito de excitar-se a si próprio e de excitar os outros, ostentando seus talentos oratórios nas assembléias tumultuosas. A verdadeira liberdade consiste na inviolabilidade da pessoa que observa honestamente e exatamente tôdas as leis da vida em comum; a dignididade humana consiste na conciência de seus direitos e, ao mesmo tempo, dos direitos que se não possuem, e não ùnicamente no desenvolvimento fantasista do tema de seu EU (2).

---

na. O resto foi ùnicamente criado para servir a êsse fim, para ser a escada pela qual é possível subir à altura ambicionada..."

Por essas e outras é que, na brochura "Le sionisme: son but, son oeuvre", L. Fry defende a tese de ser Achad Haam ou Asher Ginzberg o autor dos "Protocolos". Aliás, em 1915, o judeu L. Simon, em "Morceaux Choisis de Ginzberg", escrevia: "Achad Haam é uma abstração, uma espécie de nome coletivo que se aplica a uma coleção de idéias concernentes ao judaísmo e ao povo judeu." Isto é um nietzschenianismo hebraico bem caraterístico. E' lícito, depois de provas desta ordem, duvidar da autenticidade essencial dos "Protocolos"?

(2) Estas idéias são idéias legítimas do Achadhamismo. O judeu Max Nordau, na sua polêmica com Ginzberg, em 1903, a propósito do romance "Altneuland", dizia: "A idéia de liberdade está acima de sua concepção. Êle imagina a liberdade como o ghetto. Sòmente inverte os papeis. Por exemplo, as perseguições continuam, porém agora não mais contra os judeus e sim contra os gentios..." Confere...

Nosso poder será glorioso, porque será forte, governando e dirigindo, e não andando a reboque de líderes e oradores que gritam palavras ôcas, denominando-as grandes princípios, as quais, na verdade, não passam de utopias. Nosso poder será o árbitro da ordem que fará tôda a felicidade dos homens. A auréola dêsse poder provocará a adoração mística e a veneração do povo. A verdadeira fôrça não transige com direito algum, nem mesmo com o direito divino: ninguém ousa atacá-la para lhe arrancar a menor parcela de seu poder (3).

---

(3) E' o poder na concepção judaica de Espinoza, do "direito natural da fôrça", que não faz distinção entre o bem e o mal. A concepção dos "Protocolos" concorda em tudo, segundo L. Fry, *op. cit.*, com a de Asher Ginzberg, no "Le Chémin de la Vie": "Foi no espinosismo que foi buscar sua concepção do Estado judaico futuro, no qual a obediência cega será a lei, mesmo se se ordenar aos homens que privem seus semelhantes da vida e da propriedade. O direito supremo do Estado, que controla não só as ações civís mas também as manifestações espirituais e religiosas do povo, numa palavra, o despotismo civil e religioso traçado nos "Protocolos" como linha de condúta do futuro govêrno *visível* dos judeus foi tirado do tratado teológico-político de Espinoza."

CAPÍTULO XXIII

Resumo. — Redução da produção dos objetos de luxo. A pequena indústria. O desemprêgo. Interdição da embriaguez. Condenação à morte da antiga sociedade e sua ressurreição sob uma nova forma. O eleito de Deus

PARA QUE os povos se habituem à obediência, é necessário habituá-los à modéstia, diminuindo, por conseguinte, a produção dos objetos de luxo. Assim, melhoraremos os costumes corrompidos pela rivalidade do luxo (1). Restabeleceremos a pequena indústria que prejudicará os capitais particulares dos fabricantes (2). Isto é ainda preciso, porque os grandes fabricantes dirigem, muitas vêzes sem o saber, é verdade, o espírito das massas contra o govêrno. Um povo que se ocupa de pequenas indústrias não conhece o desemprêgo, prende-se à ordem existente e, conseqüentemente, à fôrça do poder. O desemprêgo é o que há de mais perigoso para o govêrno. Para nós, seu papel estará terminado logo que nos apossemos do poder. A embriaguês será também proïbida por lei e punida como crime contra a humanidade, porque ela transforma os homens em bêstas sob a influência do alcool.

Os súditos — repito-o mais uma vez — só obedecem cegamente a u'a mão firme, comple-

---

(1) O contrário do que o judeu faz hoje, que os multiplica para drenar o dinheiro dos *goiym*...

(2) O artezanato destruído pela industrialização moderna, que Mussolini, Hitler e Salazar estão protegendo e reorganizando.

tamente independente dêles, na qual sintam um gládio para sua defesa e um apôio contra os flagelos sociais. Que necessidade têm de ver em seu rei uma alma angélica? Devem ver nele a personificação da fôrça e do poder.

O soberano que tomará o lugar dos governos atuais, que arrastam sua existência no meio de sociedades desmoralizadas por nós, que renegaram mesmo o poder de Deus e no seio das quais se eleva de todos os lados o fogo da anarquia, êsse soberano deve, antes de tudo, apagar essas labaredas devoradoras. Por isso, será obrigado a condenar à morte essas sociedades, embora tenha de afogá-las no próprio sangue, para ressuscitá-las sob a forma dum exército regularmente organizado, lutando concientemente contra tôda infecção capaz de ulcerar o corpo do Estado (3).

Êsse eleito de Deus foi escolhido lá em Cima para quebrar as fôrças insensatas movidas pelo instinto e não pela razão, pela bestialidade e não pela humanidade. Essas fôrças triunfam agora, pilham, cometem tôda as sorte de violências sob o pretêxto de liberdade e direitos. Elas destruíram tôda a ordem na sociedade para erguer sôbre as ruínas o trono do rei de Israel; mas seu papel estará terminado no momento da elevação dêsse rei ao trono. Então, será preciso afastá-las de seu

---

(3) Cá está a confirmação pelo judeu Kadmi-Cohen num artigo publicado no jornal judaico "Chalom", de maio de 1932: "Confesso desejar que a emancipação nacional judaica se faça por um ato de fôrça e, melhor, pela violência. Não receio dizer que sòmente uma guerra poderá revalorizar todos os valores e só ela, excluídos todos os meios pacíficos, poderá libertar nossa *nação*. E' no sangue que se derrama, no *que se faz derramar* e no fogo purificador que uma nação nasce"!

Bravos!...

caminho, sôbre o qual não deve haver o menor obstáculo.

Aí poderemos dizer aos povos: agradecei ao Deus e inclinai-vos diante daquele que traz sôbre o rosto a marca da predestinação, para o qual Deus mesmo guiou sua estrêla, a fim de que ninguém, exceto êle, pudesse livrar-vos de tôdas as fôrças e de todos os males (4).

---

(4) Êsse Rei predestinado substituirá definitivamente a Sagrada Comunidade, o *Kahal Kadosch*, que ora vai governando o mundo anarquizado, composto, segundo L. Fry, *op. cit.*, pela "Alliance Israélite Universelle", a "Anglo-Jewish Association", os "Hovevei Sion" ou Amigos de Sião, e a grande loja maçônica, a super-loja, que dirige as outras, a dos B'nai-Brith.

Êsse Kahal destina-se a criar a *Pátria Humana* anunciada por Victor Margueritte. De acôrdo com o escritor judeu Pierre Paraf, depois da grande guerra, a Europa está "mais conforme aos *interêsses* de Israel". E, "sem se limitar à sedutora e provisória fórmula dos Estados-Unidos da Europa, que Israel, fiel à sua missão, prepare os Estados-Unidos do Mundo"... "Em 1931, Israel regenerado deve marchar e conduzir o mundo para a justiça social e para a paz"... "Que êle trabalhe para instaurar essa Nova Jerusalém, foco de Democracia e de Paz, em face da Roma do Fascismo e do Vaticano." ("Israel, 1931", edição Valois, París, 1931, págs. 291-292).

Diante de documentos desta ordem, é preciso não ter sentimento cristão, não amar seu país e ser um jornalista venal para defender de público os judeus. Há gente, porém, que, por dinheiro, vende a própria alma...

CAPÍTULO XXIV

Resumo. — Fortalecimento das bases do rei David. Preparação do rei. Afastamento dos herdeiros diretos. O rei e seus três iniciadores. Inatacabilidade dos costumes públicos do rei dos Judeus.

PASSAREI agora aos meios de assegurar as raízes dinásticas do rei.

Os mesmos princípios que até hoje deram a nossos Sábios a direção de todos os negócios do mundo nos guiarão (1). Dirigiremos o pensamento de tôda a humanidade.

Vários membros da raça de David prepararão os reis e seus herdeiros, escolhendo os últimos, não segundo o direito hereditário, mas conforme suas eminentes aptidões ; iniciá-los-ão nos segredos mais íntimos da política e nos planos de govêrno, com a condição, todavia, de ninguém ser posto ao par de tais segredos. O fim de tal modo de ação é que tôda a gente saiba que o govêrno sòmente pode ser confiado aos iniciados nos mistérios de sua arte.

---

(1) Quem são êsses famosos Sábios de Israel ou de Sião, inspiradores das doutrinas judaicas e cujas teorias foram compiladas nos "Protocolos"? Estudando cuidadosamente a vida intelectual de Israel, fazendo a exegese de seus pensadores e publicistas, podemos chegar à conclusão de que os principais são os seguintes : Maimonides, rabino do século XII, autor do "Guia de perplexos", cognominado o segundo Moisés ; Manassé-Ben-Israel, financista e político do século XVII, que, através de Cromwell, fez o judaísmo pôr pés conquistadores na Inglaterra ; o grande filósofo judeu-peninsular-holandês Espinoza, criador da concepção do "Direito natural da fôrça" ; Wessely e Moisés Mendelsohn, apelidado o terceiro Moisés, inspiradores, um do Iluminismo, outro, do movimento Haskalah ; daí, do século XVIII ao XIX, Abraão Geiger, teorista da "evolução gradual" ; Einhorn, propugnador da doutrina do Povo Eleito ; Isaac Bernays, autor de "L'Orient Biblique" e da sistematização da cultura judaica ; Leopoldo Zunz, Frankel, Sachs, Moisés Hess...

Ùnicamente a essas pessoas será ensinada a aplicação dos planos políticos, a inteligência da experiência dos séculos, tôdas as nossas observações sôbre as leis político-econômicas e sôbre as ciências sociais, em uma palavra todo o espírito dessas leis, que a própria natureza estabeleceu inabalàvelmente para regular as relações entre os homens.

Os herdeiros diretos serão muitas vêzes afastados do trono, desde que, durante seus estudos, dêem provas de leviandade, doçura e outras qualidades perniciosas ao poder, que tornam incapaz de governar e prejudicam a função real.

Só os que sejam absolutamente capazes dum govêrno firme, inflexível até a crueldade, receberão o poder das mãos de nossos Sábios.

Em caso de enfermidade que produza o enfraquecimento da vontade, os reis deverão, de acôrdo com a lei, entregar as rédeas do govêrno em mãos novas e capazes.

Os planos de ação do rei, seus planos imediatos, com mais fortes razões seus planos mediatos, deverão ser ignorados mesmo por aqueles que designe como seus primeiros conselheiros.

Exclusivamente o rei e seus três iniciadores conhecerão o futuro.

Na pessoa do rei, senhor de si mesmo e da humanidade, graças a uma vontade inquebrantável, todos acreditarão ver *o destino com seus caminhos desconhecidos* (2). Ninguém saberá o que o rei quer alcançar com suas ordens e, por isso,

---

(2) O Determinismo ao mando de que fôrça oculta, misteriosa, satânica?

ninguém ousará pôr-se de través num caminho ignorado.

E' preciso, bem entendido, que a inteligência do rei corresponda ao plano do govêrno que lhe é confiado. Por isso, sòmente subirá ao trono depois de ter sido sua inteligência posta em prova pelos Sábios a que nos referimos. A fim de que o povo conheça e ame seu rei, é necessário que converse com o povo na praça pública. Isto produzirá a união precisa das duas fôrças que hoje separamos pelo terror.

Êsse terror nos era indispensável durante algum tempo, para que as duas fôrças caíssem separadamente sob a nossa influência...

O rei dos judeus não deve ficar sob o império de suas paixões, sobretudo sob o império da voluptuosidade: não deve dar por nenhuma face de seu caráter lugar a que seus instintos dominem sua inteligência. A voluptuosidade obra de modo pernicioso sôbre as faculdades intelectuais e a claridade de visão, desviando os pensamentos para o lado peor e mais animal da atividade humana.

A pessoa do Soberano Universal da estirpe santa de David deve sacrificar a seu povo todos os seus gostos pessoais.

Nosso soberano deve ser de exemplar inatacabilidade (3).

---

(3) O Rei de Israel já existe e está escolhido. No formidável livro de Gougenot des Mousseaux, "Le juif, le judaisme et la judaisation des peuples chrétiens", Paris, Wattelier, 1886, cuja primeira edição saíu em 1869, se lê às páginas 473 e seguintes: "Fiéis a essa tradição, os judeus se prendem com ardor e firmeza extraordinários à esperança na breve vinda do Messias. Na maioria, crêem que nascerá entre êles, ou melhor, no seio de algumas famílias privilegiadas e *bem conhecidas*. A principal delas habita o ponto *mais ou menos central* da Europa, a pequena e imunda ci-

dadezinha, de Sada-Gora, na Bukovina, verdadeiro ninho de judeus da peor espécie. Outras *famílias messiânicas* existem em Belz, na Galícia, em Kozk, na Podláquia, em Kozienica, no Govêrno de Sandomir, e em outras comunidades judaicas do império do Czar. O chefe atual da família messiânica de Sada-Gora é, para os judeus ortodoxos, objeto dum *culto religioso que raia pelo fetichismo*, pois que êsse homem não passa do mais miserável dos idiotas. Curvado ao pêso duma velhice precoce, os olhos ramelentos e avermelhados, Isrolka, como se chama, "é o judeu mais rico dos países eslavos e quem sabe quais as riquezas que ajuntam nos seus antros os judeus da Rússia e da Polônia avaliando o que isso quer dizer."

Graças à esperança na próxima vinda do Messias, entre os judeus dos países eslavos, a família Isrolka há um século que ajunta milhões. "Os chefes dessa família são considerados taumaturgos (*baalschem*) pelos seus correligionários. Sada-Gora é, atualmente, o ponto de encontro universal, lugar de peregrinação, pode-se dizer, dos judeus da Rússia, Polônia, Galícia, Bukovina, Moldávia e Valáquia. E' dever rigoroso de fé para os fiéis da família Isrolka, que se contam *por centenas de milhares*, visitar ao menos uma vez na vida o chefe da família messiânica, levando-lhe presentes. Colocam-se jóias no corpo dos membros de tal família como se fôssem ídolos. Enchem-n'os de ducados e imperiais. O peor dos avarentos oferece uma moeda de ouro ao representante do Messias para ser bem recebido. Mas nem os judeus que dão de boa vontade seu ouro, nem os que o dão forçados, gostam de falar dêsses dons. Por isso, *muito pouco se sabe em países distantes do que se passa em Sada-Gora.* Em compensação, os polônios e outros estrangeiros de passagem por alí não se cansam de gabar a esplendorosa opulência do palácio do Messias, que parece única no mundo.

No meio de casas miseráveis e em ruína, habitadas por pequenos negociantes e usurários, se ergue um palácio rico e grandioso, rodeado por certo número de mansões elegantes, menores, que ocupam os filhos e filhas casadas de Isrolka. Tudo o que se possa imaginar de luxuoso e magnífico existe nessas habitações. No palácio, há um verdadeiro depósito de prataria antiga e moderna, do valor de centenas de milhões de cruzados. Magníficos tapêtes turcos, riquíssimas colchas de damasco em profusão, tudo ofertas dos judeus eslavos! Estufas e laranjais ordenados com o maior gôsto encerram o grande parque. O palácio é uma moradia principesca, ornada e mobilada com o maior luxo. No meio dos imundos tugúrios de Sada-Gora, causa o efeito dum paço de fadas perdido por acaso naquele meio. O possuïdor dessas riquezas e magnificências, o pai que deve gerar o Rei-Messias esperado, o vaso sagrado dêsse futuro almejado há tantos séculos, o descendente de David, cuja presença sòmente é considerada tão grande felicidade que se compra a pêso de ouro, êsse homem venerado como um ente sobrenatural parece, entretanto, uma criatura sem razão, quasi um animal.

Rebiche Isrolka é, com efeito, um homem baldo de tôdas as faculdades intelectuais. Sob os cabelos brancos que lhe cobrem o crâneo, falta o espírito, falta o pensamento. Está velho antes do tempo, caduco sem motivo e sem razão. Sua linguagem se compõe de sons desarticulados, inteligíveis sòmente para sua família e seu secretário particular. Estúpido no mais alto grau, porta-se quasi como um bicho, dá gritos selvagens e dorme como verdadeiro animal. Todavia, quando deve aparecer nas ruas, sabe-se disso muitas horas antes; então, tôdas as janelas e portas, tôdas as ruas e praças se enchem pela multidão ávida de contemplá-lo. Há gente que,

para ver o chefe da família messiânica, sobe aos telhados e árvores, batendo-se e machucando-se, a fim de não perder o espetáculo.

Rebiche Isrolka é casado e tem filhos e filhas, na maior parte casados desde a infância. Cada um de seus genros, naturalmente escolhidos entre os ricos do país, deve fixar-se em Sada-Gora, construindo uma casa menor que o Paço Real, mas parecida com êle, na sua vizinhança. Em casa e nos aposentos íntimos, as filhas estão sempre cobertas de veludos e sedas. Os caftans comuns de seus filhos e genros são dos mais preciosos tecidos. Os netos têm aias francêsas, alemãs, inglêsas e russas, aios e preceptores como jovens príncipes e jovens princesas.

Grande número de empregados dirigem os negócios de casa, dos quais os maiores são o recebimento de donativos. Durante a manhã, Rebiche Isrolka da audiência, recebendo, acompanhado do secretário particular, os peregrinos que de antemão se fizeram anunciar, deixando-se tolamente contemplar alguns instantes, sem dar a menor palavra, e aceitando o donativo ritual que não pode ser inferior a dez florins, isto é, vinte e cinco francos. À tarde, dá um passeio de carro. Até pouco tempo, seu coche era seguido por outro com músicos tocando. Êsse acompanhamento musical não é mais usado por ter sido, segundo parece, proïbido pelas autoridades austríacas.

Há mais de quarenta anos, o avô de Rebiche Isrolka ostentava luxo idêntico na Rússia e levava seu orgulho temerário ao ponto de ter uma escolta pessoal de vinte cossacos, que acompanhavam sua carruagem. O imperador Nicolau foi, por acaso, testemunha dessa cena e proïbiu essa ostentação de luxo oriental, mandando agarrar o velho judeu e metê-lo na cadeia de Kiev, porque ousou desobedecer àquela proïbição. Seus inúmeros partidários e sua fortuna imensa abriram-lhe logo as portas da prisão. Então, resolveu refugiar-se em Sada-Gora, na Bukovina austríaca. O imperador Nicolau reclamou-o como súdito russo; porém o dinheiro pôde mais do que o czar: doze campônios bukovimos juraram perante as autoridades que o tinham visto *nascer* em Sada-Gora.

Vai para alguns anos, Rebiche Isrolka foi acusado de fabricar moeda falsa, que saía de sua casa e era posta em circulação. A ocasião era oportuna para os cristãos derrubarem o arrogante judeu, cujo luxo insolente os indignava. Rebiche Isrolka foi brutalmente preso pela polícia, a-pesar-dos protestos ruïdosos dos judeus. Essa prisão produziu verdadeiro motim. Isrolka conheceu o xadrez e sofreu vários interrogatórios. Todavia, por mais esforços que se fizessem, nada se arrancou dêle. Como era de esperar, os clientes e membros da família Isrolka reüniram-se para deliberar sôbre os meios de pôr em liberdade o pai do Messias. Mas o juiz que devia julgar a causa era homem íntegro, dêsses que não receiam as seduções. Não houve meio que o fizesse mandar soltar um homem acusado de crime tão grave. Como o magistrado não pôde ser conquistado pelas promessas nem atemorizado pelas ameaças, procuraram marear-lhe a reputação junto aos superiores, o que se julgou possível como auxílio do dinheiro. O plano, contudo, não deu resultado.

Então, os partidários de Isrolka, tiveram a idéia de tirar seu chefe das mãos daquele juiz, obtendo sua promoção a uma instância superior. Uma deputação, munida de recomendações áureas e diplomáticas, seguiu para Viena. O juiz foi nomeado conselheiro da Côrte Suprema e teve de deixar a província. Seu sucessor absolveu Isrolka por falta de provas.

A fábrica de moeda falsa foi descoberta mais tarde em outro local, tornando-se evidente que não havia razão para acusar Isrolka e sua família."

Eis aí o Rei de Israel. Terá Gougenot des Mousseuax, fidalgo de quatro costados, homem íntegro e erudito, contado uma caraminhola, inventando êste romance barato que aí está? Absolutamente não. Uma farta documentação, no meio da qual sobreleva a de origem puramente judaica, portanto insuspeita, mostra que tudo quanto foi narrado sôbre a família *messiânica e real* de Sada-Gora é a expressão lídima da verdade. Basta ver para isso: "Wolks-Halle", de Leipzig, 9 de janeiro de 1866; "Univers Israélite", I, pág. 34, 1865; "L'Israélite", Mogúncia, 30 de maio; e "Archives Israélites", XIII, pág, 591, 1866.

Prepare-se o mundo cristão, se continuar na sua cegueira sôbre a questão judaica ou se seus filhos continuarem a se vender, criminosamente, ao ouro de Israel, para ser governado com *a vêrga de ferro* a que alude o judeu Barbusse pelo filho ou pelo neto de Rebiche Isrolka. Vêde bem que a escolta de cossacos do avô dêste ofuscou o czar Nicolau I, que o meteu na enxovia. Ao tempo de seus netos, os judeus-bolchevistas fuzilaram num porão de uma casa siberiana o neto de Nicolau I, o infeliz Nicolau II, a fim de que no trono da Rússia se sentassem ao invés dos Romanoff os hebreus Kaganovicth, filhos de Kagan ou Cohen.

***

Alerta, cristãos! O autor destas notas cumpre perigosamente seu dever, despertando-vos; cumprí o vosso combatendo a raça deïcida e maldita, cancro da humanidade!

APÊNDICE

A Opinião dos próprios judeus sôbre os Protocolos

(*Trecho extraido do*
"JUDISCHES LEXICON"
Vol. IV, 1932).

«EM 1905, apareceu na Russia um livro, com o título: "O grande no pequeno, e o Anticristo como proxima possibilidade política", de autoria de um funcionário da secretaria do Santo Sinodo, de nome Sergius Nilus, até então completamente desconhecido do público. Uma primeira edição já teria saído em Moscovo, em 1901, com o título: "O grande no pequeno, o Anticristo em marcha e o reino do Diabo sôbre a terra". Em 1907, foi publicada uma nova edição, sob o título: "Discursos acusatórios contra os inimigos do gênero humano". Esta publicação foi editada pelo reacionário russo S. Butmy e dedicada à "União do Povo Russo". Como apêndice ao capítulo XII dêste livro, foram anexados os "Protocolos" de uma assembléia dos chamados "Sábios de Sião", que, segundo as indicações do autor da 4.ª edição de 1917 (do Convento de Troitsko-Sergueievsk), ter-se-ia realizado contemporaneamente com o primeiro Congresso Sionista de 1897, em Basiléia (Suïça). Segundo o tradutor alemão (1919), os "Protocolos" dessa assembléia secreta se teriam tornado conhecidos graças a um judeu que, gozando da confiança dos chefes supremos da Maçonaria, fôra encarregado de levar a Francfort sôbre o Meno a comunicação dessa sessão secreta; subornado por um representante do gôverno russo, durante a viagem entre Basiléia e Francfort, êle interrompeu a jornada para pernoitar numa pequena cidade, onde, então, o funcionário russo com seus escrivães teriam copiado os "Protocolos", escritos originàriamente em francês.

Como foram parar êsses "Protocolos" nas mãos de Nilus? A êsse respeito, encontram-se indicações

muito divergentes nas várias edições e traduções dêste livro. Apesar de ter tido várias edições, êste livro mereceu pouca atenção do grande público, tanto na Russia como no estrangeiro. Só depois da Guerra Mundial e após a derrota da Russia e das Potências da Europa Central, o livro adquiriu grande fama. Foi traduzido em quasi tôdas as línguas vivas tornando-se, para as largas esferas dos antisemitas de todos os paises, uma verdadeira revelação dos escopos ocultos do judaísmo.

Nestes pretensos protocolos consultivos, relata-se com nímio esmero tudo o que os judeus fizeram até agora e o que devem fazer no futuro, para conquistar para si o domínio mundial. Bem entendido, todo leitor inteligente e sem idéias preconcebidas logo reconhece que êste livro é uma obra insensata de fancaria, que não merece nem analise, nem refutação. Vamos dar um só exemplo dos disparates que saltam aos olhos do leitor em cada página dêste livro absurdo: Nos "Protocolos" (4.ª edição alemã de 1920, pág. 94) afirma-se que as vias ferreas subterrâneas foram feitas pelos judeus com o fim de "fazer voar pelos ares cidades inteiras, com tôdas as repartições publicas, intendências e cartórios, e os gentios, i. é, os não-judeus, com todos os seus móveis e imóveis", (como se, ao mesmo tempo, os judeus não perecessem também) (1).

No entanto, em virtude da posição peculiar que o problema judeu veio a ocupar na luta social depois da Guerra Mundial, sobretudo, porém, graças à participação proeminente de muitos judeus nas várias revoluções do após-guerra e principalmente na revolução bochevista russa, considerada pelos antisemitas como o exordio do empenho dos judeus em alcançar o domínio mundial, êste panfleto achou não sòmente numerosos leitores, mas também numerosos crentes, so-

---

(1) Só êsse absurdo? E' pouco. O autor judaico da nota esquece que os "Protocolos" dizem que os judeus nada sofrerão por serem de tudo avisados a tempo.

bretudo nas camadas acadêmicas. Graças à propaganda antisemita, que se utilizou especialmente de uma edição popular de 1919, êste panfleto conseguiu larga divulgação. Desta maneira, o livro deu origem a uma vasta literatura em tôdas as línguas vivas, fortalecendo em amplos círculos dos povos europeus a crença nos planos subversivos dos judeus, que almejam alcançar o domínio mundial por meio de uma revolução universal.

O correspondente em Constantinopla do periódico londrino *The Times* descobriu, por acaso, que estes "Protocolos", apenas com poucas modificações insignificantes do estilo, são uma cópia literal de uma brochura editada em 1864 como sendo da autoria de Maurice Joly, com o título: "Dialogue aux Enfers entre Machiavel et Montesquieu, ou la politique de Machiavel au XIV siécle, par un contemporain".

Esta brochura antimaquiavélica é dirigida contra os planos de domínio mundial de Napoleão III, por conseguinte não tem absolutamente nada de comum com os judeus, nem com o judaísmo, além disso, a mesma foi publicada 33 anos antes do primeiro Congresso Sionista em Basiléia. Os plagiários, na sua cópia fiel da brochura, substituiram as palavras: "os planos de domínio mundial de Napoleão III", pelas palavras: "os planos de domínio mundial dos judeus". Os artigos correspondentes do "The Times" apareceram em Agosto de 1921, e mais tarde, em separata, sob o título: "The Truth about the Protocols; a literary forgery" (A verdade a respeito dos Protocolos; uma falsificação literária).

Nos "Protocolos" acham-se, além disso, reminiscencias, notórias até a saciedade, de todos os conhecedores da literatura antisemita, a respeito de reüniões secretas dos judeus, como por exemplo a descrição da assembléia do Sanhedrim cabalista (?) no cemitério judeu de Praga, do romance de aventuras "Biarritz" de Sir John Retcliffe, pseudonimo do panfletista e antisemita alemão Goedsche; segundo êste romance, publicado em 1868, uma vez em cada 100 anos, todos os

"Príncipes" das doze tribus de Israel, dispersados em todo o mundo, se encontram no antigo cemitério judeu de Praga e informam, um ao outro, de quanto já cresceu o domínio mundial dos judeus e o que ainda cumpre fazer nesse campo. A última assembléia dos "Príncipes" teria sido em 1860 (2).

Os divulgadores do panfleto na Alemanha afirmaram que os "Protocolos" foram redigidos pelo escritor judeu Acher Ginzberg (Achad Ha'am) como "linhas de norma" para o primeiro Congresso Sionista. Ginzberg processou o conde von Reventlow, um dos propagadores desta afirmação: Reventlow declarou no tribunal não poder sustentar a sua afirmação, lamentou ter propagado êsse embuste e pagou as custas do processo, (autos do Tribunal dos Vereadores de Berlim, 19 de Abril de 1923).

A despeito das provas irrefutáveis que demonstraram o plágio cometido por Nilus e as falsificações dos outros autores, muitos antisemitas continuam a utilizar-se dos "Protocolos". Embora admitam os plágios, êles todavia os consideram como obra dos "Sábios de Sião", que se servem de tudo que encontram, para os seus planos de domínio mundial. Até Maurice Joly, dizem êles, seria um judeu disfarçado, de nome Moysés Joel (3)".

---

(2) Não é verdade. No texto dos "Protocolos" não há a menor alusão ao assunto.

(3) O que diz o Lexicon judaico confirma tudo o que temos escrito neste volume. Se uma Enciclopédia Judaica admite dessa forma os "Protocolos", como os não judeus poderão recusá-los? A defeza judaica vale por uma acusação.

ÊSTE VOLUME FOI IMPRESSO
NA
SEGUNDA QUINZENA DO MÊS DE AGÔSTO
DE MCMXXXVI
NAS OFICINAS DA
IMPRESSORA LUX
À
RUA ARISTIDES LÔBO
NÚMERO CENTO E QUARENTA E DOIS
RIO DE JANEIRO
PARA A
AGÊNCIA MINERVA
DE
SÃO PAULO